

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO E CULTURA

TIANA MACIEL ELLWANGER

**MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: COMO EXPERIENCIAMOS,
ESQUECEMOS E LEMBRAMOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Rio de Janeiro

2017

TIANA MACIEL ELLWANGER

**MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013: COMO EXPERIENCIAMOS,
ESQUECEMOS E LEMBRAMOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (Mídia e Mediações Socioculturais) da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Orientadora:

Prof. Dr. Ana Paula Goulart Ribeiro

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CIP - Catalogação na Publicação

Ellwanger, Tiana Maciel
Manifestações de Junho de 2013: Como experienciamos, esquecemos e lembramos na contemporaneidade / Tiana Maciel Ellwanger; orientadora Ana Paula Goulart Ribeiro. – Rio de Janeiro, 2017
257 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro
Versão original

1. Percursos da Memória e do Esquecimento. 2. Um Olhar sobre os Protestos no Rio de Janeiro. 3. Jornal Nacional e Aspectos da Contemporaneidade. 4. Mídia Ninja e Mídiaativismo I. Ribeiro, Ana Paula Goulart. II. Título.



ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
APRESENTADA POR TIANA MACIEL ELLWANGER NA ESCOLA
DE COMUNICAÇÃO DA UFRJ

Aos três dias do mês de agosto de dois mil e dezessete, às quatorze horas, na sala 142 da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi apresentada a dissertação de mestrado de Tiana Maciel Ellwanger, intitulada: "**Manifestações de Junho de 2013: como experienciamos, esquecemos e lembramos na contemporaneidade**", perante a banca examinadora composta por: Ana Paula Goulart Ribeiro [orientador(a) e presidente], Marialva Carlos Barbosa e Alessandra Aldé. Tendo o(a) candidato(a) respondido a contento todas as perguntas, foi sua dissertação:

aprovada reprovada aprovada mediante alterações

A banca destaca a excelente pesquisa em geral, a densidade teórica e a experimentação da escrita elaborada na dissertação.

E, para constar, eu, Thiago Couto, lavrei a presente ata, que segue por mim datada e assinada pelos membros da banca examinadora e pelo(a) candidato(a) ao título de Mestre em Comunicação e Cultura.

Rio de Janeiro, 03 de agosto de 2017

Ana Paula Goulart Ribeiro

Ana Paula Goulart Ribeiro [orientador(a) e presidente]

Marialva Carlos Barbosa

Marialva Carlos Barbosa [examinador(a)]

Alessandra Aldé

Alessandra Aldé [examinador(a)]

Tiana Maciel Ellwanger

Tiana Maciel Ellwanger [candidato(a)]

Ao meu filho, Camilo, que fez um novo coração bater em mim logo no início deste projeto. Companheiro de tantas aulas, dentro e fora da barriga, trouxe novos olhares, um amor infinito, sensibilidade e muita esperança.

AGRADECIMENTOS

Ao companheiro de vida, Rafael Wallace de Barros Fernandes, pelo amor, paciência, estímulo, abraços e sorrisos. Sem ele para dividir os cuidados com o nosso bebê e a tensão do percurso, esse projeto não teria sido possível.

Aos meus pais, o eterno professor Gilberto Bruno Ellwanger, pelos cuidados com o neto, pelo entusiasmo e por estimular desde sempre a curiosidade que me permitiu chegar até aqui, e Mara Lucia Maciel Ellwanger, por nada menos que a vida e por me fazer ir em busca do meu melhor, sempre.

À querida orientadora Ana Paula Goulart Ribeiro, pela orientação exemplar em todos os aspectos, pela disponibilidade, paciência, carinho e força em tantos momentos difíceis e aparentemente insuperáveis. Não existe nesse mundo uma orientadora melhor.

Às mães do Bernardo, Jacqueline Blajchman e Joanna Chigres, e aos pais da Helena, Leonardo Marques e Renata Salomone, por me presentarem com a responsabilidade e alegria de ser madrinha de seus filhos. Na figura deles, agradeço a todos os amigos que nos ajudaram a cuidar do nosso bebê para que pudesse me dedicar ao curso e compreenderam minha ausência em momentos importantes nos dois últimos anos. Anabelly Pontes, Bruno Menezes, Bruno Moura, Clarissa Mello, Daniele Santos, Fabiana Barúqui, Gabriela Nobrega, Juliana Franklin, Luisa Belchior, Marina Lopes Vaz de Sá, Natalia von Korsch, Patricia Janiszewski, obrigada pela ajuda, risadas, amizade e compreensão.

À amiga Aline Leal, companheira de manifestações e agora doutora, pelas trocas acadêmicas e afetivas nesse trajeto. Agradeço também às queridas Ana Gabriela Dickstein Roiffé, Camila De' Carli, Lilian P. Laranja, Roberta Braga e Wolney Malafaia que em diversos momentos me ajudaram e me incentivaram na pesquisa.

Aos meus padrinhos, Eliane e Carlos Gregol, que tanto me apoiaram na gravidez e nesse início da vida do Camilo, esses suportes foram fundamentais pra seguir em frente.

À Jussara Fonseca, pela dose semanal de incentivo.

Às companheiras de trabalho Carolina Rocha, Larissa Clarindo, Luciana Renna e Paula Almada, por me darem a força e o tempo necessários para não desistir.

Aos professores da ECO Marialva Barbosa, pelos rumos importantes sugeridos à pesquisa e pela inspiração com seus escritos sobre memória, Liv Sovik, por mostrar que os caminhos do pensamento são repletos de possibilidades, Maurício Duarte, por se debruçar sobre imensa gama de teóricos para me ajudar no início desse percurso e Marcio Tavares d'Amaral, profissional da esperança que tanto me inspirou.

Aos membros do Nepcom, com quem pude compartilhar o andamento da pesquisa, observar reações importantes para modificar rumos e de quem recebi valiosas sugestões.

Às mulheres e mães que se fizeram presentes na minha vida desde que engravidei, mostrando-me um mundo novo e encantador de generosidade, empatia e sororidade. Juliana Seelinger Yamada, Karen Freire, mais uma vez Paula Almada, e Viviane Davico foram incríveis companhias nesse percurso.

Aos manifestantes e midiativistas de 2013, por me tirarem o conforto, o sono, acabarem com minha rotina, fazerem meus olhos brilharem e se encherem de lágrimas, o coração bater forte e, paralelamente a tudo isso, ter vontade de voltar à universidade para pensar os novos rumos da comunicação e das lutas na contemporaneidade.

Aos bons jornalistas que se mantêm firmes nesta linda profissão, cada vez mais difícil de seguir, e desafiam tudo e todos para continuar sendo os senhores da nossa memória.

“A memória é o perfume da alma”

(SAND, George, pseudônimo de Amandine Aurore Lucile Dupin, 1837)

RESUMO

ELLWANGER, Tiana Maciel. **Manifestações de Junho de 2013: Como experienciamos, esquecemos e lembramos na contemporaneidade.** 2017. 257 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O ambiente de mídia contemporâneo abarca a convivência entre meios novos e tradicionais. Com o uso de algoritmos pelas redes sociais e sites de busca, a internet ganhou contornos inéditos, a exemplo do filtro-bolha e da pós-verdade. São parte da contemporaneidade ainda a hipervalorização do presente e o colapso do sentimento de representação política. É nesse contexto que irrompem as manifestações de 2013 no Brasil. Os protestos em rede, que guardam similaridades com outros surgidos na última década em diversos pontos do globo, têm sua existência contínua no espaço da internet, mas se tornam movimentos ao ocupar o espaço urbano. São movimentos espontâneos na origem, desencadeados por faíscas de indignação e inflados por solidariedade, ressonância e empatia. Não contam com lideranças formais. São instáveis e, em geral, não propositivos ou programáticos. Suas motivações são múltiplas e em diversas camadas. No Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro, os movimentos questionaram, por exemplo, o preço das passagens de ônibus, o uso dos espaços públicos, a privatização do Maracanã, gastos com megaeventos em detrimento de investimentos em saúde e educação, além de fortes indícios de corrupção por parte do governador Sergio Cabral e das empresas de transporte público. Os levantes almejavam também a preservação do direito a ter direitos, a se manifestar sem ser violentamente reprimido. Sob a perspectiva dos estudos da memória e com inspiração metodológica de Michael Pollak, nos propomos a analisar o silenciamento, o enquadramento e o esquecimento contido nas narrativas e discursos memoráveis dos dois maiores expoentes da mídia corporativa e do midiativismo no país: o Jornal Nacional e a Mídia Ninja. De um lado, um olhar formal, panóptico, próximo à visão da polícia e do Estado e um discurso homogeneizante. Do outro, uma estética de subjetividade, informalidade, baixa resolução, hipermobilidade, fisicalidade e uma narrativa mais polifônica. Como inspiração de todo o trabalho estão o amor pela verdade, os dispositivos do afeto, o deslumbramento com a memória e a teimosia da esperança.

Palavras-chave: Memória. Manifestações Junho 2013. Protestos. Jornal Nacional. Mídia Ninja. Contemporaneidade.

ABSTRACT

Tiana Maciel Ellwanger. **June 2013 Protests:** How we experience, remember and forget in contemporaneity. 2017. 257 p. Dissertation (Master of Communication and Culture) – School of Communication. University of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

The contemporary media environment encompasses the coexistence of new and traditional media. With the use of algorithms by social networks and search engines, the Internet has gained new contours, such as the filter bubble and the post-truth. The contemporaneity also comprises the presentism and the collapse of the political representation feelings. It is in this context that the demonstrations of 2013 erupt in Brazil. Social network protests, similar to others that took place in the last decade in other parts of the globe, are permanent in the Internet, but they become real movements by occupying the urban space. Originally, they are spontaneous movements, triggered by indignation and inflated by solidarity, resonance and empathy. They do not have formal leaderships. They are unstable and, in general, not propositional or programmatic. Their motivations are multiple and involve several social layers. In Brazil, more specifically in Rio de Janeiro, the movements questioned, for example, the price of bus tickets, the use of public spaces, the privatization of Maracanã, the expenditure on mega-events, to the detriment of health and education, hard evidence of corruption by the governor Sergio Cabral and the public transport companies. The uprisings also aimed at preserving the right to have rights, to protest without being violently repressed. From the perspective of memory studies and using Michael Pollak methodology as inspiration, the idea is to analyze the silencing, framing and forgetfulness contained in the narratives and memorable speeches of the two greatest exponents of corporate media and media activism in the country: *Jornal Nacional* and *Mídia Ninja*, respectively. On the one hand, a formal, panoptic look, close to the view of the police and the State and a homogenizing speech. On the other hand is an aesthetic of subjectivity, informality, low resolution, hypermobility, physicality and a more polyphonic narrative. As inspiration for all the work are the love for the truth, the devices of affection, the wonder with memory and the stubbornness of hope.

Keywords: Memory. 2013 Protests. Demonstrations. *Jornal Nacional*. *Mídia Ninja*. Contemporaneity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Animação da Pixar trata da importância das emoções para fixar memórias	27
Figura 2 - Em “The Entire History of You”, memórias são armazenadas em sua totalidade	30
Figura 3 - Intervenção O Olho da Rua	32
Figura 4 - Sequência de imagens mostra o momento da morte de Neda Agha-Soltan	45
Figura 5 - Neda Agha-Soltan, a jovem que morreu (esq.) e Neda Soltani, vítima do engano	46
Figura 6 - Vídeo que analisamos neste capítulo não está mais disponível	48
Figura 7 - Reprodução de conversa, via chat, com Globo.com	50
Figura 8 - Legislação de direitos autorais leva a retirada de conteúdos sobre 2013	57
Figura 9 - Capa da revista The Economist reflete sobre os efeitos da pós-verdade	59
Figura 10 - Avenida Presidente Vargas em 20 de junho de 2013.....	66
Figura 11 - Mapa com pessoas confirmadas, pelo Facebook, em manifestações	67
Figura 12 - Grafo mostra protagonismo de cidadãos comuns nos protestos do Rio	69
Figura 13 - Foto acompanha tweet com crítica à imprensa	70
Figura 14 - Foto de Maio de 1968, de Gilles Caron, simboliza ‘alegria’ do movimento	75
Figura 15 - Cartaz faz referência a manifestações de 1968	76
Figura 16 - Projeção do coletivo Projetação	79
Figura 17 - Anonymous invade página do PMDB e cobra paradeiro de pedreiro.....	82
Figura 18 - Vídeo 'As 5 Causas' foi visto por mais de 1,8 milhão de pessoas	82
Figura 19 - Interações no twitter no dia 13 de junho antes e depois da repressão	86
Figura 20 - Imprensa foi alvo de manifestantes e da polícia em 20 de junho no Rio	88
Figura 21 - Página do Facebook com campanha 30 Dias por Rafael Braga	90
Figura 22 - capa da Veja estampa rosto de Elisa Quadros; à dir. cartaz exibido no Fantástico	94
Figura 23 - Sininho, no ônibus, abraça 'Game Over'	93
Figura 24 - obras do artista Alex Frechette retrata vítimas da repressão no Rio	96
Figura 25 - Protesto contra privatização do Maracanã	98
Figura 26 - Faixa em frente a protesto cobra paradeiro de Amarildo	99
Figura 27 - Linha do tempo com principais movimentos políticos desde 1984	104
Figura 28 - Pesquisa ao vivo mostra apoio popular às manifestações	106
Figura 29 - Prédio da Cantareira é incendiado na Revolta das Barcas.....	109
Figura 30 - Funcionamento de assembleias populares	112
Figura 31 - Plataforma Causa Brasil mostra preço das passagens como motivação inicial ...	116
Figura 32 - Governo Cabral ganha corpo como motivação entre os manifestantes	116
Figura 33 - Crítica à priorização do transporte particular foi disseminada nas redes	118
Figura 34 - Horário do JN é o pico de audiência da TV brasileira	132
Figura 35 - Novo estúdio do Jornal Nacional, inaugurado em 20 de junho de 2017	132

Figura 36 - Imagens aéreas foram padrão na cobertura do JN	137
Figura 37 - Manifestante é levado com violência para camburão da polícia	137
Figura 38 - Manifestante é agredido pela polícia enquanto repórter relata reação ‘necessária’	140
Figura 39- Na Turquia, repórter da Globo usa máscara para se proteger	142
Figura 40 - Manifestantes com mãos pro alto se dirigem à polícia; repórter interpreta diferente	149
Figura 41 - Sequência mostra iluminação pública sendo apagada, fato ignorado na cobertura	150
Figura 42 - Botão do Facebook incentiva interação sobre política -.....	161
Figura 43 - Correlação entre o acesso à banda larga e a incidência de protestos no Brasil	163
Figura 44 - Uso de redes sociais para compartilhar conteúdos em 2013	163
Figura 45 - Página da Mídia Ninja no Facebook	168
Figura 46 - Estrutura do grupo Fora do Eixo em que é sinalizada a Mídia Ninja	174
Figura 47 - Grafo mostra engajamento entre Mídia Ninja e Jornal Nacional	180
Figura 48 - MN supera veículos tradicionais de imprensa em interações no Facebook	187
Figura 49 - Giulliana Vallone ferida por bala de borracha e artistas que aderiram a protesto	187
Figura 50 - Vídeo reúne imagens para provar a inocência de Bruno Teles	189
Figura 51 - Pedido de Bruno Teles para que sejam é reproduzido no JN	191
Figura 52 - Repórter faz passagem ao vivo para o JN com policiais ao fundo	191
Figura 53 - Homem se autoimola com fogo na Tunísia e desperta levantes árabes	200
Figura 54 - Comentário feito durante transmissão da MN	202
Figura 55 - Perspectiva de Carioca ao criticar postura da PM.....	204
Figura 56 - Suposto policial militar mostra identidade à MN	205
Figura 57 - Momento em que Carioca é solto	208
Figura 58 - Série de mensagens postadas pela PM em 22 de julho	209
Figura 59 - PM inicia narrativa que busca conectar Marcelo Freixo à tática black bloc	210
Figura 60 - Internautas comparam capa de 2013 com outra da época da Ditadura	216
Figura 61 - Montagem postada pelo grupo MN em rede social.....	217
Figura 62 - Pessoas sugerem caminhos ao repórter	217
Figura 63 - Casamento de Beatriz Barata é marcado por protestos	229

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

JN	Jornal Nacional
MN	Mídia Ninja

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 PERCURSOS DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO	26
1.1 Estudos da memória: premissas e escolhas epistemológicas	
1.2 Em busca da totalidade da memorização	
1.3 Esquecimento midiático	
1.4 Memória, imagem e jornalismo	
1.5 Memória coletiva e social	
1.6 Memória e televisão	
1.7 Novos caminhos da memória mediada	
1.8 Futuros da memória	
1.9 Informações falsas e ameaças à memória na era da pós-verdade	
2 UM OLHAR SOBRE OS PROTESTOS NO RIO DE JANEIRO	64
2.1 Perspectiva histórica	
2.2 Notas sobre o coletivo Anonymous	
2.3 Notas sobre a tática black bloc	
2.4 Repressão policial e vigilância	
2.5 Outras peculiaridades das manifestações do Rio de Janeiro	
2.6 Perfil dos manifestantes	
2.7 Antecedentes no Brasil	
2.8 Revoltas de 2013 no contexto mundial das manifestações	
2.9 Motivações múltiplas e em diversas camadas	
2.10 Memória em disputa	

3	JORNAL NACIONAL E ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE	131
3.1	Uso de fontes e abordagem das motivações	
3.2	A primeira postura do Jornal Nacional: de 6 a 13 de junho	
3.3	17 de junho em diante: mudança de narrativa	
3.4	20 de junho: <i>flashes</i> , transmissão ao vivo e consolidação do discurso	
3.5	Aceleração do tempo e presentismo	
3.6	Novo ambiente de mídia: internet e direcionamento de conteúdo	
3.7	Filtro bolha, algoritmos e democracia	
3.8	Participação política e democracia	
3.9	Participação digital na democracia brasileira	
4	MÍDIA NINJA E MEDIATIVISMO	167
4.1	"Grande mídia da mídia social"	
4.2	Origens da Mídia Ninja e notas sobre o midiativismo	
4.3	Ao vivo: baixa resolução e alta fidelidade	
4.4	Ressonância: afeto, empatia e solidariedade	
4.5	A influência das imagens nos acontecimentos	
4.6	Transmissões ao vivo: novo certificado de presença	
4.7	Perfis diferentes e heterogeneidade nas transmissões	
4.8	Informalidade, hipermobilidade, ausência de edição e de nitidez	
4.9	A MN e a polícia	
4.10	Embates com a Rede Globo	
4.11	Múltiplas vozes	
	CONCLUSÃO	222
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	

INTRODUÇÃO

"O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que e por meio do qual se luta, aquele poder do qual a gente quer se apoderar".

Michel Foucault

"Só investigamos de verdade o que nos afeta", disse Jesus Martin-Barbero (2004, p. 25). E afetar diz respeito a afeto, à esfera do sentir. Nesse sentido, Sodré (2006, p.12) defende que há urgência de uma outra posição interpretativa para o campo da comunicação, capaz de liberar o agir comunicacional das concepções que o limitam às interações entre forças exclusivamente mecânicas e de "abarcara a diversidade da natureza das trocas (...), mas principalmente os poderosos dispositivos do afeto" (Idem). O que Sodré propõe é enterrar a dicotomia adotada pela cultura ocidental entre razão e emoção e entender a sensibilidade também como meio de conhecimento, que assume em grande parte a forma de imagens. "Para que se realize o raciocínio, é preciso que essas imagens estejam ativas e disponíveis, o que supõe processos ligados a emoções e sentimentos" (p. 15).

A partir das afirmações e corroboração de dois autores que tanto admiro, fico mais confortável para começar essa introdução pelas motivações pessoais que me trouxeram de volta à academia e afirmar que os acontecimentos de junho de 2013 tiveram um impacto nada menos que perturbador em mim. Uma mistura de sentimentos passava pela vontade de estar presente nas ruas, de analisar a cobertura midiática tradicional e alternativa dos acontecimentos, de entender as causas que mobilizaram multidões. Passava pela revolta com a reação policial e de algumas autoridades, pela necessidade de discutir, ouvir e ler sobre o que ocorria, pela vontade de viver aquela experiência em suas mais diversas esferas: prática, analítica, jornalística, política, ativista.

Fui tomada por um sentimento que há muito não sentia: a certeza de estar vivendo um momento histórico único, surpreendente, inesperado, com aspectos que me encantam e emocionam desde a mais tenra juventude: movimentos sociais, manifestações de rua, política, reação e contraponto ao poder estabelecido, uso de tecnologia, busca por justiça social, utopia. Estava dada a mistura literalmente explosiva e apaixonante que procurava para voltar ao espaço acadêmico. Era mais que isso: senti necessidade de estar nesse ambiente para tentar apreender e significar o que se passava nas cidades, no país e no mundo.

Ao mesmo tempo, outra inspiração antiga me instigava a voltar à universidade havia alguns anos: os estudos no campo da comunicação, da democracia e da memória. Foi motivador saber que a professora Ana Paula Goulart Ribeiro - que tanto contribuiu com minha formação como jornalista na graduação e que desde a formatura me incentiva a fazer o Mestrado - estava desenvolvendo consistentes e originais trabalhos nesse campo. Estudar História na UFF numa pós-graduação *Latu Sensu* tendo a professora Marialva Barbosa como orientadora também foi decisivo para, posteriormente, buscar pensar as manifestações em perspectiva histórica e sob a ótica da memória. Da mesma forma, foi extremamente estimulante observar que a Escola de Comunicação da UFRJ estava pensando, tomando parte e produzindo publicações sobre as manifestações como aparentemente nenhuma outra instituição acadêmica no Brasil.

E então questões que uniam os dois assuntos - memória e manifestações contemporâneas - começaram a surgir com as leituras até se materializarem num projeto e, paulatinamente, no presente trabalho. Nessa jornada, conforme as manifestações iam ficando distantes temporalmente, outros episódios relacionados surgiam e o filtro do tempo e dos acontecimentos mais recentes embaçava aqueles momentos cada vez menos cristalinos nas memórias pessoal e social. Sob essa ótica, algumas questões consolidaram-se como linhas mestras nesse trabalho e o objetivo aqui é a busca por suas respostas, com a certeza, como ensina E. P. Thompson (1978), de que o conhecimento é um percurso. De que forma acontecimentos tão complexos como os de 2013 seriam lembrados - ou esquecidos - depois de alguns anos? Qual o papel dos meios de comunicação corporativos, em particular a TV, e das coberturas midiativistas na conformação dessas memórias? Como entender a memória e os movimentos sociais na contemporaneidade tendo em vista tantas mudanças recentes na maneira de nos comunicarmos, de reivindicarmos mudanças e de experienciarmos o mundo e o tempo?

Corpus da pesquisa

Nosso trabalho terá foco nas manifestações do Rio de Janeiro - local em que os protestos tiveram mais desdobramentos e se mostraram mais complexos e duradouros - e no recorte temporal que vai desde a irrupção dos principais levantes no início de junho de 2013

até a morte do cinegrafista da TV Band, Santiago Andrade, em 10 de fevereiro de 2014. O falecimento do profissional de imprensa foi um divisor de águas na cobertura dos protestos tanto da mídia corporativa quanto dos coletivos de mídia, levando a uma maior radicalização dos dois polos, e analisar as mudanças de posturas a partir desse episódio seria escopo para outro estudo.

Analisaremos os dois maiores expoentes da mídia corporativa e do midiativismo: o Jornal Nacional e a Mídia Ninja, respectivamente. Apesar da perda de audiência dos últimos anos, o JN ainda é o programa mais assistido pelos brasileiros e o impacto de suas matérias na agenda do país é incontestável. Por outro lado, o coletivo Mídia Ninja - cuja sigla significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação - é o mais forte entre os coletivos midiativistas e ganhou projeção internacional com as transmissões em 2013.

As Jornadas de Junho na academia brasileira

As Jornadas de Junho, como ficaram conhecidas as manifestações que tomaram o país naquele mês de 2013, foram frutíferas para a academia brasileira. No banco de teses e dissertações da Capes ¹, mais de 70 trabalhos tratam do tema, principalmente nas áreas de Sociologia, Comunicação, Direito e Letras. Outra pesquisa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Ibict) ² resulta em aproximadamente 30 documentos. Algumas instituições, programas e departamentos como a própria Escola de Comunicação da UFRJ, o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades da Universidade Federal do Espírito Santo e o Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul têm tido destaque na produção de trabalhos com o tema nos últimos anos.

Contribuíram especialmente para essa pesquisa a dissertação 'Junho de 2013: a emergência da multidão no telejornal (nacional) da massa' (PIRES, 2016) e a tese 'A Ressonância das Imagens: A Emergência da Multidão no Egito, na Espanha e no Brasil' (FREITAS, 2015). Também foram consultadas 'Os poemas-vida dos estranhos da cidade' (JUSTEN, 2016), 'Redes e ruas: a cobertura dos protestos de 2013' (LIMA, 2015), '#descontent@mento - O que comunicam os protestos brasileiros de 2013' (CARRASCO,

¹ Pesquisa realizada através da Plataforma Sucupira e do site **Banco de Teses e Dissertações**. Disponível em < [< http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/ >](http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/).

² Vale ressaltar que o acervo do Ibict tem muitas teses e dissertações que também constam na Capes

2015), 'Rede Social Digital e Mobilização Social - o Facebook nas Manifestações de Junho de 2013' (SANTOS, 2015), 'A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede: o #vemprarua no Brasil' (SOUZA, 2014) e 'A democracia em rede: Um estudo das Manifestações Mundiais e o uso das Redes Sociais Online de internet' (SILVA, 2014).

Publicações acadêmicas e congressos na área de Comunicação - a exemplo do Intercom, da Compós, da Revista Eco Pós e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) - reúnem importantes artigos sobre o tema. Para nós, os textos 'Movimento em rede e protestos no Brasil: Qual gigante acordou?' (CARDOSO e DI FÁTIMA, 2013), 'Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo' (DE OLIVEIRA, 2014) e 'Grupos de parcialidade e moralismo: notas sobre a cobertura imagética de manifestações no Jornal Nacional' (ZILLER, 2013) foram relevantes fontes bibliográficas.

O percurso teórico proposto - através do levantamento e análise dos enquadramentos, silenciamentos e esquecimentos sob a perspectiva das interseções e disputas nas coberturas dos dois maiores ícones do telejornalismo e do midiativismo no Brasil com o objetivo de pensar a conformação de memórias na contemporaneidade -, no entanto, não nos permitiu seguir os passos ou dar continuidade direta a nenhuma análise já perpetrada na academia brasileira. A pesquisa mais próxima ao nosso interesse, com articulações específicas entre novas mídias, manifestações e memória, é desenvolvida pela pesquisadora sueca Kari Anden-Papadopoulos (2011 e 2013), da Universidade de Estocolmo, descoberta por nós no meio do percurso e referência importante para esta dissertação.

Da mesma maneira, foram âncoras essenciais os títulos publicados pelo mercado editorial brasileiro e mundial acerca dos levantes brasileiros e similares. As principais fontes para compreender os protestos contemporâneos foram os livros 'Redes de Indignação e Esperança' (CASTELLS, 2014), 'Não é por centavos' (ALVES et al, 2014), 'Brasil em Movimento' (BORBA, FELIZI e REYS, 2014), 'Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado' (FIGUEIREDO, 2014), 'Problemas no Paraíso' (ŽIŽEK, 2012), 'Cidades Rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil' (MARICATO et al, 2013), 'Occupy' (CHOMSKY, 2012), 'Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc' (SOLANO, MANSO e NOVAES, 2014), 'A internet e a rua: ciberativismo e

mobilização nas redes sociais' (ANTOUN e MALINI, 2013) e 'A multidão foi ao deserto' (CAVA, 2013).

Inspirações metodológicas

Michael Pollak (1989) diz que a memória é, acima de tudo, um campo em disputa. Fala também de memórias concorrentes, em conflito, e das divergências entre a “memória oficial”, “nacional”, e as memórias subterrâneas, essas últimas, por sua vez, parte integrante das culturas minoritárias. Ao pensar a memória, o sociólogo austríaco problematiza o silêncio, o enquadramento e o esquecimento e é com base nesses enfoques que propomos analisar nosso objeto. Como foram e estão sendo construídos os discursos memoráveis acerca das manifestações ocorridas entre junho de 2013 e fevereiro de 2014? Quais os enquadramentos, silenciamentos e esquecimentos elaborados pela mídia corporativa, em particular pelo Jornal Nacional, e pelos coletivos midiativistas, especificamente pela Mídia Ninja? Quais as disputas em jogo na construção, perpetuação e interpenetração dessas narrativas?

Acerca do conceito de enquadramento, consideraremos duas definições importantes moldadas ao longo da história dos estudos de mídia. A primeira, de Gitlin (1980, p. 7), estabelece que o enquadramento da mídia organiza o mundo para jornalistas que reportam sobre ele e também, em um grau importante, para “nós que recorremos a suas notícias”:

"Enquadramentos da mídia são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, através dos quais manipuladores de símbolos organizam o discurso, seja verbal ou visual, de forma rotineira”³

O enquadramento, diz Gitlin, possibilita ao jornalista processar grande quantidade de informação de forma rápida e rotineira. Em outras palavras, não há como não enquadrar, mas o papel do pesquisador é questionar os porquês de determinados enquadramentos e, num viés que nos será extremamente útil, pensar em possibilidades outras não contempladas. Definição adicional de enquadramento, com foco na seleção e nas escolhas dos destaques, é a de Robert Entman (in PORTO, 2007, p. 117):

"O enquadramento envolve essencialmente seleção e saliência. Enquadrar significa selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazê-los mais salientes em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição particular do problema, uma

³ Tradução nossa para o trecho original '*media frames are persistent patterns of cognition, interpretation, and presentation, of selection, emphasis, and exclusion, by which symbol-handlers routinely organize discourse, whether verbal or visual*'.

interpretação causal, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito”.

A respeito do silenciamento, cabe agregar ao pensamento de Pollak o peso do silêncio ao relacionar os modos de construção do imaginário na produção dos sentidos (Orlandi, 1992), ou seja, o afastamento de sentidos não desejados e o que um discurso, quando é dito, cala. Essa perspectiva é fundamental para avaliação das narrativas televisivas e da Mídia Ninja: ao eleger determinadas discursos, os veículos afastam por inteiro outras produções de sentidos possíveis; a comparação entre os dois, por sua vez, permite a análise dos silenciamentos de ambos.

Na perspectiva de Pollak (1989), há diferenças entre silenciamento e esquecimento. Em uma análise psicológica dos discursos dos depoentes que sobreviveram a campos de concentração na Alemanha nazista, o sociólogo e historiador austríaco ressalta a existência de zonas de sombra, silêncios e 'não-ditos' nas lembranças de algumas pessoas. Trata-se, na maior parte das vezes, diz ele, de um subterfúgio, criado e/ou efetivamente necessário, para que a pessoa possa se comunicar no ambiente onde escolheu viver. É, portanto, uma 'gestão da memória' de acordo com as possibilidades de interação com o entorno. Apesar de as fronteiras não serem estanques, esses silenciamentos são diferentes do esquecimento definitivo. Na análise que faremos, ambos coexistem. Há discursos e produções de sentido iniciados e paulatina ou repentinamente silenciados e outros esquecidos, não trazidos à superfície em nenhum momento.

Ainda acerca de questões metodológicas, também consideraremos alguns aspectos destacados por Gomes (2007, p. 24-28) ao ressaltar o papel dos “operadores” na análise do gênero ⁴ telejornalismo. Os operadores, diz, “são os ‘lugares’ para onde o analista deve olhar” (p. 24). São exemplos de operadores: o narrador - apresentador ou âncora no caso do Jornal Nacional que analisaremos -; o “contexto comunicativo” - que trata dos “modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta” (p. 26), as “escolhas técnicas” - tais como o cenário e a postura do apresentador -; o “pacto sobre o papel do jornalismo” - ou seja, os “acordos tácitos” que determinam a expectativa do telespectador -; e a “organização temática” (p. 28), que no JN trata-se da ênfase a determinadas editoriais e assuntos.

⁴ Para mais detalhes sobre a definição de gêneros televisivos, ver GOMES, Itania Maria Mota. **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. SciELO-EDUFBA, 2011.

O escopo analisado do Jornal Nacional contempla aproximadamente 45 edições com matérias que abordaram direta ou indiretamente as manifestações no Rio de Janeiro entre junho de 2013 e fevereiro de 2014 disponíveis através da plataforma Globo Play ⁵. Os resultados da análise estão reunidos no terceiro capítulo deste trabalho. Para a análise das redes, avaliamos transmissões ao vivo do coletivo Mídia Ninja no Rio de Janeiro disponíveis através da ferramenta twitcasting ⁶, que permite aos usuários fazer transmissões ao vivo via dispositivos móveis. Ao todo, foram analisados mais de 30 vídeos, do dia 30 de junho de 2013 ao dia 10 de fevereiro de 2014, com durações que variam entre sete minutos e quatro horas, englobando mais de 20 horas de material visto. Também foram considerados vídeos das plataformas YouTube e Vimeo.

Os critérios para a escolha das transmissões passaram pelo período e local em que ocorreram, pela disponibilidade de acesso hoje - vale ressaltar desde já que centenas de transmissões ao vivo não foram gravadas e as realizadas através do Facebook estão praticamente todas fora do ar -, pelo número de visualizações - priorizamos os vídeos com mais de 4 mil acessos - e por particularidades que se mostraram como tendências e/ou de interesse para as questões que motivam a pesquisa. Além da busca pelos principais perfis utilizados para transmissão - MIDIANINJA, midianinja_rj, BlackNinjaRJ, LIVENINJARJ e TUcaNinjaRJ - nos pautamos pela linha do tempo de publicações no perfil Midia NINJA do twitter e pelas postagens no Facebook com links de coberturas ao vivo no Rio.

Faremos uso das mesmas referências metodológicas utilizadas no exame das edições do JN para avaliar as transmissões do Mídia Ninja, com especial foco em alguns pontos já abordados anteriormente, a saber: enquadramento, silenciamento, formas de autorreferencialidade, contexto comunicativo e escolhas técnicas. Lançaremos mão também de ferramentas digitais que permitem aferir o comportamento das redes a partir de determinados recortes. Uma delas é o site Causa Brasil ⁷, que possibilita verificar as principais motivações de usuários das redes ligados aos protestos ao longo do tempo. Cartografias,

⁵ Dispositivo lançado em 2016 pela Globo que permite acessar a programação da emissora e o histórico das edições.

⁶ Twitcasting é um aplicativo para fazer transmissões ao vivo a partir de smartphone ou computadores.

⁷ A plataforma, antes disponibilizada no link <www.causabrasil.com.br> foi retirada do ar no intervalo de tempo dessa pesquisa, como problematizaremos no capítulo 1.

grafos ⁸ e levantamentos feitos pelo Labic ⁹ e pelo MediaLab.UFRJ ¹⁰ das manifestações de 2013 serão igualmente úteis para a pesquisa apresentada. Um exemplo é a extração de 85.595 imagens feita a partir de 404.006 tuítes publicados no período de 15 de junho a 15 de julho de 2013 com a hashtag #VemPraRua. Do MediaLab.UFRJ, utilizaremos grafos resultantes da análise das interações com a hashtag #protestosRJ em junho de 2013, além de cartografias e vídeos realizados pela equipe do laboratório.

Na era da pós-verdade em que vivemos, aspecto a ser abordado no capítulo 1 junto com outros que consideramos interessantes para versar sobre a memória, talvez essa tenha sido uma das principais motivações para levar adiante este projeto: contribuir para que 2013 seja menos silenciado, para que sua memória englobe - ou busque englobar - a complexidade do que ocorreu e, principalmente, para que não seja esquecido, engolido ou modificado em função dos acontecimentos dos anos seguintes. Trata-se de um campo em disputa e quanto mais distantes temporalmente, mais tendemos a rememorar eventos de forma abstrata e genérica, tal qual veremos no capítulo a seguir.

No capítulo 2, a ideia é montar um mosaico polifônico do que consideramos importante salientar e selecionar dentro da amplitude das manifestações de 2013-2014 no Rio. Buscamos beber no mais múltiplo arcabouço de fontes que demos conta a fim de tentar enquadrar nosso objeto com a complexidade que ele demanda. Não estava no escopo inicial dedicar um capítulo aos acontecimentos, olhares e interpretações dos protestos, mas ao nos depararmos com tantas inconsistências factuais, além de análises e comparações equivocadas, sentimos necessidade de fazer tal recorte e apuração. O mesmo ocorreu no capítulo 1: o objetivo inicial era permear as análises discursivas dos veículos com os estudos da memória e os acontecimentos nas ruas. Mas em virtude da multiplicidade de abordagens que enveredam os caminhos da memória e do jornalismo, isso não foi possível.

Mais do que evidenciar as diferenças entre a Mídia Ninja e o Jornal Nacional, já esperadas, sabidas e assumidas por ambos, o objetivo da comparação entre as escolhas editoriais das duas coberturas é evidenciar, nos mecanismos de construção de narrativas

⁸ Grafos são redes expressas matematicamente, constituídas por um conjunto de pontos (chamados de nós) conectados por linhas (chamadas de arestas) que expressam uma relação entre esses nós. Freitas (2010) explica que, em grafos gerados a partir de redes sociais, os nós representam os atores e as arestas, as relações entre eles.

⁹ Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação.

¹⁰ Laboratório da Escola de Comunicação da UFRJ, o espaço se autodefine como laboratório experimental de pesquisa de redes sociotécnicas, visualidades, tecnopolíticas e subjetividades.

memoráveis, as seleções e saliências dos discursos, os silenciamentos e esquecimentos das narrativas e buscar respostas para as perguntas supracitadas. São espaços que convergem e, muitas vezes se misturam ou se complementam. Os próprios veículos têm essa consciência, diz William Bonner (2009, p. 110): “acreditamos, no Jornal Nacional, que 30 segundos de informação podem levar uma parte dos nossos espectadores a buscar informações adicionais num jornal impresso no dia seguinte. Ou a pesquisar o assunto na internet”.

É nessa complementaridade, na análise da disputa e interpenetrações de versões e abordagens estéticas - beneficiados enquanto pesquisadores por ter, com a Mídia Ninja, a possibilidade de um contraponto verificável em larga escala ao Jornal Nacional - que nossa pesquisa ganha riqueza e potenciais de desdobramento. Nesse sentido, destacamos, portanto, que dividir as análises em capítulos tem o objetivo único de organizá-las, não de colocá-las de forma maniqueísta em categorias estanques. As narrativas e os meios se interpenetram, também por esse motivo, tratamos de aspectos da contemporaneidade no mesmo capítulo em que analisamos a mídia mais tradicional, por exemplo.

Permitimo-nos não abordar muitos perspectiva e conceitos importantes, por entendermos que eles foram bem refinados nos últimos anos na academia com recorte muito próximo ao que daríamos aqui, sem grandes margens para contribuições. Não nos aprofundaremos, por exemplo, no debate histórico-conceitual sobre massas, multidões e enxames ¹¹, movimentos sociais ¹² e adoção das tecnologias por eles ¹³, genealogia das redes, da internet e da cibercultura ¹⁴, esfera pública ¹⁵, poder ¹⁶, corpo ¹⁷ e identidade ¹⁸. Por outro lado, entendemos que era necessário expor nossa perspectiva histórica, genealógica e/ou teórica sobre conceitos ainda pouco trabalhados nas pesquisas sobre manifestações recentes, como memória, esquecimento, pós-verdade, democracia, o filtro-bolha e presentismo.

¹¹ Sobre essa discussão, ver capítulo denominado ‘Entre massas, multidões e enxames’ em Pires (2016, p. 35-47)

¹² Ver trabalho de Carrasco (2015), em que ele discute longamente o conceito e histórico dos movimentos sociais.

¹³ Para essa relação, ver trabalho de Cardoso e Di Fátima (2013), que conta com diversos e ricos exemplos dessa utilização.

¹⁴ Ver trabalho de Carrasco (2015) e de Antoun e Malini (2013).

¹⁵ Novamente o trabalho de Carrasco (2015) é aclarador nessa discussão.

¹⁶ Ver Antoun e Malini (2013) e Freitas (2015).

¹⁷ Ver Bakhtin (1987, p.17-23), Sennett (2006) e Deleuze (1992, p. 119).

¹⁸ Ver Taylor (1997).

De volta às razões pessoais que me levaram a investigar as relações entre protestos populares e memória e inspirada por Roland Barthes, para quem "a ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa" (1964, p.18), termino essa introdução com uma passagem literária da obra-prima 'Cem Anos de Solidão' rememorada diversas vezes durante a vivência das manifestações ao comparar as narrativas construídas pela mídia corporativa e o que de fato acontecia nas ruas. Essa passagem - inspirada em um massacre real em 1928 ¹⁹ numa cidade próxima à que nasceu Gabriel García Marquez - e o sentimento de pavor de injustiças serem esquecidas ou diminuídas tiveram forte influência na minha decisão de cursar Jornalismo e, posteriormente, de buscar mergulhos em questões específicas através do prisma da memória.

"Até as doze, esperando um trem que não chegava, mais de três mil pessoas, entre trabalhadores, mulheres e crianças, tinham atulhado o espaço descoberto em frente da estação e se apertavam nas ruas adjacentes, que o exército fechara com filas de metralhadoras. (...)

Um pouco antes das três, correu o boato de que o trem oficial não chegaria até o dia seguinte. A multidão cansada exalou um suspiro de desalento. Um tenente do exército subiu em seguida no teto da estação, onde havia quatro ninhos de metralhadoras apontadas contra a multidão, e deu um toque de silêncio. Ao lado de José Arcadio Segundo estava uma mulher descalça, muito gorda, com duas crianças de cerca de quatro e sete anos. Pegou o menor no colo e pediu a José Arcadio, sem reconhecê-lo, que levantasse o outro para que ouvisse melhor o que iam dizer. José Arcadio Segundo acavalou o menino na nuca. Muitos anos depois, esse menino haveria de continuar contando, sem que ninguém acreditasse, que tinha visto o tenente lendo com um megafone de vitrola o decreto Número 4 do Chefe Civil e Militar da província, assinado pelo General Carlos Cortes Vargas e pelo seu secretário, o Major Henrique García Isaza, e em três artigos de oitenta palavras classificava os grevistas de quadrilha de malfeitores e facultava ao exército o direito de matá-los a bala.

Lido o decreto, no meio de uma ensurdecidora vaia protesto, um capitão substituiu o tenente no teto da estação e, com o megafone de vitrola, fez sinal de que queria falar. A multidão voltou a fazer silêncio.

— "Senhoras e senhores", disse o capitão com uma baixa, lenta, um pouco cansada — têm cinco minutos para se retirar. A vaia e os gritos

¹⁹ Ver **Massacre das Bananeiras**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Massacre_das_Bananeiras>. Acesso em 23 jun 2017. De acordo com registros, em dezembro de 1928, os trabalhadores das plantações de banana colombianas contratados pela multinacional norte-americana United Fruit Company entraram em greve pedindo contratos escritos, limite de oito horas de trabalho diárias, uma folga por semana e "a eliminação do sistema de cupons de comida". Membros dos partidos liberal, socialista e comunista da Colômbia participaram do movimento. O exército de Bogotá foi enviado ao local e houve um massacre. "As tropas posicionaram suas metralhadoras nos telhados dos prédios baixos nas esquinas da praça principal, fecharam as ruas de acesso e, após um aviso de cinco minutos, abriram fogo contra uma multidão de trabalhadores e suas famílias que tinham se reunido após a missa de domingo para esperar por uma resposta do governador". O general Cortés Vargas, que comandou as tropas, assumiu a responsabilidade por 47 vítimas. O número exato de mortos nunca foi confirmado. Estudiosos e testemunhas falam entre 800 e 3 mil mortos - os corpos foram jogados no mar. Um despacho da embaixada dos EUA em Bogotá à Secretaria de Estado estadunidense, de 29/12/1928, afirmaria: "Tenho a honra de informar que o assessor jurídico da United Fruit Company aqui em Bogotá afirmou ontem que o número total de grevistas mortos pelas autoridades militares colombianas durante a recente perturbação atingiu entre quinhentos e seiscentos, enquanto o número de soldados mortos foi um". Outra versão feita pelo oficial Jose Gregorio Guerrero informou que o número de mortos foi de nove pessoas: oito civis e um soldado.

repetidos afogaram o toque de que anunciou o princípio do prazo. Ninguém se mexeu.

— Já passaram os cinco minutos — disse o capitão mesmo tom. — Mais um minuto e atiramos.

José Arcadio Segundo, suando gelo, desceu o menino ombros e o entregou à mulher. “Esses cornos são capazes disparar”, murmurou ela. José Arcadio Segundo não teve tempo de falar, porque no mesmo instante reconheceu a voz rouca do Coronel Gavilán fazendo eco com um grito às palavras da mulher.

Embriagado pela tensão, pela maravilhosa profundidade do silêncio e, além disso, convencido de que nada faria se mover aquela multidão pasmada pela fascinação da morte, José Arcadio Segundo se ergueu acima das cabeças que tinha pela frente, e, pela primeira vez em sua vida, levantou a voz.

— Cornos! — gritou. — Podem levar de presente o minuto que falta.

Ao fim do seu grito aconteceu uma coisa que não lhe produziu espanto, mas uma espécie de alucinação. O capitão deu a ordem de fogo e quatorze ninhos de metralhadoras responderam imediatamente. Mas tudo parecia uma farsa. Era como se as metralhadoras estivessem carregadas com fogos artifício, porque se escutava o seu resfolegante matraquear se viam as suas cusparadas incandescentes, mas não se percebia a mais leve reação, nem uma voz, nem sequer um suspiro entre a multidão compacta que parecia petrificada por uma invulnerabilidade instantânea. De repente, de um lado da estação, um grito de morte quebrou o encantamento: “Aaaai, minha mãe.” Uma força sísmica, uma respiração vulcânica, um rugido de cataclismo arrebataram no centro da multidão com uma descomunal potência expansiva. José Arcadio Segundo mal teve tempo de levantar o menino, enquanto a mãe e o outro eram absorvidos pela multidão centrifugada pelo pânico. (...)

— Bom dia — disse exausto. — Sou José Arcadio Segundo Buendía.

Pronunciou o nome completo, letra por letra, para se convencer de que estava vivo. Fez bem porque a mulher tinha pensado que era uma assombração, ao ver na porta a figura esquelada, sombria, com a cabeça e a roupa sujas de sangue e tocada pela solenidade da morte. Conhecia-o. Trouxe uma manta para que se cobrisse enquanto secava a roupa no fogão, esquentou água para que lavasse a ferida, que era apenas um arranhão na pele, e lhe deu uma fralda limpa para que vendasse a cabeça. Em seguida, serviu-lhe uma xícara de café, sem açúcar como lhe haviam dito que tomavam os Buendía, e estendeu a roupa perto do fogo.

José Arcadio Segundo não falou enquanto não terminou de tomar o café.

— Deviam ser uns três mil — murmurou.

— O quê?

— Os mortos — esclareceu ele. — Deviam ser todos os que estavam na estação.

A mulher mediu-o com um olhar de pena. ‘Aqui não houve mortos’, disse. ‘Desde a época do seu tio, o coronel, que não acontece nada em Macondo.’ Em três cozinhas onde se deteve José Arcadio Segundo antes de chegar em casa lhe disseram a mesma coisa: ‘Não houve mortos.’ (MARQUEZ, 1967)

1 PERCURSOS DA MEMÓRIA E DO ESQUECIMENTO

*"Grande é realmente o poder da memória, prodigiosamente grande, meu Deus!
É um santuário amplo e infinito".*

Santo Agostinho

Memória, esquecimento, imagem, jornalismo, novas mídias, novos paradigmas dos estudos da memória. Definir e, principalmente, relacionar esses termos mostrou-se, ao longo da pesquisa, essencial para amparar teórica e epistemologicamente nosso objeto e os próximos capítulos. Algumas questões se fazem presentes e a ideia desse capítulo é - mais do que respondê-las - levantar e apontar caminhos possíveis para elas, bem como arregimentar o arcabouço conceitual para os achados nas análises dos próximos capítulos. Como os percursos teóricos dos estudos da memória e do esquecimento nos ajudam a refletir sobre as manifestações de 2013 em articulação com as novas ecologias da memória e do jornalismo contemporâneos? Como os entendimentos de autores tão diferentes como Freud, Nietzsche, Bergson, Ricoeur e Huysen nos auxiliam a relacionar a noção de esquecimento às manifestações de 2013? O que entendemos como memória coletiva e memória social e como esses conceitos contribuem para a pesquisa? Quais são as novas questões que se impõem nos estudos que relacionam memória e mediações e qual o caminho que pretendemos seguir nesse sentido a partir do nosso objeto? Quais as preocupações com o futuro da memória?

1.1 Estudos da memória: premissas e escolhas epistemológicas

"Vestígios, restos, farrapos, trabalhos que se referem a um passado constituído no presente"; "seletiva reconstrução do passado, sedimentada em ações presentes" (BARBOSA, 2007, p. 39). As camadas de definição de memória desenhadas pela pesquisadora Marialva Barbosa nos inspiram a iniciar este capítulo com uma breve explanação sobre nossas premissas e escolhas epistemológicas surgidas do mergulho nos estudos da memória.

A primeira premissa de que partimos - já pincelada nas definições de Barbosa e que retomaremos no capítulo 4 - é que, diferente do que paira no senso comum, a memória tem mais relação com o tempo presente do que com o passado. No fim do século XIX, Freud já havia pontuado os principais mecanismos envolvidos no processo da memória e do esquecimento e foi enfático ao ressaltar a importância do presente para a emergência das lembranças. Em 'O Mecanismo Psíquico do Esquecimento', o pai da Psicanálise evidencia que

a rememoração das experiências de outrora está diretamente ligada ao momento atual, sujeita, entre outras coisas, à vontade do indivíduo no presente (1996, p. 264).

Algumas décadas depois, o filósofo Henri Bergson salientou a preponderância do tempo presente, uma vez que é dele que parte a convocação à qual a lembrança responde: "é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida" (2010, p.179). No século seguinte, Maurice Halbwachs consolida e aprimora essa visão ao afirmar que a lembrança é a reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente (1990, p. 71). Ou seja, a memória de eventos passados não só é acionada no presente, como é neste tempo que ela se constrói, contando inclusive com elementos de outros períodos entre o presente e o ponto no passado em que a experiência ocorreu originalmente. O ato de recordar dá-se, portanto, sempre no presente e a ele pertence; o referente do passado está ausente e existe somente através das impressões memórias. (HUYSSSEN, 2014, Kindle)

Isso não significa, no entanto, que não haja critérios importantes para a memorização de fatos, eventos e sensações no momento em que estes ocorrem e esta é a nossa segunda premissa: a atenção, o interesse que se dá à experiência no momento em que ela acontece, a "força da impressão" e, principalmente, a emoção e o afeto envolvidos no evento são essenciais para a "permanência" ou não de determinadas experiências na memória (FREUD, 1996, p. 264). A relação entre memória e emoção é consolidada pela Psicologia e já foi inclusive objeto de pesquisas no campo da Bioquímica ao estabelecerem relações entre a região cerebral responsável pelas emoções - a amígdala - e as memórias (DALMAZ e NETTO. p. 2, 2004). "Aquele que amou mais lembrará mais", arremata Halbwachs (1990, p. 31) sobre a importância do engajamento emocional na fixação de experiências. Como veremos no capítulo 4, em que trataremos do conceito de ressonância e do compartilhamento de afeto envolvido nos protestos e nas imagens transmitidas via *streaming*, o sentimento de empatia é importante para a perpetuação da memória desses eventos, principalmente por parte de quem participou diretamente deles ou assistiu as imagens em tempo real.

No filme da Pixar *Divertida Mente* (de título original *Inside Out*), cujo desenrolar se dá na cabeça de Riley, menina de 11 anos que enfrenta uma série de mudanças em sua vida, cinco emoções - alegria, tristeza, medo, raiva e nojo - são responsáveis por processar as informações e armazenar as memórias. Ganhador de pelo menos 11 prêmios em sua categoria,

a animação de Pete Docter teve consultoria de dois importantes pensadores do estudo das emoções: Paul Ekman e Dacher Keltner, ambos da Universidade da Califórnia. Em artigo para o New York Times ²⁰, os professores explicam que, para não prejudicar a obra, nem todas as emoções humanas estão contempladas no filme, e atestam a centralidade dos sentimentos na fixação das memórias, acrescentando que eles contribuem ainda na luta contra injustiças:

"(...) a verdade é que as emoções orientam nossas percepções do mundo, nossas lembranças do passado e até mesmo nossos julgamentos morais do certo e do errado, mais tipicamente de maneiras que permitem respostas efetivas à situação atual. Por exemplo, os estudos descobrem que, quando estamos bravos, estamos profundamente sintonizados com o que é injusto, o que ajuda a animar ações que combatam a injustiça" ²¹.

Figura 1 - Animação da Pixar trata de importância das emoções para fixar memórias



Fonte: Pixar/Disney Pixar

Outro fator importante para a memorização, principalmente quando tratamos de conteúdo audiovisual mediado pela tevê, é a repetição ²². Na área de comunicação, a técnica é

²⁰ Ver EKMAN, Paul. KELTNER, Dacher. The Science of 'Inside Out'. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2015/07/05/opinion/sunday/the-science-of-inside-out.html?mcubz=0>>. Acesso em 10 jan. 2017

²¹ Tradução nossa para o trecho (...) *the truth is that emotions guide our perceptions of the world, our memories of the past and even our moral judgments of right and wrong, most typically in ways that enable effective responses to the current situation. For example, studies find that when we are angry we are acutely attuned to what is unfair, which helps animate actions that remedy injustice.*

²² A repetição, apesar de estar sendo superada como estratégia em função das novas formas de consumo em que o consumidor tem mais voz, sempre foi um dos pilares da Publicidade. Joan Torres i Prat diz que o efeito dos anúncios se dá mais pela reiteração do que pelo conteúdo em si (2005, p. 25). A mesma lógica pode ser utilizada para conteúdos jornalísticos e mensagens de uma forma geral: quanto mais vezes somos expostos a eles, mais os absorvemos, memorizamos e nos dispomos a receber novos conteúdos que estejam na mesma esfera de sentido.

antiga aliada da publicidade ²³. No telejornalismo, em particular, a repetição é regra, tanto em termos de linguagem quanto de conteúdo (DE REZENDE, 2000, p. 33). Barbie Zelizer (1992, p. 187) e Andrew Hoskins (apud ZELIZER, 1992, p. 184) ressaltam, respectivamente, o *modus operandi* da TV, baseado na repetição de imagens e narrativas, e a importância da reiteração para o entendimento do telespectador. Muito utilizada em cursos de memorização, a estratégia mnemônica de estar em contínuo e repetitivo contato com as coisas que se deseja lembrar há muito tempo foi destacada por Tomás de Aquino (1981, II-II, q. 49, a.1) e, mais recentemente, por Fausto Colombo (1991, p. 90).

Premissa já aludida quando falamos da relação da memória com o tempo presente, nos é caro também o axioma de que a memória está em constante transformação. Diferente do que propunha Bergson, não podemos acessar nossas lembranças tais como elas foram no passado. É bem comum, inclusive, que sejamos enganados por elas (ARISTOTELES, 1999, p. 85). O ensaio de Butterfield sobre o romance histórico talvez contenha uma das mais belas definições da memória nesse sentido: "A memória do mundo não é um cristal brilhante e reluzente, mas sim um amontoado de fragmentos soltos, uns poucos raios de luz que atravessam a escuridão (BUTTERFIELD apud LOWENTHAL, 1998, p. 111)". E se o passado não passa de um esqueleto (BEAUVOIR, 1968, p. 145), mais uma vez, isto se deve ao tempo presente, uma vez que a necessidade de fazer uso do conhecimento que adquirimos com a memória nos leva a modificar o que passou, "acomodando as lembranças às necessidades do presente (LOWENTHAL, 1998, p. 77)".

Mais uma vez a obra de Docter contribui para esse entendimento. No filme, quando Rilley acessa uma memória de evento do passado, movida, no presente, pelo sentimento de tristeza, a lembrança é resignificada pela menina; são incorporados novos elementos e a recordação ganha nuances negativas. Também parte da equipe consultada para a animação, a pesquisadora Daphna Shohamy ²⁴ explica a "extrema maleabilidade" da memória:

"Quando recuperamos uma memória, a trazemos novamente à vida, e isso mudará a maneira como ela é re-armazenada. É uma coisa

²³ A repetição, apesar de estar sendo superada como estratégia em função das novas formas de consumo em que o consumidor tem mais voz, sempre foi um dos pilares da Publicidade. Joan Torres i Prat diz que o efeito dos anúncios se dá mais pela reiteração do que pelo conteúdo em si (2005, p. 25). A mesma lógica pode ser utilizada para conteúdos jornalísticos e mensagens de uma forma geral: quanto mais vezes somos expostos a eles, mais os absorvemos, memorizamos e nos dispomos a receber novos conteúdos que estejam na mesma esfera de sentido.

²⁴ ROBB, Alice. **Inside Out Nails the Science of How Our Memories Function**. Disponível em < <http://www.vulture.com/2015/06/neuroscientist-fact-check-inside-out.html>>. Acesso em 25 mai 2016.

complicada de entender - não é como se você tirasse um arquivo e ele voltasse ao armazenamento exatamente como era. Eles (os realizadores do filme) apropriaram-se dessa ideia de uma maneira linda, precisa e incrivelmente útil do ponto de vista educacional. Eles fizeram com que isso ficasse intuitivo - quando você resgata uma memória do armazenamento e algo do presente a toca, isso pode mudar a memória”²⁵.

Um outro bom exemplo disso é quando nos recordamos, em diferentes momentos, de uma pessoa morta, como faz Halbwachs ao discorrer sobre como se lembra de seu pai e como essa memória está sujeita à constante mudança:

"Tudo que aprendo de novo sobre meu pai, todos os novos julgamentos que faço sobre a época em que ele viveu, à medida em que me torno mais capaz de pensar e que disponho de mais termos de comparação fazem com que eu mude seu retrato (HALBWACHS, 1990, p. 74)".

Michael Pollak corrobora a visão de Halbwachs na definição da memória como um fenômeno construído coletivamente e submetido a transformações, flutuações e mudanças constantes (1992, p.2).

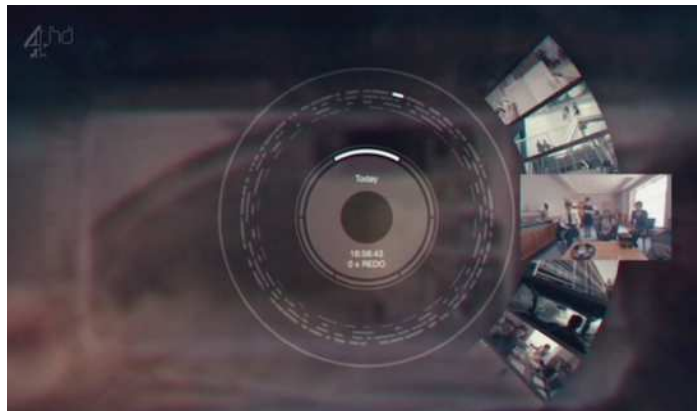
Por fim, mas não menos importante é reafirmarmos a certeza - já exposta quando tratamos das categorias inspiradas por Pollak (1989) na introdução deste trabalho - de que a memória não é, de maneira alguma, neutra. É, ao contrário, desde a sua construção inicial, um campo em disputa. Além de ser modulada pelas intencionalidades do próprio indivíduo ou grupo que a rememora, os fenômenos memoráveis são fruto de conflitos, servem ao presente e às suas necessidades, e também a interesses e usos específicos (HUYSSSEN, 2014, p. 183). Ensina-nos Zelizer: quando a memória é invocada, devemos questionar por quem, quando, em que contexto e onde (1992, p. 194). Como veremos no capítulo 4, cada vez mais, em tempos de reapropriação de conteúdo facilitado pelas ferramentas tecnológicas disponíveis, a intenção original do registro memorável pouco importa na hora da sua apropriação por parte dos interessados movidos por dispositivos do presente.

²⁵ Tradução nossa para o trecho “*When we retrieve a memory, we bring it back to life, and that will change the way it’s re-stored. It’s a complicated thing to grasp — it’s not like you take a file out and put it back exactly the way it was. They took that idea and used it in a way I thought was beautiful and accurate and incredibly helpful, from an educational standpoint. They made it seem so intuitive — when you bring a memory back from storage and something from the present touches it, that can change the memory*”.

1.2 Em busca da "totalidade da memorização"

Imaginemos um mundo em que é possível armazenar todas as memórias pessoais, revê-las quando quisermos, compartilhá-las com outras pessoas através de televisores ou projetá-las na parede durante uma festa, utilizá-las como provas de bom comportamento para fins burocráticos no *check-in* do aeroporto ou para fazer denúncias de agressão à polícia. Foi o que concebeu Jesse Armstrong, criador do episódio 'The Entire History of You' (Toda a sua história), para a popular e premiada série inglesa *Black Mirror* ²⁶. No capítulo, as pessoas têm possibilidade de instalar um chip - chamado de *grain* - atrás da orelha e, com ele e um pequeno controle remoto, assistir e exibir quaisquer memórias.

Figura 2 - Em “The Entire History of You”, memórias são armazenadas em sua totalidade



Fonte: Netflix

O episódio mostra a história de um advogado - de nome Liam - que, voltando de uma entrevista de emprego, vai ao encontro da esposa, apelidada de Fi, numa festa com antigos colegas da faculdade dela. Ao chegar na casa onde ocorre o encontro, o rapaz vê Fi conversando com um homem e, a partir disso, começa uma obsessão para descobrir mais sobre a relação dos dois. Após desvendar que eles tiveram não apenas um relacionamento no passado, mas se encontraram há 18 meses durante uma viagem de Liam, o advogado pede para ver a cena da traição na memória da esposa a fim de ter certeza de que Fi e o antigo colega usaram camisinha, pois está desconfiado que a filha do casal possa não ser dele. No fim do episódio, Liam aparece sozinho na casa, reassistindo incansavelmente cenas antigas e

²⁶ Ver VENCESLAU, Pedro. ‘**Black Mirror**’ e o lado sombrio das redes. Disponível em < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,black-mirror-e-o-lado-sombrio-das-redes,1807124> >. Acesso em 11 fev. 2017.

felizes de sua convivência com a ex-mulher e a filha, quando decide arrancar o chip da cabeça com uma gilete e um alicate. Trata-se, em última análise, da concretização da totalidade da memorização, ou melhor, do registro total dos fatos exatamente como aconteceram a partir da perspectiva de cada indivíduo, o que, como perpassamos rapidamente e aprofundaremos a seguir, é diferente da memória como conhecemos e como a entendem os estudos nesse campo.

Na esteira das premissas de que a memória pertence ao presente, está em constante transformação e não é neutra, vem a ideia, também já disseminada entre os que trabalham a memorização de forma pragmática, de que a memória funciona por associações (FREUD, 1996, p. 264; LOWENTHAL, 1998, p. 101) e, à medida que os fatos ficam mais distantes temporalmente, tendemos a lembrar deles em forma de conjuntos (HALBWACHS, 1990, p. 72); em outras palavras: não retemos registros literais de eventos, mas sim abstrações e generalizações (DALMAZ e NETTO, 2004, p. 2). Trata-se, em parte, do desejável e inevitável esquecimento (LOWENTHAL, 1998, p. 96), que, aliás, é senão parte da memória. Não poderia ser de outra forma, pois, para nós humanos a memória não é simplesmente um vazio. Mesmo que não recordemos detalhes de alguma experiência, existe, comumente, a lembrança de que algo foi esquecido (AGOSTINHO, p. 100).

Aqui cabe um breve porém importante parêntesis acerca das temporalidades envolvidas na experiência e na memória. Enquanto o transcorrer do acontecimento se dá no tempo da sua duração, o olhar retrospectivo sobre os eventos tende a achatar esse intervalo. Ferraz observa que o "paradoxo do tempo vivido" (2010, p. 45) é particularmente notável quando pessoas idosas narram experiências passadas. A pesquisadora traduz um sensível trecho de Kafka que vale ser reproduzido:

"Meu avô costumava dizer: a vida é assustadoramente curta. Agora em minha lembrança ela se comprime tanto que mal posso conceber, por exemplo, como um jovem possa decidir cavalgar até a aldeia mais próxima sem temer que - mesmo sem contar com acidentes infelizes - o próprio tempo de uma vida feliz e comum possa de longe bastar para uma cavalgada". (KAFKA apud FERRAZ, 2010, p. 143).

Talvez em busca da temporalidade da duração da experiência em substituição à do olhar retrospectivo, possibilitados pela tecnologia cada vez mais desenvolvida e acessível, vivemos a ilusão de salvar nossas experiências do esquecimento, como propõe, no extremo, o episódio 'Toda a sua história' de Black Mirror. Como veremos no capítulo 4, a experiência

contemporânea, particularmente em eventos públicos e políticos, complexifica a questão das gravações e registros, mas podemos adiantar que parte da postura dos manifestantes nos protestos evidencia a preocupação com a memória e seu arquivamento em meio digital.

São crescentes, inclusive, atos que têm a questão da memória como ponto central. É o que pode ser observado na intervenção realizada em outubro de 2016 em São Paulo denominada "Olho da Rua"²⁷. A obra consistiu na colagem de um grande retrato - visível a vários metros de altura - do fotógrafo Sergio Silva no local onde ele foi alvejado pela polícia com uma bala de borracha e, em função do ocorrido, perdeu a visão de um olho. Anos depois, a Justiça considerou que ninguém mais do que ele era culpado pelo ocorrido²⁸. O ato visava justamente chamar atenção para a decisão judicial: sobre a colagem do retrato, na altura do olho esquerdo de Sergio, foi derramada tinta vermelha. O tráfego de veículos sobre o local fez a rua ficar manchada, provocando um efeito perturbador em quem observa o desenrolar da intervenção. O texto final da obra remete diretamente à questão da memória em referência à decisão da Justiça: "Como não houve malfeito, não haverá reparo. Não haverá memória".

Figura 3 - Intervenção O Olho da Rua



Fonte: Site Catraca Livre²⁹

Fausto Colombo aprofunda tal fixação contemporânea em relação à memória e nota que a gravação e o arquivamento de nosso passado parecem-nos hoje extremamente necessários, "tão indispensável quanto catalogar cada momento de nossa própria experiência

²⁷ **Olho da Rua, 2016** (papel e látex sobre asfalto; 83m x 35m). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Pvq_tB8exMc>. Acesso em 11 fev. 2017.

²⁸ BRENDA, Tadeu. **Sérgio Silva, culpado: a justiça em estado terminal**. Disponível em <<http://outraspalavras.net/brasil/sergio-silva-culpado-a-justica-em-estado-terminal/>>. Acesso em 11 fev. 2017.

²⁹ **Grupo faz protesto pra lembrar fotógrafo que perdeu um olho**. Disponível em <<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/grupo-faz-protesto-pra-relembrar-fotografo-que-perdeu-um-olho/>>. Acesso em 11 fev. 2017.

(1991, p. 19)". O autor relata uma espécie de "obsessão social que detesta o esquecimento (p. 103)" que nos faz tentar, em vão, dominar um tempo que se esvai (p. 20). Por um lado, buscamos a "totalidade da memorização", mas por outro parece que mais importante do que recordar de fato, praticar a memória "é saber que a recordação está depositada em algum lugar e que sua recuperação é possível (p. 104)". Nesse contexto, calcula-se que em 2017 serão tiradas no mundo aproximadamente 1,2 trilhão de fotos ³⁰, sendo que a maioria delas jamais será acessada novamente após a captura. Ou seja, terceirizamos a memória. É o que Colombo define como mania arquivística (1991, p. 17), que nos coloca na condição de homens arquivísticos (p. 20). Só que diferente de outros ambientes de mídia no passado, hoje, boa parte de nossa memória está na chamada nuvem, modo de compartilhamento digital comumente utilizado para atribuir uma noção da "perda da espacialidade" no arquivamento (CARVALHO, 2014, p. 17).

É curioso como duas redes sociais têm lidado de maneira distinta com a questão dos arquivos das lembranças. O Facebook criou em 25 de março de 2015 recurso nostálgico denominado "Neste Dia" que mostra ao usuário postagens feitas no dia em questão, só que em anos anteriores. Apesar das polêmicas que a ferramenta criou ³¹, a rede de Zuckerberg registra que uma média de 60 milhões de pessoas visita a sua página "Neste Dia" diariamente e 155 milhões optaram por receber a notificação do recurso ³². Vale pontuar que o perfil de usuários do Facebook está cada vez mais velho: em três anos (de 2011 a 2014), a rede perdeu 6,4 milhões de jovens entre 13 e 24 anos nos Estados Unidos e registrou um aumento de 80,4% no número de pessoas com mais de 55 anos.

Como contraponto, as novas gerações parecem já não ter essa obsessão pelo arquivo típica de quem tinha limitação de registros e agora tem um acervo tecnológico à disposição para gravar todos os passos. O *snapchat*, rede social cada vez mais popular entre as novas gerações, tem como uma de suas principais características justamente a efemeridade programada das imagens compartilhadas. A rede social que já ultrapassou o twitter em

³⁰ Ver **Here's How Many Digital Photos Will Be Taken in 2017**. Disponível em <<http://mylio.com/true-stories/tech-today/how-many-digital-photos-will-be-taken-2017-repost>>. Acesso em 16 jan. 2017

³¹ Ver **Novo recurso nostálgico do Facebook está trazendo à tona lembranças dolorosas**. Disponível em <<https://canaltech.com.br/noticia/facebook/Novo-recurso-nostalgico-do-facebook-esta-trazendo-a-tona-lembrancas-dolorosas/>> Acesso em 11 fev. 2017.

³² D'ONFRO, Jillian. **How Facebook decides which memories to show you in one of its most 'sensitive' features**. Disponível em <<http://www.businessinsider.com/facebook-on-this-day-feature-and-research-2016-3>>. Acesso em 11 fev. 2017.

números de usuários ativos ³³ tem como marca a lógica contrária ao arquivo: todo conteúdo enviado se autodestrói após o recebimento por parte do destinatário. Ao enviar o 'snap' (mensagem/foto/vídeo), o remetente determina um tempo limite de um a dez segundos para visualização no dispositivo do interlocutor ³⁴. Para além das questões da memória, trata-se também de indício de aumento da preocupação das novas gerações com a privacidade, pois não há como salvar a imagem recebida e o remetente é informado quando alguém captura a tela (via ferramenta *print screen*) com seu *snap*.

Ainda não é possível afirmar com certeza, mas a efemeridade dos conteúdos e a preocupação com o mínimo de privacidade parecem estar se tornando tendência nas redes sociais, em oposição aos achados de Fausto Colombo. Inspirado em recursos do snapchat, o Facebook criou ferramenta semelhante e, em 28 de março de 2017, passou a disponibilizar para todos os usuários o chamado 'Facebook Stories', possibilidade de gravar e compartilhar vídeos que se autodestroem em 24 horas, além de uma nova forma de enviar conteúdos diretamente (e de forma privada) a amigos. O mesmo recurso já era utilizado em outras plataformas sociais, a exemplo do Instagram (Stories), WhatsApp (Status) e Messenger (Messenger Day) ³⁵.

1.3 Esquecimento midiático

Isto posto, nos preocupa um outro aspecto relativo ao esquecimento, que aqui, na falta de uma denominação melhor, chamaremos de esquecimento midiático. Como veremos no próximo capítulo, a imprensa corporativa, de início, subestimou as manifestações que irromperam nas cidades brasileiras em junho de 2013. Não foram poucas as tentativas de desqualificá-las, menosprezar seu tamanho e futuro, enquadrar e direcionar suas bandeiras e minimizar suas conquistas. Parte do julgamento, acreditamos, não foi intencional, mas sim uma reação apressada, em relação a uma insurgência extremamente original e surpreendente. Fato é que a postura da mídia corporativa - no geral e guardadas as devidas variações ao longo

³³ **Snapchat ultrapassa Twitter em número de usuários ativos por dia.** Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/snapchat-ultrapassa-twitter-em-numero-de-usuarios-ativos-por-dia.html> >. Acesso em 11 fev. 2017.

³⁴ OLIVEIRA, William. **Tudo Sobre o Snapchat: a Rede Social dos Millennials.** Disponível em < <http://www.agenciamestre.com/redes-sociais/tudo-sobre-o-snapchat-a-rede-social-dos-millennials/> >. Acesso em 11 fev. 2017.

³⁵ GOMES, Helton Simões. **Facebook ganha post de imagens que somem em 24 horas, câmera com novos efeitos e muda app; veja.** Disponível em < [Facebook ganha post de imagens que somem em 24 horas, câmera com novos efeitos e muda app; veja](#) >. Acesso em 11 jun. 2017.

do período analisado - foi bem distinta, tempos depois, em relação às manifestações que pediam o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff e o fim da corrupção ocorridas ao longo dos anos de 2015 e 2016 ³⁶. A busca narrativa por ressaltar o clima familiar e pacífico destas últimas e, principalmente, por dimensioná-las como as maiores da história do país, acaba por contribuir, comparativamente, para que os complexos protestos de 2013 tenham seus valores histórico e de memória diminuídos.

O raciocínio é simples: qual o sentido de rememorar protestos difusos, heterogêneos, de difícil resumo e conquistas não tão óbvias, em que a própria cobertura da mídia foi colocada em xeque e emissoras, jornalistas e símbolos da imprensa foram alvo dos manifestantes e da polícia, quando se tem, na outra ponta, protestos aparentemente pacíficos ³⁷, familiares, esteticamente menos chocantes e com pautas e resultados mais claramente definidos? Avançando na relação entre a bibliografia sobre esquecimento e nosso objeto, é possível deduzir que as manifestações de 2013 têm importantes elementos para que sejam paulatinamente esquecidas pela Rede Globo (e, por outro lado, lembradas pelos coletivos midiativistas, estes últimos mais frágeis sob o ponto de vista de duração de arquivo como veremos ao final deste capítulo).

Não há dúvidas de que as manifestações de 2013-2014 não foram, com raras exceções, experiências aprazíveis e edificantes para os jornalistas profissionais que as cobriram. Conforme veremos nos próximos capítulos, o conjunto da mídia corporativa foi literalmente atacado por manifestantes e policiais, ferida física e simbolicamente, questionada,

³⁶ Até a confirmação do *impeachment* da presidente eleita, Dilma Rousseff, pelo Senado, em 31 de agosto de 2016, manifestações de grandes proporções tomaram as ruas do país com destaque para os protestos ocorridos em 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro de 2015, bem como em 13 de março de 2016. As manifestações pediam o fim da corrupção e o afastamento da presidente Dilma. No dia 31, o Senado aprovou o impedimento e, desde então, o então vice-presidente, Michel Temer, governa o país. A cobertura da imprensa, em particular da Rede Globo e da Globonews, foi extremamente intensa e positiva em relação aos protestos, ressaltando o caráter familiar e pacífico das manifestações: para muitos, o tom da cobertura, que acionou uma extensa gama de repórteres para cobrir os protestos, assemelhou-se a uma convocação.

³⁷ Aqui vale ressaltar a observação arguta da pesquisadora Vera França quando analisa os protestos de 2015. Ela ressalta que enquanto em 2013, o cenário midiático "foi marcado pela violência, que tomava forma física através da truculência policial, da depredação do patrimônio público e privado, e daquilo que a mídia chamou de vandalismo", nos protestos de 2015, os manifestantes "caminharam tranquilamente pelos principais pontos turísticos dos grandes centros urbanos brasileiros escoltados pela polícia militar". Diz ela: os protestos de 2015 não são acusados de obstruírem o trânsito e de causar transtornos nem de vandalismo. "O cenário midiático apresentado pela mídia é leve, com um tom quase festivo, lembrando fotografias das torcidas na Copa do Mundo de Futebol de 2014. França questiona, no entanto, até que ponto essas manifestações foram realmente pacíficas, uma vez que "uma extensa produção discursiva se materializou em objetos e ações, traduzindo uma outra forma de violência", a violência simbólica. Ou seja, "da violência que se dá através de formas discursivas que promovem a representação negativa e/ou a coação do outro, que indicam intolerância e ódio. Vemos, nas fotografias, que ao lado de um discurso que enuncia a natureza pacífica dos manifestantes (sorrindo e posando de forma descontraída para as câmeras), ecoam proferimentos nada suaves contra Dilma Rousseff, contra o Partido dos Trabalhadores e suas figuras mais proeminentes. Ver artigo "Imagens, crenças e verdade nas manifestações de 2013 e 2015", publicado na Revista Rumores, número 19 | volume 10 | janeiro - junho 2016.

desprestigiada e viu ganhar força um 'concorrente' que angariou audiência também com um discurso que a depreciava. Paralelamente, a onda de demissões que tomou conta da imprensa e vem abalando seu moral nos últimos anos teve um de seus picos em 2013³⁸.

Tendo como ápice a morte do cinegrafista Santiago Andrade, conhecido e muito querido no meio jornalístico do Rio de Janeiro, podemos dizer, portanto, que os protestos foram traumáticos e, fazendo uso dos termos de Freud, desprazerosos para a maioria dos jornalistas profissionais. Partindo dos pressupostos freudianos - já transpostos para a memória social por diversos autores a exemplo de Pollak (1989) - em "O mecanismo psíquico do esquecimento", o esquecimento - ou recalque - "depende da atitude favorável ou desfavorável de um dado fator psíquico que se recusa a reproduzir qualquer coisa que possa liberar desprazer (1996, p. 264)".

Haveria uma tendência, portanto, de os jornalistas, jornais e direções dos veículos trabalharem para o esquecimento desses acontecimentos na medida em que eles fiquem distantes temporalmente. A "tendência da vontade" freudiana ou a "vontade de memória"³⁹ nietzschiana envolvidas na atividade de rememoração, nesse caso, não estão presentes como estariam, por exemplo, para os jornalistas, cidadãos e narradores que participaram dos protestos através do midiativismo que, como veremos neste trabalho, cresceu exponencialmente no período motivado pelas manifestações de 2013 e do início de 2014. Essa tendência se confirma ao verificarmos a baixíssima produção de textos rememorando as Jornadas de Junho de 2013 veiculados pela mídia corporativa em junho de 2017, quando as demonstrações completaram quatro anos. Na Rede Globo, em particular, não identificamos nenhuma produção.

Vale ressaltar novamente o papel da morte do cinegrafista Santiago Andrade, da TV Band, como um divisor de águas: incitou e homogeneizou de vez o tom negativo da cobertura da grande imprensa em relação aos protestos que ainda tomavam, com menos frequência, as ruas. Depois da tragédia, houve também uma polarização mais acentuada entre os jornalistas profissionais e os midiativistas. Passados poucos anos daqueles protestos, ao que parece

³⁸ Segundo levantamento da Agência Pública, considerando apenas os jornalistas registrados em carteira e somente na cidade de São Paulo, foram registradas 280 demissões homologadas de janeiro a abril de 2013, 37,9% a mais que no mesmo período de 2012, quando foram registradas 203 homologações por conta de demissões. Em 2012, mais de 1.230 jornalistas foram demitidos de redações no Brasil, segundo a agência. BODENMULLER, Luiza, FONSECA, Bruno, RODRIGUES, Camila, VIANA, Natalia. **A revoada dos passaralhos**. Disponível em <<http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>>, Acessado em 10 set. 2016.

³⁹ Na interpretação de Ferraz (1999, p. 36), esse termo significa que lembrar é também "um continuar querendo o já querido"; "um seguir querendo". Ou seja, a memória também está relacionada à vontade de lembrar.

analisando os fatos em junho de 2017, as manifestações de 2013-2014 tendem - quando não ao esquecimento midiático de que já tratamos - a ser lembradas de forma negativa, com foco exclusivo na morte do cinegrafista a partir de gatilhos do tempo presente, tais quais o julgamento dos acusados da morte ou novas manifestações com características similares às das Jornadas de Junho.

Uma cobertura em especial contribuiu bastante para essa avaliação: no dia 8 de setembro de 2016, após uma nota coberta ⁴⁰ de apenas 20 segundos em que o apresentador do Jornal Nacional, William Bonner, fala do quarto dia de manifestações em São Paulo pedindo a saída do presidente Michel Temer do cargo e novas eleições, uma matéria de mais de quatro minutos ⁴¹, usando as manifestações do dia como gancho, é aberta da seguinte maneira pela apresentadora Renata Vasconcelos:

"Nem todos os atos públicos registrados no Brasil nas últimas semanas terminaram de forma pacífica. Houve alguns casos em que os protestos democráticos deram lugar ao vandalismo, à violência. Dois anos e sete meses atrás no Rio de Janeiro um desses momentos de tensão provocou a morte do cinegrafista Santiago Andrade, da TV Bandeirantes, no Rio de Janeiro. Até hoje, os dois acusados do crime não foram a julgamento".

Sem entrar no mérito do objetivo político da emissora ao relacionar os protestos em curso contra o governo Temer com a morte de uma pessoa após uma manifestação realizada quase três anos antes, fato é que a narrativa, da forma como foi construída, nos dá diversos insumos para pensar os gatilhos e formas de lembrar acontecimentos por parte da grande mídia, em particular da TV e do telejornal de maior influência no país.

Voltando à matéria, após a chamada, há o depoimento da filha de Santiago, Vanessa Andrade: "Já são mais de dois anos que a gente está vivendo esse sofrimento. É importante que a gente consiga ter uma luz no fim do túnel para esse caso". Com imagens repetitivas dos acusados em posturas vexatórias, a reportagem lembra que Caio Silva de Souza e Fábio Raposo, ambos de 24 anos, são acusados de acender e lançar o rojão que matou o cinegrafista da TV Bandeirantes:

"Ele foi atingido na cabeça, quando trabalhava na cobertura de um protesto, no Centro do Rio, em fevereiro de 2014. Caio e Fábio ficaram

⁴⁰ Termo em telejornalismo para definir nota cuja a cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens.

⁴¹ LUCCHESI, Bette. **Acusados pela morte de cinegrafista em manifestação estão soltos**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/acusados-pela-morte-de-cinegrafista-em-manifestacao-estao-soltos.html>>. Acessado em 8 set. 2016.

presos por 13 meses. Para o Ministério Público, ao lançar o rojão, os dois assumiram o risco de atingir alguém, e foram acusados de homicídio triplamente qualificado, por motivo torpe, sem dar chance de defesa à vítima e com uso de explosivos. Caio e Fábio foram soltos em março de 2015, depois que desembargadores do Tribunal de Justiça não aceitaram a denúncia" ⁴².

Em tom de cobrança, a reportagem sublinha que a decisão se os acusados vão ou não a júri popular agora cabe ao Superior Tribunal de Justiça e "se condenados, podem pegar até 30 anos de prisão". Mas se o STJ decidir que eles vão responder por homicídio culposo, sem intenção de matar ou pelo crime de explosão seguida de morte, continua a repórter, não haverá júri. "E as penas, em caso de condenação, podem ser mais brandas: até oito anos de cadeia", continua.

A narrativa se desenrola construindo linhas de raciocínio para fatos que não têm ligação direta com o caso, mas que contribuem para editorialização do conteúdo. Apesar do espaço de alguns segundos dado ao posicionamento do advogado dos acusados, a reportagem dá muito mais tempo e peso para a voz do Ministério Público e para as associações de imprensa que criticam a demora no julgamento e relacionam a morte do cinegrafista a outros tipos de ataques a jornalistas. É um caso típico de silenciamento de vozes por parte da mídia corporativa. Em nenhum momento - a não ser na voz da defesa dos acusados - é colocado que, apesar do ocorrido, não há dúvidas de que o rojão não era direcionado ao cinegrafista nem à imprensa. Ou seja, não foi um ataque intencional à imprensa como chegou a acontecer em outras ocasiões.

Também não são ouvidas opiniões de sindicatos e associações de imprensa sobre a responsabilidade da TV Band - já condenada pela Justiça em outras ocasiões por enviar profissionais a áreas de risco sem equipamentos de segurança ⁴³ - na morte do profissional. Ficou de fora ainda a informação de que os rojões de vara têm venda livre e não são considerados armas ⁴⁴. O texto termina novamente com o depoimento da filha do cinegrafista, clamando por Justiça. Esse exemplo ilustra bem a dinâmica de memória, silenciamento,

⁴² Idem.

⁴³ **Band é condenada por enviar cinegrafista para cobertura de risco sem equipamento de segurança.** Disponível em <<http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/80160-band-e-condenada-por-enviar-cinegrafista-para-cobertura-de-risco-sem-equipamento-de-seguranca>>. Acesso em 10 set. 2016.

⁴⁴ BERGAMIN, Giba. **Caixa de rojões como o que matou cinegrafista é vendida em SP a R\$ 70.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1410372-caixa-de-rojoes-como-o-que-matou-cinegrafista-e-vendida-em-sp-a-r-70.shtml>>. Acesso em 19 set. 2016.

enquadramento e esquecimento midiático a ser aprofundados nos próximos capítulos. Em nenhum momento na reportagem, as manifestações de 2013-2014 foram abordadas senão por esse ângulo e entendemos que um dos exercícios mais reveladores sobre a atuação da mídia é justamente pensar as possibilidades outras de construção de narrativas e discursos possíveis.

Menos de vinte dias após a longa matéria em tom de cobrança no maior telejornal do país, o Superior Tribunal de Justiça decidiu por acatar parte do entendimento do Ministério Público e os dois acusados irão a júri popular ⁴⁵.

1.4 Memória, imagem e jornalismo

Parece ser consenso - entre os pesquisadores de todas as áreas desde os primeiros registros em que a memória surgiu como questão - a relação intrínseca nas sociedades ocidentais entre memória e imagem ⁴⁶. Aristóteles chega a definir a memória como um "estado induzido por uma imagem mental" (1999, p. 77). Para ele, a memória, como faculdade de fazer referência ao que não está presente, pertence à "mesma parte da alma" da imaginação. Santo Agostinho - de maneira distinta - salienta o aspecto simbólico e de representação do pensamento ao observar que não são as coisas em si, mas suas imagens que ficam na memória, à disposição do pensamento evocador (1999, p. 96). Absolutamente fascinado pela memória e sem a pretensão de entender na totalidade essa capacidade humana, o teólogo e filósofo faz referência à linguagem simbólica que nos difere dos animais ao exemplificar: "se digo pedra, ou digo sol, sem que tais objetos estejam presentes a meus sentidos, certamente tenho suas imagens na memória, à minha disposição (p. 99)".

Paul Ricoeur, por sua vez, classifica como um "pequeno milagre" "a sobrevivência das imagens do passado, seja qual for a conjunção feita entre as noções de reconhecimento e de sobrevivência do passado" (2003, p. 6). Diz ele: "nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado"; "ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado".

⁴⁵ RODRIGUES, Matheus. **Acusados pela morte de cinegrafista vão a júri popular, decide STJ**. Disponível em <<http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/suspeitos-pela-morte-de-cinegrafista-vao-juri-popular-decide-stj.html>>. Acesso em 19 set. 2016.

⁴⁶ Sobre a relação entre imagem e memória ver também Fentress e Wickam (2003) e os experimentos de Barletts (2015).

E se imagem e memória parecem estar ligadas desde a Antiguidade, não é de se admirar que o crescimento exponencial da cultura da imagem a partir da Revolução Científico-Tecnológica da virada do século XIX para o XX (SEVCENKO, 2001, p. 124) tenha influenciado nos sistemas memoriais. Fausto Colombo sublinha a condição de testemunha proporcionada pela imagem e sua serventia como suporte para a lembrança. A fotografia, diz ele, é vista como a "possibilidade de conservar o transitório (COLOMBO, 1991, p. 44)", como "lembrança materializada (p. 49)" ou "exteriorização da própria lembrança (p. 50)". Na esteira dessa relação, nos propomos a pensar o papel da televisão nos sistemas de memória partindo do século XX.

Mas antes disso, cabe um aparte sobre os pontos de interseção entre memória e jornalismo. O consistente trabalho de Barbie Zelizer no campo traz importantes aspectos dessa conexão, a saber: jornalismo e memória têm sido muitas vezes usados como sinônimos (2014, p. 35), o jornalismo tornou-se uma plataforma mnemônica central (p. 35; p. 45), sem a mídia não haveria estudos de memória nem mesmo a noção de memória coletiva (p. 32), o crescimento do jornalismo é diretamente responsável pelo crescimento da memória (p. 42), o jornalismo é uma pré-condição para a memória (p. 42) e o desenvolvimento do jornalismo antecipa o futuro terreno dos estudos da memória (2014, p. 45).

É notória a capacidade do jornalismo para "encapsular" a amplitude da memória contemporânea, dando a ela forma e sentido através de narrativas (LEE e VOLKMER IN ZELIZER, 2014, p. 45, p. 50, ZELIZER, 2014, p. 198, p. 199). Outro aspecto importante para que o jornalismo seja a "membrana da memória social" é seu fácil acesso e larga distribuição (STURKEN apud ZELIZER, 2014, p. 85). Apesar de a união das duas esferas ocorrer tardiamente na academia, parece não haver dúvidas hoje de que a memória social é impensável sem a mídia (ERLL apud ZELIZER, p. 19), até porque o jornalismo molda os eventos e a memória deles é indissociável da cobertura jornalística (OLICK apud ZELIZER, p. 28, p. 29). É comum, inclusive, a pesquisa da memória ser, de fato, a pesquisa da mídia (ERLL apud ZELIZER, 2014, p. 19).

1.5 Memória coletiva e social

É na interseção entre jornalismo e memória que os conceitos de memória coletiva e social começam a se misturar e, por isso, cabe uma explanação sobre o que consideraremos memória coletiva. Trata-se, como definiu Halbwachs, em sua obra referência sobre o conceito, da memória dos grupos. Ele defende que, na verdade, a memória estritamente individual não passa de uma ilusão: isso porque somos seres sociais e estamos confinados dentro de uma sociedade que pauta nossos pensamentos e comportamentos, além de fazermos uso da língua comum, também coletiva (1990, p. 36). "Nós não percebemos que não somos senão um eco (p. 47)", afirma.

Apesar de usado de diversas maneiras, a concepção halbwachiana de memória coletiva é bem demarcada e não deveria ser apropriada em tantos campos como acontece hoje. Novamente: memória coletiva, define o sociólogo durkheimiano, é referente à memória de grupos: "Só temos a capacidade de nos lembrar quando nos colocamos no ponto de vista de um ou mais grupos" (1990, p. 36), sendo que "cada homem está mergulhado ao mesmo tempo e sucessivamente em vários grupos". (p. 79). Halbwachs é enfático ao afirmar que a memória coletiva não se confunde com a história e condena inclusive a expressão "memória histórica" (p. 80). A memória coletiva não ultrapassa os limites dos grupos (p. 82) e a história, por sua vez, "parece que precisa esperar que os antigos grupos desapareçam" (p. 109) para se consolidar.

Para Fentress e Wickam (2003), no entanto, Halbwachs peca ao diminuir em demasiado o papel do indivíduo na memória coletiva, ao não considerar as tensões entre a construção da memória individual e dos grupos e ao considerar as pessoas como meros repositórios de memórias coletivas. De fato, para o sociólogo francês, tudo gira em torno do coletivo: o pensamento individual não passa de "pontos de vista para o pensamento coletivo" (1990, p. 129). Para Halbwachs, a memória individual acaba sendo consolidada apenas em função das movimentações coletivas e da comoção social (1990, p. 63). Na linha que propõem Fentress e Wickam, Jean Duvignaud, curiosamente autor do prólogo do livro de Halbwachs 'Memória Coletiva', sugere uma mudança de rumo que pretendemos adotar neste trabalho: talvez a Sociologia encontre uma nova vocação tentando não mais reduzir o individual ao coletivo mas tentando saber por que no meio da trama coletiva da existência, a

individuação surge e se impõe (apud HALBWACHS, 1990, p. 16). Esse entendimento dialoga com a abordagem de Castells de que trataremos no próximo capítulo ao buscar o mapeamento das motivações individuais, muitas vezes de cunho emocional, para ir às ruas. Também é no plano individual que se dão os efeitos de ressonância e empatia - elementares para compreendermos a magnitude dos protestos - conforme veremos no capítulo 4.

Apesar de entendermos ser importante essa problematização e concordarmos que talvez não haja a contemplação da complexidade da memória individual no pensamento halbwachiano, nos parece que o conceito de memória coletiva é de longe o mais completo, consolidado e assertivo. O conceito de memória social de Fentress e Wickam não deixa de nos ser útil - apesar de por vezes demais generalizante e homogeneizador da sociedade - para diferenciar a memória coletiva, dos grupos, da memória que permeia a sociedade de forma mais ampla. Para Schartz (in ZELIZER et al., 2014, p. 212), em descrição que resume bem o que buscamos, a memória social ⁴⁷ é a distribuição, através da sociedade, do que os indivíduos sabem, acreditam e sentem sobre os eventos passados, como eles os julgam moralmente, quanto se identificam e quanto são inspirados por eles para balizar sua conduta. Usaremos, portanto, o termo memória social tanto nesse sentido, próximo ao que se chama de *zeitgeist* ⁴⁸ como em relação ao repositório da memória, institucional ou jornalístico.

1.6 Memória e televisão

De volta à tevê e a seu potencial mnemônico em diversas camadas, a verdade é que, pelo menos até a popularização da internet, o surgimento do "olho universal da televisão" é o fato mais relevante da história da comunicação social (COLOMBO, p. 19, 1991). Zelizer afirma que a televisão é referência e molda a memória coletiva (1992, p. 171). No Brasil, onde os espectadores passam, em média, quatro horas e 34 minutos em frente à televisão durante a semana e outras quatro horas e 14 minutos nos finais de semana ⁴⁹, não é difícil imaginar este potencial de conformação de memórias. A cobertura jornalística da TV, pautada

⁴⁷ O autor faz uso do termo coletiva (collective memory), mas, como explicitado, usaremos memória coletiva estritamente para tratar de memória de grupos, como o faz Halbwachs.

⁴⁸ Termo alemão cuja tradução significa espírito da época, espírito do tempo ou sinal dos tempos. O *Zeitgeist* significa, em suma, o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época, ou as características genéricas de um determinado período de tempo. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist>> Acesso em 9 set. 2016.

⁴⁹ **Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros.** Disponível em <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros>. Acessado em 28. mar. 2016

em imagens e narrativas, reúne diversas características que trazem veracidade aos relatos, dão autoridade de testemunho aos jornalistas - "autoridade de quem estava lá (ZELIZER, 1992, p. 129)" - preenchem de sentido os acontecimentos e, com a repetição - aspecto que vimos anteriormente -, consolidam-se na memória dos espectadores. Com três características essenciais - transmissão, documentação e armazenamento - a TV tornou-se o principal arquivo de memórias coletivas (ZELIZER, 1992, p. 194-195) e colocou os outros meios numa espécie de segunda classe (p. 165).

A pesquisadora Marialva Barbosa aborda uma outra camada da relação entre essas duas esferas que também nos é útil para pensar o objeto: a mídia é a memória do que é excepcional (2007, p. 51). A célebre frase "se um cachorro morde um homem, não é notícia, mas, se um homem morde um cachorro, é notícia" ⁵⁰ logicamente não esgota a questão do que é considerado fato noticioso, mas ilustra bem o que diz a pesquisadora. A própria narrativa da notícia é construída para alçar o acontecimento à categoria de extraordinário: "aprisionando o acontecimento em um suporte de excepcionalidade, a mídia reproduz a memória do que é excepcional" (BARBOSA, 2007, p. 51). Dessa forma, a seleção e produção de sentido do que deve ou não ser rememorado faz da mídia um "senhor da memória e também do esquecimento", avalia a autora em referência ao termo de Le Goff (1990, p. 427):

"Eternizar um dado momento é domesticar e selecionar a memória. Ao selecionar o que deve ser lembrado e ao esquecer o que deve ficar em zonas de sombra e de silêncio, os meios de comunicação tornam-se também senhores da memória". (BARBOSA, 2007, p. 51)

1.7 Novos caminhos da memória mediada

Sabemos, no entanto, que o jornalismo e a Comunicação estão em franca e exponencial transformação e o posto privilegiado quase exclusivo da mídia de "senhora da memória" a que Barbosa (2007, p. 51) se refere passa a ser dividido com outros meios e agentes a partir do surgimento e da consolidação da estética da mídia-multidão a serem examinadas no segundo capítulo. Kari Anden-Papadopoulos aprofunda essa questão e diz que a natureza do trabalho de memória jornalística está transformando a ecologia de memória e de

⁵⁰ A frase muito repetida em redações de jornal, principalmente para profissionais principiantes, já foi creditada a diversos jornalistas norte-americanos. Mas segundo o site *quote investigations*, que verifica a origem de frases famosas, a primeira aparição registrada da frase foi feita no livro "The Stolen Story and Other Newspaper Stories", de Jesse Lynch Williams, em 1899, e afirmação foi feita pelo personagem fictício Billy Woods no capítulo "The Old Reporter". Ver <http://quoteinvestigator.com/2013/11/22/dog-bites/>

produtores, não mais concentrados nas mídias tradicionais e nos jornalistas - particularmente no que tange a produção de vídeos - "quando cidadãos que carregam smartphones estão substituindo jornalistas profissionais como testemunhas oculares nas *breaking news* (IN ZELIZER et al., 2014, p. 142)". As memórias mediadas estão em exponencial metamorfose: elas podem estar super localizadas antes de serem mobilizadas tanto verticalmente através de organizações de mídia quanto horizontalmente através de celulares e sites de mídia social (ANDEN-PAPADOPOULOS in ZELIZER, 2014, p. 150).

Logicamente, as Organizações Globo, que em 2014 mudaram a marca para Grupo Globo ⁵¹, acompanham essa transformação. Em 2011, publicaram seus princípios editoriais, com o objetivo de se diferenciar desse tipo não profissional de narrativa e "facilitar o julgamento do público sobre o trabalho dos veículos, permitindo, de forma transparente, que qualquer um verifique se a prática é condizente com a crença" (GLOBO, Grupo, 2011, p.1). Isso porque na Era Digital, afirmam no mesmo documento, "o indivíduo isolado tem facilmente acesso a uma audiência potencialmente ampla para divulgar o que quer que seja".

Vemos, portanto, posicionamentos institucionais cada vez mais comuns por parte da emissora em virtude, possivelmente, da disseminação de críticas, da readequação de práticas, e da tentativa de acompanhar as mudanças e se manter em lugar privilegiado como referência mnemônica. Mas fato é que os vídeos criados pela multidão já trazem profundas mudanças no poder e na representação política, além de dar chance a novas e diversas vozes de entrar nas notícias e reformular as memórias. Um exemplo disso no contexto dos protestos foi a morte da jovem iraniana Neda Salehi Agha-Soltan, assassinada por um membro da milícia Basij durante manifestações de rua no Irã em 2009 contra os resultados das eleições que reelegeram o presidente Mahmoud Ahmadinejad. As imagens da morte de Neda - que olha para a câmera de celular enquanto perde a vida - se difundiram de forma viral na internet e, a partir disso, foram amplamente difundidas pela mídia corporativa (ver sequência de imagens abaixo). Trata-se sem dúvida de uma das mortes com mais testemunhas da história da humanidade. Sua história virou o documentário "For Neda" (censurado no Irã) e símbolo para os opositoristas ao regime vigente no país.

⁵¹ Sobre isso, ver **Organizações Globo adotam nova marca: Grupo Globo**. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/economia/organizacoes-globo-adotam-nova-marca-grupo-globo-13739502>>. Acesso em 20 mai 2016.

Figura 4 - Sequência de imagens mostra o momento da morte de Neda Agha-Soltan



Fonte: youtube ⁵²

Sobre esse caso, cabe um aparte curioso que diz muito sobre a contemporaneidade e dialoga com a abordagem da pós-verdade, a ser tratada no fim deste capítulo. Ao virar o rosto símbolo do protesto iraniano que tirou sua vida em 2009, Neda Salehi Agha-Soltan teve a foto reproduzida milhares de vezes em todo o mundo. Mas com um pormenor: a face exibida nas fotos não era dela, mas sim da professora universitária de nome similar Neda Soltani ⁵³. Como a família da jovem morta demorou aproximadamente 48 horas para divulgar suas imagens, jornalistas, blogueiros e internautas recorreram ao Facebook para buscar o retrato da jovem e a foto da professora de nome parecido acabou sendo amplamente usada:

"Para mim, era chocante ver meu rosto ao lado do vídeo de Agha-Soltan. Quando vi pessoas em todo o mundo fazendo manifestações nas ruas usando minha foto – com altares simbólicos, velas – era como se eu estivesse assistindo ao meu próprio funeral” ⁵⁴.

A ocorrência foi além: sentindo-se agredido pela atenção dada à morte de Agha-Soltan em todo o mundo, agentes do governo iraniano pediram à professora que os ajudassem a sugerir que a morte de Neda Agha-Soltan não acontecera, "que se tratava de uma propaganda contra o Irã". Queriam, contou ela, dizer que a foto não fora tirada de seu Facebook, mas sim

⁵² **Neda Agha Soltan, killed 20.06.2009, Presidential Election Protest, Tehran, IRAN.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=76W-0GVjNEc&bpctr=1497751738>>. Acesso em 29 jan. 2017.

⁵³ **Mulher tida como mártir de protestos no Irã relata pesadelo por troca de identidade.** Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121114_ira_foto_facebook_dg.shtml>. Acesso em 29 jan. 2017.

⁵⁴ Idem.

"divulgada pela União Europeia". Ao se recusar a colaborar com os agentes, a professora perdeu contato com amigos e com o namorado, foi presa, ameaçada e teve de fugir do país.

Em aspecto relacionado à memória, a professora faz graves acusações à mídia corporativa. Os jornalistas que receberam a retificação e o pedido para que sua foto não fosse mais usada recusaram-se, segundo ela, a corrigir a informação:

"Eu aceitei todas as pessoas que me adicionaram no Facebook – muitos deles jornalistas internacionais e blogueiros – e expliquei que se tratava de um erro, que eu não era a pessoa que havia sido morta no dia anterior. Alguns blogueiros fizeram atualizações, mas os jornalistas que receberam a mensagem não reagiram. Minha foto continuou sendo usada”⁵⁵.

A professora diz que, ao olhar para trás, guarda a maior mágoa justamente da imprensa ocidental e corporativa: "Eles continuaram usando minha foto mesmo sabendo que eu não era a vítima daquele trágico vídeo. Eles conscientemente me expuseram a um perigo extremo”⁵⁶.

Figura 5 - Neda Agha-Soltan, a jovem que morreu (esq.) e Neda Soltani, vítima do engano



Fonte: BBC/ AP

Curiosidade à parte, vale ressaltar que o papel anteriormente quase único do jornalista na produção do que é reconhecido e se torna memória é, portanto, colocado em xeque nessa nova configuração em que memórias pessoais podem, facilmente, se tornar gravações públicas que, por sua vez, podem ser arquivadas, apropriadas e recicladas em novos e poderosos meios (ANDEN-PAPADOPOULOS in ZELIZER et al., 2014, p. 150). A

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

conformação das memórias transcende, por conseguinte, o jornalismo e as organizações midiáticas estabelecidas e dá lugar a uma polifonia e fragmentação de memórias jamais vista.

Acerca da polifonia, de que trataremos em outras ocasiões, buscamos inspiração no conceito bakhtiano que perpassa a obra do autor. Nas palavras de Ribeiro (1995):

"um enunciado está sempre interagindo com outros enunciados. E esses outros enunciados com os quais ele interage estão presentes nele na forma de vozes. Não existe, portanto, um enunciado puro: qualquer discurso está sempre impregnado pelas vozes de outros discursos com os quais ele dialoga. E é a multiplicidade de vozes em interação (confronto) no interior de um texto que Bakhtin chama de polifonia".

A polifonia consiste, assim, "em uma conjuntura textual na qual diferentes vozes podem ser ouvidas (como numa música) com força e ressonâncias independentes" (Ribeiro, 1995, p.4). O autor de qualquer texto não é, portanto, o único responsável pelas representações presentes nele: na sua narrativa há muitas vozes além da sua. No contexto midiático analisado, associamos a polifonia à multiplicidade de vozes para além da análise do discurso em si, como componente de um mosaico que resulta em um discurso mais ou menos múltiplo em sentidos e interpretações.

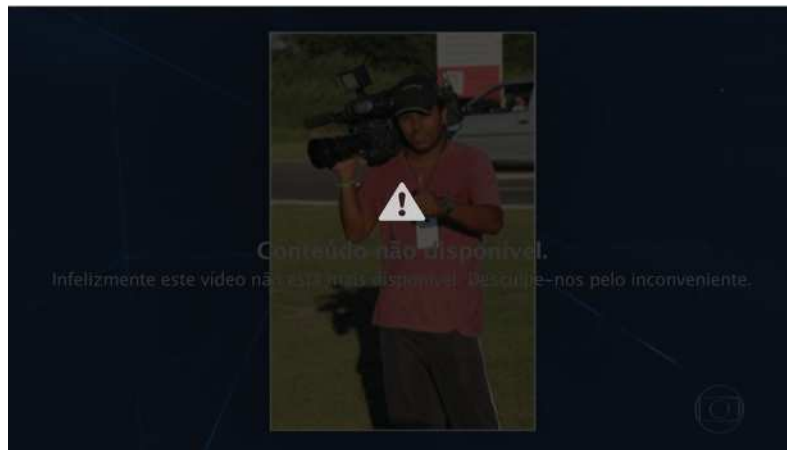
1.8 Futuros da memória

Apesar de não duvidarmos do potencial transformador e disruptivo das novas mídias e seus usos em relação ao poder estabelecido, a própria perspectiva da memória (e do esquecimento) que nos guia por esse trabalho traz um olhar crítico - e também mais de longo prazo - sobre o que estamos reunindo como referências de nosso tempo para as próximas gerações e para nós mesmos. Dezenas de arquivos, textos, imagens, sites e vídeos consultados em 2013 sobre as manifestações não estão disponíveis na internet. Mesmo fontes examinadas ao longo de toda a pesquisa, de uma hora para outra, já não estavam mais acessíveis.

Se já supúnhamos, de alguma forma, que a rede tem a efemeridade como marca, o longo percurso em busca de material para essa pesquisa nos trouxe a certeza de que nada na internet deve ser considerado acervo ou material perene de consulta. Essa convicção veio com o desaparecimento, sem quaisquer avisos, explicação ou chances de recuperação, de conteúdos essenciais para nossa busca, muitos dos quais, felizmente, já havíamos consultado.

Um deles é a matéria do Jornal Nacional, de 8 de setembro de 2016, detalhada anteriormente. Para a nossa decepção, quando voltamos a ela a fim de buscar imagens ilustrativas para este trabalho, o conteúdo em vídeo já não estava disponível ⁵⁷. Na plataforma Globo Play, que em tese disponibiliza todas as edições na íntegra do Jornal Nacional, nenhuma menção à matéria. No G1 ⁵⁸, que reúne as edições do JN até 2014, igualmente não havia o vídeo. Oportunamente já havíamos buscado e detalhado o que nos interessava, mas e se não o tivéssemos feito? E se essa pesquisa tivesse início em junho de 2017, não em 2014 quando começamos a pensar no projeto? Qual o prejuízo dessa ausência de legislação e políticas públicas para a preservação da memória televisiva do país, para a pesquisa acadêmica e para a memória em geral?

Figura 6 - Vídeo que analisamos neste capítulo não está mais disponível



Fonte: G1 ⁵⁹

Da mesma forma, conteúdos importantes para a pesquisa não foram disponibilizados pela Globo. Na busca pelas edições na íntegra do Jornal Nacional, em particular pelo quarto bloco da edição de 20 de junho - dia em que a emissora transmitiu os protestos ao vivo - e pelas matérias finais do dia 22 de julho - quando o repórter Paulo Renato Soares disse, na última reportagem disponível, que voltaria com imagens dos confrontos entre polícia e

⁵⁷ LUCCHESI, Bette. **Acusados pela morte de cinegrafista em manifestação estão soltos**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/acusados-pela-morte-de-cinegrafista-em-manifestacao-estao-soltos.html>>. Acessado em 8 set. 2016.

⁵⁸ **Jornal Nacional**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/>>. Acessado em 8 set. 2016.

⁵⁹ LUCCHESI, Bette. **Acusados pela morte de cinegrafista em manifestação estão soltos**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/acusados-pela-morte-de-cinegrafista-em-manifestacao-estao-soltos.html>>. Acessado em 8 set. 2016.

manifestantes -, fui direcionada à área de Conteúdo, baseada em São Paulo e ligada ao setor comercial. Para quaisquer pesquisas por matéria, informou a área em troca de e-mails, haveria a cobrança de R\$ 200 por reportagem, preço praticado 'para uso educacional' ⁶⁰. Se o interesse fosse pela edição na íntegra, o valor cobrado seria de R\$ 500 por edição, não sendo possível informar, de antemão, se o conteúdo pesquisado de fato existe nos arquivos - isso se dá depois de 20 dias úteis após o pagamento.

Um detalhe neste percurso evidencia ainda mais o foco comercial na administração de conteúdos: foi pedido, em virtude de um equívoco, edições que não existiam, com datas de domingo, quando não há JN. Mesmo assim, esse alerta não foi feito pela emissora e, em princípio, o conteúdo seria cobrado. Com o argumento de que todo o conteúdo do JN estava disponível na plataforma Globo Play e que essa disponibilização era, inclusive, ressaltada diariamente pelos âncoras do telejornal, bastando, portanto, que, alertada dessa falha, a emissora incluísse o que não estava disponível, a área alegou não poder repassar a sugestão de inclusão das matérias identificadas para o setor responsável nem o contato dos que gerenciam a plataforma Globo Play. O único canal possível era o de atendimento ao telespectador.

Em contato com este último, foi informado por telefone que o caminho para se chegar à área responsável pela plataforma Globo Play seria o canal de assinantes da Globo.com. Verifiquei então que, para fazer contato com o setor, seria necessário possuir assinatura paga. Realizei a subscrição e, em contato, via e-mail e chat ⁶¹, fui informada de que os conteúdos tinham sido retirados do ar em função de direitos autorais, conforme figura a seguir. Vale pontuar que mesmo para assinantes, o sistema de busca na plataforma tem falhas, não permite busca avançada por termos ou específica por telejornal. Ao buscar por 'mídia ninja', não vem como resultado matéria sobre a prisão de Bruno Teles no JN de que trataremos no capítulo 4, por exemplo, ainda que o termo tenha sido dito textualmente e escrito nos créditos. Apesar das lacunas e do tratamento comercial, não temos dúvidas de que o acesso aos conteúdos da TV Globo é muito mais fácil do que seria se buscássemos vídeos de quaisquer outras emissoras. Mesmo a indexação do telejornal não sendo exemplar, a memória é uma grande preocupação do grupo e conta com setor, estrutura, consultoria e equipe para este fim ⁶².

⁶⁰ Conforme troca de e-mails realizada em maio de 2017.

⁶¹ Os contatos foram feitos através da plataforma Globo.com, com uso de login e senha de assinante, em junho de 2017.

⁶² Ver **MEMÓRIA GLOBO - QUEM SOMOS**. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/quem-somos/> >. Acesso em 13 jun 2017.

Figura 7 - Reprodução de conversa, via chat, com Globo.com

<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:17:47 Vejo que gostaria de ter acesso a duas edições completas do Jornal Nacional ? correto ?</p>	<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:21:41 Essa é a última matéria que consta no dia 22, sendo que o repórter diz que voltará depois, mas não há mais conteúdos.</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:18:08 Olá, boa noite. Gostaria de acessar o quarto bloco da edição do dia 20 de junho de 2013 e a edição completa do dia 22 de julho de 2013. Você pode me ajudar, Rita?</p>	<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:22:20 Qual o mês ?</p>
<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:19:29 Esta tentando o acesso por qual dispositivo ? por gentileza .</p>	<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:22:27 O mesmo acontece no dia 20 de junho de 2013, quando é informado que o JN terá um quarto bloco, mas este não está disponível.</p>
<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:20:58 Esta no atendimento ?</p>	<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:26:14 não precisa pressa em responder, posso esperar, mas precisava mesmo de uma resposta mais definitiva sobre essas duas edições.</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:21:04 Globo Play</p>	<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:26:25 posso esperar sua pesquisa sem problemas</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:21:09 estava pegando o link correto</p>	<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:27:34 Entendo, um momento por favor estou verificando para você .</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:21:11 https://globoplay.globo.com/v/2708976/programa/</p>	<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:27:46 ok, obrigada, Rita</p>
<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:22:31 O ano é 2013? correto ?</p>	<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:31:39 Obrigada por aguardar , desculpe a demora ,</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:22:45 Dia 22 de julho de 2013</p>	<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:32:42 Identificamos que a íntegra do Jornal Nacional , não está disponível . Por motivo de direitos autorais de alguma matéria dos dias em questão , por isso é retirado do aplicativo .Pedimos desculpas, pelo transtorno causado e agradecemos a compreensão.</p>
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:22:51 e 20 de junho de 2013</p>	
<p>RITA DE CASSIA</p> <p>20:24:01 Dia 23/06 não há íntegra?</p>	
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:24:34 note, por favor as datas. novamente: 20 de junho de 2013 e 22 de julho de 2013</p>	
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:24:59 20 de junho de 2013 - não está disponível o quarto bloco do programa</p>	
<p>Tiana Eilwanger</p> <p>20:25:19 22 de julho de 2013 - o final do JN não está disponibilizado.</p>	

Fonte: a autora

Decidimos expor detalhadamente esse percurso por entendermos que se trata de uma questão crítica e, muitas vezes, impeditiva para a realização de pesquisas no Brasil. A memória televisiva, fruto de concessão pública e tão importante para a conformação da memória social do país, fica restrita à disponibilização por parte de empresas privadas. Ainda que as trajetórias televisivas do Brasil e da França sejam muito diferentes e em parte

justifiquem a diferença de tratamento - até 1996, a TV francesa era toda pública -, vale citar o contexto francês, em que todo conteúdo audiovisual, de rádio, TV e Internet, é disponibilizado, em parte gratuitamente, para pesquisa e usos diversos, e também trabalhado proativamente pela empresa pública INA (Institut national de l'audiovisuel) ⁶³. O instituto administra 45.200 horas de imagens e sons e conta com 157 milhões de visualizações de vídeos por mês. O material, em parte comercializado, é organizado também por temas: são mais de 3 mil agrupamentos de conteúdo sob os guarda-chuvas da política, cultura e arte, ficção, entretenimento, história e conflitos, por exemplo.

Não à toa, a historiadora Abby Smith Rumsey, em seu robusto tratado sobre a longa e tortuosa história da humanidade na busca por preservação das memórias (*When We Are No More*), destaca a importância das instituições e do financiamento público - uma vez que empresas privadas, incluindo as que gerem as redes sociais e sites de busca, não têm compromisso com o acesso e preservação do acervo no longo prazo e no resguardo do que hoje conforma nossas memórias. A importância de instituições públicas bem estruturadas vale também para novas formas de memória. Quando em 2010, a Livraria do Congresso norte-americano anunciou que arquivaria para fins de documento histórico todos os *tweets* públicos de 2006 em diante, houve quem achasse exagero e questionasse a legitimidade das redes como fonte de informação da sociedade. Um ano depois, com a irrupção do movimento que ficou conhecido no Ocidente como Primavera Árabe, a relevância histórica do conteúdo *online* ficaria evidente.

Isso porque a trajetória das conversações nas redes cria novas formas de enxergar os registros e pensar a memória. Antoun e Malini (2013) afirmam que o uso das hashtags permite dar voz, agenda e volume a conteúdos diferentes dos determinados pelas corporações de mídia e profissionais das campanhas políticas, por exemplo. Os autores citam hashtags utilizadas na campanha de 2010 e o "conjunto de histórias não programadas pelos marqueteiros das campanhas" (p. 204) que vieram a partir delas. Podemos fazer a mesma análise ao pensarmos os aglutinadores de conteúdo utilizados nas manifestações, a exemplo de #TodosContraFeliciano, #SomosTodosGuaraniKaiowas, #MarcoCivil, #DesmilitarizaçãoDaPM, #NãoÉPor20CentavosÉPorDireitos, #CopaPraQuem, #VdeVinagre, #CuraGay, #TarifaZero e #PasseLivre, #CopaPraQuem, #OPovoNaoÉBoboForaRedeGlobo

⁶³ Ver site do INA. Disponível em <<http://www.ina.fr/>>. Acesso em 18 jun 2016.

que criam novos percursos discursivos, formas de narrativa e memória, conforme veremos com mais detalhes no capítulo 4.

Afirmam os autores: "essa é uma 'nova história', feita por muitos, mas que ainda não chega a todos, sem dúvida. Mas ela está aí, registrada, e é ela que perdura na memória ilimitada da rede" (p. 204). Desconfiamos, no entanto, de que ela de fato perdure se não for bem trabalhada, sistematizada e arquivada como propõe Rumsey ou como passou a fazer o Congresso norte-americano. A busca por hashtags é bem mais complexa - e por vezes impossível de ser realizada - do que a de conteúdos disponibilizados em sites .com e variações. Não é possível, por exemplo, fazer uso do Google para buscar temas agrupados por hashtags. No Facebook - e essa tendência está começando a ser seguida também pelo twitter - os resultados para tais investigações são cada vez mais dados de acordo com os algoritmos utilizados pela empresa, que criam, como detalharemos no capítulo 3, bolhas de conteúdos, com priorização para publicações de amigos, por exemplo. Buscar material antigo na rede social pode demandar dias de dedicação caso a página tenha grande quantidade de material disponibilizado. Trata-se, sem dúvida, de uma escolha da empresa, pois poderiam ser disponibilizadas possibilidades de procura nas páginas por mês e ano, por exemplo.

O motivo para essa preocupação com o futuro da nossa memória é, portanto, simples e resumido de forma assertiva por Rumsey: a internet não é uma livraria, sua imagem é mais próxima à de um quadro de avisos (2016, kindle). Vimos isso na prática, em diversos momentos, com a presente pesquisa. Dois desaparecimentos ocorridos em 2017 são especialmente lamentáveis. O site Causa Brasil, que por anos, mapeou as motivações dos manifestantes a partir do conteúdo de postagens que continham ao menos uma das 100 principais *hashtags* ligadas às manifestações, não está mais acessível. A metodologia de análise era a única peça restante no ar em junho de 2017 ⁶⁴, mas não há nenhum contato disponibilizado, e a viabilidade de aferir as reivindicações dos manifestantes agrupadas por temas em cada dia do ano, possibilitando recortes infinitos e reveladores com base em milhões de dados capturados das redes, já não existe mais. Conseguimos extrair dados da plataforma, como podemos ver no capítulo 2, mas as perguntas feitas acima quando tratamos da indisponibilidade do conteúdo da TV Globo, repetem-se nesse caso.

⁶⁴ Ver Metodologia utilizada na plataforma. Disponível em <https://docs.google.com/document/d/1LNAycH0NUgC_smPfG7CkiuePUGsCAPisrQml7OSCZP4/edit> Acesso em 20 jan. 2017.

Também saiu do ar o antigo site da Mídia Ninja que nos abasteceu de inúmeras referências para que pudéssemos detalhar os posicionamentos do coletivo, tal qual fizemos no capítulo 4. Nesse caso, a justificativa foi a saída do ar da plataforma de conteúdos Oximity, onde o site estava hospedado. Adquirida pela empresa de venda de assinatura de pacotes de leitura Scribd, o serviço oximity.com não está mais disponível. A plataforma abrigava diversos sites independentes de notícias e de conteúdos gerados por usuários do mundo inteiro; agora, dizem, estão "aplicando sua tecnologia e aprendizado para o Scribd"⁶⁵. Curioso é que, mesmo sendo relevante enquanto estava no ar, não é fácil achar referências ao findo site na internet: é quase como se o serviço da oximity nunca tivesse existido, fato que poderia inclusive motivar estudos na área de memória. Em relação à MN, não haveria problema se o novo site - midianinja.org - fosse o mesmo, mas a versão atual dispõe de apenas três seções: Colunistas - em que são apresentados o time de pessoas que escreve e grava vídeos para o coletivo -, Opinião - que disponibiliza as colunas - e Financie, voltado para pedido de doações. Não há mais a seção 'Quem Somos' e o conteúdo de Perguntas Frequentes foi reduzido e incluído na seção Financie.

A plataforma Pós TV, utilizada para as transmissões dos primeiros protestos ao vivo da MN, também não está mais disponível na internet. Apesar de termos acompanhado em tempo real diversas transmissões, não conseguimos voltar a muitas delas durante a pesquisa. A primeira transmissão do Rio disponível na rede, por exemplo, data de 30 de junho.

Em contato com o coletivo, mais especificamente com Ana Pessoa Gonçalves Garcia, gestora do núcleo audiovisual da MN⁶⁶, fui informada que a ideia, no futuro, é disponibilizar "organizadamente as transmissões ao vivo e a lista também do material que temos no nosso acervo junto com um sistema de financiamento coletivo (...). Mas isso ainda daqui um tempo". O coletivo confirmou a perda total de muitas transmissões ao vivo, principalmente as do início de junho de 2013, quando era utilizado canal pago - Ustream⁶⁷ - "e perdemos essa conta há muito tempo"⁶⁸. Acerca do material de perguntas e respostas e posicionamentos da MN, Garcia informou que há em curso iniciativa de aprimoramento de "uma plataforma onde

⁶⁵ Explicação disponibilizada no antigo link da plataforma. Disponível em <<http://www.oximity.com/>>. Acesso em 18 de jun. 2016

⁶⁶ Em troca de e-mails e mensagens através do Facebook ao longo de maio e junho de 2017.

⁶⁷ Ver Ustream.tv. Disponível em <<http://www.ustream.tv/>>. Acesso em jun 2017.

⁶⁸ Em troca de e-mails e mensagens através do Facebook ao longo de maio e junho de 2017.

vamos ter mais conteúdos explicativos sobre a Mídia NINJA e o Fora do Eixo”, mas não há previsão para que isso ocorra.

Apesar das intenções da MN, fato é que, quatro anos depois das Jornadas de Junho, o os melhores contrapontos à memória narrativa do JN acerca dos protestos de 2013 no Rio não são os vídeos da MN como o eram durante as manifestações. No twitcasting em que estão disponibilizadas, as imagens ao vivo carecem de descrição e mesmo de títulos que facilitem a localização do material que se busca. Os materiais da MN contribuíram para a produção de diversas edições por internautas, mas por não haver uma preocupação, até o momento, com a memória, há pouco trabalho por parte do próprio coletivo com o conteúdo produzido ⁶⁹. Por outro lado, filmes como a produção 'Rio em Chamas', disponibilizada na íntegra no YouTube ⁷⁰ e as edições realizadas pela produtora 202 Filmes ⁷¹ ou por agentes independentes ⁷² consolidam-se hoje como boas peças de memória daqueles dias com recorte na cidade do Rio. Dessa forma, apesar das mudanças em curso, cabe reafirmar o lugar do filme como suporte privilegiado de memória, tal qual escreveu Pollak em 1992 (p.9):

"Ainda que seja tecnicamente difícil ou impossível captar todas essas lembranças em objetos de memória confeccionados hoje, o filme é o melhor suporte para fazê-lo: donde seu papel crescente na formação e reorganização, e portanto no enquadramento da memória. Ele se dirige não apenas às capacidades cognitivas, mas capta as emoções".

Na própria TV Globo, como veremos neste trabalho, também há exemplos de contrapontos à narrativa do JN, entre os quais o programa 'Profissão Repórter' de Caco Barcellos sobre o tema ⁷³. Em termos de escala, no entanto, há de se supor que o JN,

⁶⁹ Um deles é **NINJA RUAS**. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI&index=1&list=PLmsK4TGRR2BHi_cejPO22qAm8GKJ22Foo >. Acesso em 22 set. 2016.

⁷⁰ **RIO EM CHAMAS - filme completo**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=9ZGv0MJqmCc&t=193s> >. Acesso em 22 set. 2016.

⁷¹ Ver **28 um pulo na Central, Manifestação contra o aumento das passagens - Rio de Janeiro (13 de junho/13), Manifestação contra o aumento - Rio de Janeiro 17 de junho de 2013** e outras produções do canal agrupadas por Manifestações Rio de Janeiro Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NJX5d2F4tiI>>, <<https://www.youtube.com/watch?v=aY5rDZziWQ0>> e < <https://www.youtube.com/watch?v=mTGC1182-tU&t=9s> >, respectivamente. Acesso em 22 set. 2016.

⁷² Ver também **FILME 100 MIL RJ**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1YDLRmGYfm8> >. Acesso em 22 set. 2016.

⁷³ BARCELLOS, Caco. **Profissão Repórter -- Manifestações (18/06/2013) HDTV**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps> >. Acesso em 13 jun 2017.

disponível em plataformas mais abrangentes, consolidadas, organizadas e acessíveis, será, provavelmente, uma das principais referências para a memória das manifestações.

Outro sinal de alerta surge quando pensamos na fragilidade dos meios físicos que suportam a tecnologia em que depositamos nosso conhecimento e memória. Quem tem mais de 30 anos já viu a mudança de tecnologia e de arquivamento passar por diversas mídias: disquete, CD, DVD, cartão de memória, zipdrive, pen drive e HD externo portátil, por exemplo ⁷⁴. Se por um lado, nunca vivemos tanto em função do registro de experiências e colecionamos individual e coletivamente tal número de arquivos, por outro, as tecnologias de armazenamento surgem como solução e rapidamente ficam obsoletas levando com elas dados e memórias que nunca mais serão recuperados. Com a tendência de armazenamento na chamada nuvem ⁷⁵ (ou computação em rede ⁷⁶) - que também tem falhas de segurança ⁷⁷, outros milhões de arquivos serão perdidos com o possível fim da era do computador pessoal ⁷⁸. Foi o que aconteceu, por exemplo, com todo acervo de posts e comentários da fanpage do grupo Mídia Ninja ⁷⁹, extraído pelo Labic e que deveria estar no Dropbox - serviço para armazenamento e partilha de arquivos na nuvem -, mas não está acessível através do link inicialmente disponibilizado ⁸⁰. De acordo com o professor Fabio Malini, em troca de e-mails

⁷⁴ PEREIRA, Milena. **Do disquete ao pendrive: veja a evolução do armazenamento móvel**. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/do-disquete-ao-pendrive-veja-evolucao-do-armazenamento-movel.html>>. Acesso em 22 set. 2016.

⁷⁵ **Investimentos em computação em nuvem crescem no Brasil**. Disponível em <<http://www.vert.com.br/blog-vert/como-cloud-computing-ganha-espaco-no-dia-a-dia-das-pessoas/>>. Acesso em 7 set. 2016

⁷⁶ Refere-se à utilização da memória e da capacidade de armazenamento e cálculo de computadores e servidores compartilhados e interligados por meio da internet, seguindo o princípio da computação em grade. O armazenamento de dados é feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenamento de dados. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da internet - daí a alusão à nuvem. Ver **Computação em nuvem**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Computa%C3%A7%C3%A3o_em_nuvem#cite_note-3>. Acesso em 7 set. 2016.

⁷⁷ Os chamados ataques *phishing* (forma de fraude eletrônica, caracterizada por tentativas de adquirir dados pessoais de diversos tipos; senhas, dados financeiros como número de cartões de crédito e outros dados pessoais) na categoria Armazenamento de Dados na Nuvem tem aumentado nos últimos anos de acordo com a empresa russa Kaspersky Lab. Ver **Brasil aparece em primeiro lugar no ranking de ataques phishing**. Disponível em <<http://itforum365.com.br/noticias/detalhe/117665/brasil-aparece-em-primeiro-lugar-no-ranking-de-ataques-phishing>>. Acesso em 7 set. 2016.

⁷⁸ Para Cesar Taurion, estamos vivendo a transição da era do Personal Computer (PC) para a era da Personal Cloud. "Ou seja, saímos do modelo mental MyDocuments para MyDropBox. Na prática, estamos vendo o surgimento de novas tecnologias móveis como tablets e smartphones em um mundo cada vez mais conectado. Gradualmente o mundo centralizado no PC, que durante 30 anos foi o ponto central da computação pessoal, está migrando para a computação em nuvem, onde o PC é um dos participantes". Ver **Computação em nuvem**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Computa%C3%A7%C3%A3o_em_nuvem#cite_note-3>. Acesso em 7 set. 2016.

⁷⁹ Ver MALINI, Fabio. **LABIC libera todo acervo de posts, comentários e imagens da fanpage grupo Mídia Ninja**. Disponível em <<http://www.labic.net/blog/projetos/procad/labic-libera-todo-acervo-de-posts-comentarios-e-imagens-da-fanpage-grupo-midia-ninja/>>. Acesso em 7 set. 2016.

⁸⁰ De acordo com o artigo de Malini, o download do conteúdo poderia ser feito através do link <<https://www.dropbox.com/sh/xhntxsttdtde0r8/A9iEM2hKEg>>

em maio e em junho de 2017, apenas o acervo de imagens foi localizado e, gentilmente, cedido à autora para ilustrar este trabalho. Assim, a ameaça do esquecimento surge da própria tecnologia a que confiamos a extensa quantidade de registros contemporâneos, "aquela mais significativa parte da memória cultural do nosso tempo" (HUYSSSEN, 2014, kindle).

Sobre a memória digital, Rumsey afirma que ela "é onipresente ainda que inimaginavelmente frágil, e ilimitada no escopo, ainda que inerentemente instável" ⁸¹ (2016, kindle). Huyssen também chama a atenção para esse aspecto: "É uma das grandes ironias da era da informação. Se não encontrarmos métodos de preservação duradoura de registros eletrônicos, esta pode ser a era sem memória" (2014, kindle). Por isso, além das grandes chances de nosso objeto ser paulatinamente "esquecido" - ou reduzido em sua complexidade - pela mídia corporativa, devemos nos preocupar também com as capacidades de os coletivos e ativistas manterem boa parte dos arquivos acessível daqui a alguns anos, décadas e mesmo séculos.

Além disso, se hoje a digitalização de arquivos é relevante para sua perpetuação e acesso como mostram os movimentos de bibliotecas e museus em todo o mundo, a legislação de direitos autorais atrapalha essa disponibilização, inclusive por parte das emissoras como vimos anteriormente, e coloca em risco obras importantes para a memória da humanidade. De acordo com Marcos Souza, ex-coordenador-geral de direitos autorais do Ministério da Cultura (MinC), quase 80% do acervo digitalizado pelo Google Books não pode ser colocado na web por causa de direitos autorais, por exemplo. A Brasiliana, biblioteca digital da USP, não pôde digitalizar obras raras de Guimarães Rosa. A Cinemateca Brasileira viu o original do filme "A Hora e a Vez de Augusto Matraga" (1965), de Leonardo Villar, se deteriorar em função de briga dos herdeiros envolvendo cobranças pela digitalização da obra. Em 2016, um incêndio atingiu o acervo da Cinemateca e obras cuja digitalização não tinha sido autorizada se perderam. ⁸² Exemplos como esse são recorrentes e há chances inclusive de retrocesso. Segundo Souza, há entidades de proteção aos direitos autorais questionando o direito de bibliotecas poderem emprestar livros porque "isso fere os direitos autorais" ⁸³. Essa legislação que, como vimos, foi citada pela Rede Globo para retirar conteúdo do ar, também prejudica a

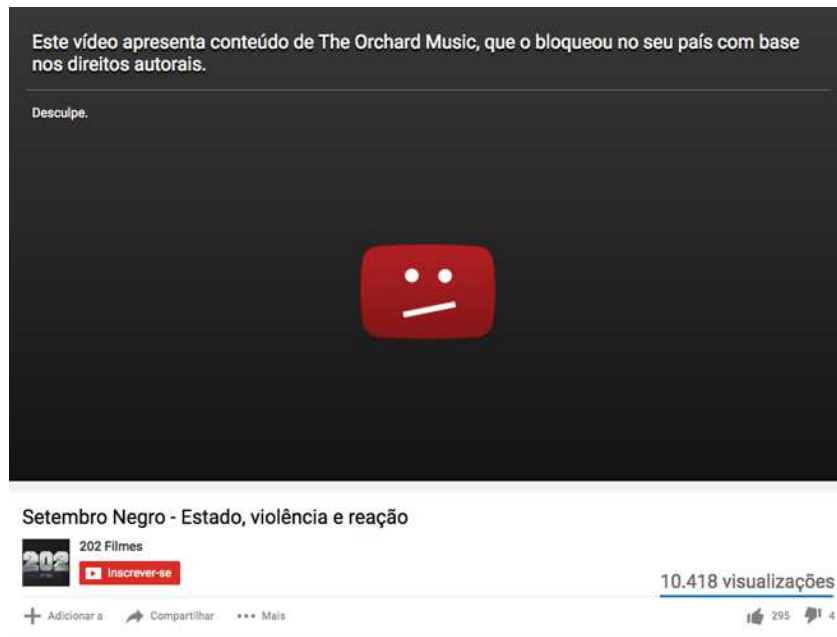
⁸¹ Tradução nossa do trecho original "Digital memory is ubiquitous yet unimaginably fragile, limitless in scope yet inherently unstable".

⁸² Ver mais em **Direitos autorais impedem digitalização de acervos**. Disponível em <<http://www2.cultura.gov.br/consultadireitoautoral/tag/limitacoes/page/3/>>. Acesso em 7 set. 2016.

⁸³ Idem.

memória alternativa dos protestos, levando à suspensão de filmes como 'Setembro Negro - Estado, violência e reação' sobre os protestos no Rio em setembro de 2013.

Figura 8 - Legislação de direitos autorais leva a retirada de conteúdos sobre 2013



Fonte: Youtube⁸⁴

Rumsey faz uso de uma metáfora que nos parece extremamente útil para pesquisadores que queiram pensar memória nos dias de hoje e no futuro. O novo paradigma da memória, diz ela, é como cultivar um jardim: tudo o que confiamos ao código digital precisa de cuidados regulares, atualizações e migrações periódicas para nos certificarmos de que esses arquivos ainda estão vivos e acessíveis, se temos a intenção de usá-lo em um ano ou em cem. "Nós simplesmente não podemos ter certeza agora o que terá valor no futuro. Precisamos manter, tanto quanto pudermos, da forma mais barata possível"⁸⁵ (2016, kindle).

⁸⁴ **Setembro Negro - Estado, violência e reação.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=drBaZ7wo4kc&index=7&list=PL6hbyalZ5Hr9pMV3VjHvkSIBnqh9VuNwD> >. Acesso em 7 set. 2016.

⁸⁵ Tradução nossa do trecho original "We simply cannot be sure now what will have value in the future. We need to keep as much as we can as cheaply as possible."

1.9 Informações falsas e ameaças à memória na era da pós-verdade

Vivemos hoje o que se convencionou chamar de era da pós-verdade, em que fatos objetivos parecem ter menos importância que crenças pessoais ⁸⁶. Por mais que não seja novidade na história da imprensa ⁸⁷, a disseminação de notícias falsas ganhou tal escala que pode ter sido determinante na eleição do candidato Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos em 2016, por exemplo. Como vimos mais no início deste capítulo, no caso de Neda Agha-Soltan e da professora de nome similar perseguida pelo governo iraniano depois de ter sua foto veiculada como se fosse a da jovem morta, a memória e seu futuro estão em risco com a mistura tão corrente entre fatos e hoax - ou embuste na tradução literal.

Eleita palavra do ano em 2016 pela Universidade de Oxford, a “pós-verdade” é, segundo a instituição, um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais” ⁸⁸. Na era do filtro-bolha de que trataremos adiante, isso significa que o valor dado a informações é medido pela aderência a crenças e opiniões pré-existentes, não pela conexão com acontecimentos reais. Em debates nas esferas pública ou privada, é cada vez comum substituir argumentos por opiniões e convicções ⁸⁹.

Nesse contexto, a verdade estaria, portanto, perdendo a importância também no debate político, enquanto notícias falsas amplamente difundidas - a exemplo da que o papa Francisco havia declarado seu apoio ao candidato Donald Trump - teriam mais potencial de alcance, uma vez que agradam mais a determinados grupos do que fatos reais ou mesmo fontes que negam as mentiras. Além das eleições norte-americanas em 2016, a discussão ganhou fôlego com o referendo que decidiu pela saída da Grã-Bretanha da União Europeia, apelidada de

⁸⁶ FABIO, André Cabette. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em 18 jun 2017.

⁸⁷ Ver DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas**. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em 26 de mai 2017.

⁸⁸ FABIO, André Cabette. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em 18 jun 2017.

⁸⁹ Ver MONTESANTI, Beatriz. DIAS, Tatiana. **Por que ‘opinião não é argumento’, segundo este professor de lógica da Unicamp**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/27/por-que-%E2%80%98opini%C3%A3o-%C3%A9-argumento%E2%80%99-segundo-este-professor-de-l%C3%B3gica-da-Unicamp>> e **O que é pós-verdade?**. Disponível em <<http://portaldacomunicacao.com.br/2017/02/rosana-hermann-fala-sobre-pos-verdade-na-campus-party/>>. Acesso em 18 jun 2017. Acesso em 18 jun 2017.

“Brexit”. No plebiscito britânico, também em 2016, o lado favorável à saída do bloco apresentou o argumento falso de que o Reino Unido enviava 350 milhões de libras por semana à UE ⁹⁰.

Figura 9 - Capa da revista The Economist reflete sobre os efeitos da pós-verdade



Fonte: The Economist

Segundo a rede BBC, essa nova indústria já movimentava a economia de cidades inteiras voltadas para a missão de criar notícias falsas e com alto potencial de compartilhamento a fim de ganhar dinheiro com anúncios ⁹¹. Grande parcela dos sites de *'fake news'* influenciadores das eleições norte-americanas foram criados em uma cidade na Macedônia "onde adolescentes publicam histórias sensacionalistas para ganhar dinheiro com publicidade", expõe a reportagem. Quando o Facebook - rede social que responde pela maioria dos acessos à informação nos Estados Unidos em 2016 ⁹² - foi acusado de não coibir a prática que teria resultado na eleição de Trump, o fundador Mark Zuckerberg chegou a responder afirmando, em uma conferência de tecnologia da Califórnia, que a ideia era "bem maluca". Disse ainda

⁹⁰ Ver HARFORD, Tim. **Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1865256-na-era-da-pos-verdade-os-fatos-precisam-de-defensores.shtml> >. Acesso em 18 jun 2017.

⁹¹ KIRBY, Emma Jane. **A cidade europeia que enriquece inventando notícias – e influenciando eleições**. Disponível em < <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38206498> >. Acesso em 18 jun 2017.

⁹² **Facebook amplia liderança como fonte de acesso à informação, diz estudo**. Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/05/facebook-amplia-lideranca-como-fonte-de-acesso-informacao-diz-estudo.html> >. Acesso em 21 dez. 2016.

que 99% do conteúdo noticioso que circula na plataforma é “autêntico” e que “o percentual de desinformação é relativamente pequeno”⁹³. O site BuzzFeed divulgou então levantamento mostrando que notícias falsas tiveram maior engajamento no Facebook do que as verdadeiras nos três meses anteriores à eleição e noticiou que funcionários do próprio Facebook, insatisfeitos com a resposta do jovem empresário, criaram uma força-tarefa informal para tratar o problema⁹⁴.

No Brasil, a disseminação de boatos há tempos vem ganhando escala. Segundo matéria da Folha de S.Paulo⁹⁵, o país coleciona sites com notícias falsas, a exemplo do Pensa Brasil, Diário do Brasil, Juntos pelo Brasil, Jornal do País, Saúde, Vida e Família, O Folha de Minas, Folha Digital, Brasil Verde e Amarelo, Você Precisa Saber, Em Nome do Brasil, The News Brazil e Na Mira da Notícia. Pela nossa pesquisa em 19 de junho de 2017, os cinco primeiros continuavam no ar e atualizados, enquanto os seis últimos não estavam mais disponíveis ou se resumiam a páginas no Facebook. O fenômeno ganhou fôlego com as articulações para a deposição da presidente Dilma Rousseff e teve seu ápice em março de 2016, quando o Pensa Brasil teria alcançado 3,2 milhões de visitantes únicos e 10,7 milhões de páginas vistas segundo a reportagem da Folha de S. Paulo. “A turbulência política de 2016, aliás, foi uma 'era de ouro' da audiência digital, da qual os sites de notícias falsas se beneficiaram à larga”⁹⁶. Profissionais do mercado publicitário consultados pela Folha em fevereiro de 2017 estimaram que os anúncios do site de notícias falsas rendiam de R\$ 100 mil a R\$ 150 mil por mês.

Em 2013, durante as manifestações de que trataremos no capítulo seguinte, também houve grande disseminação de falsas notícias. Um exemplo é o site Folha Política, que alcançou 1 milhão de curtidas no Facebook impulsionadas pelos protestos⁹⁷. Instituições como a PM divulgaram várias informações mentirosas em seu twitter oficial, como mostraremos no capítulo 4. Forças contrárias ao governo aproveitaram o momento de

⁹³ **Como o Facebook pretende lidar com notícias falsas.** Disponível em < <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38025919> >. Acesso em 21 dez. 2016.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ VICTOR, Fabio. **Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil.** Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml> >. Acesso em 21 fev. 2016.

⁹⁶ Idem.

⁹⁷ Ver AMATUCCI, Víctor. **Folha Política: de difamação até notícias falsas e anti-jornalismo.** Disponível em <<http://democratizemidia.com.br/folha-politica-de-difamacao-ate-noticias-falsas-e-anti-jornalismo/>>. Acesso em 17 fev. 2017.

indignação e pautas difusas para criar incontáveis perfis falsos nas redes sociais a fim de veicular mensagens de ataque principalmente ao Partido dos Trabalhadores e à presidente Dilma ^{98 99}. Os efeitos e prejuízos dessas mensagens para a democracia, como discutiremos no capítulo 3, são incomensuráveis.

Apesar de o Facebook e o Google terem divulgado medidas para coibir a prática ¹⁰⁰ - o Google anunciou no fim de 2016 que impediria o uso de seu serviço *online* de publicidade (AdSense) por sites que disseminam notícias falsas e o Facebook informou que não mostraria anúncios em sites que trabalhassem com *fake news* -, ainda há um longo caminho a trilhar e exigir das empresas, dos governos e da Justiça nesse sentido. Como vimos acima, pelo menos cinco sites com notícias falsas e histórico de ataques a reputações de pessoas e instituições continuam no ar em 2017. É muito comum também ver perfis falsos comentando notícias nas redes e elevando a temperatura dos debates com mensagens raivosas ^{101 102}, sem falar nas chamadas fazendas de likes, serviços contratados para aumentar de forma artificial a popularidade e alcance de determinados posts ¹⁰³. Em um país como o Brasil, que assistiu à piora em seus índices educacionais em 2016 ¹⁰⁴, o fato é ainda mais preocupante. Para as plataformas fechadas, a exemplo do WhatsApp e seus mais de 100 milhões de usuários

⁹⁸ Ver PEREIRA, Tiago. **Mentiras e boatos: especialistas apontam os riscos do compartilhamento de notícias falsas**. Disponível em < <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/02/mentiras-e-boatos-especialistas-apontam-os-riscos-do-compartilhamento-de-noticias-falsas> >. Acesso em 21 fev. 2017.

⁹⁹ Ler também sobre uso de robôs em MALINI, Fabio. **As diferenças dos protestos nas mídias sociais**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

¹⁰⁰ CANO, Rosa Jiménez. **Facebook e Google declaram guerra aos sites de notícias falsas**. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/11/15/tecnologia/1479201313_967124.html >. Ver também **Contra notícias falsas, Facebook e Google se unem**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/economia/contra-noticias-falsas-facebook-google-se-unem-20884705>> Acesso em 21 fev. 2017.

¹⁰¹ Basta clicar em alguns dos mais exaltados comentários para se deparar com perfis falsos aparentemente criados com o único objetivo de difamar pessoas, políticos e partidos. Alguns indícios de que os são falsos são fotos de perfil que não mostram o rosto, fotos genéricas no álbum e ausência ou quase ausência de amigos.

¹⁰² Ler também sobre uso de robôs em MALINI, Fabio. **As diferenças dos protestos nas mídias sociais**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

¹⁰³ Ver MOREIRA, Fernando. **'Fazendas de likes' atendem clientes que querem bombar em redes sociais**. Disponível em < <http://blogs.oglobo.globo.com/pagenotfound/post/fazendas-de-likes-atendem-clientes-que-querem-bombar-em-redes-sociais.html> >. Acesso em 21 fev. 2017.

¹⁰⁴ MORENO, Ana Carolina. **Brasil cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática**. Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghml> >. Acesso em 21 fev. 2017.

brasileiros, não há iniciativa pensada. Mesmo jornais tradicionais caem na armadilha de publicar mentiras ¹⁰⁵.

Nos Estados Unidos, há iniciativas para evidenciar informações mentirosas ditas por autoridades como o presidente Donald Trump: alguns veículos de imprensa decidiram, por exemplo, identificá-las com destaque. Uma reportagem no site NPR (Rádio Pública Nacional) sobre discurso que o presidente fez para a CIA em janeiro dizia: "Ele negou falsamente que já tivesse criticado a agência, inflou falsamente as dimensões da multidão que acompanhara sua posse, na sexta-feira anterior" ¹⁰⁶.

Sob o aspecto da memória, o jornalista e economista Tim Harford ressalta que mentiras, de uma forma geral, tendem a ser mais recordadas que verdades e, por isso, iniciativas de agências de *fact checking*, apesar de bem intencionadas, acabariam tendo resultado oposto ao esperado. Ao negar a informação falsa, repete-se a mentira e, dessa forma, ela se consolida na memória das pessoas, uma vez que "depois de ouvirmos uma alegação falsa, não há mais como 'deixar de ouvi-la'" ¹⁰⁷. "Uma mentira repetida mil vezes torna-se verdade", já dizia o ministro da Propaganda na Alemanha Nazista, Joseph Goebbels ¹⁰⁸ e há indícios, diz Harford, de que o efeito da mentira negada acaba reforçando o campo semântico do embuste. Trata-se do aspecto da repetição de que falamos no início desse capítulo, tão importante para a memória. Um dos caminhos que Harford propõe é melhorarmos as formas de transmitir os fatos tentando torná-los mais atrativos do que as mentiras, como fazia Carl Sagan ao popularizar a linguagem científica.

Outra saída que enxergamos para coibir a prática é o arrefecimento por parte das empresas detentoras de redes sociais e sites de busca no estrangulamento financeiro dessas iniciativas, com o fim real da possibilidade de pessoas e empresas que disseminam tais notícias ganharem dinheiro com a prática. Também poderia haver iniciativas mais amplas a

¹⁰⁵ Ver NASSIF, Luis. **Globo ignora esclarecimento e publica notícia falsa sobre Palácio do Planalto**. Disponível em <<http://jornalggn.com.br/noticia/globo-ignora-esclarecimento-e-publica-noticia-falsa-sobre-palacio-do-planalto>>. Acesso em 21 fev. 2017 e **CRIAR NOTÍCIA FALSA é mais FÁCIL que parece - Extra Episódio #04 com Pirula e Maurício Cid**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=vMqQw0YH5Tk>>. Acesso em 21 fev. 2017.

¹⁰⁶ HARFORD, Tim. **Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1865256-na-era-da-pos-verdade-os-fatos-precisam-de-defensores.shtml>>. Acesso em 18 jun 2017.

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ Ver **Joseph Goebbels**. Disponível em <https://pt.wikiquote.org/wiki/Joseph_Goebbels>. Acesso em 18 jun 2016.

nível judicial - hoje as iniciativas para retirar conteúdos falsos da rede acabam sendo iniciativa somente de quem é afetado diretamente por elas.

Sabemos que a solução para esta que já foi apelidada de "a maior praga da internet"¹⁰⁹ não é fácil. Mas entendemos que o combate a essa prática é o único caminho possível para a manutenção das memórias social e coletiva, e também da democracia, e avaliamos que os estudos da memória, assim como a filosofia, a comunicação e o direito podem dar boa contribuição para que resgatemos o que o professor Marcio Tavares dAmaral¹¹⁰ chama de "amor à verdade".

¹⁰⁹ Ver BORGES, Bruno. **HOAX - A maior praga da internet**. Disponível em < <http://www.otempo.com.br/blogs/tecnologia-e-m%C3%ADdia-19.246340/hoax-a-maior-praga-da-internet-19.252734>>. Acesso em 19 de jun. 2017.

¹¹⁰ D'Amaral, Marcio Tavares. **De boca na mortadela**. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/cultura/de-boca-na-mortadela-19142239?loginPiano=true>>. Acesso em 2 fev 2-17.

2 UM OLHAR SOBRE OS PROTESTOS NO RIO DE JANEIRO

“A única coisa que mete medo em político é o povo na rua”

Ulysses Guimarães, ex-ministro, ex-deputado e presidente da Constituinte de 1988, em mensagem amplamente lembrada e difundida em 2013

Nosso objeto está longe de ser de fácil compreensão e definição. É, ao contrário, fruto de disputas e enquadramentos que por vezes se contradizem entre si. É monumental, grandioso, polêmico, multicausal, multifacetado, inédito em vários sentidos, estético, corporal, performático e surpreendente. Já foi apelidado de "Jornadas de Junho"¹¹¹, "Revolta dos 20 centavos"¹¹², "Primavera Brasileira"¹¹³, "fuzuê cívico" (FIGUEIREDO, 2014), baderna¹¹⁴, ação de grupelhos¹¹⁵, "batalha do vinagre"¹¹⁶, combustão espontânea (SCHAVELZON in BORBA et al, 2014), a maior revolta popular da história brasileira (BRAGA in MARICATO, 2013, p. 81) e até de início de uma revolução¹¹⁷.

Diferente do planejamento inicial - em que os protestos seriam tratados neste trabalho em conjunto com a análise das suas representações no Jornal Nacional e na Mídia Ninja -, optamos por fazer um capítulo específico articulando o que consideramos os principais fatos e análises acerca do movimento. Em tempos de pós-verdade, tratada no capítulo anterior, vimos que as opiniões e relatos sobre as manifestações de 2013-2014 no Rio de Janeiro eram tão

¹¹¹ Talvez essa seja a denominação mais comum para o movimento que tomou conta do país em junho de 2013.

¹¹² SILVA, Aarão. **A revolta dos 20 centavos e o poder no Brasil**. Disponível em <http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=13549>. Acesso em 27 nov. 2016.

¹¹³ **A "Primavera" Brasileira e seu Contexto Sócio-Político**. Disponível em <http://www.observatoriodasmetroplites.net/index.php?option=com_content&view=article&id=1774%3Aa-primavera-brasileira-e-seu-contexto-socio-politico&catid=34%3Aartigos&Itemid=124&lang=pt#>. Acesso em 8 dez 2016. Ver também

¹¹⁴ EDITORIAL O ESTADO DE S. PAULO. **Chegou a Hora do Basta**. Disponível em <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>>. Acesso em 10 out 2016. A mesma denominação foi dada por jornalistas que costumam ter opiniões opostas como Jânio de Freitas, disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefretas/2013/06/1299766-entre-baderna-e-politica.shtml>> e Reinaldo Azevedo, disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/geral/cobertura-de-baderna-em-sp-e-no-rio-evidencia-que-a-imprensa-esta-cedendo-as-pressoes-de-milicias-como-a-midia-ninja-e-o-subjornalismo-petralha-financiado-por-estatais-e-governos-do-pt-nesse-mundo/>>. Ambos acessados em 10 out 2016.

¹¹⁵ EDITORIAL FOLHA DE S. PAULO. **Retomar a Paulista**. <<http://www1.folha.uol.com.br/opinio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em 24 out. 2016

¹¹⁶ FRÔ, Maria. **Batalha do vinagre: É MUITO MAIS QUE PELO FIM DA CORRUPÇÃO**. Disponível em <<http://www.revistaforum.com.br/mariafro/2013/06/18/batalha-do-vinagre-e-muito-mais-que-pelo-fim-da-corrupcao/>>. Acesso em 29 nov. 2016.

¹¹⁷ CARNEIRO, Henrique. **17 de junho de 2013 foi o início da revolução brasileira!** Disponível em <<http://blog.esquerdaonline.com/?p=1530>>. Acesso em 27 nov. 2016.

variadas - e muitas vezes com base em mentiras e boatos - que não seria suficiente entendê-las como de conhecimento comum e analisá-las somente nas narrativas dos veículos.

A complexidade do objeto e a infinidade de leituras possíveis trouxeram, portanto, a necessidade de explicitar nosso olhar - calcado em um amplo arcabouço teórico e empírico - sobre os movimentos que eclodiram nesse período. Nem de longe temos a pretensão de abarcar todos os episódios e seus significados, mas contextualizar histórica e socialmente as manifestações, jogando luz sobre algumas peculiaridades que estas tiveram no Rio de Janeiro, levantar questões acerca da tão noticiada tática black bloc e do grupo Anonymous, bem como tratar o perfil dos manifestantes e de suas motivações fez-se necessário para sistematizar e reunir o que consideramos relevante em relação ao objeto e importante para a pesquisa. Apesar do compromisso acadêmico, temos ciência da impossibilidade de sermos imparciais e de que o que vem a seguir trata-se também de um enquadramento.

Em função do cuidado que buscamos ter com a checagem e recheagem dos fatos, do recorte com foco no Rio de Janeiro e da grande multiplicidade de fontes, autores, documentos, livros, depoimentos, matérias jornalísticas, vídeos e registros nas redes sociais - todos devidamente referenciados com o intuito de facilitar e agilizar o acesso às fontes originais -, acreditamos que este trabalho também contribuirá como referência à memória do período. Cabe ainda colocar que não se busca aqui traçar uma linha do tempo das manifestações como já fizeram alguns autores, mas sim qualificar e dimensionar os protestos, reunindo seus principais aspectos e fatos agrupados de acordo com perspectivas que consideramos importantes para a pesquisa.

Dimensionar 2013 já causou polêmicas e disputas e não há consenso sobre as mensurações. Alguns números, mesmo não havendo unanimidade sobre eles, nos ajudam a ter ideia da ordem de grandeza alcançadas por aqueles movimentos. Somente num dia, em 20 de junho de 2013, ao menos 1,5 milhão de pessoas ¹¹⁸ - 300 mil delas no Rio de Janeiro - foram às ruas, segundo as estimativas mais conservadoras. Vale notar que o número de 300 mil que se consolidou como estimativa dos principais veículos para o Rio foi contestado por uma

¹¹⁸ Ver matérias **Cidades participantes dos protestos no Brasil em 2013**. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Cidades_participantes_dos_protestos_no_Brasil_em_2013>; **Manifestações levam 1 milhão de pessoas às ruas em todo país**. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/06/1298755-manifestacoes-levam-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-em-todo-pais.shtml>>; **Em dia de maior mobilização, protestos levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas no Brasil**. Disponível em < <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/em-dia-de-maior-mobilizacao-protestos-levam-centenas-de-milhares-as-ruas-no-brasil.htm>> e **Manifestações levam mais de 1 milhão de pessoas às ruas e abrem debate**. Disponível em <<http://www.estadao.com.br/infograficos/manifestacoes-levam-mais-de-1-milhao-de-pessoas-as-ruas-e-abrem-debate,politica,196181>>. Acesso em 7 nov. 2015.

repórter da Rede Globo, ao vivo. Após a jornalista Bete Lucchese afirmar que havia conversado com o engenheiro Moacyr Duarte, da Coppe, e que "segundo ele, até às 18h30, cerca de 300 mil pessoas participavam dos protestos", a repórter Monica Sanches diz: "se no fim da tarde esse número era de 300 mil pessoas, as pessoas continuam chegando, esse número já deve ser bem maior agora depois de quase duas horas de manifestação"¹¹⁹. Outras aferições vão na mesma linha e chegam a 1 milhão de manifestantes somente no Rio de Janeiro naquele dia¹²⁰ e 3 milhões no Brasil (SECCO in MARICATO et al., p. 75).

Figura 10 - Avenida Presidente Vargas em 20 de junho de 2013



Fonte: arquivo pessoal fotógrafo Rafael Wallace

O site Grunz¹²¹, após contabilizar o número de participantes de eventos criados no Facebook entre os dias 17 e 30 de junho, concluiu que pelo menos 3 milhões de pessoas confirmaram presença nos eventos em 611 cidades: 538 no Brasil e 73 no exterior, conforme figura abaixo. Sabemos que a correspondência entre confirmados e presentes não é exata uma

¹¹⁹ **Avenida Presidente Vargas é completamente ocupada no RJ.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646273/> >. Acesso em 10 out. 2014

¹²⁰ MENEZES, Bruno. **Polícia esmaga protesto de 1 milhão de pessoas no Rio.** Disponível em <<http://www.epochtimes.com.br/policia-esmaga-protesto-de-1-milhao-de-pessoas-no-rio-videos/#.WEX9eKIrIUE>>. Acesso em 7 nov. 2016.

¹²¹ GRUNZ, Equipe. **3 milhões de pessoas confirmam participação em protestos via Facebook.** Disponível em <<http://www.grunz.com.br/mapa-dos-protestos-no-brasil-pelo-mundo/>>. Acesso em 10 abr 2017.

vez que nem todos que confirmam vão e nem todos que foram souberam da manifestação através de eventos do Facebook, mas trata-se de bom indício de engajamento. Os atos internacionais aconteceram em cidades de pelo menos 27 países, entre os quais Espanha, Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, Austrália, Portugal, Argentina, Israel, Japão, Grécia, Coréia do Sul e Chile.

Figura 11 - Mapa com pessoas confirmadas, pelo Facebook, em manifestações



Fonte: Grunz

Diferente de protestos populares em outros períodos, as manifestações de junho alcançaram todas as regiões do país. Foram entre 353 (MANSO in SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014) e 360 cidades mobilizadas (FIGUEIREDO in FIGUEIREDO, 2014). Em 140 delas, houve protestos diários entre 17 e 29 de junho de 2013 (SECCO in MARICATO, Ermínia et al., p. 76). Na cidade de São Paulo, por exemplo, ocorreram 1.001 protestos ao longo de 2013 e 714 em 2014 ¹²².

Podemos afirmar também, observando as ruas e as redes, que se trata de um movimento em que os principais atores foram indivíduos comuns. Fernanda Bruno, Liliane Nascimento e Natália Mazotte analisaram os *tweets* com a hashtag #protestosRJ dias 16 e 17 de junho de 2013 e observaram (ver gráfico abaixo), que o centro da representação é tomado

¹²² VELASCO, Clara. **Nº de protestos em SP cai 25% entre 2013 e 2014, aponta CET**. Disponível em < <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/01/n-de-protestos-em-sp-cai-25-entre-2013-e-2014-aponta-cet.html>>. Acesso em 7 nov. 2016.

por uma multidão de pequenos nós (atores) conectados entre si ¹²³. Entre os conteúdos disseminados, estão informações de forte carga afetiva e ligação direta com as ruas: há pedidos por socorro médico, por advogados para defender manifestantes, denúncias contra a violência policial, alertas sobre as câmeras públicas desligadas etc. As autoras também destacam o que chamam de “enunciados menores” e em grande número que fazem com que a rede seja representada de forma densa:

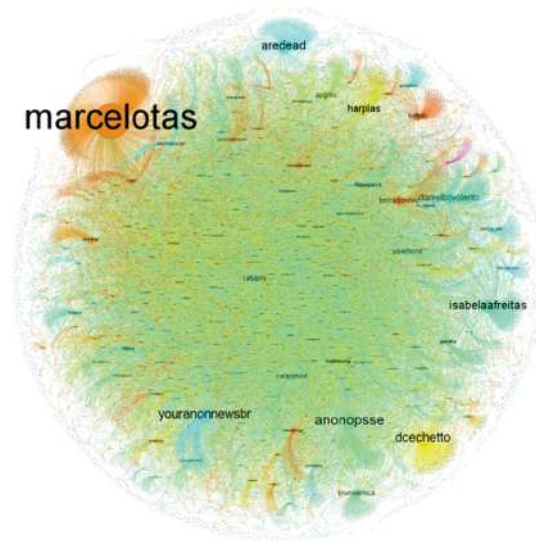
"Estas múltiplas mediações constroem, em grande escala, uma rede de enunciados menores, coletivos e conectados. Rede extremamente densa e diversificada de pequenos atores atuando como mediadores. As imagens de uma multidão sem nome, sem protagonismos ou lideranças, recorrentes nas análises sobre os protestos que desde junho multiplicam-se pelo país, encontram um correlato informacional materializado nessa rede de fluxos de enunciados em torno do #protestoRJ” ¹²⁴.

Os perfis com mais popularidade foram empurrados para a periferia, conforme mostra a figura a seguir. Essa representação acontece porque eles comportam-se, explicam Bruno, Nascimento e Mazotte, "como centros emissores": falam pouco e para muitos, diferente dos outros componentes da rede. "O número de tuítes do maior nó periférico da rede, o perfil @marcelotas, é de apenas 2 postagens”, detalham. Além disso, "falam mas não fazem falar” - têm pouca interação com os outros atores da rede.

¹²³ BRUNO, Fernanda; NASCIMENTO, Liliane; MAZOTTE, Natalia. **#PROTESTORJ: ATORES MENORES FAZEM A REDE**. Disponível em < <http://medialabufjrj.net/2013/08/protestorj-atores-menores-fazem-a-rede/>>. Acesso em 7 nov. 2016.

¹²⁴ Idem.

Figura 12 - Grafo mostra protagonismo de cidadãos comuns nos protestos do Rio



Fonte: Media Lab

Nota-se ainda na representação das interações com a hashtag #protestorj a quase ausência de perfis de grande mídia como mediadores ou emissores; as críticas à cobertura e à ausência dela são notadas por internautas. Alguns tuítes captados pelas autoras mostram insatisfação em relação à imprensa corporativa: "A palavra mais repetida pela #globo news: vandalismo. #protestorj"; "RECORD SENSACIONALISTA, SÓ MOSTRAM O VANDALISMO, E A POLÍCIA REPRESSORA, NADA NÉ #protestorj"; "Na Globo, NENHUMA palavra sobre o #protestoRJ, nem uma imagem, nem uma citação. Parece que simplesmente não aconteceu"; "A revolução não vai ser televisionada, vai ser tuitada! #protestorj #ditadura #repressão #censura"¹²⁵, este último acompanhado da foto a seguir¹²⁶.

¹²⁵ Idem.

¹²⁶ A frase que gerou a referência - 'A revolução não será televisionada' - é do músico e poeta Gil Scott-Heron e batizou música de mesmo nome', em 1971. A expressão ficou mais conhecida com o documentário irlandês a respeito do golpe de estado que, em 2002, depôs o presidente da Venezuela, Hugo Chávez. Ver **The Revolution Will Not Be Televised**. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/The_Revolution_Will_Not_Be_Televised >. Tweet com referência disponível em <<https://twitter.com/mariannateles/status/346381136655699968/photo/1>>. Acesso em 21 jun 2017.

Figura 13 - Foto acompanha tweet com crítica à imprensa



Fonte: Twitter

Para Reis (in BORBA et al, 2014, kindle), as manifestações de 2013-2014 desmistificaram um clima de autossatisfação, cultivado entre certas esferas políticas e seus correligionários. Figueiredo resume bem a turbulência e intensidade daqueles dias:

"Em poucos dias, a mobilização dos jovens acuou a presidente da República, embolou a sucessão presidencial, tirou a empáfia dos governadores, obrigou prefeitos a cancelar o aumento na tarifa dos transportes públicos, derrubou substancialmente o índice de credibilidade das instituições, confundiu analistas (...) criou embaraços entre ministros, fez o Congresso votar matérias que estavam repousando nos escaninhos havia tempos, estimulou a torcida a cantar a pleno pulmões o Hino Nacional nos jogos da Seleção na Copa das Confederações, colocou o Brasil nas manchetes internacionais, assustou a polícia e instituiu, pelo menos por algumas semanas, a sociedade no comando do Estado. Visto em perspectiva, trata-se de um acontecimento excepcionalmente único". (FIGUEIREDO in FIGUEIREDO, 2014, kindle)

Em termos qualitativos, tratou-se, sem dúvida, "de um momento histórico", "da emergência de algo novo", de "um momento impregnado de História" (LESSA e PINHEIRO in BORBA et al., 2014). Novamente nas palavras de Figueiredo:

“as lutas deste período mudaram o estado de ânimo da sociedade brasileira, recolocaram na ordem do dia a possibilidade de se fazer ações de rua, colocaram em questão a prática - antes rotineira e naturalizada - de repressão contra atividades públicas contestatórias e serviram de grande aprendizado democrático para a população, especialmente para os jovens” (FIGUEIREDO in FIGUEIREDO, 2014, kindle)

De forma surpreendente, o interesse pelo que ocorria superou a vontade de saber os resultados das partidas de futebol: o percentual de pessoas que diziam ter como principal interesse as manifestações chegou a 70% contra 18% dos interessados na Copa das Confederações, segundo pesquisa do Instituto Datafolha ¹²⁷. O vídeo de Pelé, embaixador da Copa do Mundo de 2014, pedindo que as pessoas esquecessem “toda essa confusão que está acontecendo no Brasil, todas essas manifestações” e apoiassem a seleção brasileira “até o final” foi amplamente ridicularizado e reeditado por internautas ¹²⁸.

Entre junho e dezembro de 2013, houve ao menos oito mortes relacionadas aos protestos e, em um ano, até junho de 2014, são contabilizados 13 falecimentos ¹²⁹ segundo a ONG Artigo 19 ¹³⁰. Sobre esse aspecto, cabe ressaltar que, diferente de outros grandes protestos similares no mundo em que centenas de pessoas foram mortas por agentes da repressão, no Brasil, não houve mortes por ações diretas da polícia ou das Forças Armadas. Mesmo a morte da gari Cleonice de Moraes ¹³¹, morta após paradas cardíacas causadas pela inalação de gás lacrimogêneo em Belém durante um protesto, não pode ser creditada como resultado da intenção da polícia que usara este recurso. Da mesma forma, a já referida morte do cinegrafista Santiago Andrade não deve ser computada como resultado da intenção dos manifestantes que acenderam o rojão que atingiu o profissional, apesar de, como vimos no capítulo anterior, esse estar sendo o desfecho esperado para o caso. Os outros óbitos, como

¹²⁷ Pesquisa **Protestos sobre o aumento da tarifa dos transportes II. PO813688 Datafolha**. Disponível em < <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf> >. Acesso em 7 dez. 2016.

¹²⁸ Ver **CALA A BOCA PELÉ**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=EdgNgFDEft0> >. Acesso em 7 dez. 2016.

¹²⁹ Relatório da ONG Artigo 19, disponível em <http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf> feito com base nos protestos realizados entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2013, com base em registros e reportagens veiculados no jornal "Folha de S. Paulo", no site do Movimento Passe Livre e da Abraji – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo – lista oito mortes relacionadas aos protestos. Matéria do G1 complementa o relatório listando 13 mortes em um ano de protestos. Ver **Pelo menos 13 pessoas morreram em um ano de protestos pelo país** <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/pelo-menos-13-pessoas-morreram-em-um-ano-de-protestos-pelo-pais.html> >

¹³⁰ Organização não-governamental de direitos humanos nascida em 1987, em Londres, com a missão de defender e promover o direito à liberdade de expressão e de acesso à informação em todo o mundo. Seu nome advém da Declaração Universal dos Direitos Humanos da ONU. Com escritórios em nove países, a ARTIGO 19 está no Brasil desde 2007, e desde então tem se notabilizado por impulsionar diferentes pautas relacionadas à liberdade de expressão e informação, entre as quais estão o combate às violações ao direito de protesto, a democratização dos meios de comunicação, a descriminalização dos crimes contra a honra, a elaboração e a implementação da Lei de Acesso à Informação e a construção e defesa do Marco Civil da internet.. Ver https://pt.wikipedia.org/wiki/Artigo_19

¹³¹ Para mais informações sobre o falecimento de Cleonice, ver **Gari morre após manifestação em Belém**. Disponível em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/gari-morre-apos-manifestacao-em-belem.html>>. Acesso em 10 dez. 2016. Ver também **Morre em Belém gari que inalou gás lacrimogêneo em protesto**. Disponível em <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,morre-em-belem-gari-que-inalou-gas-lacrimogeneo-em-protesto,1045335>>. Acesso em 10 dez. 2016.

consta também no relatório da ONG Artigo 19, são fruto de atropelamentos, quedas e acidentes que tiveram como pano de fundo as manifestações.

Sobre a morte do caminhoneiro Renato Kranlow, apesar de a Artigo 19 e veículos de mídia computarem os protestos de “caminhoneiros” que paralisaram o interior do país em julho de 2013 e resultaram em diversas mortes ¹³² como parte integrante das manifestações de 2013, não consideraremos esses protestos no nosso escopo por diversos motivos, a saber: as paralisações ocorreram em rodovias, fugindo do nosso recorte geográfico. Além disso, em oposição aos movimentos analisados, as interrupções nas estradas foram atribuídas a lideranças bem definidas e teriam tido inclusive influência de empresários, reivindicando pautas que prejudicariam os trabalhadores ¹³³. Assim como nas manifestações de 2015 e 2016 referenciadas ao longo deste trabalho a título de comparação, há indícios de que os protestos dos caminhoneiros tinham a intenção de desestabilizar o governo federal ¹³⁴. A Polícia Federal chegou a abrir inquérito ¹³⁵ para investigar o movimento, mas não encontramos publicações com os resultados das investigações. Mesmo supondo que tal iniciativa trata-se de uma das inúmeras tentativas de direcionar os protestos para o embate com o governo federal, entendemos que o movimento dos caminhoneiros distancia-se das características do nosso objeto e que seria necessário um estudo em separado para tratar dele.

Ainda que não haja mortes intencionalmente causadas por policiais ou manifestantes, relatório da ONG Artigo 19 ¹³⁶ aponta e sistematiza violações de vários tipos. Somente em 2013, foram 112 usos de armas não-letais, dez usos de arma de fogo, 837 pessoas feridas, 2.608 pessoas detidas, 117 jornalistas agredidos ou feridos e dez jornalistas detidos durante as manifestações. Além disso, a ONG identificou infrações diversas: falta de identificação dos policiais; detenções arbitrárias, como detenção para averiguação - prática extinta desde o fim da Ditadura Militar -; criminalização da liberdade de expressão por meio do enquadramento

¹³² **Protestos de caminhoneiros resultam em 27 presos e cinco mortos no país.** Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/04/protestos-de-caminhoneiros-ja-deixam-18-presos-no-pais-manifestacao-segue-na-bahia.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016.

¹³³ **Paralisação de caminhoneiros é comandada por empresários.** Disponível em <<http://saraiva13.blogspot.com.br/2013/07/paralisacao-de-caminhoneiros-e.html>>. Acesso em 10 dez. 2016.

¹³⁴ **Objetivo da greve de caminhoneiros é desgastar governo, diz Edinho Silva.** Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/greve-de-caminhoneiros-visa- apenas-desgastar-o-governo-diz-ministro.html>>. Acesso em 10 dez. 2016.

¹³⁵ CALGARO, Fernanda. **PF vai investigar representante de caminhoneiros sobre bloqueio de rodovias.** Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/pf-vai-investigar-representante-de-caminhoneiros-diz-ministro.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016.

¹³⁶ Ver relatório disponível em <http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf>.

de manifestantes em tipificações penais inadequadas às ações do “infrator”; censura prévia, por meio da proibição, legal ou não, de manifestantes usarem máscaras ou levarem vinagre para os protestos; uso de armas letais e abuso das armas menos letais; esquema de vigilantismo nas redes sociais montado pelas polícias locais, pela Abin (Agência Brasileira de Inteligência) e também pelo Exército, assim como as gravações realizadas pelos policiais durante os protestos; desproporcionalidade do efetivo disposto para o policiamento do protesto com o número de manifestantes; policiais infiltrados nas manifestações que por vezes causavam e incentivavam tumulto e violência; maior preocupação policial com a defesa do patrimônio do que com a segurança e integridade física dos manifestantes; ameaças e até mesmo sequestros foram relatados. Passaremos, neste trabalho, por algumas dessas violações; todas as citadas estão documentadas no relatório de 80 páginas da Artigo 19, elaborado com base em registros e reportagens veiculados no jornal "Folha de S. Paulo" e nos sites do Movimento Passe Livre e da ABRAJI – Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo ¹³⁷. O documento relaciona ainda as propostas de mudança na legislação com o intuito de criminalizar os protestos ¹³⁸.

2.1 Perspectiva histórica

Na perspectiva histórica, desde 1992, não havia grandes manifestações populares no país. O intervalo de mais de vinte anos entre o movimento que ficara conhecido como caras-pintadas ¹³⁹ e os protestos de 2013-2014 significa que muitos dos que foram às ruas recentemente participaram pela primeira vez de grandes protestos políticos (BRISSAC in BORBA et al., 2014, kindle) ¹⁴⁰. Não nos aprofundaremos nessas comparações entre

¹³⁷ Também foram utilizados, para construção do relatório, pesquisas de padrões internacionais a respeito do direito de protestos, jurisprudência e legislação nacional, consulta a projetos de lei a partir dos sites da Câmara dos Deputados e Senado Federal, além de consulta de outras fontes de informações como páginas eletrônicas de jornais de circulação tanto nacional quanto regional e sites e páginas de grupos e movimentos ligados aos protestos. Ver <<http://protestos.artigo19.org/metodologia.php>> Acesso em 10 dez. 2016

¹³⁸ Ver relatório disponível em <http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf>.

¹³⁹ Os movimento que ficou conhecido como caras-pintadas tomou as ruas em 1992 e teve, como objetivo principal, o impeachment do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello. O movimento baseou-se nas denúncias de corrupção que pesaram contra o presidente e, ainda, em suas medidas econômicas impopulares, e contou com a adesão de milhares de jovens em todo o país. O nome "caras-pintadas" referiu-se à principal forma de expressão e símbolo do movimento: as cores verde e amarelo pintadas no rosto dos manifestantes. Mais informações sobre o assunto em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Caras-pintadas>>.

¹⁴⁰ Ver também **Pesquisa mostra que 46% nunca tinham participado de manifestações**. Disponível em <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/pesquisa-mostra-que-46-nunca-tinham-participado-de-manifestacoes.html>>. Acesso em 28 jan. 2017.

manifestações contemporâneas e as que ocorreram ao longo da História recente brasileira; este comparativo mereceria análise em separado, mas - como ficará mais claro quando falarmos das características das dinâmicas atuais - consideramos que 2013 é bem diferente do que houve no Brasil em 1992 ou em 1984 ¹⁴¹, por exemplo.

É possível identificar algumas semelhanças com Maio de 1968, como apontou o pensador francês Michel Maffesoli. Para ele, as manifestações de 2013 "são exemplos de subversões nascidas da espontaneidade emocional em rejeição à política moderna racional programática" ¹⁴²; são como "Maio de 68 pós-modernos: emoção coletiva, que provoca o contágio e se alastra de forma incontrolável. Poderá secar, mas com um verdadeiro corte, e o depois não poderá ser como o antes" ¹⁴³. Há de se considerar também que a analogia com Maio de 68 e sua simbologia trata-se também de uma busca mnemônica a partir do presente para buscar sentidos e conexões no passado em uma ação da memória no próprio acontecimento como é possível verificar na figura 15.

Ana Luiza Nobre (in BORBA, 2014) também faz a correspondência entre 2013 e o que houvera 45 anos antes e resgata a motivação de "direito à cidade" presente em Maio de 1968. De fato, não é difícil apontar similaridades. Assim como em 2013, Maio de 1968 foi uma "insurreição popular que superou barreiras étnicas, culturais, de idade e de classe" ¹⁴⁴, teve a repressão desproporcional da polícia como incentivador do movimento ¹⁴⁵, o perfil dos manifestantes era inicialmente, em sua maioria, de adeptos de ideias de esquerda, comunistas ou anarquistas ¹⁴⁶, que viam os movimentos como oportunidade para sacudir os valores da

¹⁴¹ Ano em que houve o movimento civil conhecido como Diretas Já, de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil. A possibilidade de eleições diretas para a Presidência da República no Brasil se concretizaria com a votação da proposta de Emenda Constitucional Dante de Oliveira pelo Congresso. Entretanto, a Proposta de Emenda Constitucional foi rejeitada, frustrando a sociedade brasileira. Ainda assim, os adeptos do movimento conquistaram uma vitória parcial em janeiro do ano seguinte quando Tancredo Neves foi eleito presidente pelo Colégio Eleitoral. Ver <https://pt.wikipedia.org/wiki/Diretas_Já>

¹⁴² EICHENBERG, Fernando. Michel Maffesoli: 'Vejo esses movimentos como Maio de 68 pós-modernos'. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/brasil/michel-maffesolivejo-esses-movimentos-como-maios-de-68-pos-modernos-8786658>>. Acesso em 15 dez. 2016.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ Ver **Maio de 1968**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968>. Acesso em 15 dez. 2016.

¹⁴⁵ Ver **O que foi o Movimento de Maio de 68 na França?** Disponível em <<http://mundoestranho.abril.com.br/historia/o-que-foi-o-movimento-de-maio-de-68-na-franca/>>. Acesso em 15 dez. 2016.

¹⁴⁶ Ver **Maio de 1968**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968>. Acesso em 15 dez. 2016. Para perfil dos manifestantes em 2013, ver próximo tópico.

"velha sociedade"¹⁴⁷, e até mesmo a presença de uma minoria que professava ideias de direita - como veremos mais adiante - são similaridades.

Um outro paralelo importante entre Maio de 1968 e Junho de 2013 é a cobertura ao vivo das manifestações, por parte do rádio e da Mídia Ninja, respectivamente. Freitas (2015, p. 62), referenciando Pierre Nora (1972) e François Dosse (2013), nos traz o papel fundamental do rádio na ressonância dos acontecimentos de 1968 para toda a França. "A transmissão em tempo real por ondas sonoras dos ocorridos na capital francesa para os lugares mais remotos do país dava à população um sentido de participação" (FREITAS, 2015, p.62). Assim como a MN em 2013, o rádio foi parte plena da natureza dos acontecimentos em 1968. O jornalista Ronaldo Peli¹⁴⁸ traz outro componente de semelhança ao comparar os dois períodos: a alegria e o entusiasmo presentes nos protestos.

"O que os estudantes demonstraram - talvez a arma mais desestabilizadora dos jovens - foi uma 'joie de vivre', uma alegria de viver, que empolgava não somente outros jovens, mas dava esperança até mesmo gente mais calejada como Jean-Paul Sartre, veterano de outras resistências francesas".

Figura 14 - Foto de Maio de 1968, feita por Gilles Caron, simboliza "alegria" do movimento



Fonte: blog Ronaldo Pelli

¹⁴⁷ Ver **Maio de 1968**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968>. Acesso em 15 dez. 2016. Em, 2013, uma das principais pautas das manifestações de 2013 foi contra projeto que previa a "cura gay", aprovado pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados, em Brasília. Ver **Manifestantes protestam contra 'cura gay' durante mais de 4 horas no Rio**. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/manifestantes-protestam-contr-a-cura-gay-durante-mais-de-4-horas-no-rio.html>>. Acesso em 15 dez. 2016.

¹⁴⁸ Ver PELI, Ronaldo. **Maio de 1968, Junho de 2013**. Disponível em <<http://contonocanto.blogspot.com.br/2017/06/maio-de-1968-junho-de-2013.html>>. Acesso em 15 dez. 2017.

Figura 15 - Cartaz faz referência a manifestações de 1968



Fonte: site Ser Melhor ¹⁴⁹

Há, no entanto, também muitas diferenças e, em função delas, avaliamos que é mais elucidativo dimensionar 2013 sob a luz das manifestações e transformações contemporâneas do que a partir de referências históricas - apesar de estas serem indispensáveis para comensurar nosso objeto. O mundo, o país e o Rio de Janeiro são bem diferentes das épocas em que houve, por exemplo, grandes manifestações urbanas no Brasil, a exemplo das Diretas Já. Brissac (in BORBA et al., 2014, kindle) pontua bem essas discrepâncias:

"Parece pré-história, né? Momento Collor e tudo, era um outro Brasil. Isso é uma coisa boa, ver que o país muda com uma rapidez incrível. Mesmo com relação ao período Lula, que já foi uma mudança com relação aos outros, já está diferente, já é outro (país). Até numa eventual, digamos, volta do Lula, ele atiraria fora do alvo se repetisse as mesmas plataformas. Há uma mudança de atitude, há uma mudança na maneira das pessoas se portarem, formularem suas questões, há um aumento na consciência de acompanhar políticas públicas, de demandar melhores instrumentos para fazer isso, de reivindicar um espectro maior de demandas. Quer dizer, acho que o país ficou muito mais rico do ponto de vista da sua variedade, das nuances".

Também para Freixo (in BORBA et al, 2014, kindle), nosso passado ajuda pouco a entender as manifestações:

"Se pegarmos o que aconteceu em 1968, é muito diferente do que aconteceu agora, desde as lideranças ao objetivo, à forma de organização, tudo é diferente. Em 1984, nas Diretas Já - estou falando de movimentos com grandes números de pessoas nas ruas -, o movimento também foi completamente diferente. Em 1992, pelo impeachment, idem: os autores, os protagonistas, as pautas, a forma de organizar, a estética do movimento, tudo".

¹⁴⁹ A foto foi retirada da postagem "**Não é só por 20 centavos". Será por um Brasil melhor?**". Disponível em <<http://contonocanto.blogspot.com.br/2017/06/maio-de-1968-junho-de-2013.html>>. Acesso em 15 dez. 2017. Não conseguimos identificar a origem, o fotógrafo ou o local em que a foto foi tirada.

Diversos autores jogam luz sobre o ineditismo histórico do fenômeno. Para Lessa (in BORBA et al., 2014, kindle), as manifestações brasileiras foram um "fenômeno social inédito, desconhecido em nossa história": "Nunca tantas pessoas saíram às ruas. Nunca, antes, milhões ganharam as praças sem serem convocados pelos partidos políticos e pelos principais órgãos de imprensa"¹⁵⁰.

É inegável também que Junho pegou todos - órgãos de informação do governo, analistas, imprensa, políticos, pesquisadores, movimentos sociais e estudantis, sindicatos, partidos e universidades - sem exceção, de surpresa (VAINER in MARICATO, 2013, p. 35; FIGUEIREDO in FIGUEIREDO, 2014, kindle). Nenhuma das causas tradicionais de protestos - insatisfação da população com a economia, desemprego em alta, baixa popularidade dos governos ou mesmo alta dos preços dos alimentos¹⁵¹ - estava mapeada. Os instrumentos consagrados pelas Ciências Sociais como pesquisas, índices que medem questões sociais e indicadores econômicos nem de longe apontavam para uma turbulência iminente. Como resumiu Figueiredo (2014, kindle), as pesquisas de opinião realizadas poucos meses antes mostravam uma situação confortável para os governantes em todos as esferas:

Em março de 2013, três meses antes dos episódios, as pesquisas de opinião levadas a efeito pelos principais institutos brasileiros apontavam “céu de brigadeiro” para a presidente da República e para seu governo. A avaliação positiva do governo federal, segundo o Ibope, estava em seu melhor momento: 63% de “ótimo” e “bom”. Nada menos que 79% dos entrevistados apoiavam a maneira de Dilma Rousseff governar – e olha que Dilma não é e, pior, não faz questão de ser, nenhum primor de simpatia –, um índice espetacular que, em sociedades de massa e diversificadas, beira a unanimidade. As taxas de aprovação do governo federal em duas áreas que foram grandes temas das manifestações de rua também estavam longe de ser desastrosas: saúde (41%) e educação (52%). O Ibope realizou uma pesquisa em junho, pouco antes da presença maciça e marcante dos

¹⁵⁰ Lessa compara 2013 ao Primeiro de Maio de 1980 em São Bernardo, às Diretas Já e ao impeachment do ex-presidente Fernando Collor, ressaltando que 2013 é inédito no sentido de não haver convocações por parte de partidos, instituições e imprensa.

¹⁵¹ Hélio Schwartzman, colunista do jornal Folha de S.Paulo, em texto intitulado “É a comida, estúpido” aventou a possibilidade - a partir de trabalho de Marco Lagi e colaboradores do New England Complex Systems Institute em que mostram que “há uma correlação importante entre os preços dos alimentos calculados pela FAO (agência da ONU para a agricultura) e a ocorrência de protestos em todo o mundo” - de a elevação do preço da comida ser um dos causadores dos protestos. Ver <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/121041-e-a-comida-estupido.shtml>>. Acesso em 8 dez. 2016. Acontece que mesmo tendo subido ligeiramente, não houve aumento significativo desses preços nos meses anteriores a junho. Para série histórica, ver: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/precos/inpc_ipca/defaultseriesHist.shtm. Em maio, inclusive, houve redução da inflação de alimentos com forte queda em itens de consumo como o tomate (-10,3%), a cebola (-2,69%), a carne de frango (-2,43%) e a bovina (-0,71%), além de outros importantes itens de consumo popular que registraram desaceleração ou até mesmo deflação de preços. Para mais dados ver arquivo disponível em <<http://www.fiesp.com.br/indices-pesquisas-e-publicacoes/ipca-setor-alimenticio/>>

insatisfeitos nas ruas. Os números pioraram em relação a março, mas nada que apontasse o dinamismo e a extensão dos protestos que viriam a acontecer. Os indicadores de avaliações positivas caíram de 63% para 55%; a aprovação quanto à maneira de Dilma Rousseff governar baixou de 79% para 71%; a aprovação na área da saúde despencou de 41% para 32% e na da educação, de 52% para 47%.

Da mesma forma, no Rio, os prefeitos Eduardo Paes ¹⁵² e o governador Sergio Cabral ¹⁵³ estavam relativamente bem avaliados quando os manifestantes tomaram as ruas e mesmo os principais serviços públicos tinham avaliações positivas bastante razoáveis (FIGUEIREDO, 2014, kindle). Na economia, principal motivador de manifestações ao longo da História e consagrado da frase que costuma se repetir para indicar turbulências políticas e resultados de eleições - “É a economia, estúpido” ¹⁵⁴ -, alguns indicadores começavam a dar sinais de piora ¹⁵⁵, mas também não apontavam para uma revolta do tamanho das Jornadas de Junho. Nas palavras de Figueiredo: "O alcance da chama foi desproporcional à potência do estopim" (2014, kindle).

O Rio de Janeiro, recorte geográfico deste trabalho, provavelmente foi a cidade brasileira onde o movimento de 2013-2014 foi mais multifacetado, duradouro, diverso e esteticamente original. Assumiu por vezes caráter performático - como no já mencionado casamento da neta de Jacob Barata, em que manifestantes se fantasiaram de noiva, e quando um grupo, vestindo fantasias, invadiu as varandas do Palácio Guanabara contra a proibição do

¹⁵² **Aprovação a Paes sobe, mas ainda está abaixo de período pré-protestos.** Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/07/1488996-aprovacao-a-paes-sobe-mas-ainda-esta-abaixo-de-periodo-pre-protestos.shtml>>. Acesso em 29 nov. 2016

¹⁵³ **Cai aprovação a Cabral no Estado do Rio, e Paes recua entre cariocas.** Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/07/1304291-cai-aprovacao-a-cabral-no-estado-do-rio-e-paes-recua-entre-cariocas.shtml>> Acesso em 29 nov. 2016

¹⁵⁴ A frase foi dita por James Carville em 1992. Era considerado um dos “craques mundiais do marketing político”. Sua teoria tornou-se notória durante a campanha de Bill Clinton à presidência dos Estados Unidos. Explicava como o democrata poderia combater o então presidente americano, George Bush (pai), que buscava a reeleição pelo partido Republicano. Disponível em <<http://www.blogdacidadania.com.br/2010/08/e-a-economia-estupido/>>. Acesso em 29 nov. 2016.

¹⁵⁵ Figueiredo (2014) trabalha esses dados: em meados de 2013, a inflação batia o teto da meta (6,5% ao ano). Além disso, diz ele: "O preço de produtos como farinha de mandioca, tomate e batata, que têm grande impacto na cesta de consumo das camadas mais populares, estava subindo muito acima da inflação média. Em maio de 2013, o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), divulgado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, que mede o saldo entre o número de trabalhadores admitidos com carteira de trabalho e o número de demitidos, teve seu pior resultado em 21 anos (desde 1992). A renda média estava crescendo um pouco – 4,7% acima da inflação –, o crédito, caindo, e o endividamento, aumentando – a porcentagem de entrevistados que declarou que não compraria presente no Dia das Mães por falta de condições financeiras ou endividamento subiu de 23% para 40% entre junho de 2012 e junho de 2013, segundo dados da Federação do Comércio do Estado de São Paulo (Fecomercio-SP) – e os juros em ascensão. Em épocas de bigdata, no entanto, qualquer correlação é possível. Para ele, o POB (Produto de Opinião Bruta, composto de taxa de inflação - com ênfase nos produtos de consumo mais populares-, índice de desemprego, renda média, crédito, endividamento e taxas de juros) estava realmente piorando, "mas não é razoável supor que essa piora explique as manifestações de junho".

uso de máscaras nos protestos ¹⁵⁶, por exemplo, ou quando manifestantes fizeram performances de skate e capoeira no dia 20 de junho no monumento em homenagem ao Zumbi dos Palmares. ¹⁵⁷

Ganharam destaque na cidade as ações do Coletivo Projetação, que durante os protestos do Rio projetava em prédios e muros imagens e frases de protestos, fazendo com que a "associação entre tecnologias da comunicação e dramaturgia estratégica" fosse levada a "um nível ainda pouco explorado" (ALDÉ e SANTOS, 2014, p.9). Para Alessandra Aldé e Guilherme dos Santos, ações performáticas e de cunho artístico como essas diluem os limites entre o espaço "sacralizado da arquitetura do palácio" e a rua onde estão os manifestantes:

A delimitação de qual é o espaço para expressão de contestações e quais são os símbolos institucionais protegidos contra a exposição de suas próprias ambiguidades e inconsistências, se torna, em parte, difusa. Ao não dar conta do trânsito da luz, não pode controlar as imagens expostas, e isso desestrutura a ordenação burocrática do espaço e de suas apropriações expressivas" (p. 10).

Figura 16 - Projecção do coletivo Projetação



Fonte: UniNômade Brasil ¹⁵⁸

¹⁵⁶ **Manifestantes fantasiados invadem o Palácio Guanabara.** Disponível em <<http://veja.abril.com.br/politica/manifestantes-fantasiados-invadem-o-palacio-guanabara/>>. Acesso em 8 dez. 2016

¹⁵⁷ **Avenida Presidente Vargas é completamente ocupada no RJ.** Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2646273/>>. Acesso em 10 out. 2014

¹⁵⁸ SZANIECKI, Barbara **Amar é a Maré Amarildo: multidão e arte, RJ 2013.** Disponível em <<http://uninomade.net/tenda/amar-e-a-mare-amarildo-multidao-e-arte-rj-2013/>>. Acesso em 8 dez. 2016

Foi também no Rio onde ocorreram as ocupações mais longas, como o Ocupa Cabral e Ocupa Câmara, e com caráter de aula pública - a exemplo da palestra do juiz João Damasceno aos manifestantes do Ocupa Cabral ¹⁵⁹ e da conversa com o ativista argentino Facundo Florio, que participou do Movimento dos Indignados na Espanha e fez parte de um Grupo de Aprendizado Mútuo sobre Estratégias de Resistência e Segurança ¹⁶⁰. Também foi a cidade o local onde a tática black bloc, que tomou conta dos noticiários - e esteve presente nas transmissões dos coletivos de comunicação - foi mais presente (COCO e ALBUQUERQUE in ALVES et al., 2014, kindle; MANSO, 2014, kindle).

2.2 Notas sobre o coletivo Anonymous e o ativismo digital

Muita gente passou a conhecer, por causa das Jornadas de Junho, o coletivo Anonymous, que se autodefine como legião ¹⁶¹ e reúne membros avulsos e de vários outros coletivos. Trata-se de um grupo de ativismo digital que prima pela não revelação das identidades dos membros e que trazem à agenda, segundo eles mesmos, questões não tratadas pela mídia ¹⁶². O grupo tem como marca a máscara inspirada em Guy Fawkes, soldado que, em 1605, tentou explodir o prédio do Parlamento inglês no episódio conhecido como “Conspiração da Pólvora” e popularizado nas histórias em quadrinho e pelo filme V de Vingança. Durante os protestos em 2013, as máscaras em referência ao grupo foram vendidas em diversas lojas no Saara, centro de compras popular do Rio. O Anonymous ganhou notoriedade e novos adeptos ao mobilizar mais de 7 mil pessoas, em todo o mundo, para protestos contra a Igreja da Cientologia em 2008. Em entrevista a Chris Landers, diversos membros - chamados de *anons* - falaram sobre as idiossincrasias de funcionamento do grupo: “Os *anons* entrevistados neste artigo dizem que na maior parte das vezes uns não sabem os nomes dos outros. Também não há líderes ou porta-vozes oficiais” ¹⁶³.

¹⁵⁹ **Palestra com o juiz João Batista Damasceno.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=eTEMF0NYKqg> >. Acesso em 7 nov. 2016.

¹⁶⁰ **Post na página Ocupa Câmara Rio de 26 de maio de 2014.** Disponível em <https://www.facebook.com/pg/ocupacamarario/posts/?ref+page_internal>. Acesso em 7 nov. 2016.

¹⁶¹ **WE ARE ANONYMOUS, WE ARE LEGION.** Disponível em < <https://yalelawtech.org/2009/11/09/we-are-anonymous-we-are-legion/> >. Acesso em 8 dez. 2016

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Ver mais em LANDERS, Chris. **A Guerra na internet: Anonymous vs. Church of Scientology.** Disponível em < <https://cientonetica.wordpress.com/2008/04/10/a-guerra-na-internet-anonymous-vs-church-of-scientology/> >. Acesso em 8 dez. 2016

Nos protestos de 2013, invadiram páginas de governos e partidos (ver figura a seguir): em agosto, entraram na página do PMDB nacional cobrando investigações sobre o paradeiro do pedreiro Amarildo de Souza que, como veremos mais adiante, tornou-se uma grande motivação dos protestos no Rio. Em setembro, hackearam a mesma página e publicaram vídeo com inúmeras críticas, acusações e cobranças de políticos e autoridades.

"Em vez de colocar em pauta as solicitações feitas nos protestos e atenderem nossas legítimas reivindicações de melhorias sociais e moralidade política, estão priorizando a repressão ao direito à livre manifestação" ¹⁶⁴

O vídeo postado pela organização em 18 de junho de 2013 denominado 'As 5 causas' foi visto por mais de 1 milhão de pessoas à época dos protestos ¹⁶⁵. Nele, o grupo pede rejeição à PEC-37 - que pretendia limitar a ação do Ministério Público nas investigações policiais -, a saída de Renan Calheiros da presidência do Congresso Nacional, investigação e punição imediatas nas obras da Copa das Confederações e de 2014, lei que torne hediondo o crime de corrupção e fim do foro privilegiado para políticos. A descrição do vídeo afirma: "Não somos uma organização. Sou você. Sou fake. Sou real. Somos todos. Não somos ninguém. Somos uma ideia".

Figura 17 - Anonymous invade página do PMDB e cobra paradeiro de pedreiro



Fonte: UOL ¹⁶⁶

¹⁶⁴ **Na véspera de protesto, Anonymous invade site, critica veto a mascarados e cobra Dilma.** Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/09/06/na-vespera-de-protestos-anonymous-invade-site-do-pmdb-critica-veto-a-mascarados-e-cobra-dilma.htm> >. Acesso em 8 dez. 2016

¹⁶⁵ Em 2017, o número de visualizações superou 1,8 milhão. **Anonymous Brasil - As 5 causas!** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs> >. Acesso em 18 jun 2017.

¹⁶⁶ **Site do PMDB é hackeado pela segunda vez na semana; "cadê o Amarildo?", diz mensagem.** Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/15/site-do-pmdb-e-hackeado-pela-segunda-vez-em-4-dias-cade-o-amarildo-diz-mensagem.htm> >. Acesso em 8 dez. 2016

Figura 18 - Vídeo 'As 5 Causas' foi visto por mais de 1,8 milhão de pessoas



Fonte: Youtube ¹⁶⁷

2.3 Notas sobre a tática black bloc

Não nos aprofundaremos nas questões históricas da tática black bloc, mas devido à dimensão que ganhou nos protestos e nas suas representações e transmissões, principalmente no Rio de Janeiro, cabe nos posicionarmos em relação a alguns pontos. Em primeiro lugar, diferente do senso comum e da maior parte dos discursos da mídia corporativa, todos que estudam verdadeiramente a questão afirmam não se tratar de um movimento, mas de uma tática (FREIXO in BORBA et al., 2014; SOLANO, MANSO e NOVAES, 2014; ORTELLADO ¹⁶⁸ e FIÚZA ¹⁶⁹). Nas palavras de Bruno Fiúza (in ALVES, 2014):

"O black bloc não é uma organização permanente, mas sim um bloco de militantes vestidos de preto e com o rosto coberto que se organizam temporariamente para proteger uma manifestação dos violentos ataques da polícia e realizar ações diretas de destruição de símbolos capitalistas. A formação de um black bloc, portanto, é uma tática, uma ferramenta usada por certos militantes para se defender da violência policial e atacar os símbolos de uma ordem social por eles considerada injusta e absurda".

Esther Solano (2014, kindle) investigou as peculiaridades da tática no país e, a partir de entrevistas e observações ao longo de um ano, apresentou um prisma diametralmente

¹⁶⁷ **Anonymous Brasil - As 5 causas!** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs> >. Acesso em 18 jun 2017.

¹⁶⁸ ORTELLADO, Pablo. **Os Black Blocs e a violência.** Disponível em < <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1603> >. Acesso em 17 out. 2016

¹⁶⁹ FIUZA, Bruno. **Black Blocs: A origem da tática que causa polêmica na esquerda.** Viomundo, São Paulo, 8 out. 2013. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causapolemica-na-esquerda.html>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

oposto ao da mídia corporativa sobre a questão. Os indivíduos identificados como black blocs em função do rosto coberto e do comportamento compreendem perfis diferentes: há os que "sabem realmente o que significa a tática black bloc, leem e sabem articular um discurso mais ou menos politizado" e os "que simplesmente aproveitam o momento de caos para cobrir o rosto". A fim de sistematizar um perfil para os adeptos da tática, Solano define:

"Em relação ao primeiro grupo, são jovens que têm um projeto político, que quando saem para a rua para quebrar um banco entendem que esse gesto tem um significado. Os mais novos têm dezessete anos, mas em geral a idade vai de vinte a vinte e quatro anos; a grande maioria trabalha, muitos estudam. Há alguns formados, a maioria em universidade particular, mas há também gente de universidades públicas como a USP. A maioria é de classe média baixa. São usuários do transporte público, do SUS, da escola pública, mas a maioria não vem daquela periferia mais pobre e excluída. Eles fazem parte do que vários estudiosos têm chamado de um subproletariado que vem crescendo muito nos últimos anos no Brasil? A maioria, sim. São jovens que trabalham há pouco tempo, mas já conhecem bem a precariedade do estado. Friso novamente que a maior parte não é daquela periferia que praticamente não tem acesso às manifestações" (2014).

Nas manifestações brasileiras, a maioria dos adeptos, segundo Solano, não conhecia a tática antes de 2013 e aderiu a ela em função da violência da polícia. A autora divide as ações em duas frentes: a proteção dos manifestantes que estão nas ruas em relação à repressão policial, de um lado, e a ação direta de outro. Esta última consiste em depredar símbolos de opressão e também patrimônio público, bem como o confronto direto com a polícia. A título de reflexão, ela sugere que a "raiva do Black Bloc é um sintoma, que os problemas estruturais das polícias são sintomas que estão explicitando as úlceras do atual modelo social brasileiro" e que a violência é utilizada como "forma de expressar a indignação" (2014). "Vale a pena perguntar por que esses jovens chegaram ao ponto de enxergar na violência a única forma de ser escutados", coloca. Solano também problematiza a violência na visão dos adeptos:

"Eles dizem que o que fazem **não é violência, é performance** — é um tipo de espetáculo, em que querem atingir símbolos para chamar a atenção. O discurso é de que a verdadeira violência é a de um sistema político que não dá respostas para a população e que mantém, por exemplo, índices altíssimos de homicídios e de mortes no trânsito. Para eles, a violência é a do sistema, e o que fazem é chamar a atenção para essa violência política e corporativa". (grifo nosso)

O professor Pablo Ortellado ¹⁷⁰ traz uma interessante relação entre o crescimento da tática black bloc e a postura da mídia. Para ele, táticas de resistência calcadas na não violência, na desobediência civil e nos princípios de Gandhi ¹⁷¹, que ganharam adeptos em vários lugares do mundo no século anterior, só têm efeitos políticos quando têm visibilidade. É preciso que a imprensa esteja comprometida com as liberdades individuais e direitos fundamentais e reporte, por exemplo, a violência policial quando esta acontece. O "despertar do mundo", diz Ortellado, "só é possível se o mundo tem a oportunidade de conhecer o que você está fazendo". Nesse sentido, o professor de Antropologia da London School of Economics, David Graeber, um dos ativistas que compuseram o Black Bloc de Seattle - momento em que a tática surgida na Alemanha ganhou maior destaque ao longo da História - relata assim o debate que se deu e resultou no crescimento da tática:

“Estratégias gandhianas não têm funcionado historicamente nos Estados Unidos. Na verdade, elas nunca funcionaram em escala massiva desde o movimento pelos direitos civis. Isso porque os meios de comunicação nos EUA são constitutivamente incapazes de noticiar os atos de repressão policial como ‘violência’ (o movimento pelos direitos civis foi uma exceção porque muitos americanos não viam o sul como parte do mesmo país). Muitos dos jovens que formaram o famoso Black Bloc de Seattle eram na verdade ativistas ambientais que estiveram envolvidos em táticas de subir e se prender em árvores para impedir que fossem derrubadas e que operavam em princípios puramente gandhianos — apenas para descobrirem em seguida que nos Estados Unidos dos anos 1990, manifestantes não violentos podiam ser brutalizados, torturados e mesmo mortos sem qualquer objeção relevante da imprensa nacional. Assim, eles mudaram de tática. Nós sabíamos de tudo isso. E decidimos que valia a pena correr o risco” ¹⁷².

Na mesma direção da análise da ONG Artigo 19 citada anteriormente, Ortellado toca ainda num ponto chave que ficará claro na análise empírica do capítulo a seguir: a imprensa, em particular o telejornalismo, discute exaustivamente a “violência” contra vidraças enquanto a "verdadeira violência contra a vida ganha apenas menções pontuais” ¹⁷³. Como diversos autores, entendemos a violência da tática black bloc, portanto, como uma luta contra a invisibilidade (MARTINS in BORBA et al, 2014).

¹⁷⁰ ORTELLADO, Pablo. **Os Black Blocs e a violência**. Disponível em < <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1603> >. Acesso em 17 out. 2016

¹⁷¹ Mahatma Gandhi foi o idealizador e fundador do moderno Estado indiano e o maior defensor do Satyagraha (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como um meio de revolução. Ver mais em **Mahatma Gandhi**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mahatma_Gandhi>. Acesso em 17 dez. 2016

¹⁷² in ORTELLADO, Pablo. **Os Black Blocs e a violência**. Disponível em < <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1603> >. Acesso em 17 out. 2016

¹⁷³ Idem.

Apesar de concordarmos com as visões supracitadas de que a tática constitui um sintoma de uma sociedade institucionalmente violenta com parcela da população, não dá para negar que a presença desses ativistas - e principalmente a repercussão midiática de suas atitudes - teve grande peso na diminuição do tamanho dos protestos. Nesse sentido, discordamos de alguns autores que atribuem aos black blocs a força do movimento, em particular no Rio de Janeiro (COCO e ALBUQUERQUE in ALVES, 2014, kindle). Como Brissac (in BORBA et al., 2014, kindle), avaliamos que "a violência abafou a riqueza do que estava sendo discutido, das demandas, da variedade dos problemas que estavam sendo colocados". Não se trata de um julgamento da estratégia, até porque, como veremos a seguir, a atuação das forças policiais foi extremamente violenta e a tática black bloc cresceu em resposta a ela. Mas fato é que tanto em função da violência da polícia como dos black blocs - esta amplificada pela TV de forma incessante - os movimentos perderam adeptos ao longo dos meses analisados.

2.4 Repressão policial e vigilância

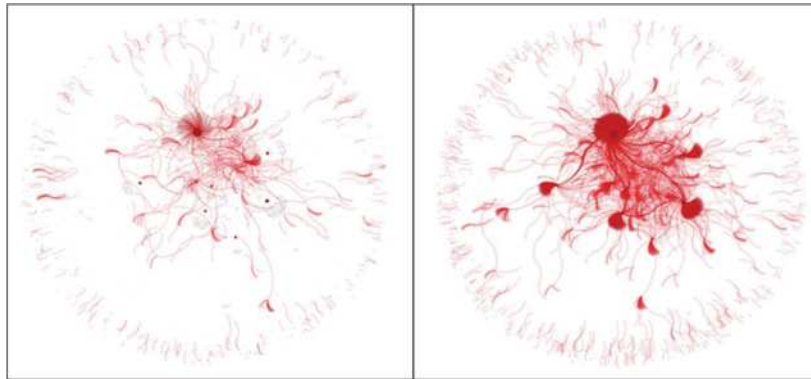
A repressão policial foi marca dos protestos em 2013-2014. Nos início das manifestações brasileiras, foi observado um ciclo que se repetia em diversas manifestações (FREITAS, 2015): após a repressão policial, a solidariedade gerada com a disseminação pela internet de vídeos das agressões levava a protestos ainda maiores, reprimidos e, novamente, seguidos de manifestações. Para alguns autores, como Recuero ¹⁷⁴, trata-se da principal motivação para os protestos terem alcançado a escala e a heterogeneidade que vimos nos dias 17 e 20 de junho.

"Ao que parece, a escalada dos protestos deve-se simplesmente à violenta repressão, narrada ao vivo nas e pelas redes sociais dos manifestantes em São Paulo e ontem (15/6), no Rio de Janeiro. Os inúmeros relatos, vídeos, fotografias e mensagens acabaram sendo a fâsca que faltava para criar uma mobilização de grandes proporções".

¹⁷⁴ Ver RECUERO, Raquel. **ARS: A ESCALADA DOS PROTESTOS NO BRASIL**. Disponível em < <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/ars-a-escalada-dos-protestos-no-brasil.html> >. Acesso em 17 out. 2016

Ao analisar o twitter com base em recorte de 20 mil mensagens que usaram a palavra 'tarifa' em 13 de junho, é possível verificar que, ao passo que cenas de violência policial espalhavam-se pela rede ¹⁷⁵, as interações aumentavam, como pode ser visto na figura abaixo.

Figura 19 - Interações no twitter no dia 13 de junho antes e depois da repressão



Fonte: Labic (in CARDOSO e DI FATIMA, 2013, p. 160)

Em 20 de junho ¹⁷⁶, dia com maior número de manifestantes nas ruas, há centenas de relatos e de vídeos de violência da PM ¹⁷⁷ contra manifestantes no Rio de Janeiro. A polícia encurralou milhares de pessoas na Avenida Presidente Vargas, impedindo a saída pelas ruas laterais ¹⁷⁸, lançou indiscriminadamente bombas de gás lacrimogêneo nas ruas, em bares ¹⁷⁹,

¹⁷⁵ Ver **Rio de Janeiro 13 de junho de 2013**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4dt00TUd8Ps> >. Acesso em 17 out. 2016

¹⁷⁶ **De quem é a ordem? - Rio, 20/06/2013 (Who's order? - Brazil Protests)**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=A87MctF-f-M> >. Acesso em 26 dez. 2016.

¹⁷⁷ **Vídeos mostram ação violenta da PM do Rio durante e após manifestação de 20 de junho**. Disponível em <<http://vozesdascomunidades.org/videos-mostram-acao-violenta-da-pm-do-rio-durante-e-apos-manifestacao-de-20-de-junho/>>. Acesso em 26 dez. 2016.

¹⁷⁸ O jornalista Arthur Romeu em seu perfil no Facebook relata que foi até a Prefeitura do Rio no protesto de 20 de junho. "Em menos de meia hora, militares sobre cavalos e caveirões atacaram aleatoriamente uma massa de centenas de milhares de pessoas com gases e balas de borracha. Como muitos que estavam lá, tive o terrível sentimento de estar sendo encurralado por mais militares que surgiam de ruas transversais". **Protesto reúne um milhão de pessoas no Rio de Janeiro**. Disponível em <<http://vozesdascomunidades.org/protesto-reune-um-milhao-de-pessoas-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 26 dez. 2016. Situação parecida foi vivida pela autora dessa dissertação.

¹⁷⁹ **Policiais jogam bombas de efeito moral DENTRO DE UM BAR**. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?v=121224234755540&set=vb.298280080217390&type=2&theater.>> **Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio**. Disponível em < <https://www.facebook.com/photo.php?v=121224234755540&set=vb.298280080217390&type=2&theater> >. Acesso em 26 dez. 2016

dentro da casa de shows Circo Voador ¹⁸⁰ e até no Hospital Municipal Souza Aguiar ¹⁸¹, fez uso também indiscriminado de balas de borracha ¹⁸², usou o chamado Caveirão - nome popular do carro blindado usado pelo batalhão de operações policiais especiais da Polícia Militar - para atacar manifestantes ¹⁸³, perseguiu pessoas em locais distantes dos protestos como na Lapa ¹⁸⁴ e Glória ¹⁸⁵ e cercou o IFCS - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - da UFRJ, onde muitos abrigaram-se garantidos pelo fato de que a PM não pode entrar em universidades ¹⁸⁶.

Neste dia, o Metrô Rio, alegando insegurança, fechou as estações na região do Centro ¹⁸⁷, deixando milhares de pessoas sem ter como voltar para casa. A iluminação pública fora desligada ¹⁸⁸ e imagens oficiais das câmeras de segurança da Prefeitura que transmitem imagens do trânsito na Presidente Vargas em tempo real foram substituídas por cenas de trânsito em outros locais ¹⁸⁹. Depois disso, muitos jovens agredidos disseram que não

¹⁸⁰ **Protesto no Rio: Circo Voador é alvo de bombas de gás lançadas pela PM.** Disponível em < <http://oglobo.globo.com/rio/protesto-no-rio-circo-voador-alvo-de-bombas-de-gas-lancadas-pela-pm-8764016> >. Acesso em 17 dez. 2016. Ver também **Cannibal Corpse: Circo Voador é alvejado por bombas de gás.** Disponível em <http://whiplash.net/materias/news_826/182200-cannibalcorpse.html>. Acesso em 26 dez. 2016

¹⁸¹ AFFONSO, Julia. **Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/tropa-de-choque-joga-bomba-e-atira-em-direcao-a-hospital-que-atende-manifestantes-no-rio.htm>>. Acesso em 26 dez. 2016

¹⁸² **Manifestante Acusa A Polícia Do Rio De Atirar Com Balas De Borracha.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=tMH51pYE64> >. Acesso em 17 dez. 2016. Ver também **Abuso policial na manifestação 20/06 Palácio Guanabara RJ** <https://www.youtube.com/watch?v=zdlwLguI_TI>

¹⁸³ Para imagens do caveirão no Centro do Rio no dia 20 de junho, ver <<https://www.facebook.com/photo.php?v=10201425447617553&set=vb.1215823328&type=2&theater.>> Acesso em 17 dez. 2016> e **Protesto Rio de Janeiro 20.06.13 - Caveirão atira em protestantes ajoelhados.** <<https://www.youtube.com/watch?v=d9dbzVbGbsc>>. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁸⁴ **Manifestações 20/06 de 2013 - Lapa.** Disponível em < <https://vimeo.com/68863897> >. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁸⁵ Depoimentos dados à autora por manifestantes.

¹⁸⁶ **Manifestantes estão refugiados em universidade; polícia faz cerco do lado de fora.** Disponível em < <http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-estao-refugiados-em-universidade-policia-faz-cerco-do-lado-de-fora-8763896> >. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁸⁷ As estações Cinelândia, Carioca, Cidade Nova, Uruguaiana e Presidente Vargas, no centro, foram fechadas devido à "insegurança externa", segundo o Metrô Rio. As estações Praça Onze e Central também haviam sido fechadas, mas foram abertas após a chegada de reforço da Polícia Militar. Segundo a assessoria do metrô a medida foi tomada por questões de segurança. Ver <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/tropa-de-choque-joga-bomba-e-atira-em-direcao-a-hospital-que-atende-manifestantes-no-rio.htm>> Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁸⁸ **Violência Policial Durante Protesto Histórico Levanta Sérias Questões.** Disponível em < <http://rioonwatch.org.br/?p=6658> > Acesso em 17 dez. 2016. Ver também **De quem é a ordem? - Rio, 20/06/2013 (Who's order? - Brazil Protests)** . Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=A87MctF-f-M>>. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁸⁹ AFFONSO, Julia. **Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio.** Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/tropa-de-choque-joga-bomba-e-atira-em-direcao-a-hospital-que-atende-manifestantes-no-rio.htm>> Acesso em 17 dez. 2016.

voltariam a um protesto novamente ¹⁹⁰. Nessa noite, a imprensa foi alvo de ataque tanto por parte dos manifestantes como da polícia. Um carro do SBT foi incendiado ¹⁹¹ e o jornalista Pedro Vedova, da GloboNews, atingido com uma bala de borracha na testa ¹⁹² (ver figuras abaixo). Também ocorreu em 20 de junho a polêmica prisão do morador de rua Rafael Braga, condenado a cinco anos de prisão por portar uma garrafa de Pinho Sol ¹⁹³. Todos os indícios levam a crer que Rafael de fato nem participava do ato e sua condenação, única referente aos protestos de 2013, virou símbolo de injustiça condenado por diversas instituições de defesa de Direitos Humanos, entre as quais a Anistia Internacional ¹⁹⁴.

Figura 20 - Imprensa foi alvo de manifestantes e da polícia em 20 de junho no Rio



Fontes: Portal Imprensa e Uol

¹⁹⁰ Em depoimento à jornalista Julia Affonso, a estudante Gabriela Affonso, 16 anos, irmã da atendente Daniela Souza Araújo, 23, atingida por uma bala de borracha no rosto e com uma queimadura na barriga decorrente da explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo na avenida Presidente Vargas, disse que fora a primeira participação de ambas em um protesto, e também a última. "Só apoio agora pela internet. A gente estava na avenida Presidente Vargas quando a confusão começou. O Choque subiu em uma passarela perto de onde a gente estava e atirou para baixo", contou. "Era muito fumaça. A gente se abraçou e ficou no meio da pista. De repente, ela foi atingida". Daniela passou por uma cirurgia no rosto no Hospital Souza Aguiar, onde mais de 60 pessoas feridas nos protestos foram atingidas. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/tropa-de-choque-joga-bomba-e-atira-em-direcao-a-hospital-que-atende-manifestantes-no-rio.htm>>. Acesso em 17 dez. 2016. >. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁹¹ **Carro do SBT é incendiado durante manifestações no Rio de Janeiro 20/06/2013**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NS9h4aR-LPc>>. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁹² **Repórter da GloboNews é atingido por bala de borracha; veja relato**. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/06/reporter-da-globonews-e-atingido-por-bala-de-borracha-veja-relato.html>>. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁹³ Sobre esse caso, ver **No caso Rafael Braga, depoimento da polícia basta**. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452803872_078619.html> e **O drama de Rafael Braga**. Disponível em <<http://www.cartacapital.com.br/revista/830/o-bode-na-cela-5910.html>>. Acesso em Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁹⁴ BATISTA, Ligia. **Rafael Braga e a seletividade do sistema de justiça criminal**. Disponível em <<https://anistia.org.br/sobre-rafael-braga-e-seletividade-sistema-de-justica-criminal/>>. Acesso em 17 mai. 2017.

Nota-se que enquanto a morte do cinegrafista Santiago Andrade e as manifestações contra o governo Temer serviram de gatilho mnemônico da TV Globo para as manifestações como vimos no capítulo 1, a prisão de Rafael Braga é um dos ganchos para evocar a memória das Jornadas de Junho por parte dos coletivos de mídia. A campanha 30 dias por Rafael Braga promoveu, em junho de 2017, eventos, manifestações, debates e pautas na imprensa ¹⁹⁵. As motivações editoriais dos veículos ficam claras com as memórias salientadas e silenciadas - de um lado, o JN ressalta a violência dos manifestantes tendo como gancho o vandalismo e a morte de um membro da imprensa causada por um rojão disparado por manifestantes, de outro, a única condenação à prisão registrada durante os protestos evidencia, para os que relembram, a violência policial e a parcialidade da Justiça.

Cenas de repressão policial como as de 20 de junho repetiram-se em diversas ocasiões. Alguns casos de prováveis flagrantes forjados por policiais no Rio de Janeiro ganharam grande repercussão. A grande imprensa passou a tratar de um desses episódios após o site do New York Times ¹⁹⁶ publicar, no dia 24 de julho, extenso texto - com links para vídeos - em que colocou em questão a possibilidade de policiais infiltrados terem iniciado confusão que terminou com repressão policial. A matéria, assinada por três repórteres, analisou vídeos gravados por testemunhas, manifestantes e pela própria polícia e concluiu que havia indícios de que agentes policiais estavam infiltrados na manifestação com o objetivo de iniciar confusões e justificar a repressão. Na ocasião, a página oficial da PM do Rio tuitou "Vejam vídeo com manifestante que iniciou confronto atirando Coquetel Molotov contra #PMs". Após a polêmica, no entanto, o vídeo fora retirado do youtube. Não se chegou a uma conclusão sobre se o homem que aparece nas imagens atirando um coquetel molotov contra a polícia - fato que motivou a atitude dos policiais - era de fato o mesmo que aparece junto a um grupo de agentes pouco depois ¹⁹⁷, o que indicaria haver relação entre eles.

¹⁹⁵ CONRADO, Hysabella. **30 dias por Rafael Braga: para ninguém esquecer que não foi por Pinho Sol, foi racismo.** Disponível em < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/30-dias-por-rafael-braga-para-ninguem-esquecer-que-nao-foi-por-pinho-sol-foi-racismo/> >. Acesso em 25 jun 2017.

¹⁹⁶ **Video of Clashes in Brazil Appears to Show Police Infiltrators Among Protesters.** Disponível em < https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/07/24/video-of-clashes-in-brazil-appears-to-show-police-infiltrators-among-the-protesters/?_r=0 >. Acesso em 17 dez. 2016.

¹⁹⁷ **RAMALHO, Sergio. Perito não encontra provas de que policial usou coquetel molotov.** Disponível em < <http://oglobo.globo.com/rio/perito-nao-encontra-provas-de-que-policial-usou-coquetel-molotov-9171697#ixzz4WLDmQF9W> >. Acesso em 26 dez. 2016

Figura 21 - Página do Facebook com campanha 30 Dias por Rafael Braga



Fonte: Facebook ¹⁹⁸

O jornal norte-americano tratou também de outros vídeos que evidenciam a presença de policiais infiltrados nas manifestações. É o caso de uma tomada bem nítida em que dois homens passam por uma barreira de policiais e são parados pelos agentes como suspeitos ¹⁹⁹. Há grande mobilização dos agentes até que eles se identificam como 'polícia', um deles chega a tirar a carteira do bolso num movimento que aparenta o intuito de mostrar a identidade ao agente. Ouve-se então: 'É polícia, cara' e, em seguida, os dois são liberados. Policiais à paisana também protagonizaram a prisão do ninja Carioca e do manifestante Bruno Teles, que esmiuçaremos no capítulo 4.

Em manifestação no dia 30 de setembro, agentes foram filmados pelo jornal O Globo forjando flagrante de apreensão de um morteiro na mochila de um adolescente ²⁰⁰. Em outra ocasião, um policial tenta insinuar que um manifestante portava uma pedra portuguesa, mas

¹⁹⁸ **30 Dias Por Rafael Braga**. Disponível em < <https://www.facebook.com/30DiasPorRafaelBraga/> >. Acesso em 25 jun 2017.

¹⁹⁹ **FLAGRANTE: Policiais infiltrados são confundidos com manifestantes pela PMERJ**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Bn1zpTvaWJ0> >. Acesso em 26 dez. 2016

²⁰⁰ **Policial forja flagrante durante protesto no Centro do Rio**. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/videos/video/?idv=2862943> >. Ver também **Policiais militares filmados forjando flagrante em manifestação no Rio são condenados**. <<http://oglobo.globo.com/rio/policiais-militares-filmados-forjando-flagrante-em-manifestacao-no-rio-sao-condenados-16321405>> Acesso em 26 dez. 2016

diante da queixa dos que acompanhavam a ação, ele desiste ²⁰¹. Em São Paulo, um policial chegou a ser filmado quebrando o vidro de uma viatura, sugerindo tentativa de forjar ação de vandalismo ²⁰². O vídeo alcançou 2,3 milhões de visualizações.

A Força Nacional também usou de agentes infiltrados. O policial militar conhecido como Maurício passou a frequentar grupos de mensagens e a participar de rodas de conversa presenciais de manifestantes ²⁰³, tornando-se um dos principais acusadores de processo criminal contra a advogada e ativista Eloisa Samy ²⁰⁴ e outras 22 pessoas. O processo ficou conhecido como 'processo dos 23' e foi iniciado após operação intitulada Firewall, em que mais de 100 policiais engajaram-se na prisão de ativistas no Rio de Janeiro a fim de impedir que eles participassem de atos durante a final da Copa do Mundo ²⁰⁵. Até maio de 2017, o processo não tinha sido julgado, aguardando posicionamento do Superior Tribunal de Justiça sobre pedido de *habeas corpus* pela anulação de provas colhidas pelo policial sem autorização judicial. Após essa decisão, o “processo dos 23” deverá ser julgado pelo juiz Flávio Itabaiana, do Tribunal de Justiça fluminense. Para ativistas, o juiz, que concedeu diversos pedidos de prisão temporária de ativistas deve condenar os processados, decisão que pode ser revertida na segunda ou terceira instâncias ²⁰⁶. Samy chegou a ser considerada foragida pela Justiça brasileira, e procurou o Consulado do Uruguai, pedindo asilo político àquele país ²⁰⁷. O pedido, negado, foi o primeiro feito no Brasil desde o fim da Ditadura iniciada em 1964.

Histórias como essa nos levam nas discussões em torno da vigilância. Não à toa, 2013 foi um dos anos em que o Brasil mais investiu em monitoramento - R\$ 382 milhões - através

²⁰¹ **PM tenta implantar uma pedra num jovem na Cinelândia.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=qHs2YyU2QIA> >. Acesso em 26 dez. 2016

²⁰² **Policial Quebra Vidro da Própria Viatura - São Paulo 13/6/2013.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kxPNQDFcR0U> >. Acesso em 26 dez. 2016

²⁰³ Ver VIANA, Natalia. **Um espião contra Eloisa Samy.** Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/infiltrados/um-espiao-contr-eloisa-samy/> >. Acesso em 26 dez. 2016

²⁰⁴ Ver BARROS, Rafaella. **A atuação da advogada Eloisa Samy dentro e fora dos tribunais.** Disponível em <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/a-atuacao-da-advogada-eloisa-samy-dentro-fora-dos-tribunais-19393767.html>> . Acesso em 10 nov. 2016

²⁰⁵ Ver **Consulado uruguaio impede entrada da polícia, e agentes esperam do lado de fora para prender ativistas.** Disponível em < <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/consulado-uruguaio-impede-entrada-da-policia-e-agentes-esperando-lado-de-fora-para-prender-ativistas-21072014> > . Acesso em 26 dez. 2016

²⁰⁶ VIANA, Natalia; SIMÕES, Mariana. **Meu nome não é Sininho.** Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 26 dez. 2016

²⁰⁷ VIANA, Natalia. **Um espião contra Eloisa Samy.** Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/infiltrados/um-espiao-contr-eloisa-samy/> >. Acesso em 26 dez. 2016

da Secretaria Extraordinária de Segurança para Grandes Eventos (SESGE)²⁰⁸. Se por um lado, a internet e seus mecanismos dão poder de fiscalização aos cidadãos comuns e geram redes de solidariedade, por outro também permitem que estes tenham suas vidas devassadas sem consentimento e que manifestantes sejam facilmente rastreados. A vigilância, define David Lyon, é "qualquer foco sistemático sobre informações pessoais, a fim de influenciar, gerenciar ou controlar aqueles cujas a informação é recolhida" (BENNETT, et al, 2014, p.6). E sabemos que esse monitoramento via processamento de dados pessoais é muitas vezes feito de forma ilegal (ou desregulado) - tal qual demonstraram os vazamentos de informações da Agência de Segurança norte-americana feito em 2013 por Edward Snowden - para atender interesses de estados ou de mercado (LYON, 2002).

Para David Lyon, "pessoas e populações estão sob escrutínio" (LYON, 2002, p.2), isso ainda antes de seus Estados e governantes deliberadamente levantarem informações sobre cidadãos. Isso porque quase todas as atividades geram registros eletrônicos: trajetos longos e curtos, pagamentos com cartão de crédito e mesmo a inscrição em uma disciplina na universidade geram captura de dados (apud BENNETT, et al, 2014, p.3). A extensão que a informação pessoal é recolhida, processada, e retida não tem paralelo na história humana e, não à toa, o autor diz que a reunião de informações pessoais hoje é equivalente ao que o petróleo foi no século passado (apud BENNETT, et al, 2014, p.11). Somos tratados, alerta Lyon, de forma diferente de acordo com nossos perfis, "e tal tratamento, por sua vez, muda o nosso presente e o nosso futuro. Esta é a classificação social" (apud BENNETT, et al, 2014, p.4), que ameaça a democracia e aumenta as desigualdades, conforme aprofundaremos no próximo capítulo.

As observações de Lyon são verificáveis em diversos momentos dos protestos de 2013, particularmente quando mergulhamos na história de Elisa Quadros, apelidada de Sininho, ativista que virou uma espécie de símbolo das manifestações. Perseguida pela polícia, a produtora não tem dúvidas de que seu telefone e de pessoas de seu relacionamento, mesmo anos depois, continua grampeado. "Sempre vai ter vigilância", afirmou no fim de 2016 em entrevista à Agência Pública²⁰⁹. A ativista opina que, no Rio de Janeiro, a vigilância

²⁰⁸ FONSECA, Bruno. **Vigilância em números**. Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/vigilancia-em-numeros/> >. Acesso em 26 abr. 2017

²⁰⁹ VIANA, Natalia; SIMÕES, Mariana. **Meu nome não é Sininho**. Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 26 mai. 2017

pareceu recair ainda mais sobre quem já é exposto pela imprensa e seu caso traz importantes insumos para entendermos o *modus operandi* da mídia corporativa durante as manifestações.

De um lado, a insistência da imprensa na busca e estabelecimento de lideranças, personagens, símbolos e algozes dos levantes; de outro o rechaço à personificação e o apontamento de líderes por parte dos manifestantes. A superexposição de Elisa, que chegou a estampar uma das capas da Veja com a chamada “Os Segredos de Sininho - A militante Elisa Quadros, protetora dos Black Blocks, é a chave para descobrir quem financia, arma e treina os vândalos” deixa evidente essa dinâmica. Elisa credits sua situação em abril 2017 - segundo ela, saindo de uma depressão - à exposição na mídia e afirma que “Sininho é uma construção midiática”: “a mídia é muito mais poderosa do que a prisão. A destruição da identidade é eterna”²¹⁰. Presa duas vezes em Bangu, a ativista perdeu o emprego, não conseguiu ver o avô em Porto Alegre antes da sua morte, ficou impedida de frequentar reuniões públicas, teve seu nome veiculado no programa Fantástico como procurada - a recompensa era de R\$ 2 mil - e passou a tomar remédios psiquiátricos. “Eu já cheguei a me machucar. E eu falo abertamente porque isso não tem que ser vergonha para ninguém não, nem para mim, nem para ninguém que passa por isso.”²¹¹

Figura 22 - capa da Veja estampa o rosto de Elisa Quadros; à dir. cartaz exibido no Fantástico

veja

OS SEGREDOS DE SININHO
A militante Elisa Quadros, protetora dos black blocs, é a chave para descobrir quem financia, arma e treina os vândalos

WHATSAPP | 96802-1650 ENVIE IMAGENS E INFORMAÇÕES SOBRE PROCURADOS PELA JUSTIÇA.

DENUNCIE 2253 1177
ANONIMATO GARANTIDO

PROCURADOS

Sininho
Elisa de Quadros Pinto Sanzi

Nascimento: 19/09/1985
RG: RG Nº. (I.F.P.) 208.535.906
Natural: Porto Alegre - RS
Situação: Procurada
Crimes: Quadrilha ou Bando
1 - Associação Criminosa (Art. 288 - Código Penal)
Função: Ativista Política
Área de Atuação: Rio de Janeiro - RJ

FOTOS:

Fonte: Revista Veja e Google Imagens

²¹⁰ VIANA, Natalia; SIMÕES, Mariana. **Meu nome não é Sininho**. Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 26 mai. 2017

²¹¹ VIANA, Natalia; SIMÕES, Mariana. **Meu nome não é Sininho**. Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 26 dez. 2016

Na entrevista, a produtora relata sua primeira prisão e quando virou capa de jornal:

"Foi tudo muito traumatizante. Mas o 15 de outubro, para mim, tem um significado. Você nunca vai achar que vai ser presa, né? Você é classe média, branca, isso nunca vai passar pela sua cabeça. Então foi uma série de rupturas na minha vida. Ali tudo se iniciou. 15 de outubro foi visível, foi chocante, foi agressivo. A polícia separou homens e mulheres na Câmara [dos Deputados]. Duas pessoas que eu conhecia levaram tiro. E ali eles me destacaram. Me tiraram da escada, me destacaram de todo mundo e me colocaram ali com todos os coronéis, os chefes do Bope, do Core, da Polícia Militar. "Ah, você que é a Sininho? Você que é a grande líder?" Eu tive escolta particular, eu tive que entrar num carro diferente. Foram 40 mulheres detidas, e eu fui a única presa mandada para Bangu. (...) Ali foi quando eu virei capa [de jornal] pela primeira vez. A foto é chocante, histórica. A mise-en-scène com aquilo ali... Foi ali que criaram essa personagem, a liderança Sininho. E aí foi quando fui para Bangu pela primeira vez".

A figura dela ganhou aspectos ainda mais atraentes para o *modus operandi* midiático²¹² quando a estudante de tecnologia da informação Anne Josephine Rousencrantz, então com 21 anos, prestou depoimento de mais de cinco horas na Delegacia de Repressão a Crimes de Informática (DRCI), acusando Sininho de planejar incendiar a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Por trás das acusações, estava o triângulo amoroso composto por Anne, o namorado Luiz Carlos Rendeiro Júnior (Game Over), de quem se separou entre abril e setembro de 2013, e Elisa Quadros (Sininho), com quem ele manteve um relacionamento nesse período; a foto dos dois no dia da prisão foi exaustivamente veiculada pela imprensa e nas redes sociais.

Figura 23 - Sininho, no ônibus, abraça 'Game Over'



Fonte: Google Imagens

²¹² A história de Sininho e Game Over foi amplamente explorada pela mídia. Ver TALARICO, Bruna. **Sininho dá sua versão sobre a história de paixões e traições entre militantes**. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-08-04/sininho-da-sua-versao-sobre-a-historia-de-paixoes-e-traicoes-entre-militantes.html>>. Acesso em 20 jan. 2017. Para mais infos sobre o modus operandi midiático e a busca pela espetacularização ver GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. Companhia das Letras, 1999.

Também foram relatados sequestros e ameaças contra manifestantes ou pessoas contrárias à atuação dos policiais. Levantamento da ONG Artigo 19 ²¹³ sistematiza pelo menos 11 casos de sequestros e ameaças relacionados aos protestos de 2013. O caso que ganhou mais projeção foi o do sociólogo e cientista político Paulo Baía, professor da UFRJ. Um dia depois de dar entrevista ao jornal O Globo com crítica à atuação da PM, o professor foi sequestrado por homens encapuzados no Aterro do Flamengo que o ameaçaram dizendo para não dar mais entrevistas e nem falar mal da polícia ²¹⁴. Na matéria do jornal no dia anterior, Baía disse: "no episódio do Leblon, a polícia viu o crime acontecendo e não agiu. O recado da polícia foi o seguinte: agora eu vou dar porrada em todo mundo" ²¹⁵. Outros atores criticaram o mesmo ponto de Baía: "A polícia não está prendendo quem deveria prender", disse vice-presidente da OAB-RJ, Ronaldo Cramer ²¹⁶, após a mesma manifestação no Leblon em que muitos presos não tinham nenhuma atuação em atos de vandalismo.

O artista plástico Alex Frechette fez uma série de obras retratando 55 vítimas de repressão policial e de pessoas contrárias às manifestações no Rio de Janeiro ²¹⁷, de junho a dezembro de 2013. Algumas delas, reproduzidas abaixo, retratam, da direita para a esquerda, de cima para baixo: a manifestante Renata da Paz, que perdeu um olho numa explosão de bomba lançada pela polícia no dia 20 de Junho de 2013, o manifestante Ruan Martins, atingido na testa por um cinzeiro lançado de dentro do Copacabana Palace durante protestos no casamento da neta de Jacob Barata, o já mencionado sociólogo Paulo Baía, o manifestante Fernando da Silva Candido, que morreu após complicações pulmonares provavelmente causadas por inalação de gás de pimenta, e Cláudia Aparecida Florêncio, moradora de rua, agredida em 19 de agosto durante manifestação contra o governador Sérgio Cabral - os policiais deixaram-na nua na rua. Ao lado, o índio Urutau, da etnia Guajajara, que ficou mais

²¹³ Ver relatório disponível em <http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf>.

²¹⁴ GERBASE, Fabiola. **Sociólogo é vítima de sequestro-relâmpago após dar entrevista sobre protestos. Disponível em** <<http://oglobo.globo.com/rio/sociologo-vitima-de-sequestro-relampago-apos-dar-entrevista-sobre-protestos-9102060#ixzz4WLS2zUNk>>. Acesso em 26 dez. 2016

²¹⁵ ARAÚJO, Vera. **Entre os manifestantes, há até criminosos, diz sociólogo.** Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/entre-os-manifestantes-ha-ate-criminosos-afirma-sociologo-9093745#ixzz4WLt1BJ00>>. Acesso em 26 dez. 2016

²¹⁶ **STOCHERO, Tatiana. MP, Defensoria e OAB suspeitam de prisões sem provas em protestos. Disponível em** <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/mp-defensoria-e-oab-suspeitam-de-prisoas-sem-provas-em-protestos.html>>. Acesso em 27 out 2016.

²¹⁷ **Manifestações Diárias.** Disponível em <<http://coletivocarranca.cc/manifestacoes-diaras/>>. Acesso em 20 jan. 2017.

de 26 horas no alto de uma árvore com o objetivo de impedir a derrubada da Aldeia Maracanã e, por fim, Game Over e Sininho.

Figura 24 - obras do artista Alex Frechette retrata vítimas da repressão no Rio



Fonte: Coletivo Carranca

2.5 Outras peculiaridades das manifestações do Rio de Janeiro

A cidade que escolhemos analisar reúne aspectos que fazem dela uma espécie de ícone das manifestações. Símbolo do que se convencionou chamar de “cidade-evento”²¹⁸ ou “cidade-negócio” (FREIXO in BORBA et al., 2014), o Rio foi palco de jogos da Copa das Confederações e da Jornada Mundial da Juventude em 2013, da Copa do Mundo em 2014 e sediaria a Olimpíada em 2016. Um dos seus maiores símbolos, o estádio do Maracanã, acabara de ser privatizado após passar por reformas que consumiram mais de R\$ 1,3 bilhão de

²¹⁸ A concepção de cidade-evento está ligada à ideia de que mega eventos trazem poucos ganhos para o cômputo geral da população. Para Victor de Melo (2007), essa concepção articula-se com o entendimento da produção cultural como espetáculo de entretenimento, “substituindo o antigo sentido de festa como uma forma de resistência, de reafirmação de valores da tradição e de construção de redes de sociabilidade. Se antes as cidades já estavam imersas na lógica do acúmulo de capital e as iniciativas de controle da população estavam ligadas ao fortalecimento das estratégias de negócios, o que parece diferenciar este momento é o fato das cidades em si se estabelecerem como formas de negócios, compreendidas como uma mercadoria, muito ligadas à lógica do trabalho, afinal, a cidade não seria para a diversão (para isso há a casa) e sim para “ganhar dinheiro”.

recursos públicos em 2013. Pelo edital de concessão, o governo previa arrecadar R\$ 7 milhões por ano - R\$ 245 milhões no total de 35 anos - menos que os juros pagos pelos empréstimos para financiar os gastos com as obras ²¹⁹. A empresa IMX, do empresário Eike Batista, elaborou o estudo de viabilidade da concessão do estádio, utilizado como base para a confecção do edital de concessão, processo que gerou várias críticas ²²⁰. O Consórcio Maracanã, liderado pela empreiteira Odebrecht - uma das construtoras que reformaram o local para a Copa de 2014 - com participação da IMX, foi o ganhador da concorrência.

O grupo cedeu o estádio ao Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos Rio 2016, mas recusou aceitá-lo de volta em outubro daquele ano, alegando que o espaço não estava nas mesmas condições em que foi entregue. Em fevereiro de 2017, com todos os principais envolvidos no negócio presos ou respondendo a processos, aventou-se a possibilidade de revelações de irregularidades na licitação inviabilizarem a venda ²²¹. A francesa Lagardère - participante do consórcio concorrente do Consórcio Maracanã em 2013 - havia anunciado o interesse em gerir o estádio, mas desistiu de comprar a concessão em maio de 2017 ²²² e o futuro da gestão do Maracanã, reaberto em março de 2017 ao público, permanecia indefinido até a conclusão deste trabalho.

As manifestações de 2013 tiveram bastante impacto nessa trajetória. O governo voltou atrás em diversas decisões relativas ao estádio e a seu entorno - desistiu de demolir o Parque Aquático Júlio de Lamare ²²³, o Estádio de Atletismo Célio de Barros e a Escola Municipal Friedenreich ²²⁴ - considerada a sétima melhor instituição pública de ensino para alunos de 1ª

²¹⁹ **A conturbada história da privatização do Complexo do Maracanã.** Disponível em < <http://www.pacs.org.br/2014/02/08/a-conturbada-historia-da-privatizacao-do-complexo-do-maracana/> >. Acesso em 7 nov. 2016.

²²⁰ **Consórcio de Eike deve ganhar concessão do Maracanã.** Disponível em < <http://exame.abril.com.br/economia/consorcio-de-eike-deve-ganhar-concessao-do-maracana-2/> >. Acesso em 7 nov. 2016.

²²¹ CASTRO, Carolina. **Acusações de propina podem inviabilizar compra do Maracanã.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/acusacoes-de-propina-podem-inviabilizar-compra-do-maracana-21074808#ixzz4h0adc63x>>. Acesso em 7 nov. 2016.

²²² **Francesa Lagardère desiste de comprar concessão do Maracanã.** Disponível em < <http://istoe.com.br/francesa-lagardere-desiste-de-comprar-concessao-do-maracana/> >. Acesso em 7 nov. 2016.

²²³ Em 29 de julho de 2013, sobre o Parque Aquático, Cabral declarou: "Tenho ouvido muitas manifestações em defesa da permanência do Parque Aquático no complexo do Maracanã"; "Diante disso o Julio Delamare está mantido.". Ver **Cabral cancela demolição do Julio Delamare e pode manter Célio de Barros** <<http://esporte.uol.com.br/rio-2016/ultimas-noticias/2013/07/29/governador-desiste-de-demolir-parque-aquatico-julio-delamare.htm>>. Acesso em 11 dez. 2016.

²²⁴ **Cabral cede de novo e avisa que escola do Maracanã não será demolida.** Disponível em <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/05/cabral-cede-de-novo-e-avisa-que-escola-do-maracana-nao-sera-demolida.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016. Ver também **Sem acordo, Odebrecht pede arbitragem para entregar Maracanã.** Disponível em <<http://www.valor.com.br/empresas/4745359/sem-acordo-odebrecht-pede-arbitragem-para-entregar-maracana>>. Acesso em 11 dez. 2016.

a 5ª séries do estado do Rio de Janeiro em 2012 e que levou a grande mobilização de alunos como veremos mais adiante. O então prefeito Eduardo Paes anunciou o tombamento dos três locais ²²⁵. Também em virtude das manifestações foi anunciada a mudança de planos pra o prédio do antigo Museu do Índio - onde estava a Aldeia Maracanã: em vez da demolição voltaria a ser um museu dedicado às culturas indígenas, não mais um centro cultural olímpico. A promessa, no entanto, não havia sido cumprida até o fechamento deste trabalho ²²⁶.

Figura 25 - Protesto contra privatização do Maracanã



Fonte: Mídia Ninja

Diversos autores entendem que o futebol, pano de fundo das manifestações, foram um ingrediente importante, portanto, para que os protestos de 2013 ganhassem escala. Além das questões relativas ao Maracanã, com a adoção do chamado padrão Fifa, a capacidade dos estádios foi reduzida (VISNIK in GODOY, 2013, kindle), os valores dos ingressos subiram ²²⁷ e a ida ao estádio aos domingos virou um programa menos acessível. Para Visnik (in GODOY, 2013, kindle), a mudança teve impactos nos hábitos dos brasileiros e os s estádios

²²⁵ KONCHINSKI, Vinicius. **Prefeito tomba Célio de Barros, Julio Delamare e escola do Maracanã**. Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/12/prefeito-tomba-celio-de-barros-julio-delamare-e-escola-do-maracana.htm> >. Acesso em 7 dez. 2016.

²²⁶ LISBOA, Vinicius. **Sem reforma prometida, Museu do Índio segue abandonado ao lado do Maracanã**. Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-06/sem-reforma-prometida-museu-do-indio-segue-abandonado-ao-lado-do-maracana> >. Acesso em 7 dez. 2016.

²²⁷ PUGLIESI, Andre. **Modernização dos estádios eleva preços dos ingressos**. Disponível em < <http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/modernizacao-dos-estadios-eleva-precos-dos-ingressos-7hfbscynduehp0lf3zv92i83a>>. Acesso em 28 jan. 2017.

brasileiros deixaram de ser o lugar "onde você vai sem camisa, com bandeiras, faixas, pula, xinga; e onde desempregados e os ricos se agarram e torcem".

Ganhou grande repercussão e virou causa dos protestos o desaparecimento do ajudante de pedreiro Amarildo de Souza, morador da comunidade da Rocinha. A pressão das ruas para as autoridades se posicionarem sobre o sumiço mudou o rumo das investigações e da cobertura midiática, alcançando inclusive a imprensa internacional ²²⁸. Amarildo desapareceu no dia 14 de julho de 2013 de sua casa, após dela ser levado por um grupo de policiais da Unidade de Polícia Pacificadora – UPP – que ocupava a comunidade. As investigações revelaram que policiais militares foram responsáveis pela morte e desaparecimento do corpo de Amarildo e, em fevereiro de 2016, 12 dos 25 policiais militares acusados foram condenados pela Justiça ²²⁹.

Figura 26 - Faixa em frente a protesto cobra paradeiro de Amarildo



Fonte: Blog Cem Flores ²³⁰

²²⁸ Para a BBC Brasil, os protestos de 2013 inseriram o país na cobertura da mídia internacional sob uma nova ótica: "Diversos personagens foram retratados nos mais diferentes meios de comunicação ávidos por entender as razões do descontentamento em um país onde, por um olhar distante, só havia motivo para se comemorar. O desaparecimento de Amarildo e os desdobramentos do caso ganharam destaque na BBC, no New York Times, na CNN, entre outros veículos internacionais. Para o Le Monde, o caso chamou atenção para a "violência sofrida pelos moradores de bairros pobres". Já a influente revista alemã Der Spiegel deu a seguinte matéria: "Quando a polícia é pior do que os bandidos". Ver **Dez brasileiros que foram notícia no mundo em 2013**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/12/131231_brasileiros_noticianomundo_pai>. Acesso em 7 dez. 2016.

²²⁹ **Caso Amarildo: juíza condena 12 dos 25 policiais militares acusados**. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/caso-amarildo-juiza-condena-13-dos-25-policiais-militares-acusados.html>>. Acesso em 7 dez. 2016. A título de informação, o desdobramento do caso é ainda mais significativo num país em que entre 40 mil e 52 mil pessoas desaparecem por ano e num estado em que a polícia matou 8 mil pessoas na última década.

²³⁰ **Cadê o(s) Amarildo(s)?**. Disponível em <<http://cemflores.blogspot.com.br/2013/09/cade-os-amarildos.html>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Nesse sentido, um dos principais desdobramentos dos protestos brasileiros - e em especial carioca - foi colocar na agenda pautas geralmente não abordadas pela mídia corporativa ²³¹. É comum inclusive que as mortes de moradores de favelas em ações policiais sejam relatadas pela TV apenas quando parentes, amigos e vizinhos reagem com interrupções de vias públicas. Em grande parte das vezes, o discurso denigre os manifestantes e faz juízo de valor das vítimas assassinadas com base exclusivamente nas informações da polícia ²³².

Também foi peculiar na cidade a série de acontecimentos e crimes ocorridos na esteira de uma manifestação de aproximadamente 300 pessoas realizada na Praça das Nações, em Bonsucesso, na noite de 24 de junho de 2013. Ao final do protesto, um grupo provocou um arrastão e roubou carteiras e celulares de manifestantes ²³³ e de pessoas que passavam pelo local. A polícia, que até então somente acompanhava a manifestação, foi atrás dos assaltantes, que entraram na Favela Nova Holanda. Os policiais que faziam a perseguição pediram o auxílio do Batalhão de Choque, que, por sua vez, chamou o Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais). A Força Nacional, de prontidão em preparação para a visita do Papa Francisco, acompanhou a operação. Quando o pequeno efetivo do Bope entrou na favela, foi recebidos a tiros pelos traficantes e o sargento Ednelson Jerônimo dos Santos Silva, de 42 anos, comandante da operação, foi baleado na cabeça e morreu na hora. A reação violenta da polícia foi descrita pela jornalista Consuelo Dieguez em matéria para a revista Piauí:

"Revoltados, os homens da tropa de elite da polícia voltaram à favela uma hora depois, dessa vez com um efetivo muito maior. Iriam, em tese, tentar prender o assassino do sargento. Mas o que inicialmente seria apenas uma perseguição a batedores de carteira se transformou numa operação de guerra.

²³¹ PAGNAN, Rogerio. **Mortes por policiais no país em um ano equivalem a um 11 de Setembro**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/10/1689789-mortes-por-policiais-no-pais-em-um-ano-equivalem-a-um-11-de-setembro.shtml> >. Acesso em 7 dez. 2016. A crítica à cobertura midiática corporativa é feita inclusive por alguns de seus atores. O jornalista Caco Barcellos, que está à frente do conceituado Profissão Repórter, por exemplo, já disse algumas vezes que a cobertura falha ao não abordar a enorme quantidade de homicídios no país. “Falhamos na cobertura de crimes mais graves (homicídios). Não contextualizamos, não levamos a refletir. Matamos 50 mil pessoas por ano, isso é muito mais do que em zonas de guerra como o Iraque ou Afeganistão”, disse o jornalista em 2009 durante palestra na Universidade Metodista de São Paulo. Ver **Caco Barcellos critica mídia brasileira**. Disponível em < <http://portal.metodista.br/noticias/2009/marco/caco-barcellos-critica-a-ineficiencia-da-midia-na-cobertura-da-violencia-no-brasil> >. Acesso em 11 dez. 2018.

²³² Na matéria **“Moradores da favela do Muquifo fecham Avenida Brasil”** veiculada no programa Bom Dia RJ, em 31 de agosto de 2015, o âncora fala somente do fechamento da via, citando que “a polícia disse que os moradores protestavam por causa da morte de um homem na comunidade”. Não foi ouvido ninguém da comunidade e a única versão dada é a da polícia. O âncora sequer fala de qualquer investigação em andamento sobre a morte. Ao fim, o âncora diz, somente sobre o protesto: “ninguém se feriu e ninguém foi preso”. Construções de narrativas como essas são rotineiras no telejornalismo brasileiro, em especial na TV Globo, objeto de nossa análise. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/4431516/>>. Acesso em 15 dez. 2016.

²³³ DIEGUEZ, Consuelo. **Os invisíveis**. Disponível em < <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-invisiveis/> >. Acesso em 20 dez. 2016.

Até o começo da manhã do dia seguinte, um sem-número de casas da Nova Holanda e das favelas do entorno na Maré foram invadidas pelo Bope sem mandado de busca. Dezenas de moradores ficaram feridos. Dez pessoas morreram, incluindo o sargento Ednelson dos Santos" ²³⁴

Para Souza e Silva (in BORBA et al. 2014, kindle), o protesto articulado por ONGs e reforçado por moradores que se seguiu à chacina do Bope impediu a continuação da matança:

"Para evitar isso (continuação da chacina), várias organizações da sociedade civil que têm sede na favela da Maré, especialmente o Observatório de Favelas, o Redes da Maré e o Luta pela Paz, mobilizaram as redes sociais pedindo apoio à população para deter a operação e a violência das forças policiais. O apelo foi difundido por milhares de pessoas e chegou à grande mídia. Os principais órgãos de comunicação do país e muitos correspondentes internacionais divulgaram o que estava acontecendo na favela"

O grupo inicial de pouco mais de uma centena de manifestantes foi sendo ampliado com a adesão dos moradores, "enquanto muitos saíam às janelas, curiosos e espantados com aquela inédita manifestação de repúdio à violência dos criminosos e do Estado em seu território" (Idem). Uma semana após o episódio, 26 associações de moradores de favelas, ONGs e entidades envolvidas em causas humanitárias organizaram uma manifestação contra as violações e as mortes, inclusive a do sargento do Bope. "Não é mais aceitável a política militarizada da operação do estado nos territórios populares, como se esses locais fossem moradas de pessoas sem direitos", dizia carta aberta à população ²³⁵. Mais de 5 mil pessoas compareceram ao ato na Avenida Brasil ²³⁶.

Também é particularidade dos protestos no Rio o direcionamento para a derrubada do então governador Sergio Cabral. Enquanto, depois de julho, as manifestações no restante do país minguavam, as mobilizações contra Cabral ganhavam corpo na orla carioca. "Da final da Copa das Confederações à visita do papa à cidade, ao longo do mês de julho o noticiário político da capital fluminense orbitou em torno dos atos contra Cabral" ²³⁷. Não à toa a popularidade do governador foi a que mais despencou nos meses que se seguiram a Junho de

²³⁴ Idem.

²³⁵ BARROS, Jorge Antonio. **Maré marca protesto: 'Estado que mata, nunca mais'**. Disponível em < <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/mare-marca-protesto-estado-que-mata-nunca-mais-501642.html> >. Acesso em 20 dez. 2016.

²³⁶ DIEGUEZ, Consuelo. **Os invisíveis**. Disponível em < <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-invisiveis/>>. Acesso em 20 dez. 2016.

²³⁷ Idem.

2013 ²³⁸. As manifestações contra o governador nos remetem à "unidade extática" definida por Castells (2014, kindle) acerca dos movimentos contemporâneos em rede:

"Pessoas de todos os estratos sociais afirmam-se como um agente coletivo contra o sistema de poder, o qual perde rapidamente a legitimidade, e no mundo inteiro podemos seguir pelas telas de TV aqueles momentos mágicos de unidade extática em que milhares de pessoas se reúnem em praças públicas por dias seguidos e garantem que não irão a parte alguma até que o tirano seja derrubado. Esses momentos simbolizam uma unidade imaginária naquilo que ela pode ter de mais sublime: todas as diferenças, todos os conflitos de interesses são esquecidos quando a sociedade inteira parece unida em oposição ao odiado tirano."

Eleito democraticamente, seria excessivo chamar o então governador de tirano ou compará-lo ao ditador Hosni Mubarak, que governara o Egito por 30 anos. De qualquer forma, em termos simbólicos, a frase repetida à exaustão durante os protestos - "Cabral é ditador" - virou até música ²³⁹ e traz em si a revolta tanto com a repressão policial comandada pelo governo do estado quanto com os privilégios do governador descobertos à época - a exemplo de viagens de helicóptero pagas com dinheiro público em que levava a família, babás e cachorro para casa de veraneio do governador em Mangaratiba ²⁴⁰. A revolta contra Cabral foi amplamente abordada pela TV Globo e pela Mídia Ninja.

2.6 Perfil dos manifestantes

Mas quem eram os manifestantes que tomaram as ruas do país em 2013? Não encontramos pesquisas de opinião específicas com o recorte dos que foram às ruas no Rio, mas levantamentos realizados em âmbito nacional que incluem a capital fluminense e em São Paulo, em particular, além de observações *in loco* e dos registros audiovisuais, bibliográficos e jornalísticos nos trazem bons indícios desse perfil. De acordo com pesquisa do DataFolha realizada na concentração da manifestação no Largo da Batata em São Paulo no dia 17 de

²³⁸ VENCESLAU, Pedro. **Após protestos, aprovação a governadores cai junto com popularidade de Dilma**. Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral.apos-protestos-aprovacao-a-governadores-cai-junto-com-popularidade-de-dilma,1057353>>. Acesso em 7 dez. 2016.

²³⁹ **O grito das ruas 2013 ("Cabral é ditador")**. Disponível em <<https://kopossujus.bandcamp.com/track/o-grito-das-ruas-2013-cabral-ditador>>. Acesso em 7 dez. 2016.

²⁴⁰ CABRAL, Otávio. LEITÃO, Leslie. **As viagens de Cabral com o helicóptero oficial**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/politica/as-viagens-de-cabral-com-o-helicoptero-oficial/>>. Acesso em 17 jan. 2017.

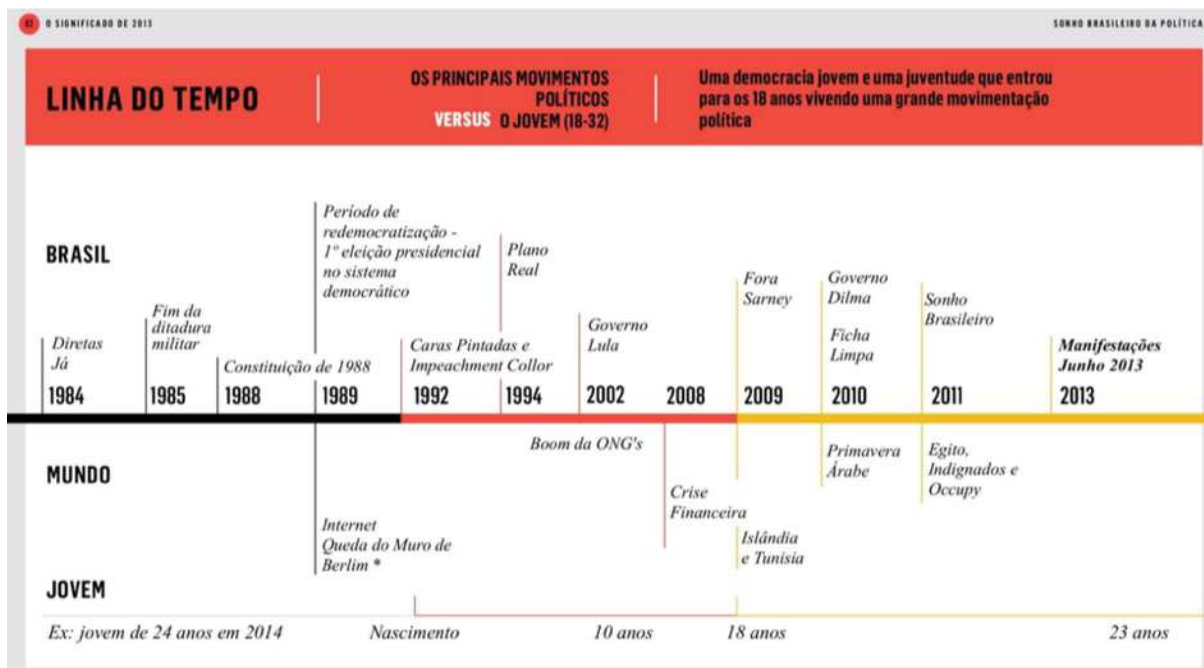
junho ²⁴¹, a maior parte dos manifestantes era de jovens de até 25 anos (53%), com nível superior de ensino, completo ou incompleto (77%), que se informaram sobre as manifestações através das redes sociais (93%). Destaca-se, neste caso, o Facebook, utilizado por 81% como principal fonte de informação sobre os protestos. A imensa maioria (84%) não tem preferência por partidos políticos e 71% participava pela primeira vez da série de protestos contra a tarifa de ônibus. Nas palavras de França (2016), "observou-se a diversidade intergeracional dos manifestantes, com predominância juvenil; um viés interclassista e interétnico".

Outra pesquisa, desta vez do Ibope realizada em capitais de sete estados incluindo o Rio de Janeiro ²⁴², traz dados parecidos: 63% têm idade entre 14 e 29 anos, alta escolaridade, renda familiar média (45% com renda familiar de até cinco salários mínimos e 23% acima de dez), a maioria trabalha (76%). Quase metade (46%) nunca havia participado de uma manifestação de rua antes e 62% souberam da manifestação do dia 20 de junho pelo Facebook. Mais da metade (57%) avaliaram que a polícia havia agido com muita violência e 66% discordam de depredações por parte dos manifestantes em quaisquer circunstâncias. Em relação à política, a maioria dos manifestantes disse ter muito interesse (61%), mas 83% disseram não se sentir representados por nenhum político ou partido (89%). A pesquisa *Sonho Brasileiro da Política*, divulgada pela Box 1824 - empresa de pesquisa de tendências em consumo, comportamento e inovação -, qualifica os números e apresenta a perspectiva de um jovem de 24 anos completos em 2014.

²⁴¹ Pesquisa de Opinião Datafolha. Contagem da manifestação no Largo da Batata PO813689. Disponível em < <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/contagem-manifestacao-lgo-da-batata.pdf> >. Acesso em 20 dez. 2016.

²⁴² **Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes.** Disponível em < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

Figura 27 - Linha do tempo com principais movimentos políticos desde 1984



Fonte: Box 1824

Além das pesquisas de opinião, diversos autores arriscaram esboçar o perfil dos que foram às ruas calcados nas mais diversas bases empíricas e teóricas. Para Visnik (in GODOY, 2013, kindle), os manifestantes seriam produto das políticas de Fernando Henrique Cardoso e do lulo-petismo, "cobrando dos governos e da cena política nauseantemente pautada pelos arranjos acomodatórios as consequências mais modernas de seu status de consumidor de bens e serviços, incluindo a pulsão juvenil por uma participação na primavera internética dos povos". Na mesma linha, Lessa faz referências ao que chama de "classes de transição", que estariam "entre os extremos sociais": "É o que, muitas vezes, nas estatísticas oficiais tem sido apresentado como a "nova classe média"" (LESSA in BORBA, 2014, kindle). Solano (2014, kindle) complementa e aponta que os manifestantes são formados essencialmente pelos "filhos da classe C", "classe consumidora que começou a ter poder de compra depois do lulismo". São jovens, diz a pesquisadora, cujos pais viveram uma situação econômica difícil, mas que têm acesso à universidade (geralmente particular) e que trabalham para pagá-la:

"Jovens que não nasceram no berço esplêndido prometido pela História, mas tampouco nas sombras do sistema. Estudam, trabalham desde os catorze, quinze anos, sabem o que é uma vida

esforçada, mas ao mesmo tempo têm acesso ao estudo, à informação e à crítica”. (SOLANO, 2014, kindle)

Nesse sentido, a motivação para a revolta dos jovens de hoje encaixa-se perfeitamente no que define Žižek (2015, kindle) como principal motivador para revoltas ao longo da História: a expectativa é mais importante do que a situação econômica em si. Ou seja: os que foram para as ruas em 2013 têm condições de vida melhor do que seus pais, mas a promessa acerca do potencial a que podem chegar é muito mais elevada. "Esse é o problema do desenvolvimento e do progresso: eles são sempre desiguais, dando origem a instabilidades e antagonismos e gerando expectativas que não podem ser realizadas” (Žižek, 2015). O filósofo Renato Janine Ribeiro, professor de filosofia da USP, corrobora: "A situação do país não piorou. Foi a exigência que aumentou. (...) A agenda da carência cede lugar à da cobrança.”²⁴³ Como veremos no capítulo 4, as redes sociais, tão presentes no dia a dia dos manifestantes, também são combustíveis para o aumento de expectativas.

Vale pontuar também o apoio da população aos protestos, o que certamente teve influência na cobertura da grande imprensa. Pesquisa realizada no dia 18 de junho com a população da cidade de São Paulo em geral mostra suporte de 77% da população às manifestações²⁴⁴. Nesse sentido, foi emblemática enquete feita ao vivo pelo apresentador José Luiz Datena, na TV Band, em 13 de junho de 2013. Datena narrava os protestos, condenando-os veementemente, até que lança, em tempo real, pesquisa perguntando se os espectadores são a favor ou contrários a 'este tipo de protesto'. Ele tenta claramente guiar os espectadores para que respondam não à pesquisa, diz diversas vezes ser pessoalmente contra esse tipo de manifestação, diz que votaria no não, que é vandalismo. Ao se deparar com resultado favorável, o apresentador então questiona: 'Será que formulamos mal a pergunta?' e muda a indagação da pesquisa para 'Você é a favor de protesto com baderna?'.

²⁴³ **O Novo ativista digital**. Disponível em < <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/o-novo-bativista-digitalb.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁴⁴ Pesquisa de Opinião Datafolha. Protestos sobre aumento na tarifa dos transportes II. PO813688 disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2016.

Figura 28 - Pesquisa ao vivo mostra apoio popular às manifestações



Fonte: Google Imagens

Apesar da mudança, a maioria dos espectadores continua se mostrando favorável às manifestações. Diante do retorno, Datena altera o discurso de reprovação e se solidariza com a audiência: “Já deu pra sentir. O povo tá tão pê da vida com o aumento de passagem (...) que apoia qualquer tipo de protesto pelo que eu vi”. O vídeo com as duas pesquisas em tempo real e a mudança de postura do apresentador foi instantaneamente difundido na internet; no youtube, uma das edições dos vídeos superou 1,4 milhão de acessos ²⁴⁵.

2.7 Antecedentes no Brasil

A fim de contextualizar historicamente as manifestações, mas sem a pretensão de buscar suas origens no país, podemos mapear rapidamente os antecedentes de 2013 no Brasil. Em 2003, o movimento conhecido como Revolta do Buzú em Salvador já trazia para a pauta a importância do transporte público para a população e também uma nova forma de organização, mais horizontal, sem a liderança de partidos ou instituições, característica

²⁴⁵ Datena surpreendido em pesquisa! Passe Livre 13/06/13. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k> >. Acesso em 20 dez. 2016.

marcante desses movimentos como veremos a seguir ²⁴⁶. A revolta teve participação maciça de estudantes secundaristas e de universidades que interditaram, de agosto a setembro daquele ano, as principais vias de Salvador para reivindicar a redução da tarifa de R\$ 1,50 para R\$ 1,30 - curiosamente também 20 centavos - entre outras pautas ligadas ao transporte.

No ano seguinte, em Florianópolis, aconteceu a chamada Revolta da Catraca, nome atribuído à mobilização de vários dias contra o aumento das tarifas de ônibus urbanos. Em 2005, o Movimento Passe Livre (MPL) - principal ator nas insurgências iniciais em 2013 - é criado em uma plenária no Fórum Social Mundial em Porto Alegre. Revoltas similares ocorreram em Vitória (2006), Teresina (2011), Aracaju e Natal (2012), Porto Alegre e Goiânia (início de 2013) (MOVIMENTO PASSE LIVRE in MARICATO, Ermínia et al., 2013, p. 14).

Alguns autores (CARDOSO e DI FATIMA, 2013, p. 158) atribuem às manifestações em Porto Alegre nos primeiros meses de 2013 a origem das Jornadas de Junho. Um dos primeiros atos na capital gaúcha foi convocado pelo Bloco de Luta por um Transporte Público, através de evento no Facebook ²⁴⁷ e reuniu aproximadamente 200 pessoas. Uma semana depois, o preço da passagem subiu de R\$ 2,85 para R\$ 3,05. Novas manifestações foram articuladas nas redes sociais e em assembleias populares. Algumas terminaram em confrontos com a polícia e foram noticiadas pela imprensa. Dia 4 de abril, a Justiça concedeu liminar que revertia o reajuste no preço e as comemorações reuniram entre 3,5 mil pessoas, segundo a PM, e 10 mil na contagem do Bloco de Luta por um Transporte Público (CARDOSO e DI FATIMA, 2013, p. 158).

Diversas similaridades com os movimentos de Junho de 2013 são encontradas também no movimento denominado "Existe amor em São Paulo" (VIANA in MARICATO, Ermínia et al., 2013, p. 57), festival de música com reivindicações e atos políticos que reuniu milhares de pessoas em 2012 na praça Roosevelt em São Paulo ²⁴⁸. Na ocasião, a praça foi ocupada com pessoas vestidas ou pintadas de rosa, algumas nuas, que reivindicavam melhoras na qualidade de vida e no acesso à cultura.

²⁴⁶ Ver "A Revolta do Buzu", documentário de Carlos Pronzato, disponível em <<http://memorialatina.net/2013/08/13/a-revolta-do-buzu-salvador-10-anos-de-luta-pelo-passe-livre/>>, e artigo assinado pelo Movimento Passe Livre em Cidades Rebeldes (MARICATO, Ermínia et al., 2013, p. 14).

²⁴⁷ Ver **III Ato do Bloco de Luta por um Transporte Público**. Disponível em <<https://www.facebook.com/events/165675956914657/?ref=2>>. Acesso em 10 nov. 2016

²⁴⁸ Ver **Festival 'Existe Amor em SP' reúne multidão na Praça Roosevelt**. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>>. Acesso em 10 nov. 2016

Durante as manifestações, ocorreram também gestos memoráveis, referenciando episódios mais antigos na história das cidades. Piero Locatelli (2013, kindle) lembrou que São Paulo chegou a ter um projeto de tarifa zero durante a gestão da petista Luiza Erundina no começo dos anos 1990, mas a ideia não foi implementada. À época, os empresários foram os principais opositores ao projeto, que chegou a ir para a Câmara de Vereadores ²⁴⁹.

Também foram muito rememorados em 2013 insurgências mais antigas como a Revolta do Vintém, em 1879-1880, e a Revolta das Barcas, em 1959, ambas no Rio de Janeiro. No século XIX, estima-se que 5 mil manifestantes foram às ruas para protestar contra a cobrança do tributo de vinte réis (vintém) - que em 2013 equivaleria, em reais, a menos de 20 centavos - nas passagens dos bondes, instituída pelo então ministro da Fazenda, Afonso Celso de Assis Figueiredo (que se tornaria o Visconde de Ouro Preto). Aos gritos de "Fora o vintém", a população bateu em condutores, virou os bondes e arrancou os trilhos ao longo da Rua Uruguaiana ²⁵⁰. O Exército abriu fogo contra a multidão - estima-se que aproximadamente dez pessoas tenham morrido ²⁵¹ - e o tributo foi revogado.

Já a Revolta das Barcas, em 1959, tinha como alvo o serviço aquaviário entre Niterói e Rio e a família Carreteiro, que reunia as duas concessionárias do serviço na época. Com a recusa em pagar os marítimos, os empregados entraram em greve, causando atraso na saída das embarcações e a reunião de milhares de pessoas que esperavam o transporte. A partir do protesto de um usuário, que atirou a primeira pedra, a estação das barcas, além de embarcações e estabelecimentos comerciais, foi depredada e incendiada pela multidão, que há tempos sofria com o mau serviço e altas tarifas. Os manifestantes chegaram a ir às residências da família Carreteiro, que conseguiu fugir a tempo. As casas, na região do Fonseca em Niterói, foram saqueadas e incendiadas, e o Exército foi acionado. Depois do conflito que deixou cinco mortos e 118 feridos ²⁵², o transporte foi estatizado e os serviços passaram a ser oferecidos com pontualidade e a um preço inferior à tarifa dos ônibus.

²⁴⁹ Ver **Prefeita Luiza Erundina propõe tarifa zero no transporte, 1990**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=SM4tKm-i-3E>>. Acesso em 10 nov. 2016

²⁵⁰ Ver **Revolta do Vintém (Rio de Janeiro)**. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_do_Vint%C3%A9m_\(Rio_de_Janeiro\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_do_Vint%C3%A9m_(Rio_de_Janeiro))>. Acesso em 11 dez. 2016.

²⁵¹ Idem.

²⁵² Ver SILVEIRA, Matilde. **Revolta das Barcas, em 1959, deixou mortos e mais de cem feridos em Niterói**. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/revolta-das-barcas-em-1959-deixou-mortos-mais-de-cem-feridos-em-niteroi-17765135>>. Acesso em 14 set. 2017.

Figura 29 - Prédio da Cantareira é incendiado na Revolta das Barcas



Fonte: Acervo O Globo

2.8 Revoltas de 2013 no contexto mundial das manifestações

Múltiplos autores apontam as similaridades dos protestos brasileiros com outras manifestações no mundo. Manuel Castells (2014, kindle), Henrique Soares Carneiro, Giovanni Alves, Vladimir Safatle e Tariq Ali (in ALI et al., 2012, kindle) relacionam diversas características comuns de movimentos ao redor do mundo facilmente identificáveis também nas Jornadas de Junho e nas ocupações que se seguiram no Rio de Janeiro. A chamada Primavera Árabe ²⁵³, o movimento Occupy Wall Street ²⁵⁴, O M12M - Movimento 12 de Março ou Geração à Rasca, em Portugal -, o M15M - Movimento 15 de Março ou Movimento dos Indignados, na Espanha, a ocupação da praça Syntagma, na Grécia, a insurgência dos secundaristas no Chile (CARNEIRO in ALI et al., 2012, kindle) e as manifestações na Turquia que ganharam grandes proporções em 2013 após violenta repressão policial têm numerosas características comuns e originais quando olhamos para os protestos

²⁵³ A partir de 2010, ficou conhecida como Primavera Árabe o movimento de multidões que foram às ruas em países árabes reivindicar o fim dos regimes autoritários e dos líderes que ocupavam o governo há anos. Os movimentos tiveram diversos desdobramentos e conseguiram retirar do poder, por exemplo, Zine el Abidine Ben Ali na Tunísia e Hosni Mubarak no Egito. Há vasta bibliografia sobre o tema. Somente sob o título "The Arab Spring", são ao menos seis publicações dos autores Laura K. Murray (previsto para ser lançado em 2017); Laserian Ugoh (2014); Valerie Bodden (2016); Julien Anders (2012); Jesse Russell e Ronald Cohn (2013); Stefanu El Aloysius (2011). Não nos aprofundaremos, no entanto, nesses movimentos, mas os citaremos quando a comparação contribuir para a compreensão do nosso objeto.

²⁵⁴ Occupy Wall Street ('Ocupe Wall Street'), OWS, é um movimento de protesto contra a desigualdade econômica e social, a corrupção e a indevida influência das empresas - sobretudo do setor financeiro - no governo dos Estados Unidos. Iniciado em 17 de setembro de 2011, no Zuccotti Park, no distrito financeiro de Manhattan, em Nova York, o movimento denunciou a impunidade dos responsáveis e beneficiários da crise financeira mundial, foi influenciado e influenciou movimentos ao redor do mundo. Ver Occupy Wall Street. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Occupy_Wall_Street>. Acesso em 11 dez. 2016. Ver também coletânea de Occupy (ALI, Tariq et al, 2012) e livro homônimo de autoria de Noam Chomsky (2012).

ocorridos em décadas anteriores. Castells (2014, kindle) categoriza-os como protestos em rede. Com base na sistematização feita pelo autor e de acréscimos nossos e de outros autores, podemos descrever as características que unem esses protestos e os tornam originais historicamente. Os movimentos são conectados em rede de múltiplas formas e têm sua existência contínua no espaço livre da internet. Mas eles se tornam movimentos ao ocupar o espaço urbano, pela perseverança das manifestações de rua ou ocupações de espaços.

Outra característica importante é que são simultaneamente locais e globais, pois apesar de gerados com base em demandas locais, estão em conexão global e aprendem com outras experiências, mantêm conversação internacional e retroalimentam uns aos outros. Essa relação fica clara, por exemplo, quando a Mídia Ninja, coletivo de midiativismo que analisaremos no capítulo 4, cobre os protestos na Turquia em 1º de junho de 2013 ²⁵⁵. Antes de 2013, coletivos no Brasil, ainda que pontualmente, já se articulavam com outros movimentos no mundo ²⁵⁶ em manifestações convocadas globalmente numa rede de espaços locais. Segundo Cardoso e Di Fatima (2013, p. 162), jovens brasileiros dizem ter aprendido técnicas de como se proteger do gás lacrimogêneo e spray de pimenta em vídeos e tutoriais difundidos por ativistas da Tunísia, Grécia e Turquia. Para Castells, as causas desses movimentos estão intrinsecamente ligadas:

“(Os movimentos têm) ²⁵⁷ uma profunda consciência da interligação de questões e problemas da humanidade em geral e exibem claramente uma cultura cosmopolita, embora ancorados em sua identidade específica. Prefiguram, em certa medida, a superação da atual divisão entre a identidade comunal local e a constituição de redes individuais globais” (CASTELLS, 2014, kindle).

Como aconteceu no Brasil, tais erupções ao redor do mundo também costumam ser espontâneas na origem, e geralmente desencadeadas "por uma centelha de indignação" (CASTELLS, 2014, kindle). No país, inicialmente, a faísca foi o aumento de 20 centavos no valor das passagens de ônibus em diversas capitais. As imagens brutais da repressão, no entanto, como vimos anteriormente, levaram a um crescimento no número de

²⁵⁵ NINJA 2013. **Retrospectiva Multimídia**. Disponível em <<https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2#.x86r0zdx7>> Acesso em 10 out 2015.

²⁵⁶ LUEDEMANN, Cecilia. **Em São Paulo no 15.O manifestantes indignados tomam as praças mesmo debaixo de chuva**. Disponível em <http://redeemancipa.org.br/2011/10/em-sao-paulo-200-manifestantes-do-15-o-acampam-no-vale-do-anhangabau/> > Acesso em 10 out 2015.

²⁵⁷ Acréscimo nosso para fins de melhor entendimento.

manifestantes. Na avaliação do jornalista Denis Russo, mais gente foi para às ruas em protesto contra a repressão policial desmedida do que em função do aumento das passagens ²⁵⁸. Conforme conclusão da ONG Artigo 19, esta parece ter sido uma característica geral das manifestações em todo o mundo: a resposta dos governos, em geral, foi negativa:

"Os governos reagiram de diferentes maneiras em cada país, mas a repressão policial foi um denominador comum na tentativa de remover as pessoas das ruas e diminuir a expressão popular. Em diferentes proporções ao redor do mundo, manifestantes foram agredidos, presos e até assassinados pela demonstração de insatisfação e revolta no espaço público. É possível observar que tanto nos regimes democráticos quanto em autoritários, as reações aos movimentos sociais foram em sua grande maioria tentativas de diminuir ou impedir, por meio de medidas legais ou extralegis que buscavam intimidar e desencorajar os indivíduos ativos da sociedade civil". ²⁵⁹

Para nós, há também um sentimento de solidariedade ²⁶⁰ no cerne aglutinador dos movimentos. A pesquisadora sueca Anden-Papadopoulos, importante referência para este trabalho, dá destaque ao potencial afetivo e de mobilização da solidariedade global de algumas imagens distribuídas pela internet (2013, p. 754), tópico que aprofundaremos no capítulo 4 junto com o conceito de ressonância.

Outro traço comum importante é o processo decisório nas passeatas e ocupações, com assembleias que buscam o consenso. As assembleias populares realizadas em diversas capitais brasileiras em 2013, por exemplo, ganharam projeção internacional ²⁶¹ e seguiam os mesmos moldes dos processos de tomada de decisão de outros movimentos mundiais, com ênfase na

²⁵⁸ Ver **História #25 - Vem pra rua - São Paulo | SP**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Oml1nT9Xk3s>>. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁵⁹ **Para entender as manifestações de 2013 no Brasil**. Disponível em <<http://protestos.artigo19.org/pistas.php>> Acesso em 20 jan. 2016

²⁶⁰ Diversas pesquisas têm apontado para a solidariedade como forma de encontrar a felicidade e satisfação duradoura. A busca por esse sentimento levou Roko Belic, diretor do documentário Happy, a concluir que as pessoas que se sentem mais realizadas são as que mais dedicam tempo aos outros. A busca da felicidade não é sobre si, está ligada a "relacionamentos e como nos ajudamos uns aos outros. É sobre nós" (tradução nossa de trecho disponível em <http://www.huffingtonpost.com/roko-belic/happy-documentary_b_1220111.html>. Acesso em 20 jan. 2016

²⁶¹ Ver **Las asambleas populares reinventan la participación política en Brasil**. Disponível em <http://www.eldiario.es/internacional/asambleas-populares-reinventan-participacion-Brasil_0_184782265.html>. Acesso em 20 jan. 2016

autonomia dos manifestantes²⁶², em grupos de trabalho temáticos, conforme pode ser visto no esquema abaixo. Assembleias semelhantes foram realizadas pelo movimento Ocupa Câmara²⁶³ no Rio de Janeiro. Para Castells, esse formato de tomada de decisão tem outra consequência: os movimentos contemporâneos são profundamente autorreflexivos; estão sempre se questionando e buscando caminhos de forma a, muitas vezes, valorizar os processos decisórios mais que os resultados em si.

Figura 30 - Funcionamento de assembleias populares



Fonte: El Diario²⁶⁴

²⁶² Nesse sentido, é importante reproduzir o que versa Manuel Castells (2012) sobre autonomia: "Autonomia refere-se à capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses. A transição da individualização para a autonomia opera-se por meio da constituição de redes que permitem aos atores individuais construir sua autonomia com pessoas de posição semelhante nas redes de sua escolha". Sobre o funcionamento dessas assembleias nos protestos brasileiros e em outros locais do mundo ver **Las assembleas populares reinventan la participación política en Brasil**. Disponível em < http://www.eldiario.es/internacional/asambleas-populares-reinventan-participacion-Brasil_0_184782265.html>. Acesso em 20 jan. 2016.

²⁶³ Ver post denominado CONVOCAÇÃO PARA ASSEMBLEIA POPULAR da página Ocupa Câmara Rio no Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/ocupacamarario/posts/595127343879523>>. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁶⁴ Ver **Las assembleas populares reinventan la participación política en Brasil**. Disponível em < http://www.eldiario.es/internacional/asambleas-populares-reinventan-participacion-Brasil_0_184782265.html>. Acesso em 20 jan. 2016

Nesse contexto, está a principal característica que une os movimentos e que os distingue de outros protestos históricos: não existem lideranças formais e a ausência de líderes é um desejo consciente dos manifestantes. Nas palavras de um militante do Movimento Passe Livre (MPL) ao repórter Pierro Locatelli (2013, kindle): “Se você coloca o movimento social no perfil de uma pessoa, você esvazia a luta política. É como se tivesse que ser aquela pessoa, e não qualquer outra”. Não se trata, portanto, de um sintoma da falta de líderes em potencial, mas de uma “profunda e espontânea desconfiança da maioria dos participantes do movimento em relação a qualquer forma de delegação de poder” (CASTELLS, 2014, kindle). Há, como vimos nas pesquisas de opinião supracitadas, uma desconexão quase total dos que vão às ruas com partidos políticos, intrínseca à falta de representatividade sentida pela grande maioria dos manifestantes em relação às instituições.

Ao analisar redes policêntricas em outras insurgências históricas, Aldé e dos Santos trazem importantes contribuições para a compreensão do funcionamento desses movimentos e de sua instabilidade. As redes não teriam, dizem os autores, “fronteiras estáveis nítidas, participando de fusões e fissões, sujeitas à criação de novos segmentos e à redefinição das funções assumidas por cada um destes” (2014, p.3). Dessa forma, alguns fatores influenciam nesta instabilidade, entre os quais “a segmentação por discordâncias com relação a métodos violentos, as clivagens pré-existentes, competição interna, o poder pessoal e divergências ideológicas” (idem). Por isso, a união em torno de uma causa comum - a exemplo do combate ao aumento da tarifa ou da violência policial - se desfaz quando outras causas entram em cena. A integração entre vários grupos e também entre sujeitos sem quaisquer vínculos com movimentos sociais ocorreria, portanto, “através do estabelecimento de um ‘nós’ contra ‘eles’”, “antagonismo sintetizado através da criação de ideias e símbolos que permitam coalizões rápidas para insurgências conjuntas contra opositores em comum” (Idem).

Estão entre as vantagens das redes policêntricas - utilizada também por redes terroristas como a Al Qaeda -, continuam Aldé e dos Santos, a impossibilidade de repressão centralizada e a possibilidade de reorganização e compensação:

“(…) a independência e autonomia entre as células fazem com que a destruição de uma destas não interrompa a ação coordenada da rede e que para cada célula neutralizada surja uma nova com funções semelhantes; a possibilidade de reorganização e compensação uma vez que a falha de uma parte não necessariamente implica falha das demais, o que permite um aprendizado coletivo por tentativa e erro sem que todo o grupo precise

incorrer em erro; o alcance social ampliado devido a diferenças entre os perfis sociais, culturais e às funções em cada célula”²⁶⁵

Para os autores, "o ambiente das redes sociais mostrou-se permeável ao desenvolvimento e difusão deste tipo de rede policêntrica, capaz de aglutinar interesses díspares com um objetivo comum, mesmo que vagamente coeso e sem contornos políticos claros” (ALDÉ e DOS SANTOS, 2014, p.5). Durante as manifestações no Rio de Janeiro, exemplificam, um único ato contava com dezenas ou centenas de convocações diferentes através de ‘eventos’ do Facebook, muitos tendo em comum apenas a localização e o horário:

"Estudantes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro recebiam convites de eventos convocados por grupos de afinidade, colegas de estágio, coletivos universitários independentes, grupos hackers, militantes apartidários, militantes partidários, membros de centros acadêmicos muitas vezes rivais, o diretório central dos estudantes etc. em acordo com sua rede de afinidades. Pessoas e instituições mais próximas da rede de amizades, caso confirmassem participação, figuravam em destaque, publicizando e incentivando adesões” (Idem).

Nessa ciranda de aspectos que apontam para novas e contemporâneas necessidades, de um lado, e dialogam com pautas não necessariamente progressistas de outro, está uma característica importante que une os protestos brasileiros com outros no mundo: eles não são, em geral, propositivos ou programáticos, a não ser quando a meta é derrubar um regime autoritário. Ou seja, as manifestações têm caráter profundo de negação e rejeição do *status quo*. Nas palavras de Freixo (in BORBA et al., 2014, kindle): “Essa molecada sabe muito mais o que ela não quer do que o que ela quer”. Da mesma forma, para Žižek, "os manifestantes sabem muito bem o que não sabem: não imaginam ter respostas rápidas e fáceis, mas o que seu instinto lhes diz é, não obstante, verdade – que os que estão no poder também não sabem” (in BORBA et al, 2014, kindle). Na avaliação do autor, deve-se resistir a uma tradução "apressada da energia das manifestações para um conjunto de demandas pragmáticas “concretas”:

"Sim, os protestos realmente criaram um vazio – um vazio no campo da ideologia hegemônica –, e será necessário algum tempo para preenchê-lo de maneira apropriada posto que se trata de um vazio que carrega consigo um embrião, uma abertura para o verdadeiro Novo”.

²⁶⁵ Ver **AL-Qaeda**. Disponível em < <https://pt.wikipedia.org/wiki/Al-Qaeda>>. Acesso em 20 jan. 2016

2.9 Motivações múltiplas e em diversas camadas

Parece ser consenso que as manifestações de 2013-2014 foram multicausais. Não é verdade, no entanto, que as motivações fossem totalmente identificáveis, como sugeriram diversos analistas e jornalistas ²⁶⁶. Apesar de não ser possível esgotar os motivos que levaram milhões às ruas, era possível sim verificar causas comuns. Para isso, ferramentas de análise das redes sociais foram fundamentais. A plataforma Causa Brasil, por exemplo, permitiu mapear as motivações dos manifestantes ao longo dos protestos a partir do conteúdo de postagens que continham ao menos uma das 100 principais *hashtags* ligadas às manifestações. A análise é feita com a combinação entre a lista de *hashtags* pré-cadastradas - atualizadas através de ferramentas múltiplas ²⁶⁷ - e uma lista de diferentes termos, indicativas do que a postagem está reivindicando. Identificadas a partir da categorização de menções, as causas são então agrupadas em cinco macrotemas: políticos, economia, direitos básicos do cidadão, liberdades individuais e Copa no Brasil.

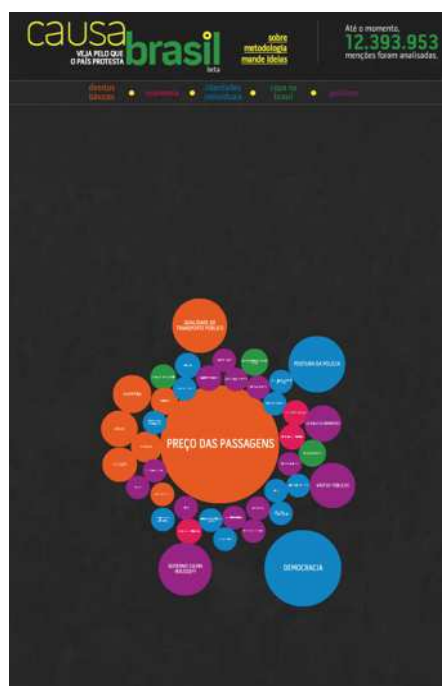
Num primeiro momento, os preços das passagens dominavam as menções nas redes, conforme pode ser observado na imagem a seguir em análise das menções de 16 de junho a 17 de junho de 2013. A demanda por outros direitos básicos, como saúde e educação, cresce já nos dias seguintes. De 2 a 3 de julho, cresce a 'causa' Direitos dos Homossexuais em função da retirada da pauta da Câmara o projeto de lei que previa a “cura gay”, proposta do deputado Marco Feliciano. ²⁶⁸

²⁶⁶ Um exemplo é o artigo de COSTA, Luciano. **Rebeldes sem causa**. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/rebeldes-sem-causa/>>. Acesso em 28 jan. 2017. Na análise, Costa afirma que "Os descontentamentos individuais têm razões impossíveis de identificar, e na soma deles o que sai às ruas é um bando de rebeldes sem causa comum".

²⁶⁷ Ver Metodologia utilizada na plataforma. Disponível em <https://docs.google.com/document/d/1LNAych0NUgC_smPfG7CkiuePUgsCAPisrQml7OSCZP4/edit> Acesso em 20 jan. 2017.

²⁶⁸ MELO, Débora. **Câmara dos Deputados aprova arquivamento da 'cura gay'**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/07/02/camara-aprova-requerimento-de-autor-da-cura-gay-e-retira-proposta-da-pauta.htm>>. Acesso em 26 jan. 2017.

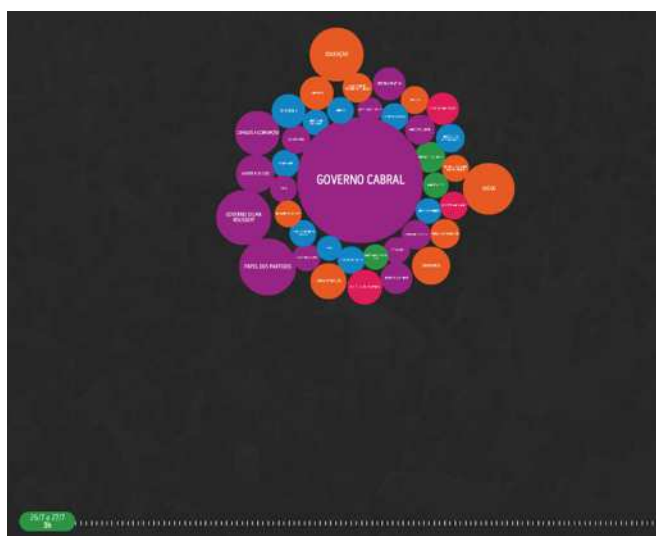
Figura 31 - Plataforma Causa Brasil mostra preço das passagens como motivação inicial



Fonte: Causa Brasil

A partir de 26 de julho, o Governo Cabral ganha centralidade entre os que fazem postagens relacionadas aos protestos, como pode ser visto na captura de tela abaixo.

Figura 32 - Governo Cabral ganha corpo como motivação entre os manifestantes



Fonte: Causa Brasil

Já em 7 de outubro, a principal causa identificada no site era educação. No dia, entre 10 mil e 50 mil manifestantes realizaram protesto em prol dos professores no Centro do Rio ²⁶⁹. Muitos foram às ruas mobilizados pela violência da PM no dia 2 de outubro, quando professores da rede municipal protestavam contra aprovação de plano de cargos e salários considerado insuficiente pela categoria. O mesmo se deu no dia do professor ²⁷⁰, quando milhares de pessoas voltaram ao centro do Rio tendo como principal bandeira a educação.

Já entre 5 e 6 de janeiro de 2014, o termo “rolezinho” é o que ganha mais destaque entre internautas identificados com as manifestações. O neologismo (diminutivo de rolê ou rolé, que significa 'fazer um pequeno passeio' ou 'dar uma volta') define um tipo de *flash mob* ou coordenação de encontros simultâneos de centenas de pessoas em praças, parques públicos e shoppings. Os encontros de jovens moradores das periferias das grandes cidades eram marcados pela internet, por meio de redes sociais como o Facebook. Na opinião de Coco e Albuquerque (in ALVES et al, 2014), essas reuniões resultaram do desejo de jovens “que se sentem autorizados a desejar, que não aceitam o confinamento nos bairros pobres”:

"A novidade dessa nova composição de classe é uma classe sem nome, incontrolável, indisciplinável e imponderável, pronta para fazer movimentos livres, não homologáveis a qualquer momento. Ela não vai pedir autorização para fazer o que já é seu de direito. Foi-se o tempo dos salamaleques com o poder. O rolezinho é, pois, o inverso da Copa no Brasil: é o ócio investindo diretamente contra o negócio, tempo livre contra roubo de tempo de vida, ocupação de espaço versus confinamento” (COCO e ALBUQUERQUE in ALVES et al, 2014).

Perpassadas as motivações de uma forma mais generalista, cabe tentarmos pensar algumas questões mais específicas. Estopim inicial para as manifestações, a mobilidade urbana e seu preço têm papel central na vida das cidades; a organização dos transportes diz muito a respeito da qualidade de vida dos cidadãos. O Rio de Janeiro, em 2015, foi apontado como a terceira cidade mais engarrafada do mundo ²⁷¹. Para Lessa (in BORBA et al, 2014, kindle), trata-se de uma questão profunda e existencial:

²⁶⁹ **Começa protesto no Centro do RJ contra o caos na Educação.** Disponível em < <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/10/07/comeca-protesto-no-centro-do-rj-contra-o-caos-na-educacao/>>. Acesso em 28 jan. 2017.

²⁷⁰ **Como Foi - Protestos marcam Dia dos Professores em capitais.** Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/celular/noticias/131014_protestos_sp_mdb.shtml>. Acesso em 28 jan. 2017.

²⁷¹ **Rio é a 3ª cidade mais congestionada do mundo, segundo estudo holandês.** Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/rio-e-3-cidade-mais-congestionada-do-mundo-segundo-estudo-holandes.html>>. Acesso em 28 jan. 2017.

“Quando você gasta tempo preso no transporte, você está abrindo mão do seu tempo de existir. Não há nada mais estúpido do ponto de vista existencial, que se deslocar num sistema de transporte coletivo de má qualidade ou num sistema de transporte individual engarrafado”.

A carta aberta do MPL à presidente Dilma Rousseff, em 24 de junho, levanta que o direito ao transporte está ligado a diversos outros, como o direito à educação, à saúde e ao lazer; é preciso, reivindica o movimento, “abrir as portas da cidade aos seus moradores”²⁷²:

“Questionar os aumentos é questionar a própria lógica da política tarifária, que submete o transporte ao lucro dos empresários, e não às necessidades da população. Pagar pela circulação na cidade significa tratar a mobilidade não como direito, mas como mercadoria. Isso coloca todos os outros direitos em xeque: ir até a escola, até o hospital, até o parque passa a ter um preço que nem todos podem pagar. O transporte fica limitado ao ir e vir do trabalho, fechando as portas da cidade para seus moradores. É para abri-las que defendemos a tarifa zero”.

Figura 33 - Crítica à priorização do transporte particular foi disseminada nas redes



Fonte: Google Imagens

No mesmo documento, o MPL ressaltou, em referência a estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), a priorização do poder público ao investir 11 vezes mais no transporte individual, através de obras viárias e políticas de crédito para o consumo de carros, do que no transporte público. O resultado disso é que as cidades brasileiras estão próximas de

²⁷² **Carta aberta do Movimento Passe Livre São Paulo à presidenta.** Disponível em < <http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2013/06/24/confira-na-integra-a-carta-aberta-do-movimento-1>>. Acesso em 28 jan. 2017.

um colapso (BRISSAC in BORBA et al., 2014, kindle). Apesar de parecer utópica, a isenção de tarifa no transporte público é adotada em diversas cidades do mundo, sendo o Brasil o terceiro país com mais municípios em que não se cobra pelo transporte público ou por parte dele ²⁷³. Ao todo, segundo o site Free Public Transport, 13 cidades brasileiras não cobram pelo traslado coletivo de cidadãos e uma delas fica no estado do Rio: Porto Real. Já outras fontes falam em 12 municípios, três deles no estado (além de Porto Real, Maricá e Silva Jardim) ²⁷⁴. É possível que mais cidades tenham adotado a tarifa zero, mas a quase ausência dessa pauta na imprensa - num movimento claro de silenciamento - dificulta a contabilização. Fato é que nesse aspecto os protestos alcançaram os chamados resultados concretos: o Rio de Janeiro foi uma das primeiras das 102 ²⁷⁵ cidades em todo o Brasil a anunciar a redução da tarifa do transporte compartilhado após os primeiros protestos.

O transporte, portanto, está diretamente ligado a outra causa intrínseca aos protestos: o direito à cidade, ao uso - desvinculado do consumo - de locais comuns por parte dos seus moradores. Não à toa o espaço público foi o principal palco para assembleias populares e ocupações com um objetivo claro e simbólico: transformar as áreas coletivas da cidade em espaços de convivência que ultrapassem a lógica do mercado. Para Harvey (in ALI, Tariq et al., 2012, kindle), é justamente a "união dos corpos no espaço público", em detrimento dos fluxos pela internet, a característica mais importante dos movimentos atuais. A cidade, portanto, não é apenas palco das lutas, mas é "também aquilo pelo que se luta" (BRITO e DE OLIVEIRA in MARICATO, 2013, p. 69).

No aspecto simbólico, a cidade é a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com seus desejos. "Ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo", ressalta Harvey em referência a Robert Park (in MARICATO, 2013, p. 28). "A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e as nossas cidades é um dos mais preciosos direitos humanos" (HARVEY in MARICATO, 2013, p. 28). Para o autor, diferente do anseio da maior parte da população, as cidades estão cada vez mais fragmentadas e "tendentes ao conflito", tornado-se "cidades de fragmentos fortificados" (p. 29). O direito à diferença, continua ele, é um dos mais valiosos direitos cidadãos (p. 30). O direito à cidade está longe,

²⁷³ Ver Fare Public Transport. Disponível em < <https://farefreepublictransport.com/city/> >. Acesso em 28 jan. 2017.

²⁷⁴ BARATTO, Romulo. **Tarifa zero no transporte público já é realidade em 12 cidades brasileiras**. Disponível em < <https://farefreepublictransport.com/city/> >. Acesso em 28 jan. 2017.

²⁷⁵ **Veja em quais cidades houve redução da tarifa do transporte em 2013**. Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/07/veja-em-quais-cidades-houve-reducao-da-tarifa-do-transporte-em-2013.html>>. Acesso em 7 dez. 2016.

no entanto, de ser um presente: precisa ser conquistado através da luta política (p. 34). Na mesma linha, Nobre (in BORBA et al, 2014, kindle), aponta ser preciso um projeto amplo de cidade, atento às necessidades e também aos desejos de seus habitantes e usuários. É pela ocupação das cidades que alcançamos a cidadania, defendem também Duarte e Martins (in BORBA et al, 2014, kindle):

"Cidadão é não somente aquele que está na cidade, mas aquele que dela participa; é não apenas aquele que usa a cidade, mas que a constitui. Indo às ruas, fazemos delas nossas. Não há forma mais efetiva de fazê-lo. É por ocupação concreta, com nossos corpos e com nossas ideias – de que os cartazes empunhados foram os principais veículos".

Como já pontuamos quando nos referimos à repressão, contribuíram enormemente como motivação e para a unidade do movimento a brutalidade e arrogância dos detentores do poder. (VAINER in MARICATO et al., 2013, p. 36; CASTELLS, 2014, kindle). Passa por isso ainda a falta de representatividade real: os cidadãos, em particular os mais jovens, não se sentem representados pelos seus governos, parlamentos e pelos partidos, aspectos absolutamente claros e mensuráveis quando tratamos mais acima do perfil dos manifestantes. A corrupção, o financiamento ilegal de campanhas e a falta de diálogo com a população, mesmo tendo à disposição as ferramentas disponibilizadas pela internet, são alguns dos motivos para que haja tanta revolta com a classe política no mundo inteiro. (CASTELLS in GODOY, 2013, kindle).

A verdade é que "ninguém está genuinamente satisfeito com a sua representação e com as respostas que a democracia, em seu formato atual, está sendo capaz de gerar", avalia Alves (2014, kindle). Os partidos não conseguem ser canais de representação e os canais tradicionais para o encaminhamento de demandas não funcionam como deveriam. (ALVES et al., 2014, kindle). Para Soares, o "colapso da representação vem ocorrendo sem que as lideranças deem mostras de compreender a magnitude do abismo que se abriu e se aprofunda, celeremente entre a institucionalidade política e o sentimento da maioria". (in GODOY, 2013, kindle)

O filósofo e ex-ministro Mangabeira Unger ²⁷⁶, em artigo e entrevista ²⁷⁷, resume o que, na sua opinião, faltou ao governo Lula - do qual ele fez parte - em relação ao que podemos pensar como motivador dos protestos. Ele elogia "duas grandes conquistas" de Lula, mas afirma que o presidente – assim como ele próprio, enquanto ministro – fracassou em uma terceira missão. O Brasil democratizou o lado da demanda, diminuiu a pobreza, aumentou salários, popularizou o acesso ao consumo, e levou a desigualdade para um patamar inferior. A segunda conquista, diz, foi no aspecto simbólico e imaginário: quando o povo brasileiro aceitou Lula – vindo do próprio povo – como seu líder, "eles aceitaram a si mesmos". E isso foi, para Unger, "uma mudança revolucionária na vida espiritual das pessoas". Não se conseguiu, contudo, "democratizar o lado da oferta", ampliar o "acesso aos recursos e às oportunidades de produção e educação". Faltou, nas palavras de Unger, um "aprofundamento da democracia". "Foi por isso que lutei quando estive no governo e foi nisso que fracassei", reconheceu o professor ²⁷⁸. Houve, no entanto, avanços no quesito participação popular: durante o governo Lula ocorreram 73 conferências nacionais temáticas realizadas para debater políticas públicas que envolveram, em seus vários níveis, cerca de 5 milhões de pessoas ²⁷⁹.

Pensando nas motivações em um plano mais simbólico e psicológico, podemos recorrer a Hannah Arendt (1974, p. 331) e a sua abordagem peculiar acerca dos direitos humanos. O direito fundamental de cada indivíduo, antes de qualquer dos direitos enumerados em declarações, é o "direito a ter direitos": ou seja, o direito de pertencer a uma comunidade disposta e capaz de garantir-lhe qualquer direito. Talvez essa também tenha sido uma das motivações dos manifestantes, muitos revoltados pela repressão policial dos protestos, por exemplo. O direito de se manifestar tornou-se clara e rapidamente uma das principais causas dos participantes dos atos. Já em 16 de junho, a postura da polícia é uma das principais motivações dos participantes apontadas pela plataforma Causa Brasil. Da mesma forma, estão

²⁷⁶ Apesar de muito conhecido e respeitado no exterior - nos últimos três anos, nenhum brasileiro constou da lista de maiores pensadores do mundo da revista Prospect Magazine, exceto Unger -, o seu pensamento ainda não é muito trabalhado na academia brasileira, a não ser em alguns centros de Ciência Política. As comparações de suas ideias com as de estudiosos como Jürgen Habermas, John Rawls e outros é bastante comum entre os estrangeiros. Ver mais em VILLAS-BOAS, Marcos, **Por que ler a obra de Roberto Mangabeira Unger?, por Marcos Villas-Bôas**. Disponível em <<https://jornalggn.com.br/noticia/por-que-ler-a-obra-de-roberto-mangabeira-unger-por-marcos-villas-boas>>. Acesso em 10 out. 2014

²⁷⁷ **Governo Lula democratizou demanda, mas não oferta, diz Mangabeira Unger**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131114_mangabeira_unger_entrevista_dg>. Acesso em 10 out. 2015.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ **Participação Popular - A construção da democracia participativa**. Disponível em <

elencados liberdade de expressão e estado laico, por exemplo, que também dialogam com a ideia de um ambiente em que se possa lutar por direitos.

Castells (2014, kindle) alerta para a importância de tentar enxergar as motivações dos indivíduos, de forma menos homogeneizante e mais fracionada. Por mais difícil que essa orientação seja em termos metodológicos, tal perspectiva é interessante e vai ao encontro da complexidade, inclusive sob o aspecto emocional, das manifestações atuais. Diz ele:

“(...) Os movimentos sociais de hoje, e provavelmente aqueles que ocorreram ao longo da história (o que está além do domínio da minha competência), são constituídos de indivíduos. Digo isso no plural porque, na maior parte do que li das análises sobre esses movimentos em todas as épocas e sociedades, eu encontrei poucos indivíduos, às vezes apenas um único herói, acompanhados por uma multidão indiferenciada, chamada classe social, etnia, gênero, nação, fiéis ou quaisquer outras denominações coletivas dos subconjuntos da diversidade humana. No entanto, embora agrupar a experiência de vida das pessoas em convenientes categorias analíticas da estrutura social seja um método útil, as práticas reais que permitem que os movimentos sociais surjam, transformem as instituições e, em última instância, a própria estrutura social são desenvolvidas por indivíduos, em seus corpos e em suas mentes. Desse modo, a questão-chave para esse entendimento é quando, como e por que uma pessoa ou uma centena de pessoas decidem, individualmente, fazer uma coisa (...)”.

Nessa lógica, uma das buscas dos manifestantes é um lugar para se estar, um "sentido para a vida" (GUMBRECHT in BORBA et al., 2014, kindle). Isso porque, no plano individual, diz o autor, "os movimentos sociais são emocionais". Para tratar disso, Castells recorre à teoria da inteligência afetiva, pautada pela tese de que o medo somado ao entusiasmo levam à mobilização social. O entusiasmo, continua ele, está diretamente relacionado à outra emoção positiva: a esperança.

"A esperança projeta o comportamento no futuro. De vez que uma característica distintiva da mente humana é a capacidade de imaginar o futuro, a esperança é um ingrediente fundamental no apoio à ação com vistas a um objetivo. Entretanto, para que se forme um movimento social, a ativação emocional dos indivíduos deve conectar-se a outros indivíduos. Isso exige um processo de comunicação de uma experiência individual para outras. Para que o processo de comunicação opere, há duas exigências: a consonância cognitiva entre emissores e receptores da mensagem e um canal de comunicação eficaz. A empatia no processo de comunicação é determinada por experiências semelhantes às que motivaram o acesso emocional inicial. Em termos concretos, se muitos indivíduos se sentem humilhados, explorados, ignorados ou mal representados, eles estão prontos a transformar sua raiva em ação, tão logo superem o medo". (CASTELLS, 2014, kindle)

Para ele, o fio comum que unia, na mente das pessoas, suas experiências de revolta, a despeito de contextos diversos em termos culturais, econômicos e institucionais é a "sensação de empoderamento". É interessante notar que os sentimentos de empoderamento e alegria estão presentes na fala dos manifestantes e podem ser facilmente captados nas transmissões do Mídia Ninja como veremos no capítulo 4 e, de outro lado, silenciadas nas edições do JN como analisaremos no capítulo seguinte.

2.10 Memória em disputa

Para muitos, principalmente para a grande maioria dos que participaram dos protestos pela primeira vez, conformou-se, com as manifestações, uma nova memória das ruas, desacoplada do trabalho e do consumo. A possibilidade de se fazer ações de rua passou a ser real (FIGUEIREDO in FIGUEIREDO, 2013, kindle). Dos protestos, surgiram diversos suportes de memória - entre livros, trabalhos acadêmicos, filmes, reportagens em diversas plataformas e acervos públicos - ou com acesso restrito - com base em recursos de Big Data. A perspectiva da memória, no entanto, está pouco presente nas publicações, bem como o recorte geográfico do Rio de Janeiro e o olhar comparativo entre duas mediações díspares - porém retroalimentadas - em termos de forma, origens e conteúdo como são o Jornal Nacional e a Mídia Ninja. Nesse sentido, entendemos que este trabalho também contribui com o mosaico que nos faz ter ideia do que foram os movimentos de 2013-2014 e com sua memória.

A distância temporal de poucos anos dos acontecimentos nos permitiu reunir numerosas referências: se esta pesquisa fosse feita mais próxima de 2013-2014 provavelmente estaríamos mais sujeitos a erros de análise em função do calor dos acontecimentos; sabemos da importância de certa distância temporal para a avaliação da dimensão histórica dos fatos. Se fosse feita mais distante temporalmente, por outro lado, boa parte do material empírico utilizado talvez já não estivesse disponível como vimos acontecer com diversas fontes tratadas no capítulo 1.

Dada a possibilidade de o presente trabalho também ser uma narrativa de memória e tendo observado que as memórias de 2013 e 2014 já começam a ser misturadas às de 2015 e 2016 sentimos a necessidade de terminar esse capítulo perpassando nossa perspectiva sobre a principal pergunta de interlocutores em eventos e interações acadêmicas quando falamos de

nosso objeto. As manifestações de rua de 2015 e 2016 ²⁸⁰, que contribuíram para o *impeachment* da presidente eleita Dilma Rousseff, são resultado da memória de 2013-2014? Nossa resposta é sim e não. Há vários indícios de que ao menos dois aspectos mapeados em 2013-2014 contribuíram para as manifestações de rua de 2015 e 2016: a volta da rua como espaço de reivindicação e a irritação da população com a corrupção. De fato, avalia Bruno Torturra, “Junho abriu uma janela para a rua” ²⁸¹, que sem ser ocupadas maciçamente durante anos, passou, depois de 2013, a ser palco de lutas e reivindicações tanto de progressistas quanto de conservadores.

Ao investigar mais profundamente os pontos em comum, no entanto, restam menos interseções do que se pode supor com um olhar menos atento ²⁸². A reverência à polícia por parte de manifestantes em 2015, por exemplo, seria impensável em 2013, quando a repressão policial e a desmilitarização da PM viraram motivações para ir às ruas. Levantamento do professor Fabio Malini deixa claras as diferenças nesse sentido: em 2013, as postagens relacionadas à violência da polícia são numerosas, enquanto em 2015 este tema praticamente inexistente ²⁸³. Da mesma forma, os direitos das minorias estão sempre presentes nas demandas relacionadas aos protestos de 2013; em 2015 este tema não é quase mencionado.

Outra diferença marcante é a presença e referência a coletivos de mídia: em 2013 são muitas menções relacionadas à questão, em 2015, elas desaparecem ²⁸⁴; além disso, como detalharemos em outras oportunidades nessa pesquisa, a postura da mídia corporativa foi completamente diferente nas duas ocasiões. No varejo, seria impensável em 2013 pedidos de

²⁸⁰ Até a confirmação do *impeachment* da presidente eleita, Dilma Rousseff, pelo Senado, em 31 de agosto de 2016, manifestações de grandes proporções tomaram as ruas do país com destaque para os protestos ocorridos em 15 de março, 12 de abril, 16 de agosto e 13 de dezembro de 2015, bem como em 13 de março de 2016. As manifestações pediam o fim da corrupção e o afastamento da presidente Dilma. No dia 31, o Senado aprovou o impedimento e, desde então, o então vice-presidente, Michel Temer, governa o país. A cobertura da imprensa, em particular da Rede Globo e da Globonews, foi extremamente intensa e positiva em relação aos protestos, ressaltando o caráter familiar e pacífico das manifestações: para muitos o tom da cobertura, que acionou uma extensa gama de repórteres para cobrir os protestos, assemelhou-se a uma convocação.

²⁸¹ CHARLEAUX, João Paulo. **O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram.** Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>>. Acesso em 21 jun 2017.

²⁸² Ver mais em LOYOLA, Ana Laura Morais. **Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015. Disponível em** <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11511/1/2015_Ana%20Laura%20Morais%20Loyola_artigo.pdf>. Acesso em 13 mar. 2016

²⁸³ Ver slide 21 da apresentação de pesquisa comparando menções vinculadas aos protestos de 2013 e 2015. Disponível em <<http://www.slideshare.net/fabiomalini/diferena-dos-protestos-nas-redes-sociais-o-vemprarua-entre-2013-e-2015>>. Acesso em 9 fev. 2017.

²⁸⁴ Ver slides 23 a 26 da apresentação de pesquisa comparando menções vinculadas aos protestos de 2013 e 2015. Disponível em <<http://www.slideshare.net/fabiomalini/diferena-dos-protestos-nas-redes-sociais-o-vemprarua-entre-2013-e-2015>>. Acesso em 9 fev. 2017.

intervenção militar por parte dos manifestantes, como aconteceu em diversas ocasiões em 2015 ²⁸⁵. Há uma clara diferença de perfil dos manifestantes e, por mais que seja possível encontrar pessoas que compareceram nos protestos realizados em ambos os períodos - a exemplo do jovem Eron Moraes de Melo, que ficou conhecido nos protestos de 2013 no Rio por sempre estar vestido de Batman ²⁸⁶ -, essa interseção parece ser bem pequena. A observação da imprensa internacional de que em 2015-2016 as pessoas presentes nas ruas eram "mais velhas, mais brancas e mais ricas" do que em 2013 ²⁸⁷ é facilmente verificável ao analisar imagens dos dois períodos.

Podemos observar também diferenças de atuação, organização e estética. Em 2015, diferente de 2013, carros de som foram amplamente utilizados ²⁸⁸. Políticos como o defensor da Ditadura Militar Jair Bolsonaro, foram ovacionados ²⁸⁹; em 2013, o deputado Marco Feliciano, correligionário de Bolsonaro, foi, ao contrário, alvo dos protestos. Os cartazes, tão plurais em 2013, foram substituídos por pautas mais bem delimitadas em 2015: *impeachment* de Dilma, ofensas ao PT e, em alguns casos, pedidos para a volta da Ditadura Militar ²⁹⁰. Em 2015, não houve assembleias populares ou ocupações prolongadas como em 2013-2014. As manifestações mais recentes também não chegaram às comunidades como em 2013 ²⁹¹ e os principais mobilizadores eram facilmente mapeáveis.²⁹² Em 2015, houve ainda forte participação nas redes de robôs alimentados pela disputa político-partidária:

²⁸⁵ **Manifestação no Rio mistura impeachment e golpe militar.** Disponível em < <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-15/manifestacao-no-rio-mistura-impeachment-e-golpe-militar.html> >. Acesso em 9 fev. 2017.

²⁸⁶ FERNANDES, Leticia. **Com participação de Batman, manifestantes fazem protesto contra Dilma no Centro do Rio.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/com-participacao-de-batman-manifestantes-fazem-protesto-contradilma-no-centro-do-rio-15566843> >. Ver também ARANDA, Germán. **O Batman do Leblon tira a máscara.** Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/revista/840/batman-tira-a-mascara-2007.html> >. Acesso em 9 fev. 2017.

²⁸⁷ BUARQUE, Daniel. **Mídia internacional vê protesto "mais velho, mais branco e mais rico" do que os de 2013.** Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/16/imprensa-internacional-ve-protesto-mais-velho-mais-branco-e-mais-rico-de-que-os-de-2013.htm> >. Acesso em 9 fev. 2017

²⁸⁸ **Manifestações contra Dilma levam multidão às ruas do País.** Disponível em < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-contradilma-levam-multidao-as-ruas-do-pais,1651418> >. Acesso em 9 fev. 2017

²⁸⁹ **Jair Bolsonaro é ovacionado em manifestação contra o governo em Brasília.** Disponível em <<http://www.tvcidadesbt.com.br/2016/03/jair-bolsonaro-e-ovacionado-em.html>>. Acesso em 9 fev. 2017

²⁹⁰ **Manifestações contra Dilma levam multidão às ruas do País.** Disponível em < <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-contradilma-levam-multidao-as-ruas-do-pais,1651418> >. Acesso em 9 fev. 2017

²⁹¹ Ver **Protesto de moradores da Rocinha ocupa faixa no túnel Zuzu Angel.** Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/transito/noticia/2013/07/protesto-de-moradores-da-rocinha-ocupa-faixa-no-tunel-zuzu-angel.html> >. Acesso em 9 fev. 2017 Ver também BIANCHI, Paula. **Antigas rivais, favelas da Rocinha e Vidigal realizam protesto conjunto no Rio.** Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/25/antigas-rivais-favelas-da-rocinha-e-vidigal-realizam-protesto-conjunto-no-rio.htm> >. Acesso em 9 fev. 2017.

²⁹² Ver BEDINELLI, Talita. MARTÍN, Maria. **Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências.** Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html >. Acesso em 9 fev. 2017.

"Os governistas e os oposicionistas formam uma estrutura baseada em perfis-robôs nas redes sociais, cuja função é mencionar e replicar líderes, inflar publicações de RTs e criar um efeito manada no público. Há situações em que esses robôs produziram cerca de 900 tuítes num único dia sobre o mesmo assunto. O uso intenso de robôs é um sintoma da própria indigência desse binarismo político, uma vez que a função desses *bots* nacionais é atacar e defender visões partidárias e ainda aquecer a temperatura, com muita trolagem. Esses robôs, junto com os bots vivos (militantes pagos ou não na rede), atacam as hashtags, derrubam-nas ou as colonizam" foram inteiramente apropriados por movimentos conservadores com claro apoio institucional"²⁹³.

Assim como França (2016), Pinto²⁹⁴, Pilatti²⁹⁵ e outros autores, entendemos ser movimentos com perfis de indivíduos, formas de atuação, motivações e estéticas completamente distintas, apesar de haver claras - e limitadas - interseções. Fato é que os desdobramentos de Junho de 2013 são muito mais claros ao pensarmos nos rolezinhos que se seguiram, na histórica greve dos garis no Rio de Janeiro²⁹⁶ e nas ocupações de escolas por estudantes²⁹⁷.

Factualmente, apesar de a imensa maioria dos autores não conseguir apontar vitórias reais, não há dúvidas da influência das Jornadas de Junho em diversas agendas que modificariam para sempre a vida do país. Uma delas foi a aprovação da legislação que na prática criou a delação premiada no Brasil²⁹⁸. Sem entrar no mérito do direcionamento, das intencionalidades e das consequências econômicas da Operação Lava Jato²⁹⁹, ocorre que amparados pela legislação que entrou em vigor após o clamor das ruas, a maior operação

²⁹³ MALINI, Fabio. **As diferenças dos protestos nas mídias sociais**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁹⁴ Ver PINTO, Igor Moreira. **As diferenças básicas entre as manifestações de 2013 e os eventos de 2015, ou O que “eles” têm em comum**. Disponível em <<http://www.jubileusul.org.br/nota/2752>>. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁹⁵ Ver FACHIN, Patricia, SANTOS, João Vítor. **Protestos e discurso anticorrupção: ações para além “da direita”**. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5825&secao=461>. Acesso em 29 jan. 2017.

²⁹⁶ Ver MAZZI, Carolina. **Para gari escritor, protestos de 2013 inspiraram greve**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/15/gari-escritor-de-3-livros-cre-que-greve-foi-inspirada-nos-protestos-de-2013.htm>>. Acesso em 28 jan. 2017.

²⁹⁷ Ver NITAHARA, Akemi. **Ocupação de escolas é amadurecimento das Jornadas de Junho de 2013**. Disponível em <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/ocupacao-de-escolas-e-amadurecimento-das-jornadas-de-junho-de-2013>>. Ver também ROSSI, Marina. **PEC 241: Com quase 1.000 escolas ocupadas no país, ato de estudantes chega a SP**. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html> e MENDONÇA, Renata. **Alckmin recua em fechamento de escolas em SP: para onde vai o movimento dos estudantes agora**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151204_alckmin_estudantes_movimento_rm>. Acesso em 26 out. 2016.

²⁹⁸ CARDOSO, Fabio. **A delação premiada na legislação brasileira**. Disponível em <<http://fabiofettuccia.jusbrasil.com.br/artigos/174959721/a-delacao-premiada-na-legislacao-brasileira>>. Acesso em 17 set. 2016

²⁹⁹ Ver **Operação Lava Jato**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato>. Acesso em 17 set. 2016

contra a corrupção da história do país ³⁰⁰ tornou réus diversos empresários e políticos em escala sem precedentes. Além disso, a PEC 37, que limitava o poder de investigação do Ministério Público, foi arquivada enquanto foram aprovados projeto que destinavam 75% dos royalties para a educação e 25% para a saúde e, no Senado, proposta que torna corrupção crime hediondo.

Alinhada com as ruas, a Comissão de Constituição e Justiça da Câmara instaurou processo de cassação do deputado Natan Donadon (PMDB-RO), preso por determinação do Supremo Tribunal Federal. Primeiro parlamentar com prisão decretada pelo STF desde 1974, ele foi condenado por peculato e formação de quadrilha a 13 anos, 4 meses e 10 dias, em regime inicialmente fechado ³⁰¹. O Congresso elaborou também uma agenda positiva e, dos 32 projetos propostos, 16 foram votados entre 25 de junho e 19 de julho, em meio à pressão das insurgências ³⁰². Outro desdobramento importante no Congresso foi o arquivamento do projeto da "cura gay", duramente contestado nas ruas ³⁰³.

Houve também pronunciamento histórico da então presidenta Dilma Rousseff à nação e anúncio de medidas ³⁰⁴ com vistas a atender as ruas. Para Castells, a reação de Dilma foi inédita em comparação aos outros movimentos em rede: “pela primeira vez, desde que, em 2010, se iniciaram esses movimentos em rede em noventa países diferentes, a mais alta autoridade institucional declarou que 'tinha a obrigação de escutar a voz das ruas'”, ressaltou o autor (2014, kindle).

"O mais relevante, porém, é que (Dilma) ressuscitou um tema perene no Brasil, a reforma política, propondo elaborar leis que investiguem e castiguem mais duramente a corrupção, um sistema eleitoral mais representativo e fórmulas de participação cidadã que limitem a partidocracia. Acima de tudo, propôs aprovar a reforma por plebiscito, para superar o bloqueio sistemático do Congresso, especializado em liquidar qualquer tentativa de reformar a si mesmo”.

³⁰⁰ Idem.

³⁰¹ Ver **Natan Donadon**. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Natan_Donadon >. Acesso em 17 set. 2016

³⁰² Ver **Como ficou a 'agenda positiva'**. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/como-ficou-agenda-positiva.html> >. Acesso em 17 set. 2016

³⁰³ SOUZA, Priscilla. **Manifestantes protestam contra 'cura gay' durante mais de 4 horas no Rio**. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/manifestantes-protestam-contracura-gay-durante-mais-de-4-horas-no-rio.html> >. Acesso em 17 set. 2016

³⁰⁴ MENDES, Priscilla. COSTA, Fabiano. PASSARINHO, Nathalia. **Dilma propõe 5 pactos e plebiscito para constituinte da reforma política**. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/como-ficou-agenda-positiva.html> >. Acesso em 17 set. 2016

Curioso que à época, Castells já falava com preocupação das reações às propostas da presidente. Ele citou as desqualificações da "intenção democratizante" e as "batalhas procedimentais e guerrilha judicial" que vieram após o anúncio como "prova da profunda inquietude da classe política ante a possibilidade de aliança entre um movimento social autônomo e uma Presidência democrática e democratizante" (2014, kindle): "O resultado dessa inovadora interação entre a política nas ruas e a política nas instituições é, no momento em que escrevo este texto, julho de 2013, uma questão em aberto", disse à época. A proposta de plebiscito proposta por Rousseff, tão bem sucedida na Islândia ³⁰⁵, fora derrubada por ninguém menos que Michel Temer, vice de Dilma à época que viria a se tornar presidente do país após um controverso processo que pusera fim ao mandato da presidente.

Mas talvez a principal transformação de 2013 tenha se dado na mentalidade das pessoas, principalmente dos mais jovens. Como vimos, boa parte dos que foram às ruas em 2013 jamais tinha estado em uma manifestação antes. E a luta, como diz o historiador Daniel Aarão Reis, é pedagógica: "a participação em uma manifestação – pelo que representa em atividade pública, sentido de associação, solidariedade e cidadania – é mais eficaz que a leitura de cem panfletos" (in BORBA, 2014, kindle).

Em 2013, a carioca Beatriz Ehlers, de 12 anos, encabeçou um abaixo-assinado virtual para pedir à prefeitura do Rio que não demolisse a escola municipal Friedenreich, onde estudava. O prédio, parte do complexo do Maracanã de que tratamos anteriormente, daria, segundo o projeto original, espaço para a construção de quadras poliesportivas. A partir do abaixo-assinado de Beatriz com milhares de assinaturas e a posterior decisão de não demolir a escola, muitos jovens sentiram-se empoderados. "A grande vitória foi mostrar aos alunos que conseguimos influenciar as decisões", disse a adolescente à época.

Ao tratar de 2013 no imaginário infantil, o laboratório Media Lab revelou como a abordagem da TV, de que trataremos mais adiante, marcou as crianças ao incutir a relação

³⁰⁵ Em 2011, a Constituição do país foi completamente reformulada de forma originalmente democrática. Após a economia do país ter sido levada ao colapso de forma criminosa - como bem mostrou o documentário Trabalho Interno, ganhador do Oscar em 2011 -, a população islandesa enfrentou inverno rigoroso nas ruas cobrando mudanças profundas na postura dos governantes e condenação dos operadores financeiros. O resultado da chamada "Revolução das Panelas" foi a reforma da Constituição de forma absolutamente inovadora, com aproximadamente 16 mil contribuições diretas da população, tanto online quanto offline. A partir das colaborações, os constituintes eleitos apresentaram uma minuta de legislação com 114 artigos em nove capítulos. Entre as mudanças, estava que as pessoas podiam votar em candidatos avulsos, não ligados a partidos políticos, e a garantia de preservação dos recursos naturais do país. Além disso, três grandes bancos foram estatizados e, em plebiscito, a população decidiu não pagar dívida externa de US\$ 5,9 bilhões ao Reino Unido e à Holanda. Apesar da enxurrada de ações na Justiça em função do boicote, a economia islandesa vem crescendo a passos largos desde então e a sua perspectiva ganhou "um upgrade da Standard & Poor's no final de 2011, passando de negativa a estável" (CASTELLS, 2012).

direta entre protestos e vandalismo ou "destruição da cidade"³⁰⁶. Por outro lado, Rafael Rodrigues, professor das redes municipal e particular da cidade, avaliou que a vivência de 2013 iniciou também um processo de complexificação do pensamento e preparação do terreno para a formação política dos alunos:

“Há mobilizações espontadas dos alunos, há escolas onde os alunos estão se mobilizando para pequenas coisas. A diretora que tira a lixeira e os alunos falam: professor, a gente vai fazer uma manifestação pacífica (...) pelo retorno das lixeiras. Há engajamentos. (...) A gente não sabe no que vai dar, mas que as coisas não vão ficar como eram antes isso não vão ficar.”

Observadores notaram essa mudança de mentalidade nos mais diversos setores, entre eles o próprio futebol:

"Jogadores de futebol questionando a tabela da CBF e o calendário. A última vez que eu vi isso acontecer foi na Democracia Corinthiana, com Sócrates e Casagrande, década de 1980. Os jogadores se organizam e questionam a tabela da CBF – isso é um episódio separado de tudo o que aconteceu? Claro que não! um contexto onde as pessoas se aproximaram dos seus direitos" (MARTINS e DUARTE in BORBA, 2014, kindle).

Mas a disputa de pautas e de memória que se deu e se dá sobre aqueles meses teve desdobramentos também à direita do espectro político. Com discurso “fácil”, movimentos conservadores conseguiram ganhar muitos adeptos de pessoas sem formação política (SAKAMOTO in MARICATO, p. 96). Além disso, termos muito utilizados em 2013 como o “vem pra rua”³⁰⁷ foram inteiramente apropriados por movimentos conservadores com claro apoio institucional³⁰⁸.

Para a jornalista Giuliana Vallone, o maior legado de 2013 é que todos foram chamados a pensar em como se posicionavam politicamente. "Sou de esquerda ou sou de direita? Apoio ou não os Black Blocs? Como avalio os governantes que elegi? Para mim, essa é a maior herança de 2013", avalia ela, que levou um tiro de bala de borracha enquanto cobria

³⁰⁶ Ver vídeo **2013 no Imaginário Infantil**. Disponível em <<https://vimeo.com/89464739>>. Acesso em mai 2017.

³⁰⁷ O termo exaustivamente repetidos pelos manifestantes em 2013 para convocar pessoas chegou inclusive a dar nome de mini documentários. Ver História #25 - Vem pra rua - São Paulo | SP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Oml1nT9Xk3s>>. Acesso em 29 jan. 2017.

³⁰⁸ O movimento Vem Pra Rua atual cresceu tendo como pauta principal o impeachment da presidenta Dilma Rousseff. Ao descreverem a si mesmo, na seção “Sobre Nós”, o Vem Pra Rua diz que o movimento surgiu no final de 2014; não faz, portanto, referência a 2013. Ver **Vem Pra Rua** - seção Sobre Nós. Disponível em <<http://www.vempraru.net/sobre-nos/>>. Acesso em 29 jan. 2017. Episódios mostram a relação de líderes do movimento com partidos de oposição. Em março de 2015 foi divulgado em que o líder do Vem Pra Rua no Espírito Santo, Armando Fontoura, bate o ponto e vai embora sem trabalhar. Ele era, à época do vídeo, funcionário do vereador Luiz Emanuel (PSDB) na câmara municipal de Vitória, e foi exonerado após a fraude ter sido revelada. À época da divulgação do vídeo, além de líder do movimento, ele era também secretário-geral do PSDB na cidade. Ver também **Movimento Vem pra Rua**. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

manifestação em São Paulo. O debate ficou mais politizado, diz, "para o bem e para o mal". "Esse 'Fla-Flú' em que vivemos agora é consequência direta desse processo"³⁰⁹, avalia.

Há em curso uma grande disputa simbólica pela memória de 2013. No momento em que essa dissertação é finalizada, tendemos a concordar com Breda³¹⁰: por enquanto, as forças mais conservadoras estão vencendo a peleja pelo legado das manifestações. Mais assustador que isso é o silenciamento acerca das Jornadas de Junho: não se faz - ou pouco e cada menos se faz - referência ao que se passou naquele período, a não ser quando o tema é, por exemplo, a morte do cinegrafista Santiago Andrade ou o vandalismo. Chama atenção, por exemplo, o fato de o governador Sergio Cabral estar preso, no momento em que escrevemos, acusado de inúmeros crimes³¹¹, e a mídia corporativa não fazer menção à ocupação que pediu durante mais de um mês a sua derrubada e fez seus índices de popularidade despencarem.

Ao refletir sobre os protestos quatro anos depois, o professor da USP Pablo Ortellado conclui que, após junho, houve uma grande cisão e polarização de pautas. "A esquerda se arvorou a campeã dos direitos sociais e a direita, a paladina do combate à corrupção"³¹². Com isso, atesta ele, "as forças políticas cindiram ao meio o conteúdo reivindicatório de Junho, enfraquecendo e dobrando a sociedade civil", permitindo que forças contrárias ao conjunto de reivindicações ocupassem o poder:

"De um lado, a esquerda da sociedade civil, ludibriada pelos partidos, foi levada a acreditar que os que se indignavam com a corrupção não passavam de cínicos que, no fundo, só queriam reverter as conquistas sociais dos anos Lula. Do outro lado, novas e velhas lideranças políticas faziam os indignados com a corrupção acreditarem que a esquerda era toda ela composta de petistas sem caráter que defendiam a corrupção. E enquanto, na base, a sociedade se polarizava numa guerra despropositada entre os puros e os justos, no topo, a pragmática classe política respirava aliviada com a sobrevida que tinha conquistado pelo enfraquecimento dos de baixo. (...) Divididos, não temos força para impor a agenda da sociedade como fizemos em 2013. E enquanto brigamos, a classe política aproveita nossa fraqueza para transformar o legado de junho de 2013 no seu avesso."³¹³.

³⁰⁹ VALLONE, Giuliana. **Nada será como antes**. Disponível em < <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nada-sera-como-antes> >. Acesso em 29 jan. 2016.

³¹⁰ BREDA, Tadeu. **Junho de 2013, nossa memória diária**. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/16/opinion/1466112118_748909.html >. Acesso em 29 jan. 2017.

³¹¹ CASTRO, Juliana. **MPF denuncia Sérgio Cabral por mais 184 crimes de lavagem de dinheiro**. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/brasil/mpf-denuncia-sergio-cabral-por-mais-184-crimes-de-lavagem-de-dinheiro-20924070> >. Acesso em 29 jan. 2017.

³¹² ORTELLADO, Pablo. **A negação de Junho, quatro anos depois**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1892297-a-negacao-de-junho-quatro-anos-depois.shtml> > Acesso em 18 jun. 2017.

³¹³ ORTELLADO, Pablo. **A negação de Junho, quatro anos depois**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1892297-a-negacao-de-junho-quatro-anos-depois.shtml> > Acesso em 18 jun. 2017.

3 JORNAL NACIONAL E ASPECTOS DA CONTEMPORANEIDADE

“Televisão é sensacional. Quando a gente tem uma imagem retumbante, uma baita imagem ao vivo, eu vejo que estamos fazendo - no gerúndio - História.”

William Bonner

Pierre Bourdieu (1997) nos ensina que o mais importante em um campo são os 'pesos relativos' do objeto: é preciso dimensionar os veículos em perspectiva, analisar comparativamente a importância de um jornal sob o ponto de vista do seu capital simbólico, do seu reconhecimento como autoridade por parte do público e dos anunciantes e da sua audiência, sempre em comparação a outros canais. À luz desses argumentos, fato é que apesar de o Jornal Nacional ter perdido audiência nos últimos anos ³¹⁴, o telejornal carro-chefe da TV Globo continua líder incontestado entre os brasileiros e o mais valorizado pelos anunciantes ³¹⁵.

Com quase 50 anos de história, o JN, primeiro telejornal do Brasil em rede nacional, teve início às 19h45 do dia 1º de setembro de 1969. A trajetória do programa é tratada em inúmeras publicações acadêmicas, no Almanaque da TV Globo (MAIOR, 2006), nos livros 'Jornal Nacional: 15 anos de história' e 'Jornal Nacional: a notícia faz história' (GLOBO, 2004), este último lançado quando o telejornal completou 35 anos no ar, e em extenso conteúdo no site Memória Globo ³¹⁶. Programa mais assistido pelos entrevistados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2015, respondida por mais de 18 mil brasileiros, o telejornal passou por diversas reformulações ao longo da sua história - a última foi dia 20 de junho de 2017, coincidentemente, exatos quatro anos depois da maior manifestação na cidade ocorrida em junho de 2013, coberta ao vivo durante horas pela equipe do JN e não rememorada em 2017. Na matéria em que são apresentadas as novidades tecnológicas e o novo estúdio do JN, com mais de cinco minutos de duração, o diretor geral da TV Globo, Carlos Henrique Schroeder, não deixa de falar de memória e marca posicionamento de diferenciação da emissora,

³¹⁴ FELTRIN, Ricardo. **Em quatro anos, "Jornal Nacional" perde 28% de seu público.** Disponível em < <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/02/09/em-quatro-anos-jornal-nacional-perde-28-de-seu-publico.htm>>. Acesso em 10 out. 2014

³¹⁵ **Veja quanto custa 30 segundos de intervalos comerciais na Record NA GLOBO E NO SBT.** Disponível em < <http://www.megatopico.com/veja-quanto-custa-30-segundos-de-intervalos-comerciais-na-record-na-globo-e-no-sbt-t25229.html>>. Acesso em 10 out. 2014

³¹⁶ Ver **JORNAL NACIONAL**. Disponível em < <http://memóriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>>. Ver também especial **JN 45 anos - A notícia faz história**. Disponível em < <http://memóriaglobo.globo.com/especial/jornal-nacional-45-anos.htm>>. Acesso em 20 jun. 2017.

autorreferenciada como produtora de jornalismo de qualidade: “ao olhar para o futuro, a gente vê que o jornalismo de qualidade é o que permanecerá”³¹⁷.

Figura 34 - Horário do JN é o pico de audiência da TV brasileira



Fonte: Pesquisa Brasileira de Mídia 2015

Figura 35 - Novo estúdio do Jornal Nacional, inaugurado em 20 de junho de 2017



Fonte: G1³¹⁸

³¹⁷ **Tecnologia, inovação e a notícia no centro da nova redação da Globo.** Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/06/19.html> >. Acesso em 10 out. 2014

³¹⁸ **Jornal Nacional estreia em casa nova.** Disponível em < <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/jornal-nacional-inaugura-estudio-no-centro-de-nova-redacao-integrada-da-globo.ghtml> >. Acesso em 20 jun. 2017

Como é possível acompanhar ao longo da história do telejornal (GLOBO, 2004), notícias mais disruptivas tiveram influência no modus operandi do noticiário. Durante as manifestações de 2013, não foi diferente. Nesse contexto, o Grupo Globo admitiu, por exemplo, em 31 de agosto, ter errado o apoio ao Golpe Militar de 1964 ³¹⁹. O jornal explicou que a iniciativa de admitir o equívoco do apoio já estava sendo gestada dentro do grupo há algum tempo, e seria publicizada quando o site do Projeto Memória O Globo ³²⁰ fosse finalizado. Apesar disso, na introdução do editorial em que admitia a falha de quatro décadas atrás, o veículo fez menção direta às manifestações ³²¹, afirmando que "governos e instituições têm, de alguma forma, que responder ao clamor das ruas":

"Desde as manifestações de junho, um coro voltou às ruas: 'A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura. De fato, trata-se de uma verdade, e, também de fato, de uma verdade dura. Já há muitos anos, em discussões internas, as Organizações Globo reconhecem que, à luz da História, esse apoio foi um erro".

O texto, tratado também pela emissora no JN, diz não lamentar que a publicação não tenha sido feita antes da onda de manifestações, uma vez que as ruas deram ao grupo "ainda mais certeza de que a avaliação que se fazia internamente era correta e que o reconhecimento do erro, necessário" ³²².

A influência das ruas também pode ser notada na busca por matérias - ainda que pontuais e sem modificar o discurso balizador da cobertura da emissora - que expusessem, de alguma forma, os excessos e contradições dos agentes da repressão. A circulação de vídeos na internet desmentindo a versão da polícia sobre o início de tumultos ³²³ e as críticas à emissora por parte dos manifestantes parecem ter contribuído para que o JN veiculasse, dias 24 e 25 de julho, matérias com imagens da Mídia Ninja e expusesse erros da PM ³²⁴ no caso da prisão do

³¹⁹ **Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro, reconhecem as Organizações Globo.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2798447/> >. Acesso em 7 out. 2016

³²⁰ **Memória.** Disponível em < <http://memoria.oglobo.globo.com/> >. Acesso em 7 out. 2016

³²¹ **Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604> >. Acesso em 7 out. 2016

³²² Idem.

³²³ Ver **Vandalismo de Estado - Policiais Infiltrados Começam Violência nos Protestos do Rio #EgoraCabral?**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xK9ZdV1Ao-4> >. Acesso em 10 out. 2014

³²⁴ **Governador do Rio diz que prisão de estudante durante protestos será investigada.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2716003/> >. Ver também **Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/> >. Acesso em 7 out. 2016

ativista Bruno Teles, que detalharemos em perspectiva comparativa no capítulo seguinte. Como veremos nesse capítulo, na imensa maioria da cobertura do telejornal, no entanto, há defesa explícita da postura policial por parte dos repórteres e âncoras e a reafirmação constante de que a polícia apenas reage à violência das ruas, jamais a incita.

3.1 Uso de fontes e abordagem das motivações

Daiane Pires (2016) analisou 38 reportagens sobre os protestos veiculadas no período de 6 a 17 de junho de 2013 no JN. A partir da perspectiva de Patrick Charaudeau (2013), Pires focou a análise no uso das fontes e classificou as falas dos sujeitos ouvidos a partir do seu efeito: de testemunho, de opinião, de decisão e de saber. Das 38 matérias, conclui a autora, 23 - ou 61% do total - não contam com nenhum entrevistado. Somente em 15 (39%) há consulta a algum tipo de fonte. Ao todo, são 56 sonoras examinadas: 19 de autoridades, 19 de pessoas sem ligação direta com as manifestações - geralmente lojistas e pessoas que abordam o vandalismo -, 15 de manifestantes e três de especialistas (PIRES, 2016, p. 123).

O primeiro manifestante é ouvido somente na quarta matéria do JN sobre os levantes, veiculada dia 11 de junho. Nela, a ativista Mayara Vivian não fala sobre motivações, sobre o momento histórico ou sobre características dos protestos. A edição privilegia a fala dela sobre vandalismo, assunto que já pautava a cobertura da emissora desde a primeira reportagem em 6 de junho:

“A orientação do movimento é sempre de ser um movimento pacífico. Nossa radicalidade é fechar ruas pra pressionar o poder público ao diálogo. Agora não tá no nosso script depredação ou ações do tipo” (apud PIRES, 2016, p. 123).

Ao todo, os manifestantes foram mencionados 374 vezes no Jornal Nacional no período analisado por Pires, mas tiveram voz em menos de 5% delas, 15 no total. A única vez, nas 38 matérias analisadas, que uma manifestante é ouvida sobre as motivações dos levantes é em reportagem veiculada no dia 17 de junho, quando a integrante do Movimento Passe Livre, Érica de Oliveira, afirma que a revogação do aumento da tarifa é a única causa dos protestos:

"O objetivo das manifestações e dessa luta, desde que ela começou, ele é um só. É a revogação do aumento da tarifa. Independentemente da amplitude que os atos tomaram, por diversas razões. Então, eu acho que

esse é um ponto que precisa ser esclarecido e fundamental” (apud PIRES, 2016, p. 120).

Como vimos, a afirmação de Érica vai na contramão da multiplicidade já mapeada àquela altura. As outras cinco fontes ouvidas na mesma reportagem de Graziela Azevedo falam do percurso a ser seguido pela manifestação, da busca por um protesto pacífico, e do desejo de que a polícia não aja com truculência.

Pires (2016, p. 99) conclui também que as motivações dos protestos só são abordadas nove dias depois da primeira matéria sobre as insurgências, no dia 15 de junho, quando o professor de Transporte Público, Jaime Waisman, diz: “Nós temos um sistema de transporte por ônibus que, salvo exceções, é muito precário; um sistema de trens metropolitanos que está se modernizando muito lentamente e um sistema de metrô que é muito bom, mas que é muito pequeno pra cidade que ele atende”. Apesar de o foco desta matéria ser o problema enfrentado por quem faz uso do transporte público nas grandes cidades, a reportagem é apresentada pela âncora Patrícia Poeta pelo prisma dos transtornos que as demonstrações de rua causam no trânsito:

“As manifestações contra o aumento das passagens têm um reflexo direto no trânsito das grandes cidades, com muita gente enfrentando dificuldades enormes para voltar para casa. É o que a gente vai ver agora na reportagem de Graziela Azevedo”³²⁵.

Após apresentar resultados de pesquisa do Datafolha evidenciando a insatisfação recorde dos moradores de São Paulo com o transporte público na cidade e de tratar de problemas enfrentados pelas populações de diversas capitais, incluindo o Rio de Janeiro, a matéria volta à questão do vandalismo. A segunda fonte da reportagem, o cientista político da FGV-SP Marco Antonio C. Teixeira, é recheada de juízo de valor e desconectada com a realidade de protestos em todo o mundo:

“Se há uma luta por uma tarifa menor, por uma qualidade melhor do serviço público, depredar aquilo que, de certa forma, é a tradução desse serviço, só vai trazer dificuldade pro próprio usuário, além de demonstrar pouca civilidade, que é fundamental pra qualquer defesa de qualquer tipo de causa pública” (Idem)³²⁶.

³²⁵ **Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2637345/programa/>>. Acesso em 17 jun 2017.

³²⁶ Como paralelo, vale observar que um dos exemplos mundiais de “civilidade”, para usar as palavras do cientista político ouvido pela emissora, a França tem centenas de carros queimados todos os anos em protestos. Ver **Manifestantes queimam mais de 300 carros em protestos na França.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/mundo/manifestantes-queimam-mais-de-300-carros-em-protestos-na-franca-3199986>>. Ver também **França enfrenta a maior onda de protestos contra a reforma trabalhista.** Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/17/internacional/1463438068_797947.html>. Acesso em 17 jun 2017.

3.2 A primeira postura do Jornal Nacional: de 6 a 13 de junho

No início das manifestações - entre 6 e 13 de junho -, o Jornal Nacional não mostrou imagens dos protestos no Rio de Janeiro ³²⁷, a não ser cenas de vandalismo e depredação. Não há imagens, nem mesmo aéreas, de pessoas em passeatas ou portando cartazes. O foco exclusivo é sobre os “tumultos causados”, como pode ser visto na fala da âncora Patrícia Poeta ³²⁸, dia 10 de junho - primeiro dia em que os protestos na cidade são tratados de forma específica -, ao chamar o repórter André Trigueiro. A partir de um helicóptero, Trigueiro reporta que “a polícia ocupa os principais cruzamentos (da Avenida Rio Branco) para evitar qualquer tipo de bloqueio dos manifestantes”. Nas imagens ao vivo, o trânsito está desobstruído e pessoas caminham tranquilamente na Avenida Presidente Vargas, contrastando com a afirmação da apresentadora no estúdio de que “um protesto contra o aumento das passagens de ônibus está causando tumulto no Rio de Janeiro”.

Após as imagens ao vivo, são mostradas, também de cima, cenas ocorridas algum tempo antes de pessoas correndo e atirando objetos, algumas encapuzadas. Na narração, Trigueiro fala de vitrines quebradas - apesar de não mostrá-las - e termina com o dado de que 31 pessoas foram detidas, como “esta que vocês veem sendo levada para o camburão”. Na imagem narrada, os policiais carregam violentamente um manifestante para o carro da polícia. Na volta para o estúdio, Patrícia Poeta assente com a cabeça como se estivesse concordando com a atitude. Não há imagens do nível da rua como se pode ver em vídeos na internet ^{329 330}, nem espaço à voz de qualquer manifestante. A reportagem tem um minuto de duração, tempo que contrasta com a matéria seguinte: cinco minutos, em tom festivo, sobre o planejamento da Globo para a cobertura da Copa das Confederações. Tendo em vista, como ressalta Bourdieu (1997, p. 44, 45 e 46), a importância do comportamento não verbal do apresentador, vale destacar a disparidade entre o sorriso de Patrícia Poeta na matéria sobre a cobertura da emissora e o semblante irritado ao chamar e ao encerrar a reportagem anterior.

³²⁷ Foram analisadas as edições disponíveis na plataforma Globo Play.

³²⁸ **Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2626835/>>. Acesso em 10 out. 2014

³²⁹ **Manifestação contra o aumento das passagens no Rio de Janeiro 10/06/2013.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Ou0MyXdztdQ>>. Acesso em 10 out. 2014

³³⁰ **Grande Ato Unificado Contra o Aumento das Passagens no Rio de Janeiro - 10/06/13.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Mg0wib75k-g>>. Acesso em 10 out. 2014

Figura 36 - Imagens aéreas foram padrão na cobertura do JN



Fonte: Globo Play ³³¹

Figura 37 - Manifestante é levado com violência para camburão da polícia



Fonte: Globo Play ³³²

³³¹ **Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2626835/>>. Acesso em 10 out. 2014

³³² Idem.

Apesar de não estar no nosso escopo, a título de contexto, cabe destacar que a postura inicial da mídia corporativa ³³³, incluindo o JN em cobertura dos protestos em São Paulo ³³⁴, vai ao encontro da conclusão de Venício A. de Lima (apud MARICATO, 2013): a primeira reação foi de condenação pura e simples e as "manifestações deveriam ser reprimidas com rigor ainda maior" (p.90). Os editoriais dos jornais Estadão e Folha de S.Paulo do dia 13 de junho não deixam dúvida sobre essa postura. Em "Chegou a Hora do Basta", o Estado de São Paulo, clama por mais rigor da PM, em trechos que pelo seu tom e assertividade valem ser reproduzidos:

No terceiro dia de protesto contra o aumento da tarifa dos transportes coletivos, os baderneiros que o promovem ultrapassaram, ontem, todos os limites e, daqui para a frente, ou as autoridades determinam que a polícia aja com maior rigor do que vem fazendo, ou a capital paulista ficará entregue à desordem, o que é inaceitável. O vandalismo, que tem sido a marca do protesto organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL), uma mistura de grupos radicais os mais diversos, só tem feito aumentar. (...) Atacada com paus e pedras sempre que tentava conter a fúria dos baderneiros, a PM reagiu com gás lacrimogêneo e balas de borracha. (...) A PM agiu com moderação, ao contrário do que disseram os manifestantes, que a acusaram de truculência para justificar os seus atos de vandalismo. (...) A reação do governador Geraldo Alckmin e do prefeito Fernando Haddad – este apesar de algumas reticências – à fúria e ao comportamento irresponsável dos manifestantes indica que, finalmente, eles se dispõem a endurecer o jogo. (...) De Paris, onde se encontra para defender a candidatura de São Paulo à sede da Exposição Universal de 2020, o governador disse que "é intolerável a ação de baderneiros e vândalos. Isso extrapola o direito de expressão. É absoluta violência, inaceitável". Espera-se que ele passe dessas palavras aos atos e determine que a PM aja com o máximo rigor para conter a fúria dos manifestantes, antes que ela tome conta da cidade ³³⁵.

A Folha de S. Paulo segue a mesma linha no editorial "Retomar a Paulista":

São jovens predispostos à violência por uma ideologia pseudorrevolucionária, que buscam tirar proveito da compreensível irritação geral com o preço pago para viajar em ônibus e trens superlotados. Pior que isso, só o declarado objetivo central do grupelho: transporte público de graça. O irrealismo da bandeira já trai a intenção oculta de vandalizar equipamentos públicos e o que se toma por símbolos do poder capitalista. (...) É hora de pôr um ponto símbolos do poder

³³³ As posturas da TV Globo e dos jornais de maior influência no país - O Globo, Folha de S. Paulo e Estadão - foram muito parecidas no início dos protestos. Veículos regionais como o Jornal O Dia, no entanto, tiveram posturas e coberturas bem distintas. Ao falarmos de mídia corporativa, nos referimos aos jornais de maior circulação e influência, em particular a TV Globo e a tríade citada. Segundo boletim do Manchetômetro (JÚNIOR, João Ferres, Boletim M, 2017), os veículos impressos citados atuam em bloco pelo menos desde 2014, quando o grupo de pesquisa da Uerj começou a coletar dados. Existe, desde então, um "enorme viés contra o PT, Lula e Dilma, e um apoio sólido a pautas neoliberais no âmbito da economia" (p.8)

³³⁴ **Manifestantes entram em confronto com polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2620082/>>. Acesso em 7 out 2016.

³³⁵ **Chegou a hora do basta.** Disponível em < <http://opinio.estadao.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814>>. Acesso em 3 mar 2017.

capitalista. (...) É hora de pôr um ponto final nisso. prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais. Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos. No que toca ao vandalismo, só há um meio de combatê-lo: a força da lei. Cumpre investigar, identificar e processar os responsáveis. Como em toda forma de criminalidade, aqui também a impunidade é o maior incentivo à reincidência.³³⁶

Um dos maiores expoentes dessa postura inicial da imprensa corporativa é Arnaldo Jabor - articulista e comentarista do Grupo Globo - que em 12 de junho de 2013, criticou duramente os protestos, afirmando que as manifestações seriam decorrentes de "ignorância política", de "burrice misturada a um rancor sem rumo" e que "esses revoltosos de classe média não valem nem 20 centavos"³³⁷. Dias depois, em 17 e 18 de junho, o mesmo comentarista avalia que "à primeira vista, esse movimento parecia uma pequena provocação inútil que muitos criticaram erradamente, inclusive eu"³³⁸ e diz:

"Amigos ouvintes, outro dia eu errei. Errei na avaliação do primeiro dia das manifestações sobre o aumento das passagens em São Paulo. Falei na TV sobre o que me pareceu um bando de irresponsáveis fazendo provocações por causa de 20 centavos. Era muito mais que isso. Mas eu fiz um erro de avaliação e essa é a minha autocrítica"³³⁹.

A repressão no dia 13 de junho de 2013 foi ampla, geral e irrestrita. Em São Paulo, onde mais de 240 pessoas foram detidas³⁴⁰, a jornalista Giulliana Vallone foi atingida no olho por uma bala de borracha e sua imagem com o olho sangrando correu o mundo, gerando forte reação como veremos no capítulo 4. A postura da repórter Bete Lucchese, ao narrar ao vivo o fim da manifestação no Rio em que há enfrentamento entre manifestantes e policiais, não

³³⁶ **Editorial: Retomar a Paulista.** Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml> >. Acesso em 3 mar 2017.

³³⁷ JABOR. Arnaldo. **Arnaldo Jabor fala sobre onda de protestos contra aumento nas tarifas de ônibus** Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/t/edicoes/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>>. Acesso em 10 out. 2014

³³⁸ JABOR. Arnaldo. **Arnaldo Jabor fala sobre novos protestos e ressalta força da juventude** Disponível em < <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-novos-protestos-e-ressalta-forca-da-juventude/2640269/>>. Acesso em 10 out. 2014

³³⁹ JABOR. Arnaldo. **Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos** Disponível em < <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz3FycXW1le>>. Acesso em 10 out. 2014

³⁴⁰ DE ARAÚJO, Thiago. MELLIS, Fernando. **Marcado por maior repressão e violência, quarto dia de protesto tem mais de 240 detidos.** Disponível em < <http://noticias.r7.com/sao-paulo/marcado-por-maior-repressao-e-violencia-quarto-dia-de-protesto-tem-mais-de-240-detidos-14062013> >. Acesso em 10 out. 2014

deixa dúvidas em relação à postura da jornalista na defesa da atitude policial, mesmo quando as próprias imagens contradizem o discurso. Apoiada, em sua maioria, por imagens aéreas, Lucchese relata:

"Policiais militares tentam controlar um tumulto na avenida Presidente Vargas, que é uma das mais importantes do Centro do Rio. Isso acontece no fim do protesto contra o aumento das passagens de ônibus. Manifestantes e PMs estão frente a frente. Manifestantes fazem provocações o tempo todo. A confusão começou há pouco, quando manifestantes jogaram pedras em policiais militares, que tiveram que reagir. Vocês estão vendo que eles também jogaram fogo em lixo. Vocês estão vendo aí que os policiais tiveram que usar cassetetes, tiveram que usar a força contra manifestantes. Nesse momento a avenida Presidente Vargas está interditada e a gente espera que esse tumulto seja brevemente controlado" ³⁴¹.

Figura 38 - Manifestante é agredido pela polícia enquanto repórter relata reação “necessária”



Fonte: Globo Play ³⁴²

Pela fala transcrita acima, a jornalista não permite outra interpretação senão a de que os manifestantes foram os responsáveis pelo fim do caráter pacífico da manifestação e que a

³⁴¹ LUCCHESI, Bete. **Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2633640/programa/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁴² Idem.

reação se deu exclusivamente como resposta à violência das ruas. Na hora em que ela diz que "os policiais tiveram que usar cassetetes, tiveram que usar a força contra manifestantes", são mostradas cenas de dois rapazes de branco, sem máscaras, e, aparentemente sem atitude agressiva, recebendo golpes de cassetetes de policiais (ver figura acima). Ao final, não seria exagero afirmar que a repórter apoia a repressão ao dizer ter esperança de que o tumulto seja contido em breve.

No dia 14 de junho, após críticas de peso ³⁴³ à postura da polícia sobre a atitude da noite anterior ³⁴⁴, a conduta do JN começa a mudar, ainda que de forma tímida. Patrícia Poeta lê nota pelada sobre a repreensão da Anistia Internacional à truculência da polícia, sem deixar de ressaltar que a organização é também contra o vandalismo. Na matéria de Bete Lucchese sobre o protesto do dia anterior, aproximadamente 10% do tempo são dedicados à parte pacífica do protesto. A reportagem dá oportunidade ao contraditório, quando o estudante Vitor del Rey diz que a polícia atacou manifestantes: "Quando a gente estava na Presidente Vargas, na metade dela, o Batalhão de Choque da Polícia apareceu e começou uma espécie de ofensiva contra nós. No meio do caminho, nós percebemos que alguns dos manifestantes estavam feridos" ³⁴⁵. Na sequência, no entanto, é ouvido o coronel Frederico Caldas, porta-voz da PM, que atribui a ação à radicalização dos manifestantes: "(...) houve a necessidade de intervenção do Batalhão de Choque, principalmente, porque a gente percebeu que houve uma radicalização do movimento".

A título de curiosidade e comparação, no dia 15 de junho, o telejornal exibiu matéria sobre a decisão da polícia de retirar os manifestantes da praça Taksim, na Turquia ³⁴⁶. Mesmo sendo a mesma emissora e o mesmo telejornal, a abordagem é completamente diferente da que assistimos dos protestos brasileiros. No início da reportagem na Turquia, é enfatizado que o primeiro-ministro do país afirmara que esperaria um dia pela desocupação, "mas não esperou". Com imagens sempre do mesmo plano que os manifestantes, o repórter anda por

³⁴³ Ver GASPARI, Elio. **A PM começou a batalha na Maria Antônia**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/a-pm-comecou-batalha-na-maria-antonia-8684284#ixzz4k5V91100>>. e **Anistia Internacional critica repressão a protestos no Rio e em SP**. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/anistia-internacional-critica-repressao-a-protestos-no-rio-e-em-sao-paulo>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

³⁴⁴ LUCHESE, Bete. **Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2633640/programa/>>. Acesso em 10 out. 2014

³⁴⁵ LUCHESE, Bete. **Polícia retira manifestantes que ocupavam centro da maior cidade da Turquia**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2637375/programa/>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

³⁴⁶ ALVAREZ, Rodrigo. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2635831/programa/>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

entre as barracas e, em outro momento, relaciona o uso da máscara à proteção “muitos deles não tem máscaras como essa que estou usando, muitos estão desprotegidos”. Logo depois, reporta que “até os bombeiros, despreparados, sem máscara, sofrem os efeitos do ataque da polícia”. São mostradas imagens de manifestantes feridos, dentro de um hotel, e cenas de solidariedade entre eles.

Figura 39 - Na Turquia, repórter da Globo usa máscara para se proteger



Fonte: Globo Play ³⁴⁷

3.3 17 de junho em diante: mudança de narrativa

No dia 17 de junho, a postura já é distinta e a dicotomia entre manifestação pacífica *versus* pequenos grupos de vândalos - com peso editorial muito maior a esse último grupo - começa a se consolidar no discurso do JN. A matéria da repórter Bete Lucchese ³⁴⁸ dá voz a alguns manifestantes do Rio de Janeiro, 100 mil no total segundo a reportagem. Diferente das matérias em edições anteriores, a reportagem traz imagens feitas no nível da rua, da concentração e da passeata. Três manifestantes são ouvidos. São mostrados perfis bem diferentes de pessoas presentes e alguns cartazes. Do helicóptero, Bete sorri ao falar dos

³⁴⁷ ALVAREZ, Rodrigo. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2635831/programa/> >. Acesso em 15 de jun. 2017.

³⁴⁸ **Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2640018/> >. Acesso em 10 out. 2014

cidadãos vestidos de branco que lotam a avenida Rio Branco, classificando a imagem como “impressionante”. A repórter diz que a PM estimou em 10 mil o número de pessoas no Centro, enquanto o especialista Moracyr Duarte calculou que havia 100 mil. Nessa edição, tem início também um discurso que será exaustivamente repetido nas manifestações seguintes: a aversão dos manifestantes a partidos políticos.

No dia 18 de junho, uma matéria sobre o ato do dia anterior mostra cenas de vandalismo e ouve manifestantes e cariocas repudiando a violência. A repórter Lília Telles ressalta que o dia 17 foi um “dia histórico”³⁴⁹. O prefeito Eduardo Paes é ouvido e a repórter diz que ele receberá “líderes” de manifestantes no dia seguinte. A menção a líderes e a organizadores do movimento, aliás, é constante por parte da TV Globo, contrastando com os reportes da Mídia Ninja e com as características dessas manifestações, como vimos no segundo capítulo deste trabalho. Como diz a manifestante que ficara conhecida como Sininho em entrevista quatro anos depois, “é assim que eles funcionam: a mídia, o Estado, eles precisam de uma liderança. Mas não teve liderança. Tinha pessoas que têm facilidade de assumir mais coisas, mas isso não significa uma liderança”³⁵⁰. Em tom menos conservador do que a própria repórter, Paes diz na matéria analisada que ficou “muito bem impressionado” com a manifestação e que “a população pode ter certeza de que a gente está ouvindo o que está sendo dito lá”³⁵¹.

Na matéria seguinte, o discurso que vai se perpetuar até a morte do cinegrafista Santiago Andrade, da TV Band, é claro na fala de William Bonner. Ele lamenta que após quatro horas de manifestação pacífica, um grupo pequeno tenha ido para frente da Assembleia Legislativa do estado e vandalizado o centro histórico do Rio³⁵². Os três minutos que seguem são dedicados a cenas de violência: manifestantes lançando coquetéis molotov dentro da Alerj e policiais agredidos e encurralados, em posição de defesa, correndo para dentro do prédio. No fundo do edifício, são mostrados policiais usando armas de fogo. “A atitude é condenada por especialistas na contenção de distúrbios”, pontua o repórter. “Vinte e cinco pessoas

³⁴⁹ **Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642200/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵⁰ SIMÕES, Mariana. VIANA, Natália. **Meu nome não é Sininho.** Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 15 abr. 2017

³⁵¹ **Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642200/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵² **Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642197/> >. Acesso em 10 out. 2014

ficaram feridas: 14 eram policiais”, complementa. Além dos bancos, foram mostradas imagens de lojas saqueadas. “E quem estava no comércio também foi ameaçado”, diz o repórter sem colher depoimentos que embasassem a afirmação. Uma senhora diz que são “meia dúzia de manifestantes” que fazem isso e que “não nos representam esses meninos” que “querem desmoralizar nosso movimento”. Ao fim da matéria, uma manifestante critica o vandalismo.

A supervalorização do vandalismo que vai acompanhar toda a cobertura nos remete novamente a Bourdieu ao tratar do *modus operandi* da televisão (1997): silencia pautas e vozes e tira o foco político dos protestos. A busca do sensacional, do espetacular, da dramatização “põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático, trágico” (p. 25). Como vimos no capítulo 2, essa lógica televisiva conversa diretamente com o caráter performático da tática black bloc. O foco no vandalismo e na violência e o peso dado a esse aspecto na cobertura não encontra esteio no próprio discurso da emissora: se a violência e o vandalismo são parte do comportamento de uma minoria, não representam as manifestações, ocorrem em apenas uma pequena porcentagem do tempo, por que a maior parte das matérias e recursos humanos da emissora são dedicados à cobertura desses aspectos?

Na mesma edição, Bete Lucchese mostra o apoio de pessoas dos prédios às manifestações e, novamente, dá voz a um manifestante idoso que diz: “as pessoas estão dizendo: não tenho partido, sou Brasil”³⁵³. Entre as motivações relatadas pelos entrevistados estão a reclamação em função dos gastos com estádios, a falta de investimentos em serviços públicos - a frase gritada pela multidão “Da Copa, da Copa, da Copa eu abro mão. Eu quero é mais dinheiro pra saúde e educação” é pela primeira vez transmitida -, além do custo de vida, da tarifa do transporte e da corrupção. No texto, Lucchese afirma: muitos criticavam o governador Sergio Cabral e o prefeito do Rio, Eduardo Paes. “As poucas pessoas com bandeiras de partidos eram repreendidas pela maioria”, frisou no final.

³⁵³ LUCCHESSE, Bete. **Milhares de pessoas fazem passeata pacífica e histórica no Rio de Janeiro**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642193/> >. Acesso em 10 out. 2014

3.4 20 de junho: *flashes*, transmissão ao vivo e consolidação do discurso

No dia 20 de junho, a emissora transmitiu, ao vivo, os levantes em todo o Brasil. Trata-se de importante referência para nossa análise, uma vez que, a comparação com a cobertura também ao vivo da Mídia Ninja evidencia de forma ainda mais clara as diferenças de abordagens e discursos mnemônicos. Desde as 16h, *flashes* com imagens de várias cidades eram veiculados. Às 17h50, a programação foi interrompida para a cobertura contínua dos protestos em diversas cidades. Do estúdio do Jornal Nacional, a apresentadora Patrícia Poeta ancorou as entradas dos repórteres e, algum tempo depois, William Bonner se juntou a ela na bancada, afirmando:

“A gente estava produzindo o Jornal Nacional, mas na verdade o que está acontecendo é que as notícias estão transcorrendo sucessivamente e, a essa altura, já não faz mais muito sentido a gente planejar uma edição de Jornal Nacional, porque os fatos estão acontecendo. Então o que nós estamos fazendo aqui já é um Jornal Nacional que está transcorrendo ao sabor dos acontecimentos que estão se desdobrando à frente da tela”³⁵⁴.

O JN entrou no ar sem a tradicional escalada e foi, praticamente, todo dedicado às manifestações. Mesmo após o término do telejornal, *flashes* ao vivo continuaram atualizando as informações até o Jornal da Globo. Quatro repórteres fizeram, cada um de um ponto - todos do alto de prédios - os relatos e construíram, junto principalmente com a âncora Patrícia Poeta, que ficou boa parte do tempo sozinha na bancada, o discurso que em momento nenhum questionou a atitude da polícia.

Bete Lucchese, Lília Telles, Monica Sanches e Paulo Renato Soares, estimulados por Poeta - a essa altura ainda sozinha na bancada -, repetiram diversas vezes que os manifestantes eram avessos a partidos³⁵⁵, chegando a insinuar, como faz Bete Lucchese, que os integrantes de partidos ou sindicatos - a exemplo do sindicato dos professores - poderiam ser os responsáveis pela tentativa de invadir a Prefeitura:

"Recebemos a informação de que tentaram invadir a Prefeitura. A gente não sabe se essas pessoas são integrantes de partidos políticos ou

³⁵⁴ **Manifestações de junho de 2013.** Disponível em < <http://memóriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornal-nacional-manifestacoes-de-junho-de-2013.htm> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵⁵ **Manifestantes cantam o hino nacional em avenida no Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646225/> >. **Multidão no Rio começa a caminhar em direção à Prefeitura da cidade.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646198/> >. **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

sindicatos. Já que vários sindicatos estão participando dessa manifestação como o sindicato dos professores e dos taxistas”³⁵⁶.

“O tumulto foi mesmo com esses integrantes de partidos. Existe uma disputa para que eles não fiquem perto, não querem dar nenhuma conotação política, nenhum partido a essa manifestação. Então os manifestantes não queriam e por isso deu esse tumulto”³⁵⁷, corrobora Lília Telles. Em outro momento, Lucchese atribui as confusões a integrantes de partidos para depois afirmar: “A maioria das pessoas que está lá embaixo se diz apartidária”³⁵⁸. Patrícia Poeta reforça o mesmo ponto: “(são) pessoas que não têm partido, né? desde o início os organizadores dessas manifestações como a gente tem mostrado aqui, que não têm partido político”³⁵⁹.

Como se vê, há um discurso claro no sentido de despolitizar o movimento, colocando como sinônimos política e partidos políticos. Conforme explanado no capítulo 2, de fato a imensa maioria dos manifestantes não se sente representada por partidos políticos. Isso não significa, no entanto, que não haja interesse por política, pelo contrário: mais de 60% dos manifestantes ouvidos pelo Ibope disseram ter grande interesse no tema³⁶⁰. Fica patente também a insistência nesse aspecto e o silenciamento de outros, como as motivações da multidão para ocupar os espaços e vias públicas. O preço das passagens, a qualidade do transporte público, a postura da polícia e gastos com as obras da Copa não são abordados em nenhum momento na fala dos repórteres ou da âncora.

De um lado, há de se considerar o ineditismo e complexidade dos fatos como fator complicador para a cobertura jornalística. A ausência de lideranças, o rechaço à mídia corporativa, em particular a TV Globo - aspecto que aprofundaremos no próximo capítulo - e o imediatismo em vários aspectos dificultaram, sem dúvida, a organização e abordagem do fenômeno. De todo modo, é notória a falta de interesse para entender de fato o que ocorria e

³⁵⁶ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵⁷ **Manifestantes cantam o hino nacional em avenida no Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646225/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵⁸ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁵⁹ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁶⁰ **Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes.** Disponível em < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

há um julgamento apressado por parte dos jornalistas e apresentadores. Como vimos na abertura desta seção, na imensa maioria das matérias analisadas no JN, os manifestantes não são ouvidos. Mesmo ‘especialistas’, recurso tão recorrente no telejornal ³⁶¹, não tiveram muito espaço no noticiário. Em uma quantidade enorme de reportagens, as únicas vozes são as dos apresentadores e repórteres, estes quase sempre situados no alto de prédios ou no helicóptero da Globo.

Se o enquadramento é o prisma para analisar o reforço ao repúdio aos partidos, a insistente defesa da postura da polícia por parte dos repórteres e âncora, com afirmação de que os militares fizeram “de tudo para evitar tumultos” - sempre atribuídos a um pequeno grupo de manifestantes -, vai, muitas vezes, contra os próprios fatos. São dezenas de relatos e vídeos na internet evidenciando a atuação truculenta e indiscriminada da polícia contra manifestantes. Com a análise minuciosa das matérias, percebemos que narrativas chegaram a ser iniciadas no sentido de denunciar tal postura dos agentes, mas foram sutilmente silenciadas numa dinâmica entre quem está na rua e a âncora Patrícia Poeta, com quem os repórteres conversam ao vivo no dia 20 de junho. Lília Teles reporta por duas vezes que um helicóptero da Polícia Militar dá voos “rasantes” no protesto e “as pessoas ficam meio irritadas e aí começam a gritar. O helicóptero passou agora há pouco e as pessoas gritando. As pessoas ficam **meio, meio irritadas com esse, com esse acompanhamento** ³⁶² da Polícia Militar, Patrícia” ³⁶³. Vale destacar o gaguejo e o cuidado da escolha das palavras de Teles ao descrever a “irritação” das pessoas e o “acompanhamento” da PM. Vale também pontuar que a âncora ignora a informação recém-recebida sobre a PM e tergiversa falando de carros de som.

364

Na sequência, Bete Lucchese, num helicóptero, chega a dizer que o objetivo da PM é evitar o tumulto. “A gente vê que a Polícia Militar está tentando evitar esse tumulto, está

³⁶¹ São vários os exemplos em que o JN recorre a especialistas para analisar questões. Ver **Especialista em acidentes aéreos analisa queda de aeronave em Paraty**. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/especialista-em-acidentes-aereos-analisa-queda-de-aeronave-em-paraty.html> >. E **Especialistas mostram o que pode garantir uma vida boa após os 60**. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/01/especialistas-mostram-o-que-pode-garantir-uma-vida-boa-apos-os-60.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

³⁶² Grifo nosso

³⁶³ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁶⁴ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/> >. Acesso em 10 out. 2014

lançando bombas de efeito moral, a gente vê, contra os manifestantes”³⁶⁵. Ela diz que o objetivo dos policiais é impedir a invasão ao prédio da Prefeitura. A repórter é desmentida em seguida pelo colega Paulo Renato Soares que afirma: “esse tumulto começou exatamente quando a multidão tentava se deslocar, a sair de frente da Prefeitura”. Emblemático que o relato que mais parece ir ao encontro dos fatos é justamente de quem está mais próximo das ruas, como é o caso de Soares. “Há policiais da cavalaria em vários desses acessos que saem da Presidente Vargas. Muita correria, bombas de gás. Os manifestantes lançam fogos de artifício. Todo mundo corre aqui longe do prédio tentando se “proteger de alguma maneira”³⁶⁶. São vários os momentos, aliás, que os repórteres reportam dificuldade de relatar o que ocorre por estarem no alto de prédios ou no helicóptero da emissora e não nas ruas^{367 368}.

Mesmo sem nenhum perigo de invasão da Prefeitura, Bette Lucchese mantém a narrativa contraditória - em si mesma e que não corresponde às imagens transmitidas -: “Os manifestantes se espalharam bastante e a Polícia Militar continua jogando bombas de efeito moral na direção de alguns manifestantes pra tentar evitar que o prédio da Prefeitura seja invadido”. O discurso que mais contradiz as imagens, no entanto, vem em seguida, quando um manifestante segura uma camisa branca e se vira para a polícia, pedindo claramente que os policiais parem de atacar as pessoas nas ruas (ver figura a seguir). Bette diz: “manifestante com pano branco na mão: não sei se ele tenta conter pessoas mais exaltadas”. Algum tempo depois, na fala de Poeta, a dúvida vira verdade: “Depois de duas horas de um protesto pacífico, de uma manifestação completamente pacífica, completamente tranquila, este incidente, este confronto entre policiais e um pequeno grupo de manifestantes, alguns inclusive, como a gente viu na imagem, tentando ali conter esse grupo mais radical, né, Bette?”³⁶⁹.

Paulo Renato, que antes havia dito que os manifestantes atacados estavam saindo da Prefeitura, muda o discurso e adota a linha das outras jornalistas, afirmando que a polícia

³⁶⁵ **Manifestantes e polícia entram em conflito na prefeitura do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646275/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁶⁶ Idem.

³⁶⁷ **Manifestantes tomam as ruas do Centro do Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646180/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁶⁸ **Tensão na porta da prefeitura do Rio de Janeiro.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646264/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁶⁹ **Cavalaria avança sobre manifestantes no Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646281/> >. Acesso em 10 out. 2014

tenta conter o grupo mais radical que tentava invadir a Prefeitura. Bette complementa: "A manifestação está dividida entre a paz e esses atos de vandalismo".³⁷⁰ Paulo Renato afirma então que a polícia está "conseguindo finalmente dispersar essas pessoas que estavam aqui em frente", fala em manifestantes que insistiam em permanecer, sem sequer questionar a literal expulsão de todos os manifestantes desse trecho. "A multidão que estava na prefeitura para protestar já saiu daqui rapidamente".

Figura 40 - Manifestante com mãos pro alto se dirige à polícia; repórter interpreta diferente



Fonte: Globo Play³⁷¹

No terceiro bloco, último disponível na plataforma Globo Play - o quarto bloco desta edição não está no ar - o âncora William Bonner passa a participar da transmissão. No Rio de Janeiro, os repórteres relatam que a confusão que estava em frente à Prefeitura chega a outros

³⁷⁰ **Polícia usa bomba contra manifestantes no RJ.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646324/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁷¹ ALVAREZ, Rodrigo. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2635831/programa/> >. Acesso em 15 de jun. 2017.

trechos e atribui a questão aos "manifestantes agressivos" e "radicais". Lília Teles relata que a PM joga bombas em manifestantes "que quebraram placas". A repórter fala em 17 pessoas feridas. Em certo momento ³⁷², quando Lília Teles diz "os policiais lançam bombas de gás lacrimogêneo e eles retornam em direção aos policiais", a imagem aérea mostra um manifestante ferido sendo carregado. Lília dá indícios de que iria narrar o fato, mas desiste: "Olha ali, a gente vê (pausa), tem placas quebradas, sinal de trânsito quebrado no meio da pista". Para analistas e ativistas, relatos como esses indicam que o foco discursivo da emissora na integridade do patrimônio é muito maior do que na segurança e bem estar das pessoas (SOUZA E SILVA in BORBA et al. 2014, kindle, DUARTE; MARTINS in BORBA et al, 2014, kindle; SOLANO; MANSO; NOVAES, 2014).

Em outro trecho emblemático de escolha editorial ³⁷³, imagens mostradas ao vivo da iluminação pública sendo desligada não são relatadas pela repórter. O fato, facilmente identificável nas imagens, foi ignorado pela emissora, mas gerou bastantes críticas de ativistas e advogados ³⁷⁴.

Figura 41 - Sequência mostra iluminação pública sendo apagada, fato ignorado na cobertura



Fonte: Globo Play ³⁷⁵

³⁷² Ver minuto 1'09 a 1'17 de **Jornal Nacional - Terceiro bloco**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646499/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁷³ Ver minuto 1'47 de **Jornal Nacional - Terceiro bloco**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646499/> >. Acesso em 10 out. 2014

³⁷⁴ ALMEIDA, Eduardo Araújo de. CUNGA. Myllena. SCHNEIDER, Marina. **Protesto reúne um milhão de pessoas no Rio de Janeiro**. Disponível em < <http://vozesdascomunidades.org/protesto-reune-um-milhao-de-pessoas-no-rio-de-janeiro/> >. Acesso em 15 abr 2017.

³⁷⁵ Ver minuto 1'47 de **Jornal Nacional - Terceiro bloco**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646499/> >. Acesso em 10 out. 2014

A busca da compreensão do que ocorria não foi o caminho da cobertura. O programa dispõe de recursos humanos, estrutura, produtores, correspondentes em diversos lugares do mundo em que manifestações similares ocorreram, amplo acesso a cientistas políticos e sociais no Brasil e no mundo, além de parcerias com institutos de pesquisa de opinião. Houve, ao contrário, uma abordagem superficial, pautada na dicotomia vândalos *versus* PM e nos danos ao patrimônio. Para Freixo (in BORBA et al., 2014), a superficialidade teve um propósito, o de não tratar de problemas estruturais:

“A ideia de classificar como vândalos é um jeito de conseguir adjetivar: você chama de vândalo, cria uma categoria, e a partir daí tenta classificar. Isso também serve a um outro propósito, que é uma disputa de pauta. Fazer um debate profundo sobre o significado da Copa do Mundo não interessa a muita gente. (...) Lembro perfeitamente do início dessas manifestações e do quanto a PEC 37 virou a pauta preferida de muitos. É um bom debate, mas tinha gente que sequer sabia o que significava PEC 37. Isso virou quase que pauta principal, pelo menos aqui no Rio. (...) E aí nasce outra pauta, que é “vândalos de um lado, PMs de outro”. E se alterna: um dia você usa todo o seu noticiário pra falar mal da PM, no outro dia você usa todo o seu noticiário pra falar mal dos vândalos e depois você troca – e vai nessa dança entre vândalos e PMs, criando 'o grande debate'”.

Essa disputa de pautas, com destaque por parte da grande mídia para a PEC 37 e questões ligadas à corrupção, pode ser percebida em outros programas e veículos. O jornal O Globo, por exemplo, dá ênfase, como suposta motivação principal dos protestos, ao protelamento da condenação dos julgados pelo crime que se convencionou chamar de mensalão. “A prisão dos políticos condenados no julgamento do mensalão se tornou imperativa”, diz a jornalista Fernanda Godoy na abertura do livro ‘O Brasil nas Ruas’ (2013), que reúne reportagens do veículo sobre os protestos. A motivação, no entanto, não encontra eco em pesquisas de opinião ou na plataforma Causa Brasil, nem mesmo nos cartazes capturados nas fotos de cobertura da época. Arnaldo Jabor, na TV e em coluna, também insiste no direcionamento dos protestos: “não basta lutar genericamente contra a corrupção. Há que se deter em fatos singulares e exemplares, como a terrível ameaça da PEC 37, que será votada daqui a uma semana e que acaba na prática com o Ministério Público” (in GODOY, 2013). No Fantástico do dia 23 de junho, ao tratar de pesquisa exclusiva do Ibope feita para o programa sobre as motivações dos protestos, a corrupção ganha grande notoriedade. Mais de quatro pessoas são ouvidas sobre o tema, a exemplo do antropólogo Everardo Rocha,

professor da PUC-Rio, que diz: “A corrupção acaba sendo uma chave para todas as outras mazelas que a gente está vendo aparecerem, como educação, transporte, saúde”³⁷⁶.

3.5 Aceleração do tempo e presentismo

Antes de entrarmos na análise dos vídeos no capítulo seguinte, cabe colocarmos alguns pontos que fazem parte do ambiente e contexto contemporâneos - importantes para entendermos os novos movimentos, as formas de experiência e de memória. Para diversos autores, a sociedade ocidental funciona atualmente pautada pelo chamado "presentismo", neologismo cunhado em substituição ao futurismo que caracterizara o fim do século passado. Nossa sociedade - e a tecnologia que engendra seus regimes de temporalidade - parece ter se reorientado para o tempo presente. Não assistimos apenas a uma aceleração do tempo. Vemos uma diminuição de qualquer coisa que não esteja ocorrendo agora e uma sobrevalorização do que está (RUSHKOFF, 2013, p. 8-9). Para Hartog (2013), a conjuntura temporal contemporânea estaria passando por uma crise, cujo sintoma principal seria a proliferação dos mecanismos de memória e patrimônio que marcam essa nova relação com o tempo (p.31), isso porque, o futurismo "deteriorou-se sob o horizonte e o presentismo o substituiu. O presente tornou-se o horizonte. Sem futuro e sem passado, ele produz diariamente o passado e o futuro de que sempre precisa, um dia após o outro, e valoriza o imediato" (Hartog, 2013. p. 148). Como vimos anteriormente, vivemos uma espécie de era do "ao vivo", do "tempo real" e na mesma esfera de sentido que também caracterizam a contemporaneidade estão o sentido de urgência e o eterno esperar por irrupções de crises.

Harvey atribui essa aceleração às engrenagens do Capitalismo, que tem a intenção de acelerar o tempo de giro do capital (1989, p. 229). A história do Capitalismo, afirma o autor marxista, tem sido usada para acelerar o ritmo da vida e a modernização capitalista está ligada à aceleração do ritmo dos processos econômicos e da vida social, uma vez que momentos são vistos como elementos do lucro (p. 230; p. 233). Para ele, a compressão do tempo e do espaço tem um impacto disruptivo e desorientador nas práticas políticas e econômicas, no balanceamento do poder de classes e na vida cultural e social (HARVEY, 1989, p. 284).

³⁷⁶ Ver matéria **Transporte e política são principais razões de manifestações, diz pesquisa. Para 24% dos manifestantes ouvidos pelo Ibope, corrupção é maior motivação para ir às ruas.** Disponível em < <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/transporte-e-politica-sao-principais-razoes-de-manifestacoes-diz-pesquisa.html> >. Acesso em 10 out. 2014

A esses elementos, Sevcenko acrescenta que o "mal do presentismo" é responsável pela humanidade assumir decisões que envolvem grandes riscos no presente sem considerar suas consequências e vítimas futuras (2001, p. 45). Além do mais, pontua, o presentismo tenta ignorar as circunstâncias históricas que conduziram à ordem mundial ao ponto em que estamos, naturalizando o *status quo* como se ele não fosse fruto de ações, conflitos e lutas históricos. A fala do cientista político da FGV-SP Marco Antonio C. Teixeira, ouvido pela emissora em 17 de junho, em que ele afirma que a civilidade - e não a luta - é "fundamental pra qualquer defesa de qualquer tipo de causa pública" ilustra bem essa visão. É como se o momento atual representasse um marco inicial, "o ponto inaugural de uma nova fase em que estariam zeradas as múltiplas circunstâncias históricas que condicionaram não apenas cada pessoa, mas famílias, comunidades, grupos sociais e populações inteiras a situações diversas, desiguais e hierarquicamente sobrepostas (SEVCENKO, 2001, p. 49)".

O "tempo de agora" (BENJAMIN, 2012), caracterizado pela sua intensidade e brevidade, deixa o presente cada vez mais volátil, avalia Ana Paula Goulart Ribeiro (2012). A chamada "aceleração da história", termo cunhado por Pierre Nora (1993) e desenvolvido pela pesquisadora, traz consigo a emergência de uma sensibilidade nova, "marcada por uma consciência de ruptura com o passado" que jamais havia existido antes da Modernidade. E se nas sociedades democráticas, em que se consomem acontecimentos como se consome água (MARTIN-BARBERO, 2004), o advento das novas tecnologias e das redes sociais acelerou ainda mais esse fluxo angustiante de informações. Nessa lógica, diz Marialva Barbosa (2007), o tempo midiático transforma permanentemente o futuro em presente e, assim, não há futuro e sim um presente que se atualiza sem cessar.

3.6 Novo ambiente de mídia: internet, filtro bolha e direcionamento de conteúdo

Para diversos autores, entramos em um novo modelo de sociedade, denominado por Daniel Bell (1974) de sociedade pós-industrial. O movimento operário, propulsor das revoluções da era industrial, "deixa de ser um personagem central da história" (TOURAINÉ, 1989, apud CARDOSO e DI FATIMA, 2013, p. 146). Se antes o poder estava no controle dos meios de produção, hoje está na informação e na criação de conhecimento (CASTELLS, CARAÇA e CARDOSO, 2012).

Nesse contexto, agora fazendo uso do conceito de Markus Prior, vivemos atualmente num ambiente de mídia com ampla possibilidade de escolha ³⁷⁷ (2007, p. 47). Em um enquadramento metodológico que nos é útil para pensar o presente, Prior analisa os ambientes de mídia norte-americanos em três momentos: nos anos de 1935, de 1970 e de 2005. No primeiro, não havia televisão e o ambiente de mídia era pautado pelo rádio, jornais e revistas. A mídia impressa era a fonte mais acessível para notícias. Trinta e cinco anos depois, a televisão estava amplamente difundida nos EUA e crescia em popularidade no Brasil, onde 27% dos lares do país tinham um televisor e o meio abocanhava aproximadamente 40% da verba publicitária investida em mídia ³⁷⁸. Nos EUA e aqui, o número de canais disponíveis era, entretanto, limitado e não havia controle remoto, o que inibia ainda mais a exposição a conteúdos variados. No terceiro momento analisado, em 2005, com a internet e a TV a cabo já amplamente difundidas, o ambiente de mídia passa a ser caracterizado por uma grande variedade de opções. No mesmo ano no Brasil, a título de comparação, as empresas de TV por assinatura contabilizavam 4,1 milhões de contratos ³⁷⁹ e 3,8% da população acessavam a internet ³⁸⁰.

Seguindo a lógica de Prior, podemos considerar que atualmente vivemos em um ambiente de mídia já distinto daquele de 2005, pautado, de um lado, por uma quantidade de conteúdo gigantesca e potencialmente acessível e, de outro, por um novo componente então inexistente naquele momento: a segmentação individualizada das informações. Hoje, e especialmente no Brasil, as redes sociais e os sites de busca são as principais pontes entre as pessoas e as notícias. Segundo o levantamento denominado 'Digital News Report 2015', do Instituto Reuters para o Estudo de Jornalismo, 48% dos brasileiros que vivem em cidades (denominado no levantamento de Brasil urbano) partem das redes sociais para acessar informações noticiosas. É o maior percentual entre os 12 países analisados (NEWMAN, 2015,

³⁷⁷ Tradução nossa para o termo original *high choice media environment*.

³⁷⁸ **Tudo sobre TV**. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv70.htm>> Acessado em 30. mar. 2016

³⁷⁹ Dados do setor. Disponível em <http://www.abta.org.br/dados_do_setor.asp> Acessado em 30. mar. 2016

³⁸⁰ **Número de usuários de internet e de pessoas com celular cresceu mais de 100% no Brasil**. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2013/05/número-de-usuarios-de-internet-e-de-pessoas-com-celular-cresceu-mais-de-100-no-brasil>. Acessado em 30. mar. 2016

p. 15). Ainda de acordo com a pesquisa, os sites de busca ³⁸¹ são usados como porta de entrada para notícias por 52% dos brasileiros da zona urbana e as redes sociais já superam a mídia impressa como principal fonte para notícias, assim como a internet supera a TV para este fim (p. 10).

Por outro lado, como complexificador da questão, há de se considerar que o país é também um dos dez países que têm mais gente sem acesso à internet no mundo, de acordo com estudo encomendado pela internet.org - iniciativa do Facebook para levar conexão a populações de baixa renda e áreas isoladas - à unidade de inteligência da revista britânica *The Economist*. No total, 70,5 milhões de brasileiros não possuem acesso à rede, seja por meio de banda larga fixa ou móvel ³⁸². Dados como esse mostram que a TV, presente em mais de 95% dos lares brasileiros ³⁸³, tem grande papel como difusor de informação.

O filtro bolha, termo cunhado por Eli Pariser (2011), revela o funcionamento da internet de uma forma geral e das redes sociais e sites de busca, em particular. Pariser nota que apesar de o senso comum achar que os resultados do buscador Google são padronizados, por exemplo, a verdade é que, desde 2009, as páginas - incluindo a quantidade de páginas que aparecem após uma busca - resultantes da procura por quaisquer termos diferem imensamente de um usuário para outro. Ou seja, se um ambientalista e um executivo do ramo de petróleo buscarem pela expressão aquecimento global, serão apresentados a resultados diferentes que tendem a convergir com suas opiniões pré-existentes, explicitadas anteriormente em interações via internet e no próprio histórico de buscas (PARISER, 2011, kindle). ³⁸⁴

³⁸¹ Sites de notícias ao redor do mundo como o *The New York Times* também já fazem uso da customização de acordo com o perfil do usuário. No Brasil, já a customização de parte do conteúdo - em particular as editorias de Esportes e de Cidade - de acordo com o local de acesso. O direcionamento com o objetivo de agradar o leitor mostrando na primeira página artigos e matérias que vão ao encontro de opiniões e ideologias ainda não acontece no país.

³⁸² **Brasil é um dos países mais desconectados do mundo: são 70 milhões offline.** Disponível em < <https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/03/01/brasil-e-um-dos-paises-mais-desconectados-do-mundo-sao-70-milhoes-offline.htm>>. Acessado em 30. mar. 2017

³⁸³ **IBGE: pela 1ª vez, domicílios brasileiros têm mais TV e geladeira do que rádio.** Disponível em < <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html> >. Acessado em 30. mar. 2017

³⁸⁴ Esse direcionamento está tendo um novo e importante capítulo com a iniciativa do Google para combater com contrapropaganda a "lavagem cerebral" do grupo terrorista autodenominado Estado Islâmico em pessoas que, segundo o google, estariam no caminho de integrar o grupo extremista. A Jigsaw, incubadora e think thank do Google até pouco tempo conhecida como Google Ideas, revelou que empreende um projeto piloto com objetivo de desmotivar potenciais adeptos do grupo extremista autodenominado Estado Islâmico. Ao identifica através das buscas do usuário que há uma tendência à "conversão", os resultados das buscas, em vez de levarem à propaganda do Isis, levam a contrapropaganda, mostrando canais contra o Isis no youtube. Segundo matéria da *Wired*, até dia 9 de julho, mais de 300 mil internautas já tinham sido redirecionados para esses canais anti-Isis do Youtube até julho de 2016 e a média de interação com esses canais, segundo o Google, tem sido muito maior do que com a propaganda oficial do EI. Ver mais informações em "**Google's Clever Plan to Stop Aspiring ISIS Recruits**". Disponível em <<https://www.wired.com/2016/09/googles-clever-plan-stop-aspiring-isis-recruits/>>. Acesso em 7 set. 2016.

Além do Google, nas redes sociais, as empresas também trabalham com algoritmos inteligentes ³⁸⁵ - cujo mecanismo detalhado não é revelado -, fazendo uso de uma série de variáveis, de forma a apresentar conteúdos que vão ao encontro das crenças e opiniões do usuário. Conforme o internauta faz uso da plataforma e sinaliza suas preferências (com o botão curtir e suas variações, fazendo comentários e compartilhando conteúdos, por exemplo), a plataforma vai "aprendendo" seus gostos e opiniões - inclusive políticas e ideológicas - e passa a mostrar para ele cada vez mais conteúdos que tendem a agradá-lo, numa espécie de "espelho" individualizado que reflete preferências e interesses de cada um (PARISER, 2011, Introduction). Nas palavras de Ronaldo Lemos, a rede "devolve para você o mundo à sua imagem e semelhança e entrega o que você mais preza, que é você mesmo" ³⁸⁶. É uma maneira de manter o usuário mais tempo na rede e aumentar sua interação.

A base para o sucesso de apresentar ao usuário notícias compatíveis com as crenças e opiniões pré-existentes não é nova. Há muito já se estuda nosso comportamento em relação às informações e se sabe que raramente absorvemos dados passivamente. Ao contrário, procuramos e escolhemos a informação que usamos. Apesar de essa seleção ser um mecanismo importante para evitarmos informações inúteis ou irrelevantes, são frequentes as ocasiões em que selecionamos a informação porque ela nos agrada, não pelo seu valor intrínseco (COTTON apud ZILLMANN, 2013, p. 11).

Há quem defenda que os algoritmos e programações usados pelas redes sociais e sites de busca só reforçam uma tendência natural e têm a função de poupar tempo e dar aos cidadãos informações que eles querem consumir. Acontece que nesse novo ambiente de mídia, a grande maioria dos indivíduos não sabe que as informações são segmentadas e aparecem - através da busca ou sem mesmo haver uma procura - para eles de acordo com suas opiniões e interações prévias. Ou seja, consome-se informações extremamente segmentadas e direcionadas com a ilusão de que estamos acessando uma amostra da totalidade de informações disponíveis. Há também uma diferença entre escolher o que se quer consumir

³⁸⁵ Empresas como Facebook e Google estão na vanguarda da produção e análise de quantidades massivas de dados (o que se convencionou chamar de Big Data ou megadados) por sistemas algorítmicos "inteligentes". Esses algoritmos funcionam da seguinte forma: programadores primeiro "treinam" os algoritmos com o resultado que eles desejam alcançar e os algoritmos então produzem, eles mesmos, outros algoritmos capazes de gerar os resultados inicialmente observados. Natural que quanto mais dados existam para que eles sejam treinados, mais poderosos sejam os algoritmos gerados. Ver mais em MAGALHÃES, João Carlos. Democracia e internet: precisamos falar sobre algoritmos. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/ensaio/2016/09/25/Democracia-e-internet-precisamos-falar-sobre-algoritmos>>. Acesso em 25 set. 2016.

³⁸⁶ LEMOS, Ronaldo. **O resgate da internet**. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/pagina22/article/viewFile/27587/26461>>. Acesso em 12 out. 2014

dentre várias opções e só ser apresentado a um tipo de informação. Além disso, a variedade ideológica de informações a que somos expostos é cada vez menor, o que, por um lado, diminui o desconforto, mas por outro aumenta preconceitos, diminui a capacidade de argumentação e mesmo a criatividade ³⁸⁷. O recente caso do robô criado pela Microsoft para interagir nas redes sociais como se fosse uma adolescente norte-americana e que teve de ser tirado do ar em apenas 24 horas por publicar posts misóginos e racistas ³⁸⁸ acende uma luz vermelha em relação ao potencial de consumo de informações pautado essencialmente na internet e em suas interações.

3.7 Filtro bolha, algoritmos e democracia

Se por um lado, vemos a potencial da internet para o desenvolvimento da democracia em ações pontuais, por outro, observamos na nossa sociedade como o filtro bolha acaba impondo barreiras para a construção democrática: é mais fácil e prazeroso consumir informações que corroborem nossas ideias de mundo em vez de sermos desafiados a pensar ou questionar nossas presunções. Mas estar em contato com quem pensa diferente é fundamental para a democracia: as pessoas devem ser capazes de se colocar no lugar do outro, em vez de se fechar dentro de bolhas (PARISER, 2011, kindle).

João Magalhães Neto ratifica as colocações de Pariser e avalia que a filtragem e direcionamento de informações através de sistemas de algoritmos põem em risco a democracia:

"Se experimentamos apenas o que já conhecemos, acreditamos ou gostamos, teremos dificuldade em compreender o outro, com quem, num sistema democrático, temos que lidar e chegar a algum tipo de acordo. Sistemas de algoritmos que objetivam nos dar apenas o que já mostramos que queremos tornam essa experiência mais rara e tendem a radicalizar posições políticas" ³⁸⁹

³⁸⁷ CHAMORRO-PREMUZIC, Tomas. **How the web distorts reality and impairs our judgement skills**. Disponível em <<http://www.theguardian.com/media-network/media-network-blog/2014/may/13/internet-confirmation-bias>> Acesso em 3. abr. 2016

³⁸⁸ MOREIRA, Isabela. **A Microsoft criou uma robô que interage nas redes sociais - e ela virou nazista**. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/blogs/buzz/noticia/2016/03/microsoft-criou-uma-roboto-que-interage-nas-redes-sociais-e-ela- virou-nazista.html>> Acesso em 3. abr. 2016

³⁸⁹ MAGALHÃES, João Carlos. **Democracia e internet: precisamos falar sobre algoritmos**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/09/25/Democracia-e-internet-precisamos-falar-sobre-algoritmos>>. Acesso em 30 set. 2016.

Além disso, a internet e o uso de algoritmos também pode aprofundar desigualdades, mesmo que de maneira não intencional. Além da exclusão digital ³⁹⁰ que reforça a exclusão social de grandes parcelas da população, o uso de algoritmos por empresas e sites de busca faz com que, por exemplo, a procura por nomes típicos de negros no Google nos EUA "aumente a proporção de anúncios que implicam que a pessoa foi presa. Acreditar e utilizar cegamente esses sistemas seria uma maneira de perpetuar a discriminação" ³⁹¹. Nesse sentido, causa preocupação o fato de que bancos poderão, no futuro, verificar se os amigos de determinada pessoa têm débitos pendentes antes de conceder um empréstimo a ela. É o que sugere uma nova patente do Facebook, registrada nos EUA, que poderá permitir a instituições financeiras acessar o "histórico social" de seus contatos mais próximos na hora de fazer uma análise de crédito. "Quando um indivíduo pede um empréstimo, o credor analisa o poder de crédito dos contatos da rede social (...). Se a classificação de crédito média desses contatos atender a uma pontuação mínima de crédito, o credor dá prosseguimento ao pedido de empréstimo. Caso contrário, o pedido é rejeitado", descreve a patente ³⁹².

3.8 Participação política e democracia

Para avançarmos nessa discussão sobre a democracia brasileira, cabe uma referência aos estudos do núcleo de inteligência do grupo The Economist, cuja medição ranqueia, todos os anos, 167 nações e territórios. Com a 51ª posição no ranking de 2015 ³⁹³, o Brasil está na categoria das democracias imperfeitas. Isso não se deve aos quesitos funcionamento do governo ou ao processo eleitoral, que posicionam o país no nível de democracias avançadas

³⁹⁰ Conceito dos campos teóricos da comunicação, sociologia, tecnologia da informação. História e outras humanidades, que diz respeito às extensas camadas das sociedades que ficaram à margem do fenômeno da sociedade da informação e da expansão das redes digitais. Ver também **Exclusão digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200006>. Acesso em 30 set. 2016.

³⁹¹ MAGALHÃES, João Carlos. **Democracia e internet: precisamos falar sobre algoritmos**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/09/25/Democracia-e-internet-precisamos-falar-sobre-algoritmos>>. Acesso em 30 set. 2016.

³⁹² ALVES, Paulo. **Facebook registra função de 'análise de crédito' com base nos amigos**. Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/08/facebook-registra-funcao-de-analise-de-credito-com-base-nos-amigos.html>>. Acesso em 30 set. 2016.

³⁹³ Após subir no ranking por dez anos consecutivos, o Brasil caiu da posição 44 para 51 de 2014 para 2015. A principal queda foi no índice de cultura política da população.

segundo o estudo. Os pontos críticos estão na sociedade civil: no quesito participação política da população, o Brasil está abaixo de países como Iraque, Egito e Etiópia. (DEMOCRACY INDEX 2015, EIU, 2016).

Tanto o conceito de democracia quanto as formas de mensurá-la estão longe de serem consensuais. Como ponto de partida, podemos considerar democracia como o faz o diretor do núcleo de Inteligência da The Economist. Segundo Laza Kekic, democracia pode ser definida como o conjunto de práticas e princípios que institucionalizam e, portanto, em última análise, protegem a liberdade (KEKIC, 2008, P.1). Entre as características fundamentais de uma democracia estão um governo baseado na vontade da maioria e no consentimento dos governados, a existência de eleições livres e justas, a proteção das minorias, o respeito pelos direitos humanos fundamentais, o pluralismo político e a igualdade dos cidadãos perante a lei. (KEKIC, 2008, p.1).

Da mesma forma, consideramos a democracia não como dicotômica, mas passível de ser escalonada em graus. Ou seja, um país ou território não precisa necessariamente ser considerado democrático ou não democrático; pode sim, seguindo critérios objetivos, ser avaliado de acordo com gradações de democracia. Mas como medir esses graus? De acordo com Gomes e Maia (in PENTEADO et al., 2011, p.115), há pelo menos três vertentes teóricas sobre democracia, que, por sua vez, dão diferentes pistas sobre uma escalonagem do conceito. Para os autores, a vertente liberal preza pela autonomia privada do cidadão e se preocupa com a liberdade de expressão e ações coercitivas de vigilância dessa livre manifestação; já a republicana teoriza sobre a ideia de cidadania e a capacidade de o controle civil ser exercido sobre o estado; por fim, a deliberacionista, inspirada por Habermas, trata da racionalidade pública em construir espaço público racional de interação discursiva entre Estado e sociedade.

A vertente liberal tem extensa tradição e reconhecimento em medição, sendo um dos principais índices o da organização não governamental norte-americana Freedom House ³⁹⁴. O Brasil, segundo esse ranking, saiu da categoria parcialmente livre para livre (a mais alta) em 2003 e, desde então, vem mantendo o índice. O indicador considera basicamente dois critérios: liberdades civis e direitos políticos. Muito calcado no processo eleitoral e no conceito de poliarquia de Robert Dahl (DAHL, 1972), a medição da Freedom House ignora dois pontos cruciais para uma democracia: cultura e participação política.

³⁹⁴ **FREEDOM HOUSE**. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/>>. Acesso em 20/07/2015

Nesse sentido, entende-se, no presente trabalho, ser mais ampla e precisa a medição calcada nos princípios sistematizados por Michael Coppedge (2005, p. 38). Entre os critérios utilizados pelo autor para medir a participação e a cultura política - itens considerados essenciais na mensuração da democracia - estão, por exemplo, a existência de debates públicos, a importância de ter cidadãos bem informados e a participação em governos locais. Mais próximo desse referencial teórico está o índice do núcleo de inteligência da The Economist. Entre os critérios contabilizados pela publicação estão a percentagem da população filiada a partidos políticos e organizações não governamentais; o engajamento político dos cidadãos; a porcentagem da população interessada em política; a disposição da população em participar de manifestações; o índice de analfabetismo da população adulta, o acompanhamento da população de noticiário político e o esforço das autoridades em promover a participação política.

Alguns elementos retirados da extensa pesquisa da organização sueca World Values Survey, cujos resultados são utilizados pela The Economist, nos permitem chegar a conclusões sobre a forma de avaliar a participação política do brasileiro. Quando perguntados sobre o interesse por política, 40,8% respondem que não têm absolutamente nenhum interesse pelo tema e 21,7% dizem que não têm muito interesse. Apenas 8,8% se dizem muito interessados e 28,3% interessados de alguma forma. Números bem diferentes dos que foram às manifestações em 2013, como vimos no segundo capítulo deste trabalho. Os índices de participação em organizações políticas - que abrangem partidos e organizações não governamentais de defesa do meio ambiente, do consumidor, entre outras - também é extremamente baixo entre os brasileiros: mais de 90% das pessoas disseram não participar de nenhuma organização. Da mesma forma, 45% da população disseram que jamais participariam de protestos pacíficos nas ruas, índice que também é considerado pelo grupo The Economist para avaliar a participação política.

3.9 Participação digital na democracia brasileira

É curioso notar que, por outro lado, o brasileiro é considerado o povo mais ativo do mundo na postagem e interação de conteúdos relacionados à política na internet. Em 2014, os

eleitor do Brasil foi considerado o mais engajado em todo o mundo na rede. De acordo com dados levantados pelos jornalistas Elisabeth Ferriche e Lincoln Macário (2014) junto à diretora de comunicação do Facebook Brasil, Camila Fusco, do dia 5 de julho a 8 de outubro de 2014, foram mais de 320 milhões de interações sobre o pleito. O número ultrapassou as manifestações da então recordista Índia na rede social (277 milhões durante a campanha presidencial de maio do mesmo ano), sendo que a Índia tinha mais usuários no Facebook (100 milhões contra 89 milhões no Brasil) e estava à frente do Brasil no índice da The Economist (2014) em participação política (com 7,22 pontos contra 4,44 do Brasil) em 2014. No segundo turno, os altos números mantiveram-se e levaram o Brasil a alcançar, no total, impressionantes 674 milhões de interações sobre o assunto ³⁹⁵. Este talvez seja um dos principais limites da The Economist ao medir a democracia: não contabilizar a participação em redes sociais ³⁹⁶.

Figura 42 - Botão do Facebook incentiva interação sobre política



Fonte: Portal G1 ³⁹⁷

³⁹⁵ **Eleições brasileiras foram as mais comentadas da história do Facebook.** Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/eleicoes-brasileiras-foram-mais-comentadas-da-historia-do-facebook.html>> Acesso em 15 ago. 2015

³⁹⁶ Outro ponto que está ausente da medição da pesquisa e que no nosso entendimento está diretamente conectado ao estágio democrático alcançado por um país é a distribuição de riqueza na sociedade.

³⁹⁷ **Eleições brasileiras foram as mais comentadas da história do Facebook.** Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/eleicoes-brasileiras-foram-mais-comentadas-da-historia-do-facebook.html>> Acesso em 15 ago. 2015

Contribui bastante para nossa análise a sistematização elaborada por Cardoso e Di Fátima (2013) acerca das manifestações de 2013 e a participação digital no período. Eles pontuam que apesar de o interesse por temáticas políticas não ser predominante na internet, em momentos cruciais da vida social, ele tende a ganhar destaque. Em 2013, as menções às manifestações superaram a Copa das Confederações. De acordo com a empresa Scup³⁹⁸, o país do futebol fez mais de 2 milhões de citações sobre os protestos, entre 13 e 21 de junho, no Facebook, Twitter, YouTube e Google+. Já a Copa das Confederações teve apenas 214 mil citações. Segundo dados da Scup, as postagens de brasileiros sobre as manifestações atingiram pelo menos 136 milhões de contas nas redes sociais online. Outro levantamento, da agência digital Today, contabilizou 550 mil postagens somente no dia 17 de junho, sendo 88% delas no twitter e 10% no Facebook³⁹⁹.

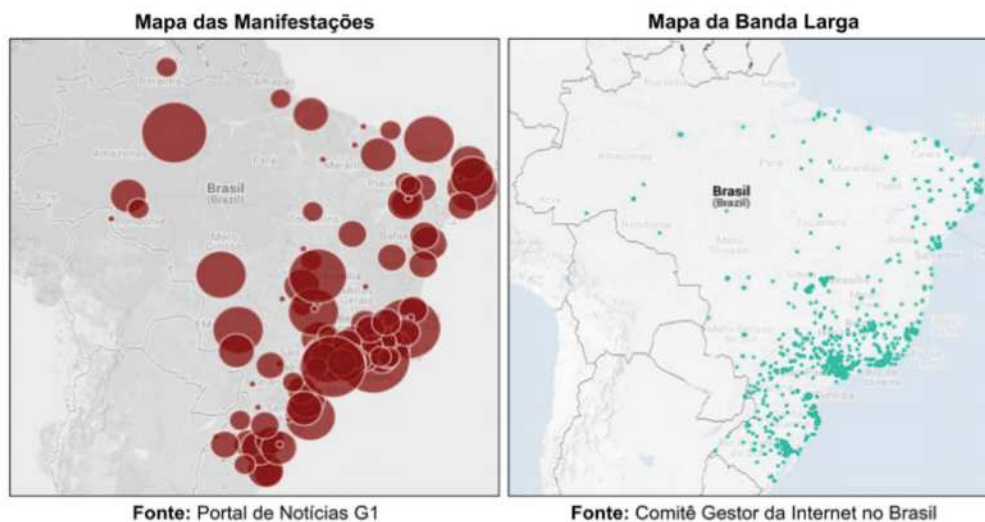
A figura abaixo retirada da publicação de Cardoso e Di Fátima (2013) mostra a correlação entre a acesso à banda larga e a quantidade de protestos. Os autores ressaltam que esta relação desmente discurso equivocado de que territórios mais populosos teriam mais probabilidade de realizar manifestações:

"A insatisfação em rede não se mede apenas pelos números de potenciais participantes. Caso isto fosse verdade, a região Nordeste estaria em larga vantagem em relação ao Sul do Brasil. Um exemplo é que o pequeno Estado de Santa Catarina, que ocupa o 11º lugar no ranking nacional de habitantes, registrou 33 protestos. Já o Estado da Bahia, na 4ª posição, realizou 30 manifestações e o Estado de Pernambuco, mesmo estando no 7º lugar do ranking nacional, promoveu apenas 13 protestos".

³⁹⁸ Ver PAPP, Anna Carolina. ROCHA, Camilo. **Na internet; atos mobilizam 136 milhões**. Disponível em < <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,na-internet-atos-mobilizam-136-milhoes,10000033486>>. Acesso em 10 jun 2017.

³⁹⁹ Ver DIGITAL, Olhar. **Protestos geram cerca de 550 mil posts nas redes sociais, segundo pesquisa**. Disponível em < <https://olhardigital.com.br/noticia/protestos-geram-cerca-de-550-mil-posts-nas-redes-sociais,-segundo-pesquisa/35347>>. Acesso em 16 jul 2016.

Figura 43 - correlação entre o acesso à banda larga e a incidência de protestos no Brasil



Fonte: Cardoso e Di Fatima (2013)

Figura 44 - Uso de redes sociais para compartilhar conteúdos em 2013



Fonte: Estadão

Na mesma linha, em países árabes, pesquisadores têm concluído que a disseminação da internet contribuiu para o aprimoramento da democracia. Esta complexa relação entre internet, protestos em rede e democracia, foi objeto de estudo de Philip Howard, com base numa análise comparativa entre 75 países muçulmanos ou com significativa população islâmica. De acordo com o levantamento, feito antes da Primavera Árabe, a difusão e o uso de Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) são benéficos para a democratização,

fortalecem a democracia e elevam o envolvimento cívico e a autonomia da sociedade civil, abrindo caminho para a democratização do Estado. Em muitos países, a transição rápida para um regime democrático foi apoiada pelas as tecnologias da informação que ampararam o trabalho de jornalistas investigativos, partidos políticos e grupos cívicos. (2010, p. 195).

Pesquisas de 2011, após os levantes árabes, apontam as redes sociais e as mensagens de texto (SMS) como fatores fundamentais tanto para a propagação da notícia ocultada pela grande mídia quanto para a disseminação dos protestos.

"As pessoas se davam conta (de que também não estavam satisfeitas com o governo) ao assistir vídeos do Youtube sobre os abusos do Estado, ao ler as notícias internacionais na internet sobre a corrupção política, e compartilhavam piadas por SMS sobre seu ditador já idoso. Comunicando-se por meios que o Estado não conseguia controlar, as pessoas também se utilizavam da mídia digital para traçar estratégias de ação para seu objetivo comum: a deposição do déspota (HOWARD; HUSSAIN, 2011, p. 36)"⁴⁰⁰

Para esses autores, a "mídia digital teve papel causal na Primavera Árabe por ter fornecido a infraestrutura fundamental de um movimento social diferente dos outros que haviam surgido nos últimos anos nesses países" (apud CASTELLS, 2014, kindle). Nas palavras de Castells:

"Essas gerações de mobilizadores predominantemente jovens e cosmopolitas sentiam-se desabilitadas por seus sistemas políticos, viam amplas perdas no mau gerenciamento da economia e do desenvolvimento nacionais e, o que é mais importante, compartilhavam uma narrativa coerente sobre todas essas coisas [alienação em relação ao Estado, consenso entre a população participante do protesto, defesa do movimento pela opinião pública internacional]" (kindle).

Sobre essa interrelação específica, concordamos com Castells quando ele diz que as redes foram fundamentais para a escala e a rapidez com que os protestos se disseminaram:

"É verdade que Facebook e Twitter não causam revoluções, mas seria tolo ignorar o fato de que usos cuidadosos e estratégicos da mídia digital para conectar públicos regionais, juntamente com redes de apoio internacionais, habilitaram os ativistas de novas formas que conduziram a algumas das maiores manifestações de protesto desta década no Irã; ao levantamento

⁴⁰⁰ Tradução nossa para o trecho original "The realization hit home as people watched YouTube videos about the abusive state, read foreign news coverage of political corruption online, and shared jokes about their aging dictator over SMS. Communicating in ways that the state could not control, people also used digital media to arrive at strategies for action and a collective goal: the deposition of a despot".

temporário do bloqueio egípcio em Gaza; e a movimentos populares que puseram fim a décadas de governo de Mubarak e Ben Ali". (2014, kindle)

Por um lado, notamos diversos indícios de que a internet, em particular as redes sociais, tem potencial para contribuir para a democracia, uma vez que facilita encontros e articulações políticas. Por outro, há potencial de prejudicá-la ao isolar as pessoas em bolhas e ajudar na vigilância sobre perfis com mais potencial transformador. De volta ao nosso objeto, não há dúvidas, no entanto, de que o surgimento da Mídia Ninja, seu alcance e a própria magnitude dos protestos foram alcançados em função do contexto exposto. Podemos pensar, mesmo sem chegar a conclusões, que as manifestações desta década, que consideramos ainda estar em andamento, têm potencial transformador na democracia no mundo, apesar de gerar reações violentas como as que vimos nos países árabes.

Casos reais e bem sucedidos como o da Islândia, tratado no capítulo 2 deste trabalho, parecem ir ao encontro da proposta de "experimentalismo institucional" de Roberto Mangabeira Unger, para quem "o fundamental é a ideia de que o novo é possível, o tempo é real e a história é aberta" (in TEIXEIRA, 2011, p. 24). Nesse sentido, estamos de acordo com Teixeira - e também com Thompson, cujo pensamento aprofundaremos no capítulo seguinte -, para quem há uma tendência equivocada das Ciências Sociais em naturalizar as atuais estruturas e "tratar as instituições dominantes como consequências inelutáveis de imperativos funcionais ou evolutivos da sociedade" (TEIXEIRA, 2011). Não se trata de desconsiderar a História, como faz o presentismo, mas de desengessar as possibilidades de futuro. Como proposto por Teixeira e Unger, acreditamos que é possível superar a concepção de que cada um desses sistemas institucionais - como Feudalismo, Capitalismo e Comunismo - é indivisível e que, assim, toda a prática política ou é "a reforma trivial de um desses sistemas ou a substituição revolucionária de um por outro" (TEIXEIRA, 2008, p.1).

Para ele, assim como para E. P. Thompson, entender uma realidade significa compreender o que ela pode vir a ser em determinadas circunstâncias ou dada determinadas intervenções. Mas o conceito geral do possível - o possível distante, o possível remoto - nem na sociedade nem na natureza pode ter uma pré-definição. Na verdade, nesse sentido o que as Ciências Sociais enxergam é uma mera ampliação especulativa a partir da constatação daquilo que já ocorreu e do entendimento retrospectivo de como funciona o passado (UNGER, 2007). Nas palavras de Teixeira, um dos maiores estudiosos brasileiros da obra de Unger:

"A maioria da humanidade reconhece hoje, ainda que intuitivamente, que a organização institucional da política e da economia nas democracias industriais não garante os seus próprios pressupostos: cidadãos livres e capacitados, dispendo de condições culturais e econômicas para atuar em ambiente social onde a desigualdade não impeça a iniciativa individual e coletiva. Por isso, luta, em todas as partes do mundo, inclusive no Brasil, por arranjos institucionais alternativos aos existentes, que sejam capazes de cumprir a promessa democrática de justiça: na dimensão econômica, instituições que ampliem substantivamente as oportunidades para trabalhar e produzir de modo à reconfigurar o que entendemos por mercado e, na dimensão política, instituições que propiciem uma participação política que gere mudanças efetivas" (2014, p. 217).

Essa discussão nos remete a considerações de Nietzsche, para quem é preciso ter "aquela cegueira e injustiça na alma do agente (2003, p. 14)". Aqui, novamente, voltamos aos sentimentos envolvidos no processo de memorização, em particular na memória que leva à ação. Como vimos no capítulo 1 ao referenciar o filme *Divertida Mente*, o sentimento de raiva, importante ingrediente na luta contra injustiças, na sensação de empatia e no processo de memória, torna-se gatilho para mobilização e ida às ruas.

4 A MÍDIA NINJA E O MEDIATIVISMO

"Se a bateria do ninja não morrer eu não durmo essa noite"
jornalista Jorge Pontual, no twitter, em referência à transmissão de protesto pela Mídia Ninja

O coletivo Mídia Ninja, cuja sigla, além de fazer alusão clara ao sentido de luta e a uma estética mascarada e despersonalizada, significa Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, demanda explicação sobre sua atuação e histórico. O grupo - que aqui abreviaremos para MN - apresenta-se como "uma rede de comunicadores que produzem e distribuem informação em movimento, agindo e comunicando"⁴⁰¹. Lançada em março de 2013 no Fórum Social Mundial na Tunísia⁴⁰², a Mídia Ninja ganhou expressão nacional e internacional a partir de sua cobertura das manifestações em junho do mesmo ano. Defendem que o que fazem é sim jornalismo - "o Jornalismo é uma das ferramentas e linguagens que utilizamos para levantar temas e debates, fortalecendo narrativas que não têm visibilidade nos meios convencionais de comunicação. Mas para além de jornalismo fazemos midiativismo"⁴⁰³ e, em posicionamento diametralmente oposto ao do Jornal Nacional, abraçam a parcialidade como princípio:

“(...) defendemos abertamente a parcialidade enquanto um princípio de nosso trabalho, por acreditar que nenhuma construção humana é capaz de ser imparcial, já que resulta da soma e do acúmulo de todas as suas experiências anteriores e de nossas visões de mundo”⁴⁰⁴.

O coletivo define-se como uma rede que tem como objetivo influenciar e participar dos protestos; seus colaboradores não vão aos protestos "apenas para fazer o registro"⁴⁰⁵. "Ele (as pessoas que reportam) é um corpo da multidão e a comunicação é uma das formas de mobilizar e organizar”. Entendem-se, portanto, como parte integrante dos movimentos que reportam. As escolhas referentes à cobertura são pautadas pelas ações de grupos sociais, principalmente urbanos, com foco em manifestações de rua e na defesa de direitos sociais e

⁴⁰¹ Ver **Mídia Ninja - Quem Somos**. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁰² Ver **BRUNO TORTURRA. Jornalista e fotógrafo**. Disponível em < <http://www.fluxo.net/bruno-torturra/> >.

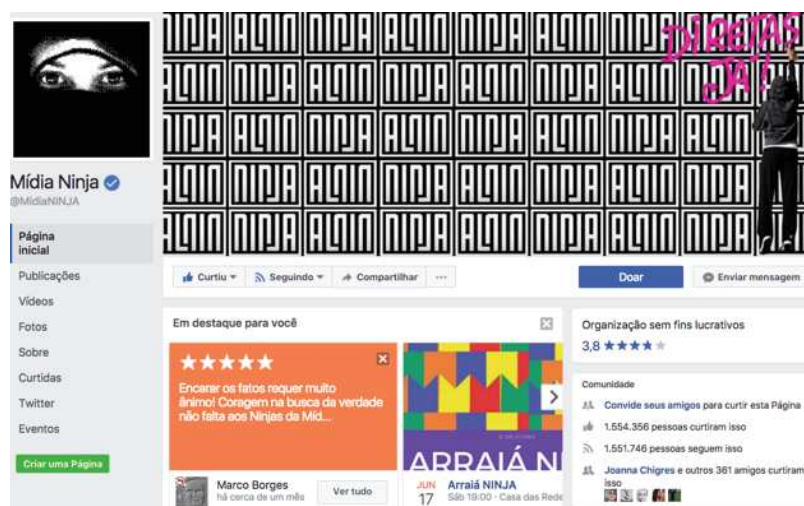
⁴⁰³ Ver **Mídia Ninja - Perguntas frequentes**. Disponível em <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁰⁴ Idem.

⁴⁰⁵ Idem.

econômicos, com ênfase no direito à moradia e ao transporte. “Nossa pauta está onde a luta social e a articulação das transformações culturais, políticas, econômicas e ambientais se expressa”, afirmam ⁴⁰⁶.

Figura 45 - Página da Mídia Ninja no Facebook



Fonte: Facebook

Com estratégia de divulgação toda calcada na internet, adotam também postura de forte diferenciação em relação à mídia corporativa, chamada por eles de “velhos intermediários”:

"A internet mudou o jornalismo e nós fazemos parte dessa transformação. Vivemos uma cultura peertopeer (P2P), que permite a troca de informações diretas entre as pessoas, sem a presença dos velhos intermediários. Novas tecnologias e novas aplicações têm permitido o surgimento de novos espaços para trocas, nos quais as pessoas não só recebem mas também produzem informações" ⁴⁰⁷.

A distinção em relação à grande imprensa é detalhada na seção Perguntas Frequentes do antigo site da MN, onde consta que a "velha mídia está amarrada a uma linguagem e a um padrão de qualidade que são paradigmas do jornalismo comercial, com pouca abertura para experimentação e adaptação às novas formas de produção e interação com a informação

⁴⁰⁶ Ver **Mídia Ninja - Quem Somos**. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁰⁷ Idem.

permitidas pela explosão das redes sociais”⁴⁰⁸. Na seção, o grupo também se diz composto por mais de 100 coletivos conectados - o que nos remete ao conceito de rede policêntrica trabalhado no capítulo 2 - e ao menos “700 pessoas colaborando e gerando narrativas em seus territórios”⁴⁰⁹.

4.1 “Grande mídia da mídia social”

A MN tem como um de seus principais idealizadores o jornalista Bruno Torturra⁴¹⁰, que por 11 anos trabalhou na revista Trip como editor, repórter especial, correspondente e, por fim, diretor de redação. Em 2011, Torturra fez a primeira transmissão ao vivo via *streaming* de uma manifestação de rua do Brasil e, a partir da experiência, ajudou a criar e a difundir a PósTV, definida por ele como uma rede nacional, “descentralizada e experimental de streaming”, onde “conduzia debates ao vivo e apresentava um programa semanal sobre drogas psicodélicas e movimentos políticos emergentes”⁴¹¹. No final de 2012, Torturra começou a articular a criação da MN e, ao fim de 2013, afastou-se do grupo para se dedicar ao Estúdio Fluxo⁴¹². É uma das principais referências quando se pensa na MN - falou sobre a iniciativa

⁴⁰⁸ **Mídia Ninja - Perguntas frequentes.** Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017. Nessa seção está a pergunta: “O que o NINJA pensa sobre a Mídia tradicional?” seguida da resposta: “As grandes corporações de mídia vivem uma intensa crise. Esse momento pode ser entendido em dois aspectos principais: no âmbito econômico, de um modelo pautado pela venda de anúncios e a circulação física de publicações que não conseguem se adaptar aos novos tempos digitais, e de credibilidade, por anos e anos de omissão e manipulação de informações em prol do poder econômico e de grupos políticos de seu interesse. A velha mídia está amarrada a uma linguagem e a um padrão de qualidade que são paradigmas do jornalismo comercial, com pouca abertura para experimentação e adaptação às novas formas de produção e interação com a informação permitidas pela explosão das redes sociais. Ainda sobre essa relação com a mídia corporativa, vale destacar, na mesma seção a pergunta “O NINJA se relaciona com os veículos de comunicação tradicional?”, para a qual o coletivo responde: “A Experiência da Mídia NINJA causou um grande abalo e trouxe novos enfoques ao debate de comunicação no Brasil. O que garantiu essa potência foi uma soma de fatores: mais de uma década de acúmulo das reflexões e práticas de Mídia Livre, o surgimento constante de novas tecnologias que barateiam e democratizam o acesso a produção e a distribuição de conteúdo, uma crise no sistema de comunicação que entende a informação como Comodity e, principalmente, a existência de uma arquitetura de rede, construída a partir da experiência do Fora Do Eixo, que foi capaz de difundir com muita eficiência o conteúdo produzido pela Mídia Ninja. No contexto das Jornadas de Junho, no qual assistimos a um salto de consciência política do País, o registro e a transmissão dos protestos feita de dentro e com múltiplos pontos de vista, apresentou um material que ao mesmo tempo ganhava muita credibilidade e era viralizado pelo público, que não se via representado pela cobertura da velha mídia. Esse quadro, instigava os veículos tradicionais a tratarem o próprio projeto da Mídia NINJA como notícia. Todo esse arranjo gerou ampla visibilidade e ajudou a mudar as idéias de comunicação, a partir de um exemplo prático de cobertura independente feita em rede”.

⁴⁰⁹ **Mídia Ninja - Perguntas frequentes.** Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 10 abr. 2017

⁴¹⁰ **BRUNO TORTURRA. Jornalista e fotógrafo.** Disponível em < <http://www.fluxo.net/bruno-torturra/>>. Acesso em 10 abr. 2017

⁴¹¹ Idem.

⁴¹² Ver **Estúdio Fluxo.** Disponível em < <http://www.fluxo.net/> >.

no programa Roda Viva ⁴¹³ - que trouxe a Mídia Ninja para o centro do debate midiático nacional - e no TED Global ⁴¹⁴.

No TED, Torturra afirmou: "a força de transmissões independentes por *streaming* na internet pode provocar mudanças no jornalismo, no ativismo e até mesmo no discurso político". No mesmo evento, ao discorrer sobre a transmissão feita pela internet em 2011, o jornalista disse que fazer a cobertura com apenas uma mochila enquanto outros profissionais de TV dependiam de grande estrutura para cobrir o evento havia sido muito "empolgante para um jornalista", mas a parte mais interessante, disse, foi chegar em casa e verificar que havia sido visto por mais de 90 mil pessoas. Ele conta que havia centenas de mensagens e e-mails de pessoas perguntando como ele havia feito aquilo e "como era possível fazer algo assim". Era a primeira vez, segundo ele, que alguém havia transmitido ao vivo pela internet uma manifestação de rua no Brasil":

"Aquilo realmente me deixou chocado, porque eu não era um 'geek' ou um cara da tecnologia, e todo o equipamento que precisei já estava lá, facilmente disponível. Percebi que tinha uma fronteira aqui, uma fronteira muito importante, que era apenas uma questão de mudança de perspectiva, e a internet pode ser usada como um grande e incontrolável canal de TV anárquico, uma rede de TV. (...) E isso soou revolucionário para mim" ⁴¹⁵.

Após fazer outras transmissões, o jornalista contou sobre a cofundação da MN no início de 2013:

"Era um grupo midiático com um pequeno plano de mídia. Não tínhamos estrutura financeira. Não estávamos planejando ganhar dinheiro com isso, o que foi sábio, pois não se deve ganhar dinheiro com jornalismo hoje em dia. Mas, tínhamos uma convicção muito firme e clara, sabíamos que o ambiente hiperconectado das mídias sociais poderia talvez nos permitir consolidar uma rede de jornalismo experimental por todo o país. Primeiro criamos uma página no Facebook, e depois um manifesto, e começamos a fazer coberturas nas ruas de uma forma bem simples" ⁴¹⁶.

Com a insurgência dos protestos de 2013, o jornalista fala do surgimento do que chama de "conflito de narrativa" entre a versão dos acontecimentos contada pela grande mídia

⁴¹³ Ver programa Roda Viva **Mídia Ninja - 05/08/2013**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kmvgDn-lpNQ> >. Acesso em 10 abr. 2017

⁴¹⁴ Ver palestra do TED **Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias**. Disponível em < https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br >.

⁴¹⁵ Idem.

⁴¹⁶ Idem.

e o que de fato acontecia nas manifestações: "qualquer um que estava nas ruas poderia facilmente desmenti-la ao contar o que realmente estava acontecendo lá"⁴¹⁷. Na palestra, Torturra adianta uma das principais características desse tipo de transmissão que aprofundaremos mais adiante: a subjetividade e o olhar horizontal, mais próximo ao de quem está nas ruas. Com smartphones, diz ele, foi possível "mostrar como era estar nos protestos" e "apresentar às pessoas de casa uma perspectiva subjetiva": "Cobrimos mais de 50 cidades ao mesmo tempo. Algo que nenhum canal de TV seria capaz de fazer. Isso foi a causa do nosso crescimento repentino, viramos um tipo de grande mídia da mídia social".

Outra referência quando se pensa em MN é o ativista Pablo Capilé. Polêmico, ele é um dos criadores do Fora do Eixo (FdE), embrião da MN, que se define como:

"uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais"⁴¹⁸

Objeto de diversos trabalhos acadêmicos⁴¹⁹ e controvérsias, o FdE virou foco da cobertura da imprensa após a entrevista de Torturra e Capilé ao Roda Viva⁴²⁰, em 5 de agosto de 2013, quando os jornalistas do programa passaram grande parte do tempo - os primeiros 25 minutos do total de 1 hora e 20 de programa foram dedicados somente a essas questões - perguntando sobre as formas de financiamento do grupo. Dois dias depois, a cineasta Beatriz

⁴¹⁷ Idem.

⁴¹⁸ Ver **Carta de Princípios - Fora do Eixo**. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/>>.

⁴¹⁹ Ver SOLLA, Mariangela da Cunha. **Dentro ou fora do eixo? Uma cartografia das controvérsias sobre a produção cultural no Brasil** 24/11/2014 176 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Fafich; FARIAS, Camila Cavalcante. **Cultura Digital e Cidadania: O caso Fora do Eixo** 18/07/2014 136 f. Mestrado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFBA; FROSSARD, Flávia. **A Biopolítica da Mídia Livre: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do circuito Fora do Eixo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2012.

⁴²⁰ Ver programa Roda Viva **Mídia Ninja - 05/08/2013**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kmgvDn-lpNQ>>. Acesso em 13 jun 2017.

Seigner ⁴²¹ fez um post no Facebook, de grande repercussão, com sua versão sobre o histórico da sua relação com o grupo e com Pablo Capilé, acusando o FdE de ser - diferente do discurso - verticalizado, fazer uso de trabalho escravo, seguir preceitos de seitas religiosas, não ser transparente na prestação de contas, além de críticas à circulação do dinheiro obtido com editais públicos e privados e à moeda alternativa criada pelo grupo. Segundo ela, esse foi o motivo de muitos movimentos sociais terem se afastado da rede. O coletivo rebateu as acusações em nota oficial publicada na página do grupo ⁴²². Bruno Torturra ⁴²³, além da integrante do grupo Dríade Aguiar ⁴²⁴, também se manifestaram rebatendo as críticas de Seigner. Alguns dias depois, a ex-integrante Laís Bellini criticou os supostos métodos psicológicos utilizados pelo FdE para manter as pessoas nas casas coletivas e engajá-las no trabalho ⁴²⁵. Capilé respondeu às acusações por meio de entrevistas ⁴²⁶. No mesmo mês, o FdE foi acusado por ex-integrantes de incentivar atitudes machistas e sexistas ⁴²⁷. Em resposta, mais de 40 mulheres do coletivo publicaram o “Manifesto das Mulheres Fora do Eixo” ⁴²⁸.

⁴²¹ Ver post em <https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>.

⁴²² Ver **Comunicado Oficial da Rede Fora do Eixo**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2013/08/12/comunicado-oficial-da-rede-fora-do-eixo/>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴²³ Ver post do jornalista em <<https://www.facebook.com/bruno.torturra/posts/10201623820543095>>. Acesso em 7 de junho de 2017.

⁴²⁴ SOARES, Luis. **"Eu sou uma das escravas do Fora do Eixo". Integrante do Fora do Eixo publica texto em resposta às críticas e denúncias da cineasta Beatriz Seigner**. Disponível em < <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/eu-sou-uma-das-escravas-do-fora-do-eixo.html> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴²⁵ BOCCHINI, Lino. LOCATELLI, Piero. **Fora do eixo. Ex-integrantes da entidade controladora do Mídia Ninja falam com exclusividade para CartaCapital e condenam práticas da organização**. < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.html> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴²⁶ Ver BOCCHINI, Lino. LOCATELLI, Piero. **Fora do Eixo: “Ninguém precisa ter medo de nada”. A CartaCapital, Pablo Capilé responde as declarações de ex-integrantes do coletivo Fora do Eixo. Bruno Torturra, da comunicação do grupo (Mídia Ninja), se recusou a responder**. < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-201cninguem-precisa-ter-medo-de-nada201d-7841.html> > e **Fala, Pablo Capilé – por Giselle Beiguelman**. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/23/fala-pablo-capile-por-giselle-beiguelman/>> Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴²⁷ Ver LAPA, Nadia. **Feminismo pra quê? Ex-integrantes do Fora do Eixo denunciam machismo**. < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/ex-integrantes-do-fora-do-eixo-denunciam-machismo-4388.html> > e **15 ex-integrantes do Fora do Eixo assinam manifesto contra 'arranjos sexistas' da rede**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1332182-15-ex-integrantes-do-fora-do-eixo-assinam-manifesto-contrarranjos-sexistas-da-rede.shtml>> Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴²⁸ **MANIFESTO DAS MULHERES DO FORA DO EIXO**. < <http://foradoeixo.org.br/2014/08/30/manifesto-das-mulheres-do-fora-do-eixo/> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

Muitas dessas acusações ao FdE envolveram também a MN e, por isso, passamos brevemente por elas e por suas réplicas, sem ter a pretensão de esgotá-las ⁴²⁹. Cabe esclarecer, no entanto, esta relação entre o grupo e o nosso objeto de estudo. De acordo com histórico apresentado pela MN ⁴³⁰, nos dois anos que antecederam o lançamento da plataforma, a rede de comunicadores do Fora do Eixo desenvolveu laboratórios de coberturas multimídia em tempo real, com fotos, transmissões ao vivo, vídeos e posts em redes sociais, "conectando projetos, iniciativas, coletivos e pessoas em torno da ideia de construção de uma nova rede de comunicação independente". A relação entre as duas redes nunca foi negada, apesar de Capilé, Torturra e o grupo FdE primarem, em alguns momentos, no discurso, pela independência entre eles. Reuniões e debates do FdE tiveram a MN como pauta e vice-versa ⁴³¹ e, em 2017, a união entre as duas iniciativas parece estar mais evidente com eventos sendo promovidos em conjunto em todo o país ⁴³². Além disso, à exceção de Torturra, os outros fundadores da Mídia Ninja são advindos do FdE, que tem uma iniciativa denominada Mídia Livre ⁴³³.

Em entrevista originalmente publicada pelo repórter André Forastieri ⁴³⁴ e replicada na página do FdE na sessão de Perguntas e Respostas, Capilé afirma que os recursos que abastecem o FdE não são necessariamente investidos na MN, apesar de esta consumir recursos - ainda que em pequeno volume - como é possível constatar ao assistir as transmissões. Ao responder a pergunta "Você acha que quem participa dos protestos tem consciência de que a Mídia Ninja e o FdE recebem apoio financeiro de grandes empresas, e governos de diversos partidos?", Capilé afirma: "Achamos que essa é uma preocupação que não procede. A Mídia Ninja nunca recebeu apoio financeiro de grandes empresas, governos ou

⁴²⁹ Todas as notas oficiais em resposta a acusações sofridas pelo grupo podem ser acessadas em **MANIFESTO DAS MULHERES DO FORA DO EIXO**. < <http://foradoeixo.org.br/category/notas-oficiais/page/2/> >. Ver também **Após críticas, Fora do Eixo deve passar por reformulação**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2013/08/28/apos-criticas-fora-do-eixo-deve-passar-por-reformulacao/> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

⁴³⁰ Ver **Mídia Ninja - Quem Somos**. Disponível em <<https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about>>. Acesso em 15 abr 2017.

⁴³¹ Ver **Mídia Livre Fora do Eixo realiza debate político e estético de narrativas**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/13/midia-livre-fora-do-eixo-realiza-debate-politico-e-estetico-de-narrativas/> >; **Fora do Eixo Letras**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/19/fora-do-eixo-letas/> >; **Confira a ata da 2ª Reunião Geral do Fora do Eixo**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/20/confira-a-ata-da-2a-reuniao-geral-do-fora-do-eixo/> >; **Confira a ata da 3ª reunião geral do Fora do Eixo**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/27/confira-a-ata-da-3o-reuniao-geral-do-fora-do-eixo/> >; Acesso em 15 abr 2017.

⁴³² Ver **Festiva.rio - Festival de Ativismo**. Disponível em < <https://www.facebook.com/events/1382103715242491/> >. Acesso em 29 jun 2017.

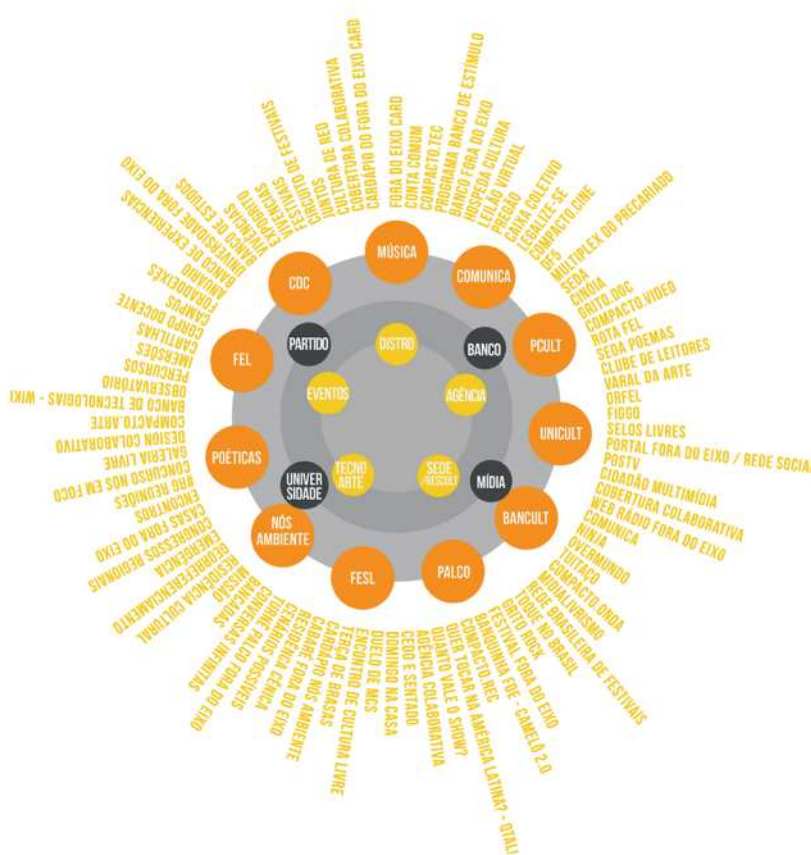
⁴³³ Ver **Fórum Mundial de Mídia Livre elabora carta em seminário no RS**. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/28/forum-mundial-de-midia-livre-elabora-carta-durante-seminario/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴³⁴ Ver **Mídia Ninja - Quem Somos**. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

partidos. A rede Fora do Eixo, no caso dos projetos financiados com essas fontes de recursos, deixa sempre explícito com aplicação das marcas”.

Ainda sobre essa relação entre MN e FdE, a figura abaixo mostra a forma de organização estrutural do segundo grupo, em que consta a MN como desdobramento das iniciativas relacionadas à mídia:

Figura 46 - Estrutura do grupo Fora do Eixo em que é sinalizada a Mídia Ninja



Fonte: Seção do site Fora do Eixo - Modos de Organização - Estrutural ⁴³⁵

Além dos dois cocriadores Torturra e Capilé, também se apresentam como fundadores da MN o fotógrafo Rafael Vilela, o comunicador Felipe Altenfelder ⁴³⁶, os ativistas Dríade

⁴³⁵ Disponível em **Fora do Eixo**. < <http://foradoeixo.org.br/historico/modos-de-organizacao-2/> >; Acesso em 15 abr 2017.

⁴³⁶ Ver **Mídia Ninja**. Disponível em < <https://creativemornings.com/talks/midia-ninja> >. Acesso em 15 abr 2017.

Aguiar ⁴³⁷ e Filipe Peçanha ⁴³⁸ e o documentarista Thiago Dezan ⁴³⁹. Rafael Vilela, conhecido como Pira, abandonou a faculdade de designer, em 2011, para se dedicar ao FdE e conta em entrevistas ⁴⁴⁰ que o trabalho com fotografia e arte urbana foi essencial para a criação da MN. Felipe Altfender, formado em Comunicação Social, atribui o surgimento da MN ao senso de oportunidade do grupo FdE em 2013:

“A crise da credibilidade dos veículos tradicionais e a possibilidade foi fazendo com que ninguém se contentasse em ter a velha mídia como a única fonte de informação. Então, no meio disso tudo, a gente pensou ‘cara, assim como a gente enxergou os festivais lá atrás a gente também pode fazer uma nova proposta como veículo” ⁴⁴¹.

Felipe também comenta sobre as primeiras ações do coletivo que deram origem à MN, entre elas, "Amor Sim Russomano Não" ⁴⁴² e "Existe Amor em SP" ⁴⁴³, ambas em 2012: “Foram todas narrativas que a gente criou como interferências que julgamos como necessária na sociedade naquele momento” ⁴⁴⁴.

Outra integrante que se apresenta como fundadora da MN, Dríade Aguiar, exonerada do Ministério da Cultura onde exerceu, segundo diz em sua página do Facebook, as funções de coordenadora de Comunicação Digital, assessora e coordenadora de articulação,

⁴³⁷ Ver **Outras Mídias**. Disponível em < <https://atocriador2016.wordpress.com/2016/11/10/outras-midias/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴³⁸ Ver LIMA, José Carlos. **Sobre a Mídia Ninja**. Disponível em < <http://jornalgnn.com.br/blog/iv-avatar-do-rio-ooooooooo/sobre-a-midia-ninja> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴³⁹ Ver **Thiago Dezan**. Disponível em < <https://theintercept.com/staff/thiago-dezan-brasil/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴⁰ Ver **De designer a expert em lutheria**. Disponível em < <http://assessoria.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=258&inoid=32985> >. Acesso em 15 abr 2017. Ver também **Entrevista com Rafael Vilela, do Mídia Ninja**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=N4t7XCbzgY> > e “**O que a gente está propondo tira o chão de muita gente**”. Disponível em < <https://wordpressdowes.wordpress.com/2015/03/11/entrevista-com-rafael-vilela-midia-ninja/> > e **Rafael Vilela, um dos criadores do Mídia Ninja**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=Gf5LbTbi2mg> >. Acesso em 17 abr 2017.

⁴⁴¹ Ver **Conheça o coletivo Fora do Eixo**. Disponível em < <https://www.guiadasemana.com.br/turismo/noticia/conheca-o-coletivo-fora-do-eixo> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴² Ver **Evento "Amor Sim Russomano Não" ganha as redes sociais**. Disponível em < <http://www.vermelho.org.br/noticia/195298-8> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴³ Ver **'Amor em SP' leva milhares à Praça Roosevelt, no centro da cidade. Ato político-cultural convocado pelas redes sociais prega uma cidade mais solidária e justa, livre de preconceitos e intolerância**. Disponível em < <http://www.redebrasilatual.com.br/cidades/2012/10/amor-em-sp-leva-milhares-a-praca-roosevelt> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴⁴ Ver **Conheça o coletivo Fora do Eixo**. Disponível em < <https://www.guiadasemana.com.br/turismo/noticia/conheca-o-coletivo-fora-do-eixo> >. Acesso em 15 abr 2017.

cooperação e informação, é ativista do movimento negro e feminista ⁴⁴⁵. A jovem participou da PósTV, projeto também considerado embrião da MN, em que tinha a missão de ajudar "a delimitar as coberturas mapeando atos e manifestações pelo País, identificando fotógrafos e repórteres" que pudessem cuidar de cada um desses eventos. Aguiar também acompanhava os comentários, com as transmissões em curso, e repassava informações a membros da rede ⁴⁴⁶.

Filipe Peçanha, conhecido como Carioca ⁴⁴⁷, que também se apresenta como fundador da MN ⁴⁴⁸, ganhou grande visibilidade ao ser preso em 22 de julho de 2013 ⁴⁴⁹, como veremos mais adiante. Para o jovem, a MN nasce de uma crise de credibilidade da mídia tradicional: "Existe uma crise no jornalismo, existe uma distância muito grande entre a produção do conteúdo que é feito pelos veículos corporativos, com o que acontece na realidade", afirmou em entrevista ⁴⁵⁰. Por fim, Thiago Dezan, produtor de vídeo, documentarista e fotógrafo, atribui o trabalho na MN à oportunidade de passar a atuar como freelancer e produzir fotos e vídeos para meios como Al Jazeera English, AJ+, The Guardian, Witness e The New York Times ⁴⁵¹, mostrando a ausência de barreiras estanques entre os meios alternativos e corporativos. Dezan destacou-se na transmissão, ao vivo, da ocupação da Câmara do Rio, iniciada efetivamente em 9 de agosto de 2013: durante mais de 100 horas, o documentarista cobriu o protesto "motivado pela busca de legitimidade na CPI dos Ônibus" ⁴⁵².

⁴⁴⁵ Ver perfil da jovem no Facebook Disponível em < <https://www.facebook.com/driade.aguiar> > e HESSEL, Camila. **No meio do redemoinho. O Mídia Ninja não tenta explicar ao espectador o que está acontecendo. Com seu material bruto, prefere levar o próprio público ao centro da ação.** Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,no-meio-do-redemoinho,1050880> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴⁶ HESSEL, Camila. **No meio do redemoinho. O Mídia Ninja não tenta explicar ao espectador o que está acontecendo. Com seu material bruto, prefere levar o próprio público ao centro da ação.** Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,no-meio-do-redemoinho,1050880> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴⁷ Apesar do apelido, Carioca é mineiro. Ver ALVES, Filho. **Lado ninja do protesto.** Disponível em < <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-15/lado-ninja-do-protesto.html> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁴⁸ HESSEL, Camila. **No meio do redemoinho. O Mídia Ninja não tenta explicar ao espectador o que está acontecendo. Com seu material bruto, prefere levar o próprio público ao centro da ação.** Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,no-meio-do-redemoinho,1050880> >. Acesso em 15 abr 2017. e

⁴⁴⁹ Ver relato do ocorrido na página do Facebook da MN. Disponível em < <https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/207055739452579> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁵⁰ Ver COSTA, Larissa. ROCHA, Aline. **Cinema, democracia e conversa.** Disponível em < <http://cinemadefronteira.com.br/2014/cinema-democracia-e-conversa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁵¹ Ver **Thiago Dezan**. Disponível em < <https://theintercept.com/staff/thiago-dezan-brasil/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁴⁵² Relato disponível em < <https://www.facebook.com/midiaNINJA/posts/215513621940124> >. Acesso em 15 abr 2017.

4.2 Origens da Mídia Ninja e notas sobre o midiativismo

A Mídia Ninja é parte do que se convencionou chamar entre ativistas e alguns acadêmicos de midialivrismo ou midiativismo ⁴⁵³. Com os protestos em junho de 2013, a MN concentrou-se na cobertura e transmissão das manifestações via plataformas de *streaming*, por meio principalmente de celulares conectados à internet, ao vivo e sem cortes. Atualmente, as transmissões são feitas majoritariamente através do Facebook, mas em 2013 eram realizadas principalmente por meio da ferramenta *twitcasting*, do twitter. Durante as manifestações, o grupo ganhou enormes audiências - segundo Bruno Torturra, posts e vídeos foram vistos por mais de 11 milhões de pessoas por semana ^{454 455} - e passou a ser pauta de veículos de mídia brasileiros e internacionais ⁴⁵⁶. Apesar de alguns de seus fundadores, como o ativista Pablo Capilé, exporem publicamente apoio a determinados políticos alinhados à esquerda, o grupo ressalta que "não existe financiamento ou alinhamento ideológico com nenhum partido político" ⁴⁵⁷.

Outros coletivos também passaram a registrar o que acontecia nas ruas, a exemplo do Tomada.TV - que reúne registros gerais e tem clara preocupação com a memória, afirmando em seu site que agrega "todo e qualquer vídeo que, segundo nosso critério, contribua para a informação pública sobre o que está acontecendo", mesmo que as imagens não sejam de autoria da própria equipe - e dos coletivos Rio na Rua e Mariachi, que fizeram cobertura fotográfica e de vídeos dos protestos em 2013 e continuam ativos. Nenhum deles, no entanto, chega perto do alcance que teve a MN em 2013 e nos anos subsequentes. Esses coletivos

⁴⁵³ O grupo dialoga com "experiências que vão da Ciranda da Informação Independente nos Fóruns Sociais Mundiais às redes autônomas da blogosfera, passando por inúmeras iniciativas articuladas em torno dos fóruns de Mídia Livre" e se coloca como parte de um movimento mais amplo. Por entendermos que o foco maior dos coletivos reunidos para transmitir e atuar nos protestos é o ativismo, adotaremos a segunda denominação.

⁴⁵⁴ Ver palestra do TED **Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias**. Disponível em < https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br >.

⁴⁵⁵ Ver também COSTA, Camilla. **Sob holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance**. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc >. Acesso em 15 abr 2017. Segundo a matéria - não conseguimos comprovar os números pois muitas das transmissões abordadas não estão mais disponíveis -, o grupo chegou a 300 mil espectadores com os protestos contra Sergio Cabral. "Em São Paulo, atingiram a marca de cerca de 100 mil espectadores ao transmitirem com detalhes os confrontos entre a Tropa de Choque e os manifestantes na noite de 18 de junho. Nos protestos contra o governador Sérgio Cabral, no Rio, os ninjas tiveram o triplo de audiência e foram também protagonistas — dois deles foram detidos e soltos depois".

⁴⁵⁶ A atuação da Mídia Ninja foi destaque na BBC, New York Times, Wall Street Journal, El Pais, Le Monde, The Guardian, entre outros.

⁴⁵⁷ Ver **Mídia Ninja - Perguntas frequentes**. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

ocuparam um espaço vago deixado pela cobertura da imprensa corporativa. Como vimos, o interesse da população em relação aos protestos era enorme e, em diversos momentos, muitas vezes nos momentos de mais tensão e confronto, as únicas transmissões ao vivo ficavam a cargo da Mídia Ninja e afins.

Mais do que cobrir as manifestações, os coletivos de comunicação, em particular o Mídia Ninja que analisamos, fazem parte da nova forma de movimento social em rede, identificada por Manuel Castells e detalhada no segundo capítulo deste trabalho. São parte importante dos movimentos. Em @internet e a #rua, Henrique Antoun e Fabio Malini falam sobre a dimensão da comunicação nas novas lutas. O midiativismo, observam, insere-se na lógica da ação direta da internet e alargam o espaço público midiático:

"Os midialivristas são sujeitos aparelhados que buscam, fora do *modus operandi* dos veículos de massa, produzir uma comunicação em rede que faz alimentar novos gostos, novas agendas informativas e novos públicos, alargando assim o espaço público midiático, porque consegue hackear a atenção de narrativas que antes se concentravam no circuito de mídia" (2013, p. 24).

Para nós, é importante pontuar que as coberturas e a futura memória dos movimentos de rua passam a ser registradas não só pela mídia tradicional, mas também por sujeitos ativos nos protestos. Trata-se do que Antoun e Malini (2013) chamam de cobertura colaborativa, associada a uma mobilização de grupos para produzir uma opinião pública que ultrapasse as pautas e opiniões estabelecidas pela imprensa. Ocorre quando um acontecimento público é transformado em fato jornalístico pelo trabalho de engajamento coletivo dos perfis nas redes sociais. (2013, p. 247). É uma cobertura fruto da conversação, cujas bases já foram pensada por Dan Gillmor (2006) há mais de dez anos quando este trata de jornalismo cidadão, apostando que o jornalismo participativo ajudaria os jornalistas a ouvir mais a sociedade. "As normas por que se regem as fontes, e não só os jornalistas, mudaram graças à possibilidade de toda a gente produzir notícias" (p. 55).

Ao comparar eventos marcantes em diversas épocas - a morte de Franklin Roosevelt, o assassinato de John F. Kennedy e os atentados de 11 de setembro de 2001 - Gillmor ressalta uma característica de nossa época que ficara evidente: a forma de relatarmos, nos informarmos e acompanharmos fatos públicos - e consequentemente sua memória - já não pertence exclusivamente a associações de mídia. Em 2001, por exemplo, diferente dos

acontecimentos que marcaram a memória pública de outras gerações, não apenas a mídia corporativa relatou os fatos, mas pessoas comuns fizeram registros de milhares de formas. "O primeiro rascunho da história estava sendo escrito pela audiência"⁴⁵⁸ (Gillmor, 2006, p. 10, Introduction).

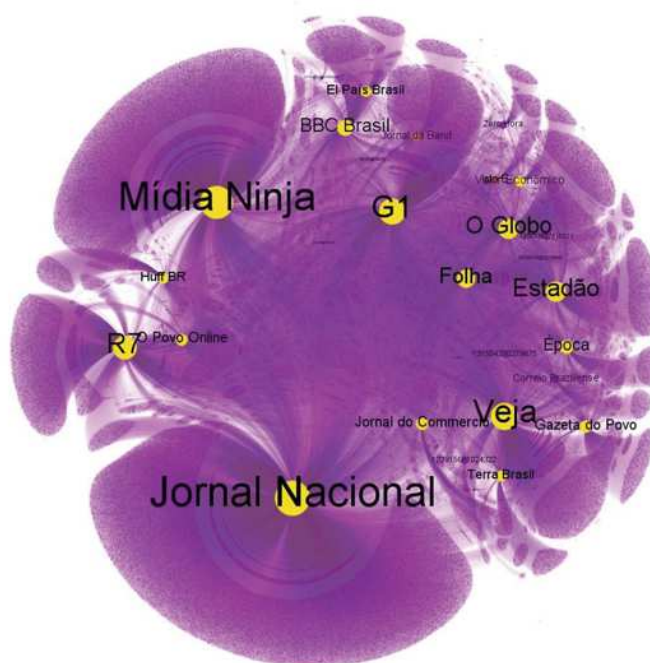
Nota-se, portanto, que cada vez mais a autoridade - antes circunscrita aos jornalistas - se dá em função da conectividade e da capacidade de cidadãos comuns e "não-oficiais" de tornar visíveis realidades conflitantes. Surgem como novo modo de expressão cívica e engajamento performances móveis de testemunho (ANDEN-PAPADOPOULOS, 2014, 759). Em função do que Moises Naím definiu como o "Efeito Youtube" (2007), cidadãos e ativistas com smartphones podem influenciar na agenda política internacional. São os chamados "I-testemunhos". Cabe um parêntesis, no entanto: para que acontecimentos ganhem maior importância global e influenciem em decisões de autoridades, ainda é importante a cobertura da mídia tradicional. É interessante, aliás, a ideia de um novo espaço de comunicação, que não opõe, simplesmente, mas que compreende e complexifica o resultado do processo de convivência entre a mídia profissional e redes de comunicação horizontal como um novo espaço ou, como vimos anteriormente, um novo ambiente de mídia.

Esse novo ambiente de mídia pode ser percebido ao analisarmos o crescimento da influência de novos atores no cenário. Fortalecida em 2013, a Mídia Ninja conseguiu alcançar o patamar de veículos tradicionais de mídia quando as métricas são pautadas pelo engajamento nas redes sociais. É o que mostra análise de Fabio Malini realizada dia 17 de maio de 2017⁴⁵⁹, quando foram extraídos todos os posts publicados no Facebook de 33 veículos de notícias no Brasil.

⁴⁵⁸ Tradução nossa para o trecho: "The first draft of history was being written, in part, by the former audience". Vale ressaltar que "rascunho da história" é um termo usado para definir o jornalismo.

⁴⁵⁹ Ver post sobre análise em <https://www.facebook.com/fabio.malini/posts/10155544412966151>.

Figura 47 - Grafo mostra engajamento entre Mídia Ninja e Jornal Nacional



Fonte: Facebook ⁴⁶⁰

‘Fazendo uso dos filtros 'Temer', 'Joesley', 'Impeachment' e ‘Diretas’, o pesquisador chegou a 386 posts sobre os temas e concluiu que Jornal Nacional, Mídia Ninja e Revista Veja são os *hubs* mais relevantes do campo de notícias sobre as a fragilização do governo Temer ocorrida em maio de 2017 ⁴⁶¹. "O curioso é que os três representam gêneros jornalísticos distintos: notícia, reportagem ao vivo e opinião, respectivamente”, observa o professor ⁴⁶². O grafo acima demonstra, em seus pontos maiores, os veículos que alcançaram o maior volume de perfis conectados a eles através de likes (curtidas) em seus posts. O JN alcançou o maior número de interações num único post, em que adotou o estilo *breaking news*: "Dono da JBS grava momento em que Temer dá aval para compra de silêncio de Cunha, segundo jornal O

⁴⁶⁰ Ver post sobre análise em <https://www.facebook.com/fabio.malini/posts/10155544412966151>. Os dados usados na pesquisa estão disponíveis em <https://www.dropbox.com/sh/2jx1q6icfcugsup/AAAkageNQx9TMB2-BDZbZSGta?dl=0>

⁴⁶¹ Sobre esse assunto ver LOYOLA, Leandro. **O Governo Temer derrete**. Disponível em < <http://epoca.globo.com/politica/noticia/2017/05/o-governo-temer-derrete.html> >. Acesso em 18 mai 2017.

⁴⁶² Ver post sobre análise em <https://www.facebook.com/fabio.malini/posts/10155544412966151>. Os dados usados na pesquisa estão disponíveis em <https://www.dropbox.com/sh/2jx1q6icfcugsup/AAAkageNQx9TMB2-BDZbZSGta?dl=0>

Globo. Veja a cobertura no #JN às 20h30." A postagem, no momento da análise de Malini que resultou no grafo, teve 1.494.199 interações (961.6380 compartilhamentos, 407.773 likes) ⁴⁶³. Já a Mídia Ninja, com a transmissão ao vivo da ocupação da Avenida Paulista logo após a denúncia contra o presidente vazar na imprensa, alcançou 184.873 interações (36.349 likes e 21.380 compartilhamentos) com o post/live "O Governo Temer acabou. Vem Pra Paulista. #DiretasJa" ⁴⁶⁴. No dia 28 de maio de 2017, o post contava com 37 mil "curtidas" e 873 mil visualizações.

Perguntado sobre o motivo da diferença no número de curtidas, compartilhamentos etc não se refletir no tamanho que a MN e o JN ocupam no grafo, Malini explicou que a dimensão de cada um deriva de uma métrica denominada *weighed degree* ⁴⁶⁵, que em português seria grau ponderado. Em resumo, a métrica utiliza uma "lógica exponencial" e valoriza os nós mais populares, "fazendo com que as distâncias entre o primeiro e o segundo nós, do segundo para o terceiro e do terceiro para o quarto sejam menores do que se a exibição fosse calculada de modo linear. Se fosse pela última, todos os outros veículos ficariam minúsculos em comparação ao JN" ⁴⁶⁶.

Outros apontamentos mostram, pontualmente, o aumento do engajamento comparativo nas redes sociais da Mídia Ninja em relação a outros veículos de imprensa. O engajamento, pela métrica utilizada pela própria MN para medir o feito, refere-se "ao total de interações que uma página tem na rede: é a soma das curtidas, dos comentários e dos compartilhamentos de todos os usuários que usufruem do conteúdo, mas também o constroem ativamente, a partir da republicação e colaboração" ⁴⁶⁷. Pelas contas do coletivo, o número de pessoas atingidas em uma semana em setembro de 2016 teria sido de 90 milhões e o número que atribuem ao engajamento é de 1,8 milhão. Em outro momento, na semana de 29 de março de 2017 ⁴⁶⁸, o

⁴⁶³ Ao acessarmos, em 26 de maio de 2017, o post alcançava 30 milhões de visualizações, 962.205 compartilhamentos, 82 mil comentários e mais de 415 mil curtidas. O link da notícia é: <http://migre.me/wE5az>

⁴⁶⁴ O vídeo está disponível em <http://migre.me/wE5a8> e no dia 28 de maio contava com 873 mil visualizações

⁴⁶⁵ Ver **Let's Play Gephi : Understand Degree, Weighted Degree & Betweenness centrality**. Disponível em < <http://matthieu-totet.fr/Koumin/2013/12/16/understand-degree-weighted-degree-betweenness-centrality/>>. Acesso em 22 jun 2017.

⁴⁶⁶ Explicação fornecida em troca de e-mails com a autora em junho de 2017.

⁴⁶⁷ IMPRENSA, Portal. **Mídia Ninja ultrapassa grandes veículos em engajamento no Facebook**. Disponível em < <http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/78276/midia+ninja+ultrapassa+grandes+veiculos+em+engajamento+no+facebook>>. Acesso em 22 jun 2017.

⁴⁶⁸ NINJA, Mídia. **A onda virou nas ruas e nas redes! Mídia NINJA ultrapassa Veja, Folha, O Globo, UOL, Estadão e Época no Facebook**. Disponível em < <https://medium.com/@MidiaNINJA/a-onda-virou-nas-ruas-e-nas-redes-4690d0a874de>>. Acesso em 22 jun 2017.

coletivo teria superado as revistas Veja, IstoÉ, Época e os jornais Folha de S. Paulo, Estadão e O Globo, assim como os portais UOL e BBC Brasil.

Figura 48 - MN supera veículos tradicionais de imprensa em interações no Facebook



Fonte: Mídia Ninja

4.3 Ao vivo: baixa resolução e alta fidelidade

O alcance de engajamento e audiência de coletivos como o Mídia Ninja têm como pano de fundo a valorização das transmissões ao vivo, observada na TV há alguns anos e notada mais recentemente também nas redes sociais. Os gestores do Facebook viram a ferramenta que permite ao usuário fazer transmissões ao vivo superar as expectativas em termos de engajamento e, em contrapartida, passaram a estimular o uso através de algoritmos e de avisos à rede de contatos dos usuários quando há uma transmissão acontecendo. "As pessoas costumam receber dez vezes mais comentários (nas transmissões ao vivo) do que em vídeos normais. Não esperávamos esta reação", reportou o vice-presidente de gestão de produtos do Facebook, Will Cathcart, à BBC Mundo em abril de 2016 ⁴⁶⁹. Para o jornalista Bruno Torturra, o efeito dos vídeos ao vivo é também político:

⁴⁶⁹ Por que o Facebook quer que você passe a fazer vídeos ao vivo em vez de compartilhar fotos. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160411_facebook_fotos_videos_compartilhar_rb> Acesso em 7 set 2016

"Creio que a transmissão ao vivo pode transformar o espaço virtual numa arena política global, onde qualquer pessoa possa ter voz, sua própria voz, porque a transmissão ao vivo acaba com o monopólio do discurso político, do aspecto verbal do diálogo político que sai apenas das bocas dos políticos e dos especialistas em política, e dá poder ao cidadão através desse poder direto e sem intermediários de troca de experiências e diálogo, dá-lhes o poder de questionar e de influenciar autoridades de formas que estamos prestes a ver"⁴⁷⁰.

A valorização das transmissões ao vivo e de imagens amadoras não é nova. André Brasil, ao analisar o uso desses recursos em obras cinematográficas, destaca o fato de a realidade ser composta, cada vez mais, por imagens amadoras, domésticas, precárias, captadas por diversos dispositivos e colocadas em circulação imediata. Brasil denomina-as de emergenciais: "Nomeá-las emergenciais deve-se ao fato de que sua aparição é colada à emergência dos acontecimentos, em uma espécie de curto-circuito entre a imagem e o evento" (BRASIL, 2009, p. 21). O autor observa que a verdade passa a ser supostamente garantida pelo fato de que a captação da imagem, assim como sua transmissão, acontecem em tempo real (BRASIL, 2009, p. 21-22). "O nosso é, portanto, um mundo em que a história se faz 'ao vivo', num lapso - em um intervalo mínimo - entre imagem e acontecimento" (BRASIL, 2009, p. 20).

Referenciando Brasil (2009) e Levin (2002), Freitas (2015) chama atenção para o deslocamento da materialidade - e aqui podemos entender materialidade como nitidez e definição das imagens - para a temporalidade, em especial para o tempo presente, observação que consideramos substancial para análise de transmissões via *streaming*:

"A garantia de 'veracidade' das imagens está cada vez menos ligada a sua origem fotográfica (visto que no mundo pós-photoshop isso não faz sentido) e cada vez mais ancorada no tempo real de sua transmissão (o que dificulta a possibilidade de interferências e edições)" (FREITAS, 2015, P. 51)

A resolução ruim e baixa qualidade das imagens são percebidas em praticamente todas as transmissões. Não à toa, em um dos documentários que aborda a cobertura dos protestos por parte da MN⁴⁷¹, a frase de abertura é "baixa resolução, alta fidelidade". As imagens de uma forma geral são opacas, com baixa nitidez, principalmente quando os repórteres estão em

⁴⁷⁰ Ver palestra do TED **Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias**. Disponível em < https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br >.

⁴⁷¹ Ver **A cobertura NINJA nas manifestações de junho de 2013**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5yjvo9RJ50U>>. Acesso em 26 mai 2017.

movimento. Há momentos, inclusive, em que os espectadores, nos comentários, pedem para que câmera seja movida mais devagar ⁴⁷². Apesar de prejudicar a nitidez, a hipermobilidade em tempo real proporciona a quem assiste uma sensação de estar nas ruas, como parte integrante do levante. Esse sentimento é acentuado pelos gritos dos manifestantes, raríssimas vezes ouvidos por quem assiste ao JN. Ao assistir as transmissões da MN, é possível saber as pautas que mais mobilizam os integrantes dos protestos e ouvir nítida e repetidamente os gritos da multidão, a exemplo de “Abre a Caixa Preta” ⁴⁷³ em protesto do dia 13 de julho, quando a multidão em frente ao Copacabana Palace pedia mais transparência e acesso às contas do transporte público no Rio.

Ao analisarmos vídeos da MN sob essa perspectiva do 'ao vivo', é notório que, em função disso, é muito comum que as transmissões compreendam vários períodos em que não há necessariamente ação, urgência das imagens ou da narração. Alguns repórteres passam longos períodos em silêncio. Na transmissão de manifestação do dia 22 de julho de 2013, no Largo do Machado, por exemplo, o ninja conhecido como Carioca transmite durante algum tempo imagens de policiais parados, ruas vazias e, mesmo anunciando que a bateria do seu celular estava na iminência de acabar, não interrompe a passagem ⁴⁷⁴. Ao vivo, durante vários minutos, ele comenta calmamente sobre a sua busca pelo local onde haja mais concentração de manifestantes e, nesse trajeto, rememora o que ocorrera aquele dia, com foco nos atos de truculência da polícia. Tal postura é bem diferente da do Jornal Nacional: quando há entradas ao vivo, mesmo que as imagens não mostrem ações em andamento, a narração busca passar o sentimento de urgência e, se não houver algo acontecendo, as entradas são curtas e diretas, com o objetivo de atualizar status de ação ocorrida ou que está por vir.

4.4 Ressonância: afeto, empatia e solidariedade

Freitas (2015) acrescenta à discussão o conceito de ressonância, inerente a essa estética de subjetividade, tempo real, baixa resolução, hipermobilidade e ausência de edição, que aprofundaremos mais adiante. Para ela, é a ressonância a responsável pela afecção

⁴⁷² **Live Gravada Manifestações no Rio #16120180**. Disponível em <http://twitcasting.tv/blackninja_rj/movie/16120180>. Acesso em 10 jan 2017.

⁴⁷³ **Live Gravada #15467916**. Disponível em <http://twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15467916>. Acesso em 10 jan 2017.

⁴⁷⁴ Ver **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 7'40.

causada por essas imagens em quem assiste. A ressonância explicaria o efeito hipnotizador das imagens de manifestações, que nos impede de "desviar o olhar ou pular para a próxima aba do navegador aberta" (FREITAS, 2015, p. 10) ou de desligar o computador e ir dormir como disse o experiente jornalista Jorge Pontual na frase que escolhemos para abrir este capítulo. A pesquisa de Freitas traz que o conceito de ressonância, em referência à forma de propagação de movimentos insurgentes recentes, foi utilizado pela primeira vez no livro-manifesto "A Insurreição que Vem", assinado pelo coletivo anônimo francês autodenominado Comitê Invisível. A publicação francesa de 2007 - traduzida por não profissionais para o português em 2013 - é uma mistura de ensaio e cartilha ativista, que antecipa em vários aspectos as peculiaridades de movimentos surgidos a partir de 2010 em diversas partes do mundo:

"Um movimento revolucionário não se espalha por contaminação mas sim por ressonância. Qualquer coisa que se constitui aqui ressoa com a onda de choque emitida por qualquer coisa que se constitui noutro lugar. O corpo que ressoa o faz segundo a sua própria forma. Uma insurreição não se propaga como uma peste ou um incêndio florestal – um processo linear, que se desenvolve gradualmente a partir de uma faísca inicial. É antes algo que ganha corpo como uma música, na qual os seus focos, ainda que dispersos no tempo e no espaço, conseguem impor o ritmo da sua própria vibração. Ganhando sempre maior consistência. De tal modo que qualquer regresso à normalidade não pode ser desejado, nem sequer alcançado" (INVISÍVEL, 2013, p. 165-166).

Similar à ação da música, portanto, a ressonância está conectada às ideias de eco, reflexo, repercussão e transmissão entre corpos. Para aprofundar o conceito, Freitas recorre também ao trabalho do antropólogo Gaston Gordillo (2012). Ele defende que uma efervescência corporal, afetiva, criativa e tangível é o elemento definidor dos movimentos insurgentes. Tal elemento não é considerado nos estudos mais ortodoxos das multidões e protestos por ser visto como não material ou subjetivo. O autor acredita, no entanto, que essa característica merece análise mais aprofundada, pois seria a "mais poderosa forma de matéria conhecida pelos seres humanos" e por ser a única com poder de "destruir o estado" (GORDILLO, 2012, p.1 apud FREITAS, 2015, p. 26). E essa poderosa materialidade é criada apenas por "multidões ressonantes tomando o espaço público"⁴⁷⁵. Das assembleias aos discursos, passando pelas marchas, acampamentos, gestos coletivos e cantos, até o confronto dos corpos com a polícia, todos esses elementos são partes da ressonância

⁴⁷⁵ Ver também GORDILLO, Gaston. **Resonance and the Egyptian Revolution. Space and Politics: Essays on the spatial pulse of politics.** Publicado em 6 de Fevereiro de 2011a. Disponível em: <http://spaceandpolitics.blogspot.com.au/2011/02/resonance-and-egyptian-revolution.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

(GORDILHO apud FREITAS, 2015, p. 27). Segundo o autor, as marchas seriam a principal fonte de ressonância política, pois o seu movimento costuma intensificar a troca de afeto entre os corpos – assim como a incorporação de músicas, danças, elementos carnavalescos ou performáticos. Gordillo acredita que a ressonância faz esses corpos se moverem com o ritmo ⁴⁷⁶ e também com que ajam politicamente, juntos, nas ruas” (Idem).

Tal efeito pode ser sentido inclusive à distancia, através das imagens transmitidas via *streaming*, que têm poderoso efeito despertador de empatia em quem assiste. “E porque reverbera e é contagiosa, a ressonância pode viajar longas distâncias, espalhando-se para longe do seu nó original” ⁴⁷⁷. (GORDILLO apud FREITAS, 2015, p. 28). O efeito de empatia trazido pelas imagens é o que pode explicar, como tratamos no capítulo 2, o aumento no número de manifestantes após a ofensiva da polícia no dia 13 de junho ⁴⁷⁸, em que diversas pessoas foram brutalmente feridas pela polícia em São Paulo, a exemplo da jornalista Giulliana Vallone. A foto dela, com o olho roxo e ensanguentado, ganhou grande repercussão e gerou o protesto “Dói em todos nós”, em que o fotógrafo carioca Yuri Sardenberg retratou artistas com o olho esquerdo arroxeadado ⁴⁷⁹.

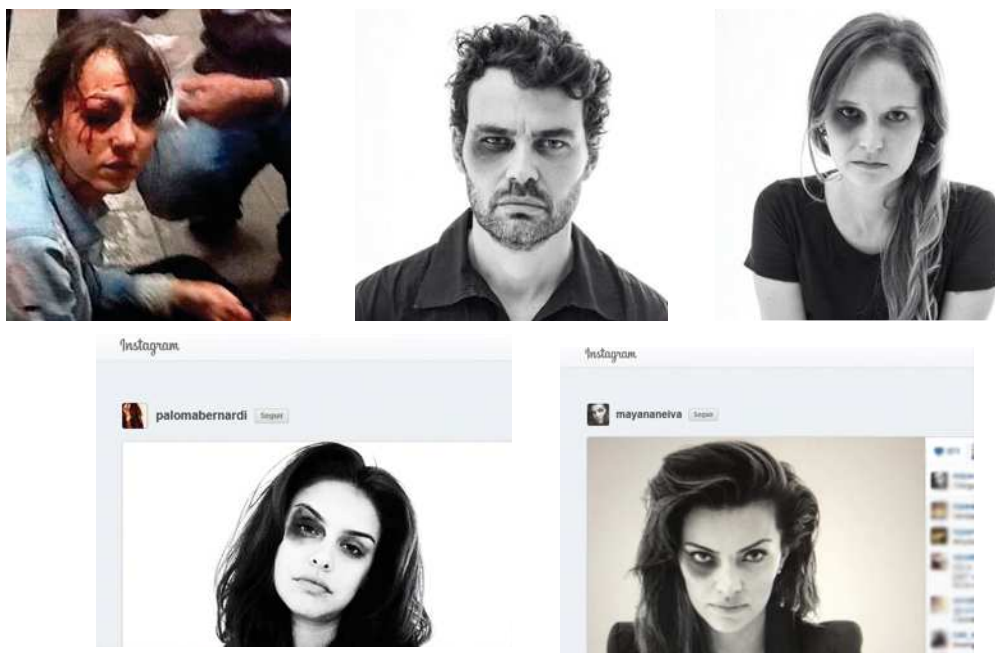
⁴⁷⁶ Para Gordillo, o efeito de ressonância não é exclusivo das mobilizações políticas e pode ser percebido também em apresentações de danças, concertos musicais ou grandes eventos esportivos; isto é, em locais que colocam em contato corpos diversos sobre uma mesma reverberação. Mas o autor acredita que nesses casos o nível de empatia e de contágio entre os corpos é relativamente menor do que nos encontros políticos. Para o autor, a “ressonância alcança uma dimensão política quando a capacidade de afetar outros corpos atinge uma intensidade mais alta” (GORDILLO, 2011a apud FREITAS, 2015).

⁴⁷⁷ Idem.

⁴⁷⁸ Ver GASPARI, Elio. **A PM começou a batalha na Maria Antônia**. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/a-pm-comecou-batalha-na-maria-antonia-8684284#ixzz4k5V9I100>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

⁴⁷⁹ DE CARVALHO, Fabiana. **Fotógrafo diz que artistas de olho roxo representam 'soco de todo dia'**. Disponível em <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/06/fotografo-diz-que-artistas-de-olho-roxo-representam-soco-de-todo-dia.html>> Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

Figura 49 - Giulliana Vallone ferida por bala de borracha e artistas que aderiram a protesto



Fonte: Folha de S.Paulo ⁴⁸⁰ e Google Imagens

Sobre o despertar da empatia relacionado ao uso dessa estética e tecnologia, o jornalista Bruno Torturra faz inferência sobre a possibilidade, através das transmissões, de vermos através do olhar de outras pessoas, sem edição ou cortes:

"a simplicidade da tecnologia pode unir a objetividade e a subjetividade de uma forma bastante política, na minha opinião, porque, de fato, ajuda a plateia, o cidadão, a ver o mundo através dos olhos de outra pessoa, e isso ajuda o cidadão a se colocar no lugar do outro" ⁴⁸¹.

A solidariedade, de fato, se deu de diversas maneiras nas Jornadas de Junho. Cardoso e Di Fatima mencionam a criação de fan pages por advogados, com contatos telefônicos, para dar suporte jurídico gratuito aos manifestantes presos e denunciar violações de direitos humanos. No Twitter, "usuários ofereceram materiais de primeiros socorros e disponibilizaram as suas casas como local de refúgio". No Tumblr, páginas como a Brazilian Protests dedicaram-se a traduzir informações alternativas para o inglês e outros idiomas a fim de angariar apoio internacional (2013, p. 161).

⁴⁸⁰ Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/tvfolha/2014/05/20/junho/>>, Acesso em 10 jun 2017.

⁴⁸¹ Ver palestra do TED **Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias**. Disponível em <https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br>.

A ressonância ou grande afecção criada pelos protestos de Junho de 2013 e por suas imagens, acreditamos, é um dos fatores para a permanência desses eventos na memória, principalmente em quem foi aos protestos ou acompanhou as manifestações através da Mídia Ninja ou de vídeos ressonantes. Como tratamos no primeiro capítulo deste trabalho, a memória e sua capacidade de reelaboração estão profundamente ligados à emoção e ao afeto envolvidos nos eventos (FREUD, 1996, p. 264, DALMAZ e NETTO. p. 2, 2004, HALBWACHS, 1990, p. 31). Por outro lado, como tratamos no capítulo 1, a manutenção dessas versões de colaboradores da MN para as próximas gerações ou para quem não acompanhou física ou remotamente os protestos depende de uma priorização do desenvolvimento de uma política de memória por parte dos membros da rede. A academia, em particular os trabalhos do MediaLab.UFRJ ⁴⁸² e do Labic ⁴⁸³, têm tido importante papel na manutenção de parte do acervo, principalmente no que se refere às mídias publicadas nas redes sociais pela MN e cidadãos independentes, mas há, logicamente, grandes lacunas de conteúdos e limitação de acesso.

4.5 A influência das imagens nos acontecimentos

No caso de protestos de rua, a presença de câmeras tradicionais ou de celulares têm o poder de influenciar o curso dos acontecimentos ou até mesmo produzir eventos e ações que de outra forma não aconteceriam. No dia 8 de agosto de 2013, após o lançamento de diversas bombas de gás lacrimogêneo em manifestação no Centro do Rio, um rapaz é preso pela polícia e o jovem da MN vai até o local onde a ação ocorre. Com a chegada da câmera, a polícia acaba liberando o homem detido e o comunicador comemora: "Mídia Ninja salvando mais uma vítima da truculência da polícia" ⁴⁸⁴. "Agradeço muito à Mídia Ninja", retribui o manifestante liberto. Para Bruno Torturra, evitar que pessoas fossem presas injustamente ou

⁴⁸² Laboratório da Escola de Comunicação da UFRJ, o espaço se autodefine como laboratório experimental de pesquisa de redes sociotécnicas, visualidades, tecnopolíticas e subjetividades.

⁴⁸³ Laboratório de estudos sobre Imagem e Cibercultura (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo, associado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Computação.

⁴⁸⁴ Ver **Live Gravada Manifestações no Rio #17041413**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/17041413>>. Acesso em 15 abr 2017. Ver a partir do minuto 6.

provar, com os vídeos, que elas eram inocentes foi um dos principais resultados diretos da atuação da MN ⁴⁸⁵.

Outro exemplo de interferência direta dos vídeos no desenrolar das manifestações e dos acontecimentos subsequentes é o que ocorreu no levante de 22 de julho de 2013 em Laranjeiras. Bruno Teles, um dos manifestantes detidos no dia e único a passar a noite preso, pediu, em vídeo gravado pela MN, quando ainda estava na delegacia ⁴⁸⁶ - depois ele seria levado para o presídio de Bangu -, que pessoas presentes na manifestação com imagens de sua prisão e cenas correlatas o ajudassem a provar que ele não atirara nenhum coquetel molotov nos agentes, nem portava artefatos. Em algumas horas, o pedido teve mais de 100 mil acessos e entre sete e oito vídeos foram divulgados no intuito de ajudar a provar sua inocência ⁴⁸⁷. Uma edição de mais de 12 minutos foi publicada três dias depois no youtube reunindo diversas fontes ⁴⁸⁸. As imagens (ver figura abaixo) mostram a perseguição ao jovem por policiais, um dos agentes disparando a arma de eletrochoque no peito de Bruno e, em seguida, o rapaz, aparentemente inconsciente, sendo arrastado pelo asfalto por agentes.

Figura 50 - Vídeo reúne imagens para provar a inocência de Bruno Teles



Fonte: Youtube ⁴⁸⁹

⁴⁸⁵ Ver palestra do TED **Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias**. Disponível em < https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br >.

⁴⁸⁶ **Mídia Ninja - Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kHBWQ6PdtiE> >. Acesso em 22 mai 2017.

⁴⁸⁷ Para mais informações sobre a história da prisão de Bruno, da sua passagem e tortura pela prisão em Bangu, o arquivamento do processo, o reconhecimento da Justiça com indenização na primeira instância e a revogação da reparação em segunda instância, ver VIANA, Natalia. **Um flagrante (quase) perfeito**. Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/infiltrados/um-flagrante-quase-perfeito/> >. Acesso em 22 mai 2017.

⁴⁸⁸ Ver **Bruno, a P2 e a tentativa de alguns policiais em incriminá-lo**. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=ZNRvh_dYwCE >. Acesso em 15 mai 2017.

⁴⁸⁹ Idem.

As cenas são colocadas ora em câmera lenta, ora aceleradas, e vem acompanhadas de legendas em português e inglês. Também são mostradas imagens de um dos policiais, muito nervoso, acusando-o de ter jogado o primeiro coquetel molotov contra a PM. São exibidos diálogos em que um dos policiais fardados diz que quem prendeu Bruno foi um P2, em referência a policial não caracterizado. A reunião de imagens tem o objetivo claro de provar a inocência do ativista, o que fica evidente na descrição no youtube:

"Esta é uma coleção de vídeos que PROVAM a inocência de Bruno Ferreira Teles que foi acusado em 22/07/2013 de lançar coquetel molotov na PM do Rio. O vídeo deixa bem claro que a P2 (polícia militar infiltrada) tenta incriminar Bruno como bode expiatório e assim, tirar a culpa dos verdadeiros criminosos".

Cabe registrar que um dia antes de esse vídeo ser postado, o Jornal Nacional publicou matéria em que afirma ter tido acesso exclusivo aos depoimentos de policiais envolvidos na prisão do jovem. Várias imagens anteriormente descritas constam na edição. O repórter Paulo Renato Soares - o mesmo que cobriu o protesto do dia 22 de julho - desmente, na reportagem de quase seis minutos de duração, diversas informações postadas no twitter da PM ⁴⁹⁰, mostra a entrevista de Bruno à Mídia Ninja após a prisão (ver figura abaixo), e cobra posicionamento do Ministério Público sobre o caso. Em tom firme, William Bonner introduz a reportagem afirmando: "Ao contrário do que tinha sido divulgado em várias notas oficiais das polícias Militar e Civil, o estudante Bruno Ferreira Teles não portava explosivos no momento da prisão segundo relato do próprio policial que o deteve". Soares ancora a matéria opondo as notas divulgadas pela PM e pela Polícia Civil, que têm discrepâncias entre si, e os depoimentos dos policiais envolvidos na prisão - estes últimos contradizem as duas instituições, uma vez que o policial afirma não ter encontrado coquetéis molotov com Bruno. O JN cita explicitamente a Mídia Ninja e dá o crédito por escrito, conforme pode ser visto na figura a seguir.

⁴⁹⁰ SOARES, Paulo Renato. **Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

Figura 51 - Pedido de Bruno Teles para que sejam é reproduzido no JN



Fonte: Jornal Nacional

Vale observar ainda que em matéria feita por Paulo Renato Soares no dia 22 de julho, o jornalista reporta a versão da polícia como verdadeira e diz: "A polícia usou bombas de efeito moral e jatos de água para dispersar o grupo, muitos usavam máscaras. Duas pessoas foram detidas, uma por desacato e outra que estava com 20 coquetéis molotov"⁴⁹¹. O repórter não fez uso os recursos narrativos comumente utilizados quando não se presencia pessoalmente os fatos e os obtém de terceiros: ele poderia, em vez de afirmar que uma pessoa tinha sido presa por portar 20 coquetéis molotov, dizer, por exemplo, “de acordo com a Polícia Militar, duas pessoas foram detidas, uma delas por portar 20 coquetéis molotov” ou variações do gênero. Também não há menção às pessoas presas ou outras fontes entrevistadas ou mencionadas. A passagem tem como pano de fundo policiais enfileirados, o que reforça a proximidade estética e simbólica entre a emissora e a polícia.

Figura 52 - Repórter faz passagem ao vivo para o JN com policiais ao fundo



Fonte: Jornal Nacional

⁴⁹¹ **Protesto perto do palácio do governo do Rio termina em confusão.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2708976/programa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

Além de influenciar no curso dos acontecimentos, a presença de câmeras tende a mudar o comportamento de manifestantes que se percebem filmados. Ativistas fazem performances não somente em frente às câmeras, mas para as câmeras (ANDEN-PAPADOPOULOS, 2013, p. 764). Não é necessário pontuarmos a influência da TV Globo, por exemplo, sobre os fatos que cobre e é possível perceber em vários momentos já tratados ou que trataremos mais adiante neste capítulo que a presença dos comunicadores da MN também, muitas vezes, influencia no comportamento dos que protestam. Para alguns autores, inclusive, manifestações tornam-se politicamente potentes somente quando - e se - existe uma versão visual e sonora da cena comunicadas em tempo real (BUTLER, 2011, p. 9 apud ANDEN-PAPADOPOULOS, 2013). Entendemos que esta observação vale tanto para a comunicação em tempo real da mídia alternativa, como temos observado neste capítulo, quanto da mídia tradicional, como aconteceu nas passeatas de 2015 que pediam o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Nestas últimas, praticamente não houve cobertura de coletivos de mídia, mas grande participação da mídia corporativa, tal qual abordamos no capítulo 2.

4.6 Transmissões ao vivo: novo certificado de presença

Como pincelamos no capítulo 1 ao mencionar os escritos de Fausto Colombo (1991, p. 47), as imagens asseguram ainda a condição de testemunha, o "eu estava lá". Trata-se do que Barthes chamava de "certificados de presença" (1981, p. 87): lembranças de uma experiência vivida encarnada de uma ocorrência histórica crítica; a mesma fonte de autoridade dos jornalistas nas coberturas televisivas (ZELIZER, 1992) de que tratamos no capítulo 1. Só que agora, o certificado de presença se dá em tempo real e, dessa forma, "induz à sociabilidade" e cria uma nova temporalidade e forma de experiência.

A própria praticidade do celular é em si transformadora: permitiu que a fotografia se tornasse resposta-padrão para a crise, servindo para autenticar e rastrear a experiência de realidades dolorosas (ANDÉN-PAPADOPOULOS, 2009; HIRSCH, 2003; ZELIZER, 2002). Nas transmissões da MN, é comum inclusive que os repórteres falem sobre a tecnologia usada, sobre modelos do telefone, e tenham em mente que é preciso qualificar parte do público para que suas mensagens cheguem a mais gente. No dia 3 de agosto de 2013, durante a ocupação em frente à casa do ex-governador Sergio Cabral, o comunicador que transmite

pelo perfil BlackNinja detalha a tecnologia usada a um interlocutor, afirmando fazer uso do modelo de celular Iphone 5 e da internet 3G - "no caso aqui não tem wi-fi" - para a transmissão. "Essas imagens são automaticamente gravadas no servidor. Quando termina, perguntam se quer deletar. Se você entrar na página *twitcasting*, tem todos os vídeos que eu fiz'", explica ⁴⁹². Em seguida, ele detalha o modelo de uma capa carregadora que os integrantes da MN acabaram de ganhar de uma moradora do Leblon ⁴⁹³. Minutos depois, ele encontra uma jovem que diz estar explicando para os manifestantes como acessar o Mídia Ninja: "É importante disseminar o acesso à internet, porque é ali que a informação não é manipulada, diferente da TV", diz. ⁴⁹⁴ As coberturas da MN geraram tanto interesse que diversas publicações prepararam tutoriais de como transmitir protestos ao vivo ⁴⁹⁵.

Por outro lado, o uso da câmera não deixa de ser também uma forma de "se esconder" e, nesse sentido, uma fala de testemunha da queda das Torres Gêmeas é bem reveladora: 'Eu não estava realmente experimentando o que estava acontecendo. Eu realmente sinto que eu estava me escondendo atrás da minha câmera. Foi minha câmera que testemunhou (MAGNUN in ZELIZER, 2002, p. 9)' ⁴⁹⁶. Apesar disso e talvez de forma complementar, é possível perceber que a presença do cidadão que filma e fotografa tende a ser mais ativa e reflexiva do que a testemunha regular (MORTESEN in ANDEN-PAPADOPOULOS, 2011, p. 70). Esse aumento de atividade por parte de quem filma é facilmente identificado nas transmissões da MN: os colaboradores da rede transitam muito mais do que os outros manifestantes e são impelidos, por um senso que parece próximo ao de responsabilidade jornalística, a ficar o máximo possível - muitas vezes até a bateria do telefone acabar - nas manifestações. O testemunho torna-se, portanto, parte do evento, influencia ativamente o evento (THOMAS in FROSH, 2009, p. 96). As práticas de fotografar e filmar são centrais

⁴⁹² Ver Live Gravada #sandroresiste - Manifestações no Rio #16694205. Disponível em < <http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16694205> >. Ver a partir do minuto 1.

⁴⁹³ Idem.

⁴⁹⁴ Ver Live Gravada #sandroresiste - Manifestações no Rio #16694205. Disponível em < <http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16694205> >. Ver a partir do minuto 5.

⁴⁹⁵ Ver RONCOLATO, Murilo. **Como fazer sua própria transmissão ao vivo de protesto**. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340505-17770,00-COMO+FAZER+SUA+PRÓPRIA+TRANSMISSÃO+AO+VIVO+DE+PROTESTO.html> >. Acesso em 10 jun 2017.

⁴⁹⁶ Tradução adaptada nossa para o seguinte trecho: "I wasn't really experiencing what was happening. I really feel I was hiding behind my camera. It was my camera that was bearing witness"

para a experiência e formação de relações sociais de poder em uma sociedade em que a publicização e a visibilidade estão intimamente entrelaçados'. (FROSH, 2001)

Anden-Papadopoulos lembra que o campo do testemunho engloba três esferas: testemunhas oculares (aqueles que têm experiência em primeira mão do evento), mediadores (agentes que produzem e transmitem testemunhos) e audiências - cada uma com suas próprias posições estratégicas, interesses e competências (2013, p. 758). Na nova ecologia de mídia, no entanto, há uma tendência de dissolução da fronteira entre produção e consumo. A mídia está cada vez mais em rede, interativa, participativa e globalizada. Hoje, aquele que podemos definir como testemunha-ocular-mediadora, que registra os acontecimentos de forma afetiva em imagens via celular, talvez carregue a forma mais significativa de capital para ser considerado um testemunho na economia visual (ANDEN-PAPADOPOULOS, 2013, p. 758).

Essa relação intrínseca entre os campos do testemunho e da experiência nos levam ao consistente e inspirador trabalho de E. P. Thompson. Para ele, a experiência é determinante, "no sentido de que exerce pressões sobre a consciência social existente, propõe novas questões e oferece grande parte do material com que lidam os exercícios intelectuais mais elaborados" (1978, p. 200-201). É da experiência vivida que surge a História e esta não deve ser aprisionada em modelos teóricos e discursivos, argumenta o historiador e ativista. Defensor do conhecimento como percurso, transitório, E. P. Thompson nos leva a acreditar que "a pauta de acontecimentos de uma sociedade – daquelas ocorrências que explodem, congregam, fazem falar – nos fornece o seu retrato. Ela nos diz dessa sociedade naquele momento; do seu conjunto de valores, da maneira como vive, exprime e cobra o cumprimento desses valores. (apud MARCONDES in DE MORAES, 2003, p.19)". Ainda acerca de Thompson, concordamos com a afirmação: "a experiência, sem bater na porta, constitui e nega, opõe e resiste, estabelece mediações, é espaço de prática, intervenção, obstacularização, recusa, é processo de formação de identidades de classe, poderíamos acrescentar, de gênero, de geração e etnias" (apud DE MORAES, 2003, p. 341).

Partindo disso, podemos afirmar, como faz Vera França, que hoje vivemos novas circunstâncias da experiência. As mudanças tecnológicas, o excesso de informações e sua velocidade e o presentismo tratado no capítulo anterior exigem um "sistema mais aguçado de atenção seletiva, novas formas de organização dos dados do mundo, de apreensão e reação aos acontecimentos" (FRANÇA, 2012, p. 19). Em síntese: acontecimentos ocorrem em nossa

experiência – e falamos dessa experiência. A janela de análise dos acontecimentos torna-se, assim, um importante instrumento de compreensão da realidade da vida cotidiana, da interpenetração de múltiplas realidades e da configuração do mundo da vida. (FRANÇA, 2012, p. 20)

Lowenthal relaciona experiência à identidade: "somos a qualquer momento a soma dos nossos momentos, resultado de nossas experiências (p. 64, 1998)". Halbwachs, por sua vez, acentua que a história vivida distingue-se da história aprendida, sendo que a primeira tem os elementos necessários para construir um quadro vivo e natural em que um pensamento pode se apoiar para conservar e reencontrar a imagem do seu passado. "É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá apoiar-se mais tarde sua memória (1990, p. 71)". A experiência é, portanto, sob o aspecto individual e também coletivo, o campo da transformação: "o sujeito da experiência é um sujeito ex-posto, ou seja, receptivo, aberto, sensível e vulnerável. Além de ser também um sujeito que não constrói objetos, mas que se deixa afetar por acontecimentos (LARROSA, 2008, p. 187)".

Nesse sentido, o próprio ato de fotografar e filmar tornou-se parte integrante da experiência do testemunho, o que implica na transformação de experiência sensorial privada em testemunho público que pode ser infinitamente reproduzida e compartilhada em todo o mundo através de redes de comunicação sem fio (READING, 2009). Trata-se de uma mudança de paradigma sem precedentes. Fotografar e filmar tornou-se relevante para experimentar um evento. Isso porque a comunicação direta e a partilha de experiências através de fotografias e vídeos tornou-se o "idioma preferido de uma nova geração de usuários" das redes sociais (VAN DIJCK, 2007, p. 57)

A partir do que foi exposto, ressaltaremos a partir de agora, em diálogo com as análises perpetradas no capítulo anterior, especificidades dos vídeos da MN sem deixar de recorrer a referências teóricas quando entendermos que estas nos ajudam na compreensão e contextualização do material analisado. Como já mencionado na Introdução, avaliamos aproximadamente 20 horas de mais de 30 vídeos, do dia 30 de junho de 2013 ao dia 10 de fevereiro de 2014. Os critérios para a escolha passaram pelo período e local em que ocorreram, pela disponibilidade de acesso atualmente - centenas de transmissões ao vivo não foram gravadas e as que foram feitas através do Facebook estão praticamente todas fora do ar -, pelo alto número de visualizações dos vídeos durante a transmissão e por particularidades

que se mostraram como tendências e/ou de interesse para as questões que motivam a pesquisa. Além da busca pelos principais perfis utilizados para transmissão - MIDIANINJA, midianinja_rj, BlackNinjaRJ, LIVENINJARJ e TUcaNinjaRJ - nos pautamos pelas publicações do perfil do twitter Midia NINJA entre junho de 2013 e fevereiro de 2014 e os tweets com links de coberturas ao vivo no Rio. Em termos metodológicos, buscamos dar o mesmo recorte - enquadramentos, silenciamentos, esquecimentos, formas de autorreferencialidade, orquestração das vozes, contexto comunicativo, organização temática e escolhas técnicas - da análise anterior, agora sob uma perspectiva comparativa.

4.7 Perfis diferentes e heterogeneidade nas transmissões

A Mídia Ninja serve como guarda-chuva para o conteúdo transmitido por várias pessoas. Há grande heterogeneidade entre os perfis que reportam as manifestações. O perfil MidiaNINJA, por exemplo, adota linguagem mais formal e próxima aos direcionadores do discurso jornalístico, passa grande parte do tempo entrevistando manifestantes, fazendo perguntas com objetivo de colher opiniões sobre as pautas das manifestações, tem a preocupação de identificar os entrevistados e busca contextualizar o protesto transmitido em relação ao movimento como um todo. Carioca, como é conhecido Filipe Peçanha, também faz diversas entrevistas e não tem uma postura combativa em relação à grande mídia: coloca-se como membro da imprensa e chama jornalistas de outros veículos de colegas. Já o rapaz que transmite pelo BlackNinjaRJ não tem o hábito de fazer entrevistas e critica bastante a Rede Globo. Prioriza a mobilidade - movimenta-se rapidamente junto com manifestantes -, faz coro com os gritos da manifestação, e adota linguagem extremamente informal. Outros perfis, como o Ninja 2RJ, passam bastante tempo das transmissões em absoluto silêncio⁴⁹⁷. Apesar de podermos agrupar e analisar características gerais das transmissões, cabe ressaltar que muitas dessas características são resultado do perfil da pessoa a cargo da transmissão.

É possível verificar que alguns comunicadores divulgam a Mídia Ninja e também seus perfis em separado. Durante a ocupação em frente à casa de Cabral, dia 3 de agosto de 2013, uma pessoa se dirige ao rapaz que filma, pergunta quem ele é e, após ouvir resposta - “sou Black Ninja RJ” -, dá parabéns ao comunicador pelo trabalho. Mas ao refletir um pouco mais

⁴⁹⁷ Ver **Live Gravada #PalacioAssombrado - RamoneNJ #19693161**. Disponível em < <http://twitcasting.tv/ninja2rj/movie/19693161> >. Ver a partir do minuto 2:04:15.

sobre a resposta e a presença do codinome Black antes de Ninja, o interlocutor pergunta então se ele não era do Mídia Ninja. Um pouco frustrado por perceber que não havia sido reconhecido individualmente como achara de início, o comunicador então explica:

"Eu sou do Mídia Ninja. O meu login é Black Ninja RJ. O Ninja 2 RJ também é do Mídia Ninja. A Mídia Ninja tem toda uma metodologia, uma estratégia para estar fazendo essa divulgação. Tem a página do Mídia Ninja que tem todos os links e você pode estar acessando. Quando um está *off*, o outro está *online*. Eu sou Black Ninja, o outro é Ninja 2, tem o Vidigal ..."⁴⁹⁸.

Nesse aspecto de diversidade, há perceptível diferença para as edições e transmissões do JN, em que ocorre uma tendência à homogeneização do discurso inclusive nas transmissões ao vivo que envolvem vários repórteres. Isso porque no JN as edições das matérias são feitas por um grupo pequeno e alinhado de jornalistas e, no caso das transmissões ao vivo, a dinâmica é pautada pelo diálogo entre repórteres e âncoras; no fim, as mensagens divergentes do discurso preponderante acabam por ser silenciadas⁴⁹⁹ como vimos anteriormente. Não significa, claro, que os repórteres do JN não imprimam sua marca nas reportagens, mas a dinâmica e orientação - mesmo que implícita - dos âncoras e editores ao valorizar certos aspectos - a exemplo do vandalismo e da aversão a partidos por parte dos manifestantes - e ignorar outros - como as próprias pautas das manifestações - acaba por tornar as reportagens muito mais homogêneas em termos de produção de sentido.

4.8 Informalidade, hipermobilidade, ausência de edição e de nitidez

A análise comparativa entre as transmissões do Mídia Ninja e as do Jornal Nacional nos permitem afirmar que na maior parte do tempo os veículos estão em lados diametralmente opostos tanto na forma quanto no conteúdo. O primeiro estranhamento para quem tem como referência a linguagem formal do jornalismo da Globo é em relação à postura dos colaboradores da MN. Bem mais coloquiais durante as transmissões, essa característica reflete-se também na fala dos entrevistados, que chegam a se sentir à vontade para falar palavrões nas entrevistas dadas ao vivo. Os manifestantes falam sem constrangimento

⁴⁹⁸ Ver **Live Gravada #sandroresiste - Manifestações no Rio #16694205**. Disponível em < <http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16694205> >. Ver desde o início.

⁴⁹⁹ Ver análise na página do capítulo anterior em que tratamos da matéria **Polícia usa bomba contra manifestantes no RJ**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646324/> >. Acesso em 10 out. 2014.

palavras e expressões como “galera”, “polícia chegou baixando a porrada”, “sacou?”, “foda-se se o Brasil perder a Copa” e “olha isso, cara”⁵⁰⁰. É difícil imaginar uma edição do JN com expressões assim, mesmo em matérias de comportamento.

Uma das principais diferenças de forma, conforme já perpassamos no capítulo anterior, é a posição de quem filma. Em quase todas as matérias, o JN relatou os acontecimentos de cima de prédios e helicópteros. Gordilho (apud FREITAS, 2015) chama a visão televisiva das manifestações de “olho panóptico” - em referência ao termo popularizado por Michel Foucault (1975) - similar, portanto ao olhar do Estado. Já o ponto de vista dos manifestantes - e também da MN - é sempre horizontal, “fundado na materialidade afetiva, cambiante e móvel do terreno” (GORDILLO apud FREITAS, 2015, p. 44). Dessa forma, continua Freitas, o ponto de vista dos manifestantes é rizomático (a câmera e quem filma compõem mais um nó entre tantos outros), “não superior como o da grande mídia e nem vigilante como o do Estado”: “É com esse olhar rizomático que a multidão equipada com câmeras e conectada à internet produz as suas imagens e as colocam para circular globalmente” (FREITAS, 2015, p. 44). Esteticamente, portanto, há uma analogia entre o olhar do Estado, particularmente da polícia que também lança mão de helicópteros durante os protestos, e o da mídia corporativa, em particular ao da Rede Globo de Televisão, que fez uso dessa perspectiva na grande maioria das coberturas.

Em contrapartida, a pesquisadora Anden-Papadopoulos sistematiza quatro características estéticas principais das transmissões ao vivo por cidadãos sem vínculos corporativos em manifestações: hipermobilidade, opacidade, ausência de narrativa e áudio sem edição. Tais características, de baixa tecnologia e “alta veracidade”, conforme abordado no tópico 4.3, deixam os vídeos mais realistas e aproximam emocionalmente o espectador do evento filmado. São ainda fortemente marcados pela subjetividade, afetividade e parcialidade (ANDEN-PAPADOPOULOS apud ZELIZER, 2014, p. 156-158).

Essas peculiaridades são facilmente identificáveis nos vídeos da MN. A mobilidade dos jovens que transmitem munidos de celulares é exponencialmente maior que a dos repórteres do JN. Em uma das principais transmissões da manifestação do dia 25 de julho em Copacabana, dia de evento da Jornada Mundial da Juventude, o repórter do coletivo literalmente corre junto com os manifestantes. “Vamos correr com o black bloc”, diz o rapaz

⁵⁰⁰ Ver **Live Gravada PEC 171 em BsB #14854921** <http://pt.twitcasting.tv/midianinja/movie/14854921>.

enquanto vai atrás dos adeptos da tática que se movimentam para se posicionar entre os policiais e os manifestantes. “Se tiver repressão, black bloc tá na frente”⁵⁰¹, continua ele, ofegante, enquanto se move com a câmera ligada. Na mesma transmissão, o comunicador tenta subir em árvores e depois escala um andaime para filmar a manifestação de cima. “Vou tentar subir nessas torres na frente”, relata durante a movimentação. “Subi no andaime e (a manifestação) está bem grande. E olha que começou cedo”⁵⁰², continua. Em outra transmissão, durante o chamado Ocupa Cabral, o comunicador se desloca de bicicleta⁵⁰³ e diz que assim, “está muito melhor”, pois está “menos cansado”.

A característica que a pesquisadora sueca Anden-Papadopoulos chama de “fiscalidade”⁵⁰⁴ é também recorrente nos vídeos da MN. Na transmissão do dia 8 de agosto de 2013 no Centro do Rio⁵⁰⁵, por exemplo, o comunicador tosse bastante em função das bombas de gás lacrimogêneo jogadas pela polícia. Ele relata também ter sido alvejado com spray de pimenta no rosto⁵⁰⁶.

Um dos exemplos de fiscalidade mais fortes entre as insurgências recheadas de similaridades em diversos países está na autoimolação do vendedor ambulante tunisiano Mohamed Bouazizi. O jovem vendedor de frutas e legumes que sustentava uma família de oito pessoas com menos de US\$ 150 por mês colocou fogo no próprio corpo após se recusar a pagar propina a inspetores, apanhar deles e ter suas mercadorias apreendidas pelo governo⁵⁰⁷. O ato, em dezembro 2010, e sua morte em janeiro 2011, levaram milhares de pessoas às ruas na Tunísia e é considerado o estopim do movimento que ficou conhecido no Ocidente como Primavera Árabe.

⁵⁰¹ **Live Gravada Manifestações no Rio #16120180**. Ver a partir do minuto 3. Disponível em <<http://twitcasting.tv/blackninja/movie/16120180>>. Acesso em 2 jul 2016.

⁵⁰² **Live Gravada Manifestações no Rio #16120180** Disponível em <<http://twitcasting.tv/blackninja/movie/16120180>>. Ver a partir do minuto 24.

⁵⁰³ **Live Gravada #sandroresiste - Manifestações no Rio #16694205**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16694205>>. Ver a partir do minuto 5.

⁵⁰⁴ Tradução nossa para a palavra “physicality”.

⁵⁰⁵ **Live Gravada Manifestações no Rio #17041413**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/17041413>>. Ver início da transmissão.

⁵⁰⁶ **Live Gravada Manifestações no Rio #17041413**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/17041413>>. Ver a partir de minuto 10.

⁵⁰⁷ GARDNER, Frank. **O homem que 'acendeu' a fagulha da Primavera Árabe**. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111217_bouazizi_primavera_arabe_bg.shtml>. Acesso em 10 jun 2016.

Figura 53 - Homem se autoimola com fogo na Tunísia e desperta levantes árabes



Fontes: Al Jazeera ⁵⁰⁸ e AFP ⁵⁰⁹

O aspecto físico, salienta Anden-Papadopoulos, tem um papel essencial nas transmissões, é peça-chave nessa nova estética: a dor e o corpo são elementos que buscam despertar a consciência do espectador. A "fiscalidade" da testemunha dá credibilidade ⁵¹⁰ (2013, p. 754). Na mesma linha do que tratamos anteriormente quando falamos de ressonância, a pesquisadora dá destaque à força mobilizadora da fotografia e do vídeo-testemunho e toca num ponto-chave: através do potencial afetivo proporcionado pela imagem, esses elementos mobilizam a solidariedade global (2013, p. 754). Ela cunha um termo de difícil tradução: *citizen camera-witnessing* (que optamos por traduzir por testemunho cidadão através da câmera) para definir o emprego ritualizado da câmera do telefone a fim de fornecer - com o propósito de persuasão - um registro público das ações com as quais se diverge politicamente (2013, p. 754).

Anden-Papadopoulos pontua que o testemunho cidadão através da câmera acaba, em determinados espaços, com binarismos convencionais, tais como o privado e o público, o eu e o outro, o corpo e a máquina, o local e o global, o cidadão e o jornalista. (2014, p. 758). E aqui, vale ressaltar, está sendo considerada a definição de testemunho ligada a situações de conflito ou disputa política, como descrevem Ashuri e Pinchevsky (in FROSH, 2009), que

⁵⁰⁸ **Mohammed Bouazizi. A tunisian martyr.** Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=jHw_auqod6Y >. Acesso em 10 jun 2016.

⁵⁰⁹ **Arab Spring activists awarded Europe's Sakharov prize.** Disponível em < <http://www.bbc.com/news/world-europe-15475750> >. Acesso em 10 jun 2016.

⁵¹⁰ Tradução adaptada nossa para o seguinte trecho: "The physicality of witnessing thus takes centre stage, with the pained body of the videographer-witness showcased as a criterion of truth and credibility."

denominam testemunhar como um terreno social e político em que vários agentes competem para ganhar a confiança de suas audiências.

Ela vai além e avalia que os protestos e formas de resistência contemporâneos fortaleceram os vídeos feitos com celulares, fenômeno que vimos acontecer com a MN. Movimentos de oposição de rua de hoje são essencialmente uma forma de dissidência política que coloca os corpos vivos em tensão com a ordem social dominante (Anden-Papadopoulos, 2013, p. 757). Nas palavras de Ivana Bentes:

"são imagens que carregam a marca de quem afeta e é afetado de forma violenta, colocando o corpo/câmera em cena e em ato. A sobrevivência das imagens e a sua captação estão diretamente coladas à sobrevivência de um corpo, de um animal-cinético, que filma enquanto combate e foge, enfrenta inimigos (a polícia e suas armas, bombas de gás lacrimogêneo, spray de pimenta, choque elétrico, bombas de som, armas de dissuasão, cassetetes etc.) e também outras adversidades, como o barulho, o tumulto, o corre-corre, a euforia e o pânico da multidão" (2016, kindle).

Nesse sentido, as transmissões são também um grande incentivador para que as pessoas dirijam-se aos protestos. Em determinado momento do protesto do dia 25 de julho em Copacabana, uma manifestante vai ao encontro do rapaz que faz a transmissão e diz ter decidido se juntar aos manifestantes após assistir a transmissão pela internet ⁵¹¹. Em quase todos os protestos, os repórteres fazem convocações aos espectadores: "Se você tá em casa assistindo o Mídia Ninja chega junto" ⁵¹², diz a narradora em protesto no dia 13 de julho em frente ao Copacabana Palace. Ela complementa afirmando que há entre os manifestantes "muita criança, muitos pais", com objetivo claro de mostrar que o movimento era pacífico e, assim, ampliar o público potencial da manifestação. Aqui há uma significativa diferença em relação à abordagem do Jornal Nacional, que ao privilegiar imagens de delitos e vandalismo, acaba contribuindo para o afastamento de pessoas das ruas.

Os comunicadores da MN também costumam dizer exatamente onde estão em tempo real ⁵¹³, o que facilita aos que querem se juntar aos protestos a encontrá-los. Na manifestação do dia 25 de julho, após o encontro com a Jornada Mundial da Juventude, o rapaz que faz a

⁵¹¹ **Live Gravada Manifestações no Rio #16120180** Disponível em <http://twitcasting.tv/blackninja_rj/movie/16120180>. Acesso em 29 out 2016.

⁵¹² **Live Gravada #15467916**. Disponível em <http://twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15467916>. Acesso em 29 out 2016.

⁵¹³ **Live Gravada Manifestações no Rio #16120180** Disponível em <http://twitcasting.tv/blackninja_rj/movie/16120180>. Ver a partir do minuto 3.

transmissão diz: "Estamos no posto 12, Leblon, ocupando a Delfim Moreira".⁵¹⁴ A localização é dita várias vezes nesta e em outras transmissões; como na já mencionada transmissão do ninja Carioca no protesto de 22 de julho em Laranjeiras. É comum também que espectadores perguntem aos comunicadores da MN onde eles estão, como é possível ver na figura abaixo.

Figura 53 - Comentário feito durante transmissão da MN



Fonte: Transmissão de manifestação da MN⁵¹⁵

4.9 A MN e a polícia

A postura em relação à polícia talvez seja a diferença mais marcante entre as coberturas do JN e da MN. Se, como vimos, o Jornal Nacional tem uma conduta - com poucas exceções - condescendente com a polícia, partindo do pressuposto de que a versão oficial é a que corresponde aos fatos e silenciando outras, os repórteres da Mídia Ninja, em outro extremo, são críticos e, por vezes, agressivos com policiais. Na manifestação do dia 25 de julho⁵¹⁶, após o protesto que acabara de ocorrer em função da Jornada Mundial da Juventude, o comunicador que faz uso do perfil MídiaNINJA entrevista um policial em tom incisivo, contesta falas do agente, lembra de várias prisões arbitrárias e critica a falta de identificação

⁵¹⁴ **Live Gravada PEC 171 em BsB #16115899**. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/16115899>>. Ver a partir do minuto 3.

⁵¹⁵ Ver comentários feitos durante a transmissão em **Histórico de Comentários de Live Gravada #16118450 (2,992)**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/moviecomment/16118450-148>>. Acesso 16 jun 2017. Apenas a título de curiosidade, a pessoa que comenta e pede a localização se identifica como Fabio Raposo, mesmo nome do jovem acusado de participar do acendimento do rojão que mataria o cinegrafista Santiago Andrade em fevereiro de 2014.

⁵¹⁶ **Live Gravada PEC 171 em BsB #16115899**. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/16115899>>. Ver a partir do minuto 26.

dos policiais ⁵¹⁷. No mesmo dia, algumas horas antes ⁵¹⁸, o integrante da Mídia Ninja conhecido como Black Ninja RJ diz que o suposto policial infiltrado na manifestação está “com cara de bunda” ⁵¹⁹. Minutos depois, ele coloca o celular bem próximo ao rosto do homem que seria P2 ⁵²⁰ e diz em tom de deboche: “olha a carinha dele” ⁵²¹. A diferença entre os dois veículos fica patente também quando analisamos a postura do repórter ⁵²² da MN ao relatar a manifestação do dia 30 de junho, mesmo dia em que analisamos cobertura do JN. Em atitude oposta à do Jornal Nacional ⁵²³, as vaias dirigidas a um helicóptero da PM que sobrevoa a manifestação são transmitidas e ressaltadas pela narração ao vivo da MN ⁵²⁴.

Ao filmar os policiais do Batalhão de Choque no Largo do Machado em manifestação do dia 25 de agosto de 2013, Filipe Peçanha, conhecido como Carioca, que como vimos é um dos fundadores da MN e naquele mesmo dia seria preso, fica por mais de 1 minuto criticando, frente a frente (ver perspectiva do repórter enquanto faz as críticas a seguir), os policiais da corporação, chamando-os de despreparados e truculentos, em texto que vale ser parcialmente reproduzido:

“Chegaram a bater em câmeras de profissionais da imprensa, chegaram a bater no nosso celular aqui que estava transmitindo para 5 mil pessoas, sem o menor indício de nada, sem o menor indício da nossa parte de ter feito alguma coisa, eles vieram pra cima do nosso celular, bater com esse escudo de plástico aí, eles que não mostram a identificação, não mostram a cara, e não têm a menor chance de ser identificados. Esse é o Batalhão de Choque da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que mais uma vez, em mais um episódio aqui na capital, mostra como conduzem as manifestações. Esse é todo o preparo de uma polícia que está aqui em uma das capitais mais importantes do Brasil recebendo o Papa” ⁵²⁵.

⁵¹⁷ **Live Gravada PEC 171 em BsB #16115899**. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/16115899>>. Ver a partir do minuto 8.

⁵¹⁸ **Live Gravada Manifestações no Rio #16118450**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16118450>>. Ver a partir do minuto 3.

⁵¹⁹ **Idem.**

⁵²⁰ Sigla usada para fazer referência a policiais infiltrados.

⁵²¹ **Live Gravada Manifestações no Rio #16118450** <http://pt.twitcasting.tv/blackninja/movie/16118450>. Ver a partir do minuto 7'20.

⁵²² Apesar de cientes de que muitas vezes os comunicadores da MN não são jornalistas formados, adotaremos por vezes a palavra repórter para fazer referência a eles.

⁵²³ **Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio**. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2646250/>>. Acesso em 10 out. 2014. Ver análise feita no capítulo 3.

⁵²⁴ **Live Gravada PEC 171 em BsB #14854921** Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/midianinja/movie/14854921>>. ver minuto 13'47

⁵²⁵ Ver **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 2'24.

Figura 55 - Perspectiva de Carioca ao criticar postura da PM



Fonte: Youtube

É grande o peso dado pela MN à suposta presença de policiais infiltrados, principalmente nas transmissões do perfil Black Ninja RJ. Na manifestação do dia 25 de julho ⁵²⁶, há tensão - com participação direta do repórter da Mídia Ninja - quando a multidão identifica um suposto policial infiltrado. O homem é escoltado pela PM e a multidão pede que ele seja revistado, pois há suspeita de que esteja com coquetel molotov. "Revista o P2", gritam os manifestantes e também o comunicador da MN. O homem é então revistado por policiais presentes e, em seguida, liberado pelos agentes. Algum tempo depois, os manifestantes insistem para que ele mostre a identidade ao comunicador da MN. Este, por sua vez, pede ajuda aos espectadores na busca na internet pelo nome Edson Luiz da Costa Silva ⁵²⁷ a fim de checar se ele é ou não um PM.

⁵²⁶ **Live Gravada Manifestações no Rio #16118450.** Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja/rj/movie/16118450>>. Ver a partir do minuto 3.

⁵²⁷ VILLA, Bruno. **Manifestantes acusam homem de ser P2 infiltrado no protesto.** Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/manifestantes-acusam-homem-de-ser-p2-infiltrado-no-protesto-9189458.html>> Acesso em 7 abril. 2017

Figura 56 - Suposto policial militar mostra identidade à MN



Fonte: Transmissão Mídia Ninja ⁵²⁸

O clima é tenso e há embate inclusive entre manifestantes mais agressivos e um advogado representante da OAB. Após atitude em que expõe o suposto policial e incita perseguição a ele, com a fala do advogado, o próprio comunicador da MN muda de postura e passa então a avisar os manifestantes mais exaltados que o “suspeito” porta uma identidade comum, não está armado e já foi revistado. Passado o episódio, o Black Ninja RJ volta ao assunto diversas vezes durante os mais de 90 minutos de vídeo e diz que “há informação, inclusive, de que há mulheres policiais infiltradas”.

Aqui, apesar da mudança de atitude do repórter da MN ao longo da transmissão, vale refletir sobre o discurso e atitude potencialmente perigosos em relação a supostos policiais infiltrados por parte de alguns colaboradores da MN. Ao assistir as imagens que citamos, é possível fazer o exercício de pensar nos desdobramentos, por exemplo, se não houvesse o advogado e outros manifestantes que pedem calma à multidão, já que muitos clamavam inclusive para que ele fosse despido. Apesar de o uso da força por agentes ser muito mais desproporcional e verificável do que por manifestantes em relação aos policiais, houve casos

⁵²⁸ Live Gravada Manifestações no Rio #16118450. Disponível em < <http://pt.twitcasting.tv/blackninja/rj/movie/16118450>>

de policiais agredidos no Rio de Janeiro durante as manifestações ⁵²⁹ e há de se pensar sobre a contribuição do discurso da MN para este tipo de violência.

O destaque dado a supostos policiais à paisana chega a ser objeto de críticas e ironias dos espectadores comentaristas. A maioria tanto dos que assistem quanto dos manifestantes, no entanto, apoia a dinâmica persecutória a supostos agentes infiltrados. Na mesma transmissão do dia 25 de julho ⁵³⁰, uma manifestante corre até o comunicador da MN, aponta um homem que caminha, e diz "que com certeza trata-se de um P2 à frente". O repórter corre até o suposto P2 e percebe que ele usa um crachá identificando-o como membro da organização do evento da Jornada Mundial da Juventude. Resignado, ele diz então que foi apenas atrás da informação recebida e que "fica a critério" dos espectadores avaliar se trata-se ou não um agente. Não nos aprofundaremos nesse aspecto, mas o fato de eleger um inimigo comum e perseguí-lo como faz o repórter poderia contribuir para uma dinâmica mais próxima do entretenimento e, assim, atrair espectadores. Talvez essa narrativa que cria e opõe os "personagens" policiais, de um lado, e manifestantes, de outro, seja uma das explicações para que o vídeo em questão tenha superado 17 mil visualizações durante a transmissão e para o perfil Black Ninja RJ ser um dos que angaria maior audiência.

É curioso que, de certa forma, não fosse a multiplicidade de vozes de que trataremos logo mais e a multiplicidade de perfis e narrativas já abordada, a MN muitas vezes cai na mesma dinâmica da TV - a narrativa acaba se resumindo ao confronto manifestantes e PM e, assim, silencia causas mais amplas dos protestos, debates sobre investimentos na Copa do Mundo, na JMJ e no transporte público, por exemplo. Assim, é comum que a MN reproduza a processos da grande mídia criticada por autores como Freixo (in BORBA et al., 2014, kindle):

"(...) tem-se uma pauta em disputa. E aí nasce outra pauta, que é 'vândalos de um lado, PMs de outro'. E se alterna: um dia você usa todo o seu noticiário pra falar mal da PM, no outro dia você usa todo o seu noticiário pra falar mal dos vândalos e depois você troca – e vai nessa dança entre vândalos e PMs, criando "o grande debate"".

⁵²⁹ Ver **Policiais atacados por Black Blocs no Rio de Janeiro**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Li8BDV94nkQ>>; DEPOIMENTO SURPREENDENTE DO PM QUE FOI AGREDIDO NO RIO DE JANEIRO. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=kOwSKsah1YU>>. Neste último, o policial agredido por manifestantes diz não ter mágoas de quem o feriu e afirma: "Sempre vai haver os mais exaltados. Mas o que as pessoas ali estão reivindicando um país melhor. Quem não sonha? Eu sonho com um país melhor".

⁵³⁰ Live Gravada Manifestações no Rio #16118450 <http://pt.twitch.tv/blackninja/movies/16118450>. Ver a partir do minuto 13.

Em um caso que ganhou grande repercussão, Filipe Peçanha - o Carioca - foi preso após transmitir um protesto por horas. Enquanto entrevistava uma menina que reportava a truculência policial ocorrida com outros manifestantes, um homem com um celular na mão interrompe a entrevista e fala algo sobre um depoimento - em função da qualidade do som, não é possível entender bem o que ele propõe. Carioca diz: “pode falar aqui, irmão”. Em seguida um policial, que se identifica como sargento Duarte, pede que ele abra a bolsa. Carioca diz: “pode revistar, vou acompanhar, tem mais 5 mil pessoas acompanhando também”. Em seguida, Carioca vira para o homem à paisana que o abordou inicialmente e pergunta quem é ele, se é da imprensa e reclama que este mexe no seu bolso. “Quem é você para mexer no meu bolso? Um oficial com nome na farda me revista, você não”, exclama o jovem em tom que demonstra bastante nervosismo com a situação.

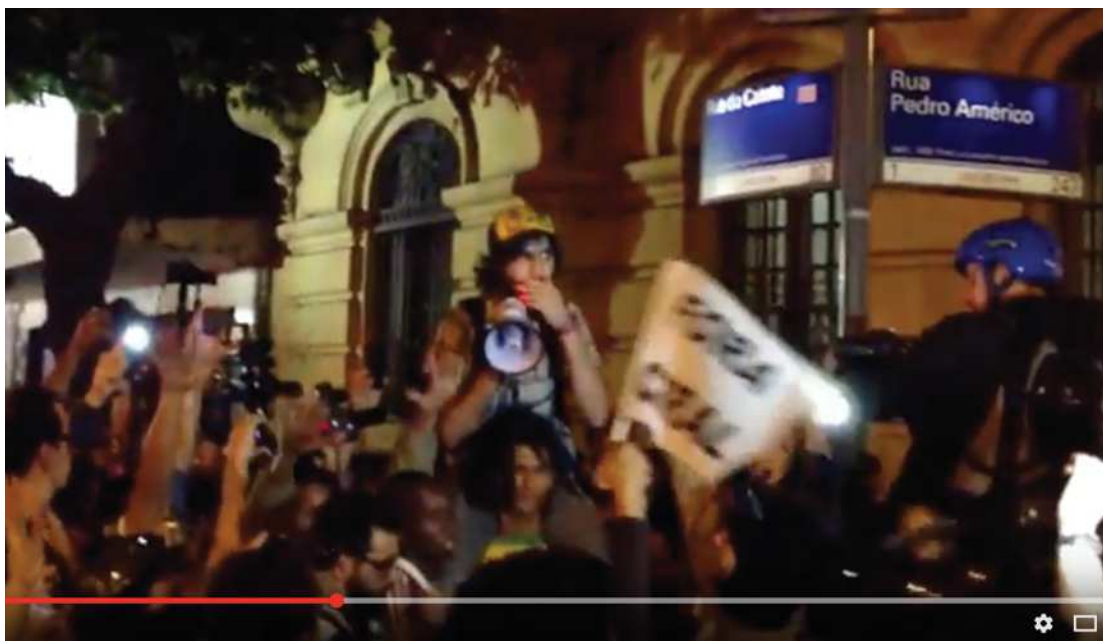
Pouco tempo depois, começa mobilização dos manifestantes com a abordagem do ninja e as pessoas gritam repetidamente “identificação, identificação”, pedindo que o homem à paisana se identifique. Na sequência, policiais começam a conduzir Peçanha para o camburão, que ainda transmitindo, diz: "Estão me levando aqui, não foi encontrado nada na mochila. (...) Por que motivo você vai me levar pra delegacia?", insiste diversas vezes na pergunta. Sem parar de filmar, ele então grita para a multidão que acompanha o desenrolar dos acontecimentos: “Eu preciso de um smartphone! Minha bateria está acabando! Eu preciso de um smartphone”. Logo um rapaz entrega um telefone a ele. Muito nervoso, ele pergunta insistentemente: "mas por quê? mas por quê?" Na sequência com ares dramáticos, Carioca grita: "estão me colocando à força nessa porra desse camburão!"

Outros vídeos, alguns editados, mostram o desenrolar da ação e centenas de pessoas gritando: “Libera o Mídia Ninja” e “Senta, senta”, para que todos sentassem e, assim, inibissem a polícia de jogar bombas e dispersar os manifestantes. Os policiais são xingados de fascistas e covardes pela multidão ⁵³¹. Os manifestantes dirigem-se então à 9ª delegacia de polícia, no bairro do Catete, e, após Carioca ser solto, é usado o método de microfone humano - uma pessoa fala e a multidão repete para que a mensagem seja amplamente ouvida - para reproduzir o que ele diz. Entre as falas, Carioca afirma: "A Mídia Ninja foi impedida de filmar, de fazer foto e de transmitir ao vivo. Esse é um exemplo claro de ditadura velada no

⁵³¹ Ver **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 2'24.

Brasil”⁵³². Muito aplaudido, ele lembra que outras pessoas estão presas e sugere que os manifestantes só saiam da porta da delegacia após todos serem soltos.

Figura 57 - Momento em que Carioca é solto



Fonte: Youtube

A PM do Rio de Janeiro, por sua vez, em divulgações oficiais, também expôs o embate direto com a MN. No dia 22 de julho, quando Carioca foi preso, o perfil da PMERJ publicou as mensagens a seguir, que deixam claros a preocupação da polícia em relação a MN, o objetivo da corporação de justificar a prisão, além de criminalizar a MN e atingir sua imagem, relacionando-a ao vandalismo.

⁵³² Ver **Momento que integrante da Mídia Ninja é solto - 22/07/2013**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=mwTlnI6O2PA> >

Figura 58 - Série de mensagens postadas pela PM em 22 de julho



Fontes: Jornal Nacional⁵³³ e Youpix⁵³⁴

Apesar de parecer pontual e datado, sob a perspectiva da memória, essa atitude institucional da PM contribuiu para criar uma narrativa e influenciar fortemente, em 2016, as eleições para a Prefeitura do Rio de Janeiro. À época das manifestações, a PM iniciou o discurso de que o deputado estadual Marcelo Freixo estava por trás dos impopulares adeptos da tática Black Bloc, conforme pode ser visto na figura a seguir. Mesmo sem nenhuma

⁵³³ **Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos.** Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

⁵³⁴ BAREM, Manu. **7 erros da @PMERJ ou como falhar totalmente ao gerenciar uma crise nas redes sociais.** Disponível em < <http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/7-erros-da-pmerj/> >. Acesso em 17 jun 2017.

comprovação e diversos desmentidos por parte do deputado, a narrativa foi amplamente divulgada pela imprensa e a Rede Globo, à época, chegou a fazer matéria de quase 8 minutos no Fantástico com título de várias linhas - "Estagiário de advogado diz que ativista afirmou que homem que acendeu rojão era ligado ao deputado estadual Marcelo Freixo"⁵³⁵. A reportagem que gerou ampla reação de internautas agrupadas sob a hashtag #LigaçãoComFreixo, com memes e ironias de todo o tipo⁵³⁶

Figura 59 - PM inicia narrativa que busca conectar Marcelo Freixo à tática black bloc



Fonte: Youpix⁵³⁷

As acusações contra o deputado foram impetradas pelo advogado Jonas Tadeu, que mesmo sem nenhum histórico relacionado às manifestações e alinhamento exposto

⁵³⁵ **Estagiário de advogado diz que ativista afirmou que homem que acendeu rojão era ligado ao deputado estadual Marcelo Freixo.** Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/estagiario-de-advogado-diz-que-ativista-afirmou-que-homem-que-acendeu-rojao-era-ligado-ao-deputado-estadual-marcelo-freixo.html>>. Acesso em 17 jun 2017.

⁵³⁶ **#LigaçãoComFreixo.** Disponível em < <https://ligacaocomfreixo.tumblr.com/>>. Acesso em 17 jun 2017.

⁵³⁷ BAREM, Manu. **7 erros da @PMERJ ou como falhar totalmente ao gerenciar uma crise nas redes sociais.** Disponível em < <http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/7-erros-da-pmerj/>>. Acesso em 17 jun 2017.

publicamente a críticos das Jornadas de Junho como a jornalista Rachel Scherazade⁵³⁸, disse não estar recebendo nada para defender os acusados de acenderem o rojão que mataria o cinegrafista da Band Santiago Andrade em 2014. Tadeu defendeu o ex-deputado Natalino Guimarães, investigado na CPI das Milícias, da qual Freixo foi presidente⁵³⁹. Colocou-se primeiro como defensor de Fabio Raposo, quando acusou o auxiliar de serviços gerais Caio Silva de Souza - o outro envolvido na morte de Andrade - de ser o responsável pelo crime. Depois passou a defender Caio com condutas que prejudicariam o cliente de várias formas, incluindo levar a polícia do Rio e reportagem da Globo para o paradeiro do jovem na Bahia e fazer com que o momento da prisão fosse amplamente veiculado - com entradas ao vivo na emissora⁵⁴⁰. Tadeu também afirmou que o rapaz recebia dinheiro para estar em manifestações, dando a entender que partidos e deputados estavam por trás disso sem nunca provar suas acusações⁵⁴¹. A atitude é questionada eticamente por advogados, pois ser acusado de homicídio por motivo torpe (em troca de dinheiro) poderia agravar a pena de Caio⁵⁴². Muitos acusam Tadeu de ter se oferecido para defender os dois manifestantes com objetivo exclusivo de prejudicar Freixo.

Em 2016, a suposta ligação de Freixo com os acusados de acender o rojão que terminaria com a morte de Andrade foi lembrada exaustivamente pela imprensa⁵⁴³, com

⁵³⁸ Tadeu já demonstrara ser fã da apresentadora do SBT Rachel Sheherazade, extremamente crítica às manifestações de 2013. “Muito bom ter você na televisão, uma jornalista de honra e de imenso senso de dignidade”, teria dito ele em rede social segundo matéria de O Globo assinada por Sergio Ramalho. Ver RAMALHO, Sergio. **Jonas Tadeu: advogado ganha fama com caso de morteiro em protesto**. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/jonas-tadeu-advogado-ganha-fama-com-caso-de-morteiro-em-protesto-11589433> >. Acesso em 17 jun 2017.

⁵³⁹ RAMALHO, Sergio. **Jonas Tadeu: advogado ganha fama com caso de morteiro em protesto**. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/jonas-tadeu-advogado-ganha-fama-com-caso-de-morteiro-em-protesto-11589433> >. Acesso em 17 jun 2017.

⁵⁴⁰ Ver FREITAS, Janio. **Sem resposta**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefraitas/2014/02/1411447-sem-resposta.shtml> >. Acesso em 17 jun 2017.

⁵⁴¹ Ver série de questionamentos à atitude do advogado em **As dúvidas sobre o advogado dos denunciados por homicídio**. Disponível em < <http://www.viomundo.com.br/denuncias/as-duvidas-sobre-o-advogado-dos-denunciados-por-homicidio.html> >. Acesso em 17 jun 2017.

⁵⁴² Idem.

⁵⁴³ Ver **Marcelo Freixo é entrevistado no RJTV**. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/noticia/2016/10/marcelo-freixo-e-entrevistado-no-rjtv-2410.html> >. e GELANI, Felipe **Igreja, black blocs, direitos humanos, rejeição: o que está em jogo entre Freixo e Crivella**. Disponível em < <http://www.jb.com.br/eleicoes-2016-rio/noticias/2016/10/03/igreja-black-blocs-direitos-humanos-rejeicao-o-que-esta-em-jogo-entre-freixo-e-crivella/> >. Acesso em 17 jun 2017.

poucos contrapontos ⁵⁴⁴, e em propagandas ⁵⁴⁵ do seu principal opositor que ganharia as eleições municipais naquele ano - o senador e ex-pastor Marcelo Crivella. O programa de Crivella exaustivamente veiculado na TV e no rádio para denegrir o opositor iniciava com imagens da invasão de homens mascarados na Alerj em junho de 2013 seguida pela fala de Marcelo Freixo:

"Vários movimentos têm vários métodos distintos. Eu não sou juiz para ficar avaliando os métodos em si. Eu tenho mais de 25 anos de militância. Tem uns métodos que eu acho mais eficientes, outros menos. Mas eu não sou juiz para dizer que movimento é o correto ou não. Acho que qualquer movimento que visa uma sociedade mais justa é válido. Os métodos representam um outro debate."

O vídeo foi finalizado com questionamento ao eleitor: "Você quer que, nos próximos anos, o Rio se transforme numa praça de guerra onde imperam o crime e a desordem sem que nada seja feito pelo poder público?" Aqui vale ressaltar que a fala usada para denegrir a imagem do deputado foi extraída de entrevista feita por um coletivo de mídia - o grupo Mariachi ⁵⁴⁶, em setembro de 2013, mostrando, como vimos no capítulo 1, que a memória é modulada pelas intencionalidades do indivíduo ou grupo que a rememora, que os fenômenos memoráveis são fruto de conflitos, servem ao presente e às suas necessidades, e também a interesses e usos específicos (HUYSSSEN, 2014, p. 183). A invocação da memória, já nos ensinara Zelizer, deve vir acompanhada por questionamentos de quem a invoca, quando, em que contexto e onde (1992, p. 194). Mais uma vez, vemos que a memória de 2013 - com exceção de poucas publicações - tem sido mais usada de forma negativa do que positiva.

4.10 Embates com a Rede Globo

É recorrente nas manifestações os embates e referências à mídia corporativa, em particular à Rede Globo. A emissora virou, inclusive, alvo direto dos manifestantes em diversas partes do Brasil e passou a cobrir as manifestações sem identificação nos microfones.

⁵⁴⁴ FREITAS, Ana. MOURA, Bernardo, MERGULHÃO, Alfredo. NALON, Tai. **Não é bem assim: Crivella e Freixo se atacam, mas derrapam em debate.** Disponível em <<https://eleicoes.uol.com.br/2016/noticias/2016/10/19/nao-e-bem-assim-crivella-e-freixo-se-atacam-e-derrapam-em-debate.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 17 jun 2017.

⁵⁴⁵ **Crivella usa fala sobre black bloc contra Marcelo Freixo.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1824835-crivella-usa-fala-sobre-black-bloc-contramarcelo-freixo.shtml>>. Acesso em 17 jun 2017.

⁵⁴⁶ **Marcelo Freixo fala sobre a aprovação da lei anti-máscaras e sobre o Black Bloc.** Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=foOETau5C5w>>. Acesso em 17 jun 2017.

No Rio, no dia 3 de julho de 2013, centenas de pessoas promoveram o ato denominado “Ocupe a Rede Globo - Assembleia Temática Democratização da Mídia”⁵⁴⁷, em frente a sua sede no Jardim Botânico. A transmissão do ato pela MN⁵⁴⁸, em que se sucederam várias falas contra a emissora, superou 85 mil visualizações ao longo de uma hora de transmissão. No dia 17 de julho, a sede administrativa da emissora, no bairro do Leblon, foi alvo de pedradas e teve a fachada parcialmente destruída⁵⁴⁹.

Com a cobertura independente por parte de manifestantes, integrantes ou não da MN, e a larga distribuição de vídeos na rede, as críticas à cobertura da emissora ganharam materialidade: passou a ser possível comparar as imagens e os discursos da Globo com os de outros agentes, em escala inédita - tanto a emissora quanto coletivos e cidadãos independentes fizeram grandes e contínuas coberturas dos protestos. Por mais que muitas vezes sejam alimentadas por coberturas de outros veículos do grupo, a exemplo do jornal O Globo⁵⁵⁰, e por boatos e distorções, as percepções de que a emissora foi por vezes omissa e tendenciosa parece ter sido generalizada entre os manifestantes.

Além da insatisfação com a cobertura em si, uma das principais acusações contra a Globo que ganhou corpo em 2013 é relacionada à suposta sonegação de impostos referente a direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2002⁵⁵¹; sobre isso a emissora emitiu nota de esclarecimento⁵⁵². Ademais das ações com foco específico na Globo, em praticamente todas as manifestações após a primeira postura do Jornal Nacional analisada no capítulo anterior, a emissora foi lembrada e hostilizada. A frase “A verdade é dura, a Rede Globo apoiou a

⁵⁴⁷ Para mais informações, ver evento **OCUPE A REDE GLOBO - Assembleia Temática "Democratização da Mídia"**, Disponível em < https://www.facebook.com/events/562115547160522/?active_tab=discussion&_xt=33.%7B%22logging_data%22%3A%7B%22profile_id%22%3A562115547160522%2C%22event_type%22%3A%22clicked_view_event_posts%22%2C%22impression_info%22%3A%22eyJmIjp7ImI0ZW1fY291bnQiOiIwIn19%22%2C%22surface%22%3A%22www_events_permalink%22%2C%22interacted_story_type%22%3A%22236412393365972%22%2C%22session_id%22%3A%22204d1ab495d19f2bd16ad1dc254ea753%22%7D%7D>. Acesso em 28 mai 2017.

⁵⁴⁸ **Live Gravada #OcupaRedeGlobo - PEC 171 em BsB #14981939**. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/14981939>> Acesso em 28 mai 2017.

⁵⁴⁹ **Manifestantes destroem porta de sede da Globo no Rio de Janeiro**. Disponível em <<http://natelinha.uol.com.br/noticias/2013/07/18/manifestantes-destroem-porta-de-sede-da-globo-no-rio-de-janeiro-63763.php>>. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁵⁰ O jornal condenou veementemente os protestos, conforme veremos adiante.

⁵⁵¹ VILELA, Pedro Rafael. **Rede Globo é acusada de sonegar mais de R\$ 180 milhões**. Disponível em <<https://www.brasildefato.com.br/node/29353/>>. Acesso em 28 mai 2017.

⁵⁵² **Grupo Globo explica aquisição de direitos de transmissão da Copa 2002 e descarta acusações de sonegação**. Disponível em < <http://redeglobo.globo.com/boatos-alertas/noticia/2015/05/grupo-globo-explica-aquisicao-direitos-transmissao-copa-mundo-2002-descarta-acusacoes-sonegacao.html>>. Acesso em 28 mai 2017.

Ditadura” era uma das mais repetidas nos protestos, bem como “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”.

Aqui vale notar, sob o ponto de vista dos estudos da memória, que ambas as frases contra a emissora não são novas. A popularização do bordão “O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo”, por exemplo, se deu no final dos anos 70, durante assembleias de metalúrgicos grevistas na região do ABC paulista ⁵⁵³. O deputado federal Vicentinho (PT-SP) afirma que ajudava a proteger repórteres da emissora para que não fossem agredidos pelos grevistas, insatisfeitos com o silenciamento em relação à adesão às greves e à lotação dos estádios: "A gente ficava em volta deles e o Lula gritando, 'gente, eles são trabalhadores, uma coisa é a empresa, outra são os jornalistas'" ⁵⁵⁴. Os gritos de "fora Rede Globo, o povo não é bobo" também eram comuns ao longo dos anos 80, a exemplo da campanha das "Diretas Já" e no movimento pelo impeachment do presidente Fernando Collor. Membros do PDT atribuem as críticas à emissora à cobertura negativa do governo de Leonel Brizola, o que gerou, em 1994, um direito de resposta no *Jornal Nacional* ⁵⁵⁵, muito difundido entre os manifestantes também em 2013 e 2014. Casos como o da Proconsult e a edição do debate entre Lula e Color nas eleições de 1989 ⁵⁵⁶ contribuíram para o aumento da desconfiança em relação ao grupo.

Nesse sentido, é curioso que bordões tão antigos - e, para alguns, tão ultrapassados ⁵⁵⁷ - voltem com força décadas depois. Fica claro aqui o uso da memória de eventos passados instrumentalizando e legitimando lutas políticas no presente. Trata-se, como discorreremos no primeiro capítulo, da primeira premissa teórica de que partimos para nosso recorte dos estudos da memória: ela tem mais relação com o tempo presente do que com o passado e a rememoração das experiências de outrora está diretamente ligada ao momento atual, sujeita, entre outras coisas, à vontade do indivíduo no presente (BERGSON, 2010, p.179; HALBWACHS, 1990, p. 71).

⁵⁵³ RABELLO, Ester. "**O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo**". Disponível em < <https://blogdobriguilino.blogspot.com.br/2015/04/o-povo-nao-e-bobo-abaixo-rede-globo.html?m=1> >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁵⁴ Idem.

⁵⁵⁵ **Direito de Resposta Brizola x Globo**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ObW0kYAXh-8> >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁵⁶ **PROCONSULT**. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/proconsult.htm> >. Acesso em 28 mai. 2017. **JORNAL NACIONAL**. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/as-eleicoes-e-o-debate-collor-x-lula.htm> >. Acesso 5 mai. 2017.

⁵⁵⁷ RABELLO, Ester. "**O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo**". Disponível em < <https://blogdobriguilino.blogspot.com.br/2015/04/o-povo-nao-e-bobo-abaixo-rede-globo.html?m=1> >. Acesso em 28 mai. 2017.

Antes de terminarmos esse tópico, vale um parêntesis sobre a cobertura do Jornal O Globo das manifestações, o que certamente contribuiu para o embate com a emissora do mesmo grupo. Uma das capas mais polêmicas ⁵⁵⁸, do dia 17 de outubro de 2013, exibida na página do periódico no Facebook, por exemplo, foi compartilhada, somente da fonte original, por mais de 1.900 pessoas em um período de 17 horas de exibição na rede. Os compartilhamentos, em sua maioria, eram acrescidos de mensagens hostis ao veículo e à holding a que pertence. Ao todo, a capa com a manchete “Lei mais dura leva 70 vândalos para presídios” recebeu mais de 2.200 comentários ⁵⁵⁹, a grande maioria extremamente crítica com abordagem caracterizada de generalista, reducionista e editorializada do jornal. Nesse meio tempo, foi criada a campanha “Muito além do papel de um leitor” ⁵⁶⁰, que parodia o slogan do veículo e convoca os assinantes a acabarem com suas assinaturas. Em apenas oito horas, a página ganhou 3.446 curtidas ⁵⁶¹ e a reprodução de uma montagem que unia a capa da edição do dia 17 e uma capa do mesmo jornal durante a Ditadura com a manchete “Exército adverte: trataremos arruaceiros como inimigos da pátria” foi compartilhada nada menos do que 2.233 vezes (ver figura abaixo). Nesse interim, um evento foi criado no Facebook pedindo: “O Globo, retrate-se da capa de 17/10” ⁵⁶². Diversos usuários do Facebook relataram ter cancelado suas assinaturas em função da primeira página daquele dia ⁵⁶³.

Há de se considerar ainda que esses números são multiplicados pelos usuários numa escala impossível de contabilizar. É, sem dúvida, uma das peculiaridades da contemporaneidade, em que grupos de comunicação são, de certa forma, impingidos a estar nas redes sociais e, assim, colocam seu conteúdo à crítica de toda a sorte num ambiente

⁵⁵⁸ Críticas sobre essa capa foram feitas por MALIN, Mauro. **Concorrência faz falta**. Disponível em < http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed769_concorrancia_faz_falta/ >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁵⁹ Os números citados foram pesquisados em 2013. Em 17 de junho de 2017, a autora não encontrou a publicação original na página de O Globo no Facebook.

⁵⁶⁰ **Muito além do papel de um leitor**. Disponível em < <https://www.facebook.com/Muito-al%C3%A9m-do-papel-de-um-leitor-472276276223210/> >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁶¹ Em junho de 2017, a página já contava com 12.293 likes.

⁵⁶² **O GLOBO, retrate-se da capa do 17/10 !!!!!!!!!** Disponível em < https://www.facebook.com/events/343186182463285/?acontext=%7B%22source%22%3A3%2C%22source_newsfeed_story_type%22%3A%22regular%22%2C%22action_history%22%3A%22%5B%7B%5C%22surface%5C%22%3A%5C%22newsfeed%5C%22%2C%5C%22mechanism%5C%22%3A%5C%22feed_story%5C%22%2C%5C%22extra_data%5C%22%3A%5B%5D%7D%5D%22%2C%22has_source%22%3Atrue%7D&source=3&source_newsfeed_story_type=regular&action_history=%5B%7B%22surface%22%3A%22newsfeed%22%2C%22mechanism%22%3A%22feed_story%22%2C%22extra_data%22%3A%5B%5D%7D%5D&has_source=1&fref=nf >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁶³ Idem

impossível de controlar. Da mesma forma que as memórias, as matérias não são apenas criticadas, mas re-significadas pelos usuários em escala inédita. Também nesse caso, nota-se o uso da memória para ratificar o discurso contra a mídia corporativa.

Figura 60 - Internautas comparam capa de 2013 com outra da época da Ditadura



Fonte: Página do Facebook "Muito além do papel de um leitor"⁵⁶⁴

Ao analisarmos as transmissões da MN, vemos que o posicionamento de diferenciação da mídia corporativa de que tratamos na abertura deste capítulo é repetido e desdobrado. Na manifestação do dia 25 de julho, após a JMJ, em frente à casa de Cabral, o comunicador que usa o perfil MídiaNINJA diz: “A gente está dando voz para as pessoas. Vários veículos de imprensa às vezes parecem mais próximos dos governantes que estão oprimindo as pessoas do que da população. Então a gente é esse olho público aí”⁵⁶⁵. No dia 13 de setembro de 2013, o rapaz que transmite pelo perfil Ninja 2RJ diz em tom irônico: “é o famoso helicóptero

⁵⁶⁴ **Muito além do papel de um leitor.** Disponível em < <https://www.facebook.com/Muito-al%C3%A9m-do-papel-de-um-leitor-472276276223210/> >. Acesso em 28 mai. 2017.

⁵⁶⁵ **Live Gravada Live Gravada PEC 171 em BsB #16115899.** Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/16115899>>. Ver a partir do minuto 26.

da Globo transmitindo a gente aqui”.⁵⁶⁶ Além dessas, diversas transmissões da MN captam críticas à emissora: podemos afirmar que se trata mais de uma regra nas transmissões do que de uma exceção. A apropriação da logo do Jornal Nacional pela Mídia Ninja em montagem postada no Facebook do coletivo - extraída pelo professor Fabio Malini e gentilmente cedida a nós⁵⁶⁷ - exemplifica o embate.

Figura 61 - Montagem postada pelo grupo MN em rede social



Fonte: extração de imagens da página do grupo pelo professor Fabio Malini

A hostilidade dos manifestantes em relação à emissora fica clara também em outros vídeos difundidos na rede. No dia 16 de junho, o segundo hyperlink mais difundido foi o denominado "Rede Globo é vaiada e repórter vai embora sem fazer a reportagem"⁵⁶⁸, que mostra uma jornalista da emissora e o câmera tentando gravar matéria apesar dos gritos da multidão com o bordão "O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo". No mesmo dia, no twitter, a hashtag #aglobonaomerepresenta foi uma das mais disseminadas na rede social. No

⁵⁶⁶ **Live Gravada #PalacioAssombrado - RamoneNJ #19693161.** Disponível em < <http://twitcasting.tv/ninja2rj/movie/19693161> >. Ver a partir do minuto 2:03:24.

⁵⁶⁷ O Labic reuniu todos os posts do Mídia Ninja no Facebook e os seus respectivos likes, comentários e imagens. Também reuniu todos os tweets do grupo. "E com isso reuniu também a memória que estava nas profundezas da timeline. São mais de 2500 posts, 10 mil imagens, mil tweets e o impressionante número de quase 1 milhão de comentários". Infelizmente, o link do Dropbox em que esse conteúdo estaria depositado não está ativo, mas à autora, o professor encaminhou outro link < <https://www.dropbox.com/sh/3qydbkwafgt78fu/AAAzOLZ2BBnBDCEFNWsVjAp8a?dl=0> > com aproximadamente 2.050 imagens.

⁵⁶⁸ **Rede Globo é vaiada e repórter vai embora sem fazer a reportagem.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=KPqydQAHUJw> >. Acesso em 13 jun 2017.

dia seguinte, o mesmo aconteceu com a hashtag #abaixoaredeglobopovonaoébobo (DE SOUZA, 2014).

Cercado por manifestantes, o jornalista Caco Barcellos foi vítima dessa hostilidade e a relatou em edição do Profissão Repórter ⁵⁶⁹. No programa, os gritos de “Abaixo a Rede Globo” e “Ei, Globo, vai tomar no cu” podem ser ouvidos enquanto o jornalista argumenta que somente a Ditadura o havia impedido de trabalhar, sob tortura. O programa de Barcellos, assim como outras coberturas audiovisuais realizadas pela própria mídia corporativa, a exemplo do filme Junho, da TV Folha, exploram alguns caminhos diferentes daquele do JN. No Profissão Repórter, dezenas de manifestantes são ouvidos, as imagens são todas feitas do nível da rua e os repórteres relatam inclusive as sensações de estarem nas manifestações, como a dificuldade em respirar causada pelo gás lacrimogêneo. Uma das pessoas ouvidas é um morador de rua apoiador das manifestações; ele aplaude a postura de enfrentamento com a polícia, dizendo que, na periferia, a corporação “faz o que quer”. “Os moleques estudam aí não ficam calados. Tem que ser assim mesmo”, diz o vendedor de sucatas.

4.11 Múltiplas vozes

Outra diferença grande da MN em relação às edições do JN é o grande número de entrevistas ao vivo, o que proporciona uma multiplicidade de vozes e nuances de discursos - por vezes contraditórios -, possibilitando ao espectador ampliar a compreensão do movimento mesmo não estando presente nos protestos. As análises feitas pelos próprios manifestantes ouvidos - que por vezes evidenciam confusões e falta de compreensão do funcionamento das instituições - complexificam a leitura dos protestos e revelam a multiplicidade de vozes nas manifestações. Os entrevistados costumam ser escolhidos na hora pelos que reportam pela MN, mas, muitas vezes, dirigem-se ao comunicador com o intuito de serem ouvidos.

As interpretações trazidas por eles são múltiplas e em diversas camadas. No dia 11 de julho, dia do protesto que acompanhou o casamento da “Dona Baratinha” - neta de Jacob Barata, conhecido como rei do ônibus no Rio - no Copacabana Palace, por exemplo, uma senhora atribui a grandiosidade das manifestações ao fato de as autoridades não escutarem a

⁵⁶⁹ BARCELLOS, Caco. **Profissão Repórter -- Manifestações (18/06/2013) HDTV**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps> >. Acesso em 13 jun 2017.

população mais jovem. “As autoridades públicas têm de compreender qual a linguagem dessa nova geração, quais são os símbolos que eles querem”, avalia. “Essa nova geração não é a mesma de dez anos atrás, 20 anos atrás”, continua ⁵⁷⁰.

Sugestões para autoridades, políticos e para os próprios manifestantes são, de forma geral, muito comuns nessas entrevistas. Na manifestação do dia 30 de junho, um homem identificado como Ike fala durante vários minutos sobre aspectos do movimento. Ele aborda a importância de organizar pautas e, ao responder uma pergunta do repórter, dá sua opinião sobre a postura de alguns manifestantes em querer expulsar integrantes de partidos políticos. Ele diz não concordar “com esse pensamento”, apesar de entender que exista uma insatisfação com a falta de representatividade dos partidos e afirma: “quando se está lutando pela mesma coisa, tem de colocar diferenças partidárias acima disso” ⁵⁷¹. Falas como essas mostram a diferença em relação ao discurso do JN, que por diversas vezes tratou a questão da aversão aos partidos como perspectiva única dos manifestantes e em momento algum fez ponderações mais analíticas sobre as motivações e consequências dessa postura.

Em outra ocasião, a polifonia também fica evidente. Ao entrevistar um taxista durante aproximadamente um minuto, o ninja conhecido como Carioca ouve, sem rebater, opiniões contrárias às manifestações e a favor da repressão: “Eu acho o seguinte: se uma manifestação pacífica serve pra esconder os baderneiros, que acabe. Eu preciso trabalhar, meu irmão” ⁵⁷². Ao ouvir críticas sobre a violência nos protestos, Carioca faz duas perguntas ao interlocutor: “Você acha que é essa a leitura que resolve?”; “Você acha que isso é por conta dos manifestantes ou por conta da repressão policial?”. O taxista responde que talvez a polícia não esteja sabendo lidar e a conversa é encerrada por Carioca, que diz ter de continuar a cobertura. Na mesma transmissão, ao perguntar a opinião de um homem que fecha a banca de jornais, ele ouve: “isso já passou dos limites. Não é mais manifestação, é vandalismo” ⁵⁷³. Na mesma edição, outro transeunte afirma que “muitas pessoas são pagas pra fazer isso”. Carioca não

⁵⁷⁰ **Live Gravada #15467916**. Disponível em <http://twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15467916>

⁵⁷¹ **Live Gravada PEC 171 em BsB #14854921**. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/midianinja/movie/14854921>> a partir do minuto 10

⁵⁷² **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 5`18.

⁵⁷³ Ver **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 11.

rebate nem comenta as falas e, em seguida, volta a criticar a atitude da polícia, que segundo relatos, estava atirando balas de borracha a queima-roupa nos manifestantes.

Apesar do embate em relação à polícia de que tratamos anteriormente, em diversos momentos, há elogios à postura de determinados policiais e ressalvas à generalização em relação à postura dos agentes, como o faz Bruno Teles, ao ressaltar que não todos, mas "alguns polícias (sic)" agem de forma incorreta:

“Tem policiais corretos e tem policial que reprime, entendeu? Nem todos estão ligados a esse sistema. Tanto que o comandante que me trouxe, que eu esqueci o nome, foi muito educado comigo e me tratou muito bem. Infelizmente tem policiais que não ajuda (sic) que quer fazer você ficar dentro de casa. Não fiquem, saiam”⁵⁷⁴.

A avaliação de Bruno remete a um dos episódios de grande repercussão nas redes sociais, não tratado pela mídia corporativa. No protesto de 17 de junho de 2013, o agente penitenciário - que veste camisa com identificação da polícia penal - Darney Diógenes, de 33 anos, ajoelhou-se e jogou sua arma na fogueira em frente à Assembleia Legislativa do Rio. “Servir a um estado desses? Eu tenho vergonha, pô! Tenho vergonha do que a gente passa todos os dias”⁵⁷⁵. O agente, que fez discursos contra o estado e estimulando outros policiais a fazer o mesmo - foi ameaçado⁵⁷⁶ e chegou a ser preso acusado de formação de quadrilha⁵⁷⁷.

Também contribui para esta polifonia⁵⁷⁸ a intensa interação com a audiência nas transmissões, criando um novo paradigma, impensável para a televisão tradicional. Trata-se de particularidade original das transmissões ao vivo via *streaming*: uma caixa de diálogo com livre acesso passa a integrar a transmissão e influenciar direta e simultaneamente quem está captando as imagens e quem assiste aos vídeos. Os espectadores conversam entre si, fazem críticas de todos os tipos, sugestões de conteúdo e forma, perguntas aos entrevistados e correções em tempo real, além de algumas vezes ajudar a guiar os comunicadores no espaço

⁵⁷⁴ **Mídia Ninja - Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kHBWQ6PdtiE>>, Acesso em 26 de maio de 2017.

⁵⁷⁵ **Policial lança sua arma no fogo em protesto no Rio.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6FCIIIqaXig>>. Acesso em 2 jul 2016.

⁵⁷⁶ **Falso Anonymous tenta interromper a manifestação do Policial Darney Diógenes.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=QeVR8s12tmo>>. Acesso em 2 jul 2016.

⁵⁷⁷ COSTA, Ana Claudia. MENDES, Taís. ARAÚJO, Vera. **Justiça concede liberdade provisória para dois estudantes presos em manifestação.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/justica-concede-liberdade-provisoria-para-dois-estudantes-presos-em-manifestacao-8742247>>. Acesso em 2 jul 2016.

⁵⁷⁸ Ver apropriação do conceito de polifonia no capítulo 1.

⁵⁷⁹. Após o fim de manifestação no Centro do Rio no dia 11 de julho, vários internautas sugerem que o rapaz que transmite pelo perfil *midianinja_rj* siga para o Largo do Machado e o orientam como chegar: alguns sugerem ônibus, outros táxi e outros metrô ou bicicleta, conforme podemos ver na sequência abaixo. Outro exemplo de interação com a audiência é o pedido de Carioca ⁵⁸⁰ aos espectadores para que dêem notícias de outro colaborador da MN, o Ninja 2.

Figura 62 - Pessoas sugerem caminhos ao repórter

The image shows a vertical list of tweets from a Twitter chat. Each tweet includes a profile picture, the user's name and handle, the text of the tweet, and the timestamp. The tweets are as follows:

- f:Leandro Barreto** (f:1224626561): Ninja perdido (2013-7-11 19:43:27)
- f:Leandrodrigues** (LEANDRO RODRIGUES): Palácio Guanabara! (2013-7-11 19:42:59)
- f:Felipe André** (f:100001297407655): bixado..... (2013-7-11 19:43:19)
- f:Luciano Frigeri** (f:100001282098084): Metrô! (2013-7-11 19:42:58)
- rj_niteroi** (RJ Niteroi): NINJA VAI PRO PALACIO GUANABARA METROOOOOOOO (2013-7-11 19:43:18)
- f:Joice Dias** (f:1239822047): pega o metrô!! ação!!! (2013-7-11 19:42:56)
- f:Fernando Lopes Lima** (f:1127910553): ele vai de metro, bicho unha de fome (2013-7-11 19:43:15)
- mariacsenna** (Christina Senna): PEGA TAXI ENTAO (2013-7-11 19:42:55)
- f:Sonia de Mattos** (f:100000362048071): palacio guanabara metro (2013-7-11 19:43:09)
- f:Urubu Rei** (f:100003869097218): pega o metro (2013-7-11 19:42:55)
- f:Aquinderreis Capoeira Angola Norway** (f:100000125305758): descola uma bike ninja. (2013-7-11 19:43:08)
- GinoAndrade** (Gino Andrade): vai de metrô, pega na cinelândia! (2013-7-11 19:42:54)
- f:Carlos Ribeiro** (f:100000935990604): porra (2013-7-11 19:43:08)
- f:Andrea Mondino** (f:585316112): de metro é pertinho! (2013-7-11 19:42:53)
- gleyseh** (gleyseh): Palácio Guanabara ! (2013-7-11 19:43:08)
- f:Mônica Souza** (f:100005281930999): Estou perto. Manifestação no Palácio Guanabara. (2013-7-11 19:42:51)
- f:Felipe André** (f:100001297407655): ihhhhhh (2013-7-11 19:43:08)

Fonte: Twitcasting ⁵⁸¹

⁵⁷⁹ **Live Gravada #15363828** Disponível em <http://pt.twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15363828>. Acesso em 10 fev 2017.

⁵⁸⁰ **Prisão Carioca Bruto**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 18.

⁵⁸¹ **midianinja_rj » Live Gravada #15363828 » Histórico de Comentários de Live Gravada #15363828 (293)**. Disponível em <http://pt.twitcasting.tv/midianinja_rj/moviecomment/15363828-2>. Acesso em 12 fev. 2017

CONCLUSÃO

"A esperança é teimosa. Se a esperança se perder, o sol se põe para nunca mais".

Marcio Tavares d'Amaral

Um aforismo popular na academia diz que a especialização universitária é saber cada vez mais sobre cada vez menos até chegar ao extremo de saber tudo sobre nada. Apesar dos conselhos em contrário, não foi esse o caminho que fizemos até aqui. Diferente do mergulho em um único aspecto das manifestações de 2013-2014 e suas interrelações com os estudos da memória construídas por discursos mediados, a busca neste trabalho foi por montar um mosaico com peças teóricas e empíricas a fim de permitir, primeiro a nós mesmas - autora e orientadora -, depois aos leitores, atuais e futuros pesquisadores, sistematizar e compreender os principais aspectos dessa correlação.

Dar conta de objeto tão complexo e de suas narrativas não menos multifacetadas, no contexto de uma contemporaneidade recheada de melindres e desafios para quem busca compreendê-la minimamente, pareceu missão intransponível em diversos momentos. Muitas foram as mudanças ao longo do caminho. Descobertas de autores, reviravoltas na metodologia e mergulhos em assuntos outros que depois se mostraram desconectados do objeto fizeram parte deste percurso. Intenso e conturbado percurso. Se essa conclusão fosse um confessionário, não teria dúvidas em assumir: a culpa por tamanha montanha-russa acadêmica nesses 30 meses de trabalho é minha, toda minha.

Poderia ter diminuído o escopo da análise, o período investigado, decidido por um veículo apenas, um repórter do Jornal Nacional ou um perfil da Mídia Ninja, quem sabe. Poderia ter focado no primeiro ano dos protestos, no primeiro mês, nos primeiros dias, apenas no histórico 20 de junho de 2013, por que não? Ou quem sabe adotado como objeto as ocupações mais prolongadas - todas ou somente uma delas - ou os atos performáticos, com uso de referências cinematográficas e teatrais. Poderia, em vez de abarcar protestos em toda a cidade, ter delimitado mais a região analisada, escolhido um bairro, uma praça ou mesmo um dos prédios públicos ou ruas que manifestantes adotaram como lar por dias e mais dias. Outra opção seria embrenhar-me pelos diferentes discursos acerca da tática black bloc, pensar no papel dos adeptos para os rumos do movimento. O mesmo recorte poderia ter sido feito para a

atuação da polícia: como suas ações foram legitimadas, contestadas, representadas e, depois, rememoradas?

Recebi alguns conselhos para afunilar mais, abarcar menos. Assim o fizeram com competência alguns dos trabalhos acadêmicos consultados sobre as Jornadas de Junho. Não consegui. Não agora. A cada tentativa de diminuir o corpus, levar em conta menos aspectos, conceitos ou cortar autores e notas de rodapé, também diminuía o entusiasmo e o prazer do percurso. Logrei abrir mão de discutir conceitos importantes, a exemplo de massas, multidão, enxames, movimentos sociais, genealogia das redes, da internet e da cibercultura, esfera pública, poder, corpo e identidade. Os pesquisadores que trataram das mesmas manifestações nos últimos quatro anos o fizeram com maestria e pouco teria a acrescentar ao conjunto das reflexões.

Mas como deixar de fora aspectos da contemporaneidade ainda pouco ou nada relacionados ao objeto que nos propusemos a examinar? Como não falar de filtro-bolha, presentismo, pós-verdade e democracia? Seria possível versar sobre os tão controversos protestos de 2013 e 2014 sem dimensioná-los historicamente, sem compará-los a outros semelhantes ao redor do mundo, sem mencionar o coletivo Anonymous e a tática black bloc? Um trabalho sobre manifestações e suas coberturas que não se lançasse na busca das motivações que levaram milhões às ruas seria razoável? Como tratar do objeto sem falar de ressonância, solidariedade, empatia, direito à cidade, transporte, repressão, vigilância, empoderamento e da histórica luta humana pelo 'direito a ter direitos'? Por mais inconclusiva que possa ser a discussão, seria plausível não nos ocuparmos dos futuros e ameaças à memória coletiva e social? Seria possível deixar algum desses aspectos de fora? Provavelmente sim. Não para mim. Não nesse momento.

Escolhi o objeto por ser profundamente afetada por ele. Por entender os levantes de 2013 e 2014 como portadores de elementos ímpares para pensar a contemporaneidade, as novas resistências, a comunicação mediada e a democracia. Aliadas ao uso de novas tecnologias e de formas distintas de ocupação e representação do espaço público, as insurgências brasileiras e os levantes ocorridos em outros pontos do globo na última década trazem ingredientes transformadores e, quiçá, refundadores dos estudos da memória. Não registramos, não narramos, não nos relacionamos e não construímos discursos memoráveis

como antes. Para embaralhar ainda mais a perspectiva do campo, a chamada pós-verdade adiciona ameaças nunca antes vistas à rememoração.

Se as redes sociais, com seus filtros, algoritmos e direcionamentos individualizados, modificaram a forma de consumir notícias e conformar memórias, proporcionando um novo ambiente de mídia, elas também acabam por influenciar profundamente os processos e debates democráticos. Para o bem e para o mal - com exemplos diversos, ainda é impossível saber para qual lado pende o pêndulo dessa influência.

Acreditamos que os levantes de 2013 modificaram os rumos do país: a partir das insurgências, todos foram convidados a se posicionar politicamente. Graças aos protestos e às redes sociais, descobrimos afinidades ideológicas de amigos próximos e distantes, de familiares, artistas, políticos, veículos de imprensa e coletivos de mídia. Descobrimos os próprios coletivos de mídia, antes com atuação marginal e limitada. Quase impelidos a nos colocar sobre uma gama de questões até então não pautadas, não agendadas e não presentes na maior parte das rodas de conversa, descobrimos a nós mesmos, avançamos ou revimos convicções e valores. A descoberta também foi da rua como palco de reivindicação e a ocupação desse espaço passou a ser uma possibilidade para grupos e indivíduos das mais diferentes correntes ideológicas.

Pesquisadores dos meios de comunicação e interessados na área de forma geral ganharam a possibilidade de comparar os conteúdos e discursos da grande mídia com material em larga escala produzido pela cobertura independente por manifestantes, integrantes ou não da Mídia Ninja. Centenas de milhares de jovens experienciaram pela primeira vez reivindicar o comum nas ruas, ocupar suas cidades. Pautas silenciadas acerca das nossas maiores mazelas, a exemplo do assassinato sistemático de milhares de moradores das periferias, ganharam destaque aqui e no mundo com os protestos exigindo o paradeiro do pedreiro Amarildo. Prédios históricos deixaram de ser destruídos e as pequenas conquistas e experiências empoderaram novas gerações. Mentalidades foram transformadas, novos movimentos surgiram. Um sem-número de encontros e vivências deixou marcas indeléveis em quem deles participou. Somemos a isso a aprovação, em 2013, de legislação que na prática criou a polêmica delação premiada no Brasil e que passaria a ser amplamente utilizada para colocar políticos e empresários atrás das grades em proporções nunca antes vistas,

desvendando esquemas de corrupção e arranjos sórdidos por trás do funcionamento de campanhas políticas e contratos públicos.

Em 2013, um flanco de esperança se abriu e permitiu que essa dissertação nascesse quatro anos depois. A referência ao nascimento quando se termina um projeto dessa proporção é clichê, mas é difícil não recorrer a ela. Quando disse a uma colega de trabalho que estava grávida e fazendo Mestrado, ela retrucou: então, na verdade, você está esperando gêmeos. Demorei alguns segundos para entender, mas após me dar conta do tamanho do desafio que viria, a frase e o paralelo entre parir um filho e concluir uma dissertação foram lembrados diversas vezes durante a jornada acadêmica e materna, iniciadas quase simultaneamente. Os dois percursos são, de fato, entremeados de pontos em comum. Afeto, sensibilidade, experiências, empatia, muita leitura, busca por conhecimento, trocas, solidariedade, descobertas e insegurança marcaram ambas as trajetórias.

Descobri a existência de células se multiplicando em velocidade espantosamente acelerada no meu ventre dias depois do resultado do processo seletivo do Mestrado, em janeiro de 2015. Camilo, então sem nome, sem sexo e sem forma, ganharia tudo isso e nasceria antes da dissertação, me dei conta. Resolvi levar adiante os dois projetos e tive sorte, muita sorte de ter uma gravidez sem percalços, um bebê tranquilo e saudável nos primeiros meses de vida, além de professores carinhosos e compreensivos. Com ele na barriga e depois nos braços e no seio, assistimos diversas aulas.

As duas trajetórias foram tão entrelaçadas que Camilo decidiu nascer após ouvir as palavras de ninguém menos que o professor emérito da escola que me acolheu, Marcio Tavares d'Amaral. Com 40 semanas e um dia de gravidez, acordei naquele 3 de outubro de 2015 pesada, com a respiração lenta e profunda e um sorriso cansado no rosto. Já passava da hora de Camilo conhecer a vida fora do útero, mas ele não dava sinais de que viria e, enquanto isso, eu andava lentamente, com as dores e delícias de ter dois corações pulsando em mim. O sorriso ganhava um ingrediente extra naquela manhã: contrariando todas as expectativas, poderia assistir à palestra do professor Marcio, com quem tinha tido o privilégio de conviver nos últimos meses em sala. Era o quinto encontro de História, Filosofia e Religião e o tema seria correlato ao dessa pesquisa: o papel e as condições do pensamento numa sociedade em que a imagem constitui e orienta modos de ser, dizer e pensar.

Para minha sorte, Marcio fizera, na palestra, referência ao meu objeto de estudo. Os protestos de 2013, disse ele, trazem uma questão à tona: é urgente o debate entre verdade e versão. Estava posta a necessidade de abordar a pós-verdade. Naquele dia, por volta de 23h, o real de que tanto o professor falava bateu à porta com força. Camilo enfim decidira sair do conforto líquido e quente para nossa realidade. Mesmo sendo a "realidade hipercomplexa, com lisuras e asperezas, luminosa e opaca". Cada coisa é muitas, mas "a graça está nisso", nos dizia Marcio. Aquela dor ritmada que eu tentava encarar como ondas necessárias para o melhor nascimento possível para ele e para mim nada tinha de virtual pós-moderno. Era visceral, humano, demasiado humano. Camilo chegaria a esse mundo 26 horas após a primeira contração, depois de um intenso, exaustivo e desafiador trabalho de parto em que nascemos ele, eu, nossa nova família e muita esperança.

E como a última palestra antes de concluir um dos dois ciclos, assim foi a trajetória acadêmica: entre aulas, vídeos, entrevistas e leituras, o pensamento passeava por referências próprias: com isso, o vitral que representa meu entendimento da realidade e suas representações ganhava novas peças e eu saía de cada encontro pessoal ou com autores com a sensação de que compreendia um pouco melhor o mundo e como chegamos a ele, o nosso mundo, este mundo que em breve começaria a ter de explicar para outro ser que me habitava. Em cada momento de contato empírico ou teórico, era apresentada a novas nuances, perspectivas, olhares, correntes de pensamento, citações, entendimentos e inspiração.

Confesso que quando comecei a esboçar essas linhas finais, já em meados de 2017, me perguntei se tal inspiração, entusiasmo e esperança iniciais ainda se faziam presentes de alguma forma; tempos difíceis vivemos no Brasil e no Rio. Durante um desses auto-questionamentos, num exemplo que Carl Jung atribuiria à sincronicidade, recebi pelo celular a notícia de que um dos principais alvos das manifestações da cidade em 2013 acabara de ser preso. O empresário Jacob Barata Filho, descendente do 'rei do ônibus', fora capturado quando tentava embarcar para Portugal com passagem só de ida e estava prestes a ser enviado para a Superintendência da Polícia Federal do Rio, suspeito de participar de esquema de propinas montado há nada menos que 25 anos no transporte público da cidade ⁵⁸².

⁵⁸² GUIMARÃES, Arthur. **Cabral recebeu R\$ 122 milhões de propina de empresas de ônibus, diz MPF**. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/cabral-recebeu-r-122-milhoes-de-propina-de-empresas-de-onibus-diz-denuncia-da-lava-jato.ghtml> >. Acesso em 9 jul 2017.

A notícia me fez sorrir e rememorar, instantaneamente, a noite do dia 13 de julho de 2013 e a alvorada do dia 14, quando manifestantes acompanharam o casamento da filha do empresário, Beatriz Barata, da igreja do Carmo, no Centro da cidade, ao hotel Copacabana Palace, onde a festa avaliada em R\$ 3 milhões foi realizada ⁵⁸³. Unida virtualmente a milhares de pessoas, assisti à transmissão ao vivo do protesto até de madrugada, sem conseguir dormir ou concluir qualquer outra atividade. A ação com traços ora dramáticos e teatrais, ora irônicos e tensos, contou com manifestantes vestidas de noiva, distribuição de baratas de plástico aos convidados, conhecidos dos noivos jogando bem-casados e notas de R\$ 20 do terraço do hotel nos manifestantes, cenas de um rapaz ferido na cabeça por um cinzeiro de vidro supostamente atirado pelo primo de Beatriz, várias bombas de efeito moral, balas de borracha e bem-humorados cantos dirigidos aos noivos e convidados ⁵⁸⁴.

A cobertura da imprensa do Rio foi limitada - a Rede Globo, por exemplo, não mencionou o episódio -, mas assim como eu, a colunista social Hildegard de Angel acompanhou as transmissões até o fim e escreveu notável coluna ⁵⁸⁵ com os bastidores de dentro e de fora da festa. Com "um frio na espinha" enquanto assistia as manifestações pela Mídia Ninja, Angel, em narrativa entremeada de recursos memoráveis, temia que o casamento luxuoso virasse uma espécie de 'Bastilha carioca', em referência ao episódio da Revolução Francesa também ocorrido num 14 de julho em frente ao Palácio de Versailles, comparado pela colunista ao Copacabana Palace. Crítica à ostentação excessiva da festa, que teve decoração suntuosa, o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes como padrinho, show do cantor Latino, a "mais fantástica coleção de vestidos jamais reunida numa festa no Rio de Janeiro" e champanhe Veuve Clicquot para os 1050 convidados presentes, com lugar para absolutamente todos sentarem, Angel ressaltou que, da varanda, "convidados rebatiam as provocações verbais atirando bem-casados na 'plebe' (bem à la Maria Antonieta, que ofereceu bolinhos, lembram?)".

A colunista, que deu conhecimento do episódio e da MN a um público até então não alcançado pelas transmissões do coletivo, destacou também a atitude de um dos motoristas

⁵⁸³ GRILLO, Cristina. **Barata voa**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/119146-barata-voa.shtml> >. Acesso em 9 jul 2017.

⁵⁸⁴ "Ah, ah, ah, o noivo vai broxar!", "Uh, uh, uh, todo mundo para Bangu", "Nesse hotel tem Barata!" e "Eu também paguei essa festa, quero meu bem-casado" eram alguns deles.

⁵⁸⁵ ANGEL, Hildegard. **CASAMENTO DE BEATRIZ BARATA: NOSSO 14 DE JULHO, NOSSA BASTILHA CARIOCA!** Disponível em < <http://www.hildegardangel.com.br/casamento-de-beatriz-barata-nosso-14-de-julho-nossa-bastilha-carioca/> >. Acesso em 9 jul 2017.

dos convidados ao arrancar "o celular da repórter 'Ninja', que, como ninja, deu um salto e conseguiu recuperá-lo, botando o elemento pra correr". Sem saber, a filha de Zuzu Angel ressaltava os efeitos de ressonância das imagens e se mostra claramente afetada por elas. A repórter da MN, contou Angel, após tentativa de ter seu celular apreendido, "recorreu a um policial, que a tratou com impertinência, parecendo alcoolizado. Tudo isso registrado pela câmera Ninja. **E a rede social participando, reagindo, se indignando**" (grifo nosso). A colunista continuou o relato lembrando da negativa do hotel em ajudar o manifestante ensanguentado, ferido pelo cinzeiro - "está aí cometido o grande erro da noite!" - e a comoção e solidariedade geradas pela a atitude na rede. Recorrendo à memória, Angel diz:

"O Copa, neste momento, rompe sua tradição histórica de cordialidade com a população carioca e de diplomacia e assume uma postura hostil. A multidão na rua se enfurece. A multidão virtual também e passa a convocar o envio geral de comentários negativos à página do hotel na internet. Uma guerra aberta contra o maior tesouro da hotelaria brasileira! Eu, confesso, quase choro. Adoro o Copa. O Copa é o Rio, nossa memória, nossa História".

A colunista continua contando que o rapaz ferido foi levado por uma advogada à delegacia para prestar queixa de tentativa de homicídio e, algum tempo depois - quase 4h da manhã -, o Batalhão de Choque dispersa com violência os manifestantes que restavam na Avenida Atlântica. O gás lacrimogêneo afeta os convidados, que tosse ao sair do hotel, e são ironizados pelos manifestantes protegidos com máscaras. Angel finaliza o texto novamente recorrendo à memória, lembrando que "nada, jamais, em tempo algum, se comparou à ferocidade do acontecimento irado deste 14 de Julho carioca, em nosso Versailles, o Copa". Um 'detalhe' descoberto pela imprensa dois dias depois e também lembrado agora com os gatilhos do presente: Beatriz já havia reservado os mais de 800 metros quadrados do hotel onde ocorrera a festa desde seu relacionamento anterior com o executivo Renato Amorim. Após o término do noivado, a jovem começou a se relacionar com Francisco Feitosa Filho, herdeiro de Francisco Feitosa - poderoso empresário do setor de transportes do Ceará - e os planos de casar na disputada igreja do Carmo e no Copacabana Palace foram mantidos.⁵⁸⁶

O protesto cheio de elementos originais e suas representações, bem como as revelações de bastidores que vieram à tona com ele, foram, sem dúvida, grandes instigadores

⁵⁸⁶ GRILLO, Cristina. **Barata voa**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/119146-barata-voa.shtml> >. Acesso em 9 jul 2017.

para buscar o Mestrado e refletir de maneira mais profunda e embasada sobre o que ocorria na cidade. Foram também estímulos para não limitar o escopo da pesquisa ao mês de junho de 2013, como fizeram os trabalhos acadêmicos anteriores. Àquela época, afetada pela atuação da Mídia Ninja, escrevi para amigos: "Impressionante e **memorável** o que o pessoal do Mídia NINJA está fazendo. Transmissão ao vivo de toda a manifestação (...), com mais de 3 mil pessoas assistindo e os tweets ao lado em tempo real. Nesse momento, integrantes da OAB chegam para verificar o motivo da detenção de 30 pessoas". Na mensagem, identifico hoje que talvez os elementos interconectados neste trabalho, ainda longe de uma sistematização e reflexão mais profunda, já estavam presentes nas observações iniciais.

Figura 63 - Casamento de Beatriz Barata é marcado por protestos



Fonte: Mídia Ninja

Infelizmente o vídeo que me impressionara e me fizera pensar o quão memorável seria aquela cobertura não está mais disponível, o que reforça nossa preocupação sobre a perpetuação da memória alternativa à da TV para as próximas gerações. Felizmente, no entanto, quatro anos depois daquele bimestre de 2013 que me tocara profundamente, a prisão,

primeiro do ex-governador Sergio Cabral e depois de Jacob Barata Filho, com a descoberta de que milhões em propinas foram pagos para que a tarifa de transporte público beneficiasse empresários em detrimento de usuários, mostram que os focos dos manifestantes do Rio foram um tanto quanto acertados. Além disso, com a prisão do executivo e a descoberta de detalhes sórdidos dos esquemas, surge uma nova e positiva memória dos protestos, trazida em diversas matérias da imprensa corporativa e em mensagens difundidas nas redes. A coluna de Hildegard Angel escrita à época foi novamente lembrada e celebrada e novas narrativas estão sendo construídas com as memórias daquele período ⁵⁸⁷.

Dotada de esperança e forças de origens desconhecidas, me mantive firme durante todas as horas para que Camilo nascesse no tempo certo. Por ele e com uma nova esperança, terminei esse trabalho disposta a lutar pela memória daqueles meses, sem arrefecer nos momentos difíceis. Como nos diz Marcio, a esperança não esquece. Não se envenena. "A esperança espera. E quando há brecha, passa".

⁵⁸⁷ BERTA, Ruben. **JACOB BARATA E A MALDIÇÃO DOS CASAMENTOS NO COPACABANA PALACE**. Disponível em < <https://theintercept.com/2017/07/03/jacob-barata-e-a-maldicao-dos-casamentos-no-copacabana-palace/> >. Acesso em 9 jul 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALDÉ, Alessandra. DOS SANTOS, João Guilherme Bastos. **AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO: Estratégia em rede para resistência civil**. Compós, 2014.
- ALI, Tariq et al. **Occupy. Movimentos de protestos que tomaram as ruas**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- ALVES, Amanda et al. **Não é por centavos: um retrato das manifestações no Brasil**. Rio de Janeiro: Liga, 2014.
- AGOSTINHO, Santo. **As confissões**. Quadrante-Sociedade de Publicações Culturais, 1999.
- ALSINA, Miquel Rodrigo. **A construção da notícia**. Tradução Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- ANDÉN-PAPADOPOULOS, Kari. **Amateur images and global news**. Intellect Books, 2011.
- _____. **Citizen Camera-witnessing: Embodied political dissent in the age of 'mediated mass self-communication'**. *New Media & Society*, p. 1461444813489863, 2013.
- ANDERSON. C. W. et al. **Jornalismo Pós-Industrial - Adaptação aos novos tempos** - Columbia University. Revista de Jornalismo ESPM. Edição Especial de Aniversário. número 5. Ano 2. Abril, maio e junho 2013.
- AGAMBEN, Giorgio. **Le cinéma de Guy Debord**. *Image et mémoire*, p. 65-76, 1998.
- ANTOUN, Henrique; MALINI, Fábio. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- AQUINO, Tomás de. **Suma teológica II**. Edições Loyola, 1981.
- ARBEX JÚNIOR, José. **Showrnalismo: a notícia como espetáculo**. 2. ed. São Paulo: Casa Amarela, 2001. 294 p.
- ARENDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. Madrid: Taurus, 1974.
- _____, Hannah. **Sobre a Revolução**. São Paulo: Companhia das Letras (2013 [1963]).
- ARISTÓTELES. **Parva Naturalia**. Madri: Alianza, 1999
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 1987.
- BARBOSA, Marialva. **Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória**. Niterói, EDUFF, 2007.
- NASCIMENTO, Cristiano; BARRETO, Túlio Velho. **'Habitus' dos torcedores brasileiros e adoção do 'padrão Fifa' nos estádios da Copa do Mundo de futebol 2014**. *Estudos de Sociologia-ISSN: 2317-5427*, v. 2, n. 19, 2015.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978. Título original: "Éléments de sémiologie", 1964.
- _____, Roland. **Camera lucida: Reflections on photography**. Macmillan, 1981.
- BEAUVOIR, Simone de. **A Mulher Desiludida**. São Paulo: Difusão Européia do Livro: 1968
- BELL, Daniel. **O advento da sociedade pós-industrial**. São Paulo: Cultrix, 1974.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENNETT, Colin J. et al. (Ed.). **Transparent lives: surveillance in Canada**. Athabasca University Press, 2014.
- BENTES, Ivana. **Mídia-Multidão: estéticas da comunicação e biopolíticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016. Edí ço kindle.

- BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. WMF M. Fontes, 2010.
- BORBA, Maria; FELIZI, Natasha; REYS, João Paulo. **Brasil em movimento: Reflexões a partir dos protestos de junho**. Editora Rocco, 2014.
- BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Zahar, 1997.
- BRASIL, Andre. **O ensaio, pensamento “ao vivo”**. In: FURTADO, Beatriz (Org). *Imagem contemporânea: cinema, tv, documentario, fotografia, videoarte, games...* Sao Paulo: Hedra, 2009.
- BRITO, Renata Romolo. **Os Direitos Humanos na perspectiva de Hannah Arendt**. Revista Ética & Filosofia Política. Volume 9, Número 1, junho, 2006.
- CARDOSO, Gustavo; DI FATIMA, Branco. **MOVIMENTO EM REDE E PROTESTOS NO BRASIL Qual gigante acordou?**. Revista ECO-Pós, v. 16, n. 2, p. 143-176, 2013.
- CARRASCO, Vinicius. **"#descontent@mento - O que comunicam os protestos brasileiros de 2013", 2015**. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2015
- CARREIRA, Lia; GOVEIA, Fabio; SOUZA, Tasso. **As ressignificações da hashtag #VemPraRua a partir do uso de imagens no Twitter**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES, 2014.
- CERTEAU, Michel de. **A operação historiográfica**. *A escrita da história*, v. 2, p. 65-109, 1982.
- CARVALHO, Leno Veras de. **Cápsulas do tempo - memória e amnésia: iconologia imagética em espaço mnemotécnico**. 2014. 113 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.
- CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança**. 2014. Editora Zahar, edição kindle.
- CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João; CARDOSO, Gustavo. **As culturas da crise econômica**. In: CASTELLS, Manuel; CARAÇA, João e CARDOSO, Gustavo (Orgs.). *Rescaldo e mudanças: as culturas da crise econômica*. Lisboa: Esfera do caos, 2012, pp. 19-32.
- CARDOSO, Gustavo; DI FATIMA, Branco. **Movimento em Rede e Protestos no Brasil: Qual gigante acordou?** Revista ECO-Pós, v. 16, n. 2, p. 143-176, 2013.
- CAVA, Bruno. **A Multidão foi ao Deserto**. São Paulo: Annablume, 2013.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução Angela M. S. Corrêa. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013.
- CHOMSKY, Noam. **Occupy**. Zuccotti Park Press, 2012.
- COLOMBO, Fausto e BORGES, Beatriz. **Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. Perspectiva, 1991.
- COPPEDGE, Michael. **Defining and measuring democracy**. Working paper, International, 2005.
- D'ANDRÉA, Carlos; ZILLER, Joana. **Violent Scenes in Brazil's 2013 Protests The Diversity of Ordinary People's Narratives**. *Television & New Media*, v. 17, n. 4, p. 324-334, 2016.
- DAHL, Richard. **Polyarchy: Participation and Opposition**. New Haven: Yale University Press, 1972
- DALMAZ, Carla. NETTO, Carlos Alexandre. **A Memória**. *Cienc. Cult.* vol.56 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004

- DAYAN, Daniel. **Télévision interruptive: entre spectacle et communication**. Hermès, La Revue, n. 1, p. 143-153, 1989.
- DE CASTRO GOMES, Angela Maria. **Direitos e cidadania: memória, política e cultura**. FGV Editora, 2007.
- DE MELO, Victor Andrade. **A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural**. 2007.
- DE MORAES, Maria Célia Marcondes; MULLER, Ricardo Gaspar. **História e experiência: contribuições de EP Thompson à pesquisa em educação**. Perspectiva, v. 21, n. 2, p. 329-349, 2003.
- DE OLIVEIRA, Felipe Moura; HENN, Ronaldo Cesar. **Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo**. Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura, v. 12, n. 1, p. 39-54, 2014.
- DE REZENDE, Guilherme Jorge. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. Summus Editorial, 2000.
- DE OLIVEIRA, Felipe Moura; HENN, Ronaldo Cesar. **Movimentos em rede e ocupação do espaço público: limites e possibilidades ante a crise do jornalismo**. Contemporânea- Revista de Comunicação e Cultura, v. 12, n. 1, p. 39-54, 2014.
- DE SOUZA, Paula Falcão. **A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede**. O #vempruarua no Brasil. Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DEMOCRACY INDEX 2015. **Democracy in an age of anxiety - A report from The Economist Intelligence Unit**, EIU, Jan, 2016.
- _____. 2014. **Democracy and its discontents - A report from The Economist Intelligence Unit**, EIU, Jan, 2015.
- DOSSE, Francois. **Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix**. Sao Paulo: Editora Unesp, 2013.
- FERRARA, Lucrecia. **A Comunicação: da epistemologia ao empírico**. Compos, 2014.
- DO ROSÁRIO, Cláudia Cerqueira. **O lugar mítico da memória**. MORPHEUS, v. 1, n. 1, 2002.
- EAGLETON, Terry. **A idéia de cultura**. Unesp, 2005.
- ENTMAN, Robert M. **Framing: Toward clarification of a fractured paradigm**. Journal of communication, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.
- FANG, Irving E. **Television news**. 1972.
- FARIAS, Camila Cavalcante. **Cultura Digital e Cidadania: O caso Fora do Eixo 18/07/2014** 136 f. Mestrado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFBA.
- FENTRESS, James; WICKHAM, Chris. **Memória social**. Universitat de València, 2003.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Homo deletabilis: corpo, percepção, esquecimento do século XIX ao XXI**. Garamond, 2010.
- _____. **Nietzsche: esquecimento como atividade**. Cadernos Nietzsche, v. 7, p. 27-40, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário Aurélio**. São Paulo: editora Nova Fronteira, ano (1989).
- FESTINGER, Leon. **A theory of cognitive dissonance**. Stanford university press, 1962.
- FIGUEIREDO, Rubens (org.). **Junho de 2013: A sociedade enfrenta o Estado**. Summus Editorial, São Paulo, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder** (1979). Rio de Janeiro, Edições Graal, 1999.

_____, Michel. **Vigiar e punir**. Leya, 2014.

FRANÇA, Vera. **O acontecimento e a mídia**. Galáxia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica. ISSN 1982-2553, n. 24, 2012.

FRANÇA, Vera Veiga; BERNARDES, Mayra. **Imagens, crenças e verdade nas manifestações de 2013 e 2015**. Rumores, Brasil, v. 10, n. 19, p. 8-24, July 2016.

FREUD, Sigmund. **O mecanismo psíquico do esquecimento** (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, Vol. 3). 1996.

FREITAS, Kenia. **A Ressonância das Imagens: A Emergência da Multidão no Egito, na Espanha e no Brasil**. 186 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

FREITAS, Leandro Q. **Medidas de centralidade em grafos**. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010

FREELON, Deen et al. **Opening closed regimes: What was the role of social media during the Arab Spring?** The project on Information Technology and Political Islam, 2011.

FROSSARD, Flavia. **A Biopolítica da Mídia Livre: produção coletiva e colaborativa na rede. Um estudo do circuito Fora do Eixo**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação – ECO, 2012.

FROSH, Paul. **The public eye and the citizen-voyeur: Photography as a performance of power**. Social Semiotics, v. 11, n. 1, p. 43-59, 2001.

FROSH, Paul; PINCHEVSKI, Amit. **Media witnessing: Testimony in the age of mass communication**. Springer, 2009.

GABLER, Neal. **Vida, o filme: como o entretenimento conquistou a realidade**. Companhia das Letras, 1999.

GILLMOR, Dan. **We the media: Grassroots journalism by the people, for the people**. O'Reilly Media, Inc., 2006.

GITLIN, Todd. **The whole world is watching: Mass media in the making & unmaking of the new left**. University of California Press, 1980.

GLOBO, Memória. **Jornal Nacional. A notícia faz História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

GODOY, Fernanda (org.). **O Brasil nas ruas**. Rio de Janeiro: Infoglobo/O Globo, 2013.

GOMES, Itania Maria Mota (org.). **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador, EDUFBA, 2012.

GORDILLO, Gaston. **The Revolution as Resonant Event: The Generative Materiality of Insurrections**. American Anthropological Association Meetings, San Francisco, Novembro, 2012.

GOUVÊA, Maria de Fátima Silva. **A história política no campo da história cultural**. Revista de História Regional, v. 3, n. 1, 2007.

GUSTAFSON, Donald F (ed). **Essays in philosophical psychology**. 1964.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990. Tradução de: La mémoire collective.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade. Presentismo e Experiências do Tempo**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

HARVEY, David. **The condition of postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change**. 1989.

HENN, Ronaldo. **O jornalismo como semiótica a realidade social**. XVII Encontro Anual da Compós. São Paulo: Unip, 2008.

HIRSCH, Marianne. **I took pictures: September 2001 and beyond**. *Trauma at Home: After 9*, v. 11, p. 69-86, 2003.

HOWARD, Philip. **The digital origins of dictatorship and democracy: Information technology and political Islam**. Oxford University Press, 2010.

HOWARD, Philip et al. **Opening closed regimes: what was the role of social media during the Arab Spring?**. Working Paper, Available at SSRN 2595096, 2011.

HUYSEN, Andreas. **Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. 1a ed. Rio de Janeiro: Contraponto: Museu de Arte do Rio, 2014.

_____. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro, Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna-RJ, 2000.

I PRAT, Joan Torres. **Consumo, luego existo: poder, mercado y publicidad**. Icaria, 2005.

INVISÍVEL, Comitê. **A insurreição que vem**. Brasil: Edições Baratas, 2013.

JÚNIOR, João Ferres. **Boletim M. Manchetômetro. Resumo da cobertura dos principais jornais do Brasil**. número 1, maio, 2017.

JUSTEN, Janine Figueiredo de Souza. **Os poemas-vida dos estranhos da cidade**. Rio de Janeiro, 2016. 176 f.

KEKIC, **The Economist Intelligence Unit's index of democracy**, 2008. Disponível em: <http://www.economist.com/media/pdf/DEMOCRACY_INDEX_2007_v3.pdf>. Acessado em 15/08/2015

LARROSA, Jorge. **Desejo de realidade. Experiência e alteridade na investigação educativa**. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (org.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

LARROSA, Jorge, LARA, Nuria Pérez. **Imagens do outro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

LEAL, Plínio Marcos Volponi. **Telejornalismo e cidadania: análise do Jornal Nacional e do Jornal da Cultura**. 2009.

LENT, Roberto. **Cem Bilhões de Neurônios. Conceitos Fundamentais de Neurociência-2ª edição**. Brasil: Editora Atheneu (2001).

LEVIN, Thomas. **Rhetoric of the Temporal Index: Surveillant Narration and the Cinema of Real Time**, p. 578-593. In: FROHNE, U; WEIBEL, P. (eds). *Rhetorics of Surveillance from Bentham to Big Brother*. Cambridge, MA: MIT Press, 2002.

LEWIS, Seth. **The Tension Between Professional Control and Open Participation: Journalism and Its Boundaries**. University of Minnesota Digital Conservancy, 2012

LIMA, Andre. **Redes e ruas: a cobertura dos protestos de junho de 2013**. 2015. 72 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Casper Líbero. São Paulo, SP, 2015

LINDBERG, Staffan I. **Mapping accountability: core concept and subtypes**. *International Review of Administrative Sciences*. June, 21 de June de 2013, Vol. 79, 2, pp. 202-226.

LOCATELLI, Piero. **#VemPraRua-As revoltas de junho pelo jovem repórter que recebeu passe livre para contar a história do movimento**. Editora Companhia das Letras, 2013.

LOYOLA, Ana Laura Morais. **Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015.** 2015.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado.** Projeto História (1998).

LYON, David. **Editorial. Surveillance Studies: Understanding visibility, mobility and the phenetic fix.** *Surveillance and Society*, 2002.

_____. **Surveillance, Snowden and Big Data,** *Big Data & Society*, 2014

_____. (org.) **Theorizing Surveillance: The Panopticon and Beyond.** Willan Publishing, 2006

MAIOR, Marcel Souto. **Almanaque da TV Globo.** Editora Globo, 2006.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Dicionário de Comunicação.** São Paulo: Paulus, 2010

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Rosto e a Máquina: o fenômeno da comunicação visto dos ângulos humano, medial e tecnológico.** Nova Teoria da Comunicação, v.1: São Paulo: Paulus, 2013.

MARICATO, Erminia et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil.** São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo.** São Paulo, Editora Loyola, 2004

MORAES, Alana et al. (orgs.). **Junho: potência das ruas e das redes.** Sao Paulo: Friedrich Ebert Stiftung, 2014.

MÜLLER, Ricardo. **Razão e utopia: Thompson e a história.** *Revista Diálogos*, v. 6, n. 1, 2002.

NAÍM, Moisés. **The YouTube Effect.** *Foreign policy*, n. 158, p. 104, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais.** Editora Companhia das Letras, 2004.

_____, Friedrich. **Genealogia da Moral. Uma polêmica.** Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

_____, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva. Da Utilidade e desvantagem da história para a vida.** Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

NEWMAN, Nic. **Digital News Report 2015 - Tracking the Future of News.** Reuters Institute for the Study of Journalism, 2015.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares.** In: Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, pp. 07-28, dezembro de 1993.

_____, Pierre. **L'evenement monstre.** In: *Communications*, 18, 1972. L'evenement. p.162- 172.

ORLANDI, Eni. **Silêncio e sentido. As formas do silêncio: no movimento dos sentidos,** 1992.

PARISER, Eli. **The filter bubble: What the Internet is hiding from you.** Penguin UK, 2011.

PENTEADO, et al. **Ação Política na Internet Brasileira. Perspectivas em Ciência da Informação,** v.16, n.1, p.111-132, jan./mar. 2011

PIRES, Daiane. **Junho de 2013: a emergência da multidão no telejornal (nacional) da massa.** 211 f. Dissertação (Mestrado em Processos e Manifestações Culturais) - Feevale. Novo Hamburgo-RS, 2016.

PLATÃO. **Sofista.** 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.38-39. Coleção Os Pensadores.

_____. **O Banquete.** 4.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, p.38-39. Coleção Os Pensadores.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** In: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PORTO, Mauro Pereira. **Televisão e política no Brasil: a Rede Globo e as interpretações da audiência**. Editora E-papers, 2007.

PRIOR, Markus. **Post-broadcast democracy: How media choice increases inequality in political involvement and polarizes elections**. Cambridge University Press, 2007.

QUÉRÉ, Louis. **A individualização dos acontecimentos no quadro da experiência pública**. Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura, n. 10, 2013.

READING, Anna. **Mobile witnessing: Ethics and the camera phone in the 'war on terror'**. Globalizations, v. 6, n. 1, p. 61-76, 2009.

REVEL, Jacques. **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Fundação Getúlio Vargas, 1998.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart, FREIRE FILHO, João e HERSCHMANN, Micael. **Entretenimento, Felicidade e Memória: forças moventes do contemporâneo**. 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A História do Seu Tempo: A imprensa e a produção do sentido histórico**. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, dez. 1995.

RUSHKOFF, Douglas. **Present shock: When everything happens now**. Penguin, 2013.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Editora Record, 2006.

SANTOS, Roberto. **Rede Social Digital e Mobilização Social - o Facebook nas Manifestações de Junho de 2013**. 206 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Territorialidades). Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. Editora Companhia das Letras, 2001.

SCHOLTE, J. A. **Civil Society and Democratically Accountable Global Governance**. Blackwell Publishing: Oxford, 2004.

SILVA, José. **A democracia em rede: Um estudo das Manifestações Mundiais e o uso das Redes Sociais Online de Internet**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2014.

SMELIK, Anneke. **Mediating Memories. The Ethics of Post-9/11 Spectatorship**. Arcadia-International Journal for Literary Studies, v. 45, n. 2, p. 307-325, 2011.

SOBCHACK, Vivian. **The persistence of history: cinema, television and the modern event**. Routledge, 2014.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

SOLANO, Esther; MANSO, Bruno Paes; NOVAES, Willian. **Mascarados: A verdadeira história dos adeptos da tática Black Bloc**. Geração Editorial, 2014.

SOLLA, Mariangela da Cunha. **Dentro ou fora do eixo? Uma cartografia das controvérsias sobre a produção cultural no Brasil** 176 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca Depositária: Fafich, 2014

SOUZA, Paula. **A Genealogia das Lutas Multitudinárias em Rede. O #vempruar no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) 130 f. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação, 2014.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. Edições Loyola, 1997.

TEIXEIRA, Carlos Savio. **A questão do experimentalismo democrático no pensamento de Mangabeira Unger**. 2008

_____. **Filosofia política e experimentalismo democrático: alternativa para realizar a justiça**. *ethic@-An international Journal for Moral Philosophy*, v. 13, n. 1, p. 204-222, 2014.

THOMPSON, E. P. P. **Poverty of theory**. NYU Press, 1978.

TODOROV, Tzvetan. **Les abus de la mémoire**. Paris: Arléa, 1995.

UNGER, Roberto Mangabeira. **A constituição do experimentalismo democrático**. Revista de Direito Administrativo, v. 257, p. 57-72, 2011.

VAN DIJCK, José. **Mediated memories in the digital age**. Stanford University Press, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Encontros**. Renato Sztutman (org.) Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2007.

ZELIZER, Barbie. **Covering the body: The Kennedy assassination, the media, and the shaping of collective memory**. University of Chicago Press, 1992.

ZELIZER, Barbie. **Finding aids to the past: Bearing personal witness to traumatic public events**. Departmental Papers (ASC), 2002.

ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (Ed.). **Journalism and memory**. Palgrave Macmillan, 2014.

ZILLER, Joana. **Grupos de parcialidade e moralismo: notas sobre a cobertura imagética de manifestações no Jornal Nacional**. 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo Brasília – Universidade de Brasília – Novembro, 2013.

ZILLMANN, Dolf; BRYANT, Jennings (ed). **Selective exposure to communication**. Routledge, 2013.

ŽIŽEK, Slavoj. **Problema no paraíso: do fim da história ao fim do capitalismo**. Zahar, 2015.

WORLD VALUES SURVEY (2010-2014) - Brasil 2014 - WV6_Results Brasil 2014 Technical record, 2015.

SITES E VÍDEOS CONSULTADOS NA INTERNET

15 ex-integrantes do Fora do Eixo assinam manifesto contra 'arranjos sexistas' da rede. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2013/08/1332182-15-ex-integrantes-do-fora-do-eixo-assinam-manifesto-contrarranjos-sexistas-da-rede.shtml>> Acesso em 13 de jun. 2017.

2013 no Imaginário Infantil. Disponível em <<https://vimeo.com/89464739>>. Acesso em mai 2017.

202 Filmes. **28 um pulo na Central**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=NJX5d2F4tiI>>. Acesso em 19 set. 2016

_____. **Manifestação contra o aumento das passagens - Rio de Janeiro (13 de junho/13)**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=aY5rDZziWQ0>>. Acesso em 19 set. 2016

_____. **Manifestação contra o aumento - Rio de Janeiro 17 de junho de 2013**. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=mTGC1182-tU&t=12s>>. Acesso em 20 set. 2016

30 Dias Por Rafael Braga. Disponível em <<https://www.facebook.com/30DiasPorRafaelBraga/>>. Acesso em 25 jun 2017.

III Ato do Bloco de Luta por um Transporte Público. Disponível em <<https://www.facebook.com/events/165675956914657/?ref=2>>. Acesso em

A cobertura NINJA nas manifestações de junho de 2013. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=5yjvo9RJ50U>>. Acesso em 26 mai 2017.

A conturbada história da privatização do Complexo do Maracanã. Disponível em <<http://www.pacs.org.br/2014/02/08/a-conturbada-historia-da-privatizacao-do-complexo-do-maracana/>>. Acesso em 7 nov. 2016.

"**A Revolta do Buzu**", documentário de Carlos Pronzato, disponível em <<http://memorialatina.net/2013/08/13/a-revolta-do-buzu-salvador-10-anos-de-luta-pelo-passe-livre/>>.

AL-Qaeda. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Al-Qaeda>>. Acesso em 20 jan. 2016

ALVAREZ, Rodrigo. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio.** Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2635831/programa/>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

AFFONSO, Julia. **Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio.** Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/20/tropa-de-choque-joga-bomba-e-atira-em-direcao-a-hospital-que-atende-manifestantes-no-rio.htm>>. Acesso em 26 dez. 2016

ALVES, Paulo. **Facebook registra função de 'análise de crédito' com base nos amigos.** Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/noticias/noticia/2015/08/facebook-registra-funcao-de-analise-de-credito-com-base-nos-amigos.html>>. Acesso em 30 set. 2016.

ALMEIDA, Eduardo Araújo de. CUNGA, Myllena. SCHNEIDER, Marina. **Protesto reúne um milhão de pessoas no Rio de Janeiro.** Disponível em <<http://vozesdascomunidades.org/protesto-reune-um-milhao-de-pessoas-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 15 abr 2017.

ALVAREZ, Rodrigo. **Manifestações terminam com atos de vandalismo e três feridos no Rio.** Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2635831/programa/>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

ALVES, Filho. **Lado ninja do protesto.** Disponível em <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2013-07-15/lado-ninja-do-protesto.html>>. Acesso em 15 abr 2017

AMATUCCI, Victor. **Folha Política: de difamação até notícias falsas e anti-jornalismo.** Disponível em <<http://democratizemidia.com.br/folha-politica-de-difamacao-ate-noticias-falsas-e-anti-jornalismo/>>. Acesso em 17 fev. 2017.

'**Amor em SP**' leva milhares à Praça Roosevelt, no centro da cidade. Ato político-cultural convocado pelas redes sociais prega uma cidade mais solidária e justa, livre de preconceitos e intolerância. Disponível em <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidades/2012/10/amor-em-sp-leva-milhares-a-praca-roosevelt>>. Acesso em 15 abr 2017.

ANGEL, Hildegard. **CASAMENTO DE BEATRIZ BARATA: NOSSO 14 DE JULHO, NOSSA BASTILHA CARIOCA!** Disponível em <<http://www.hildegardangel.com.br/casamento-de-beatriz-barata-nosso-14-de-julho-nossa-bastilha-carioca/>>. Acesso em 10 fev 2017.

Anistia Internacional critica repressão a protestos no Rio e em SP. Disponível em <<http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/anistia-internacional-critica-repressao-a-protestos-no-rio-e-em-sao-paulo>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

Anonymous Brasil - As 5 causas! Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=v5iSn76I2xs>>. Acesso em 18 jun 2017.

Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>>. Acesso em 7 out. 2016

Apoio editorial ao golpe de 64 foi um erro, reconhecem as Organizações Globo. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2798447/>>. Acesso em 7 out. 2016

Após críticas, Fora do Eixo deve passar por reformulação. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/28/apos-criticas-fora-do-eixo-deve-passar-por-reformulacao/>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

Aprovação a Paes sobe, mas ainda está abaixo de período pré-protestos. Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2014/07/1488996-aprovacao-a-paes-sobe-mas-ainda-esta-abaixo-de-periodo-pre-protestos.shtml>>. Acesso em 29 nov. 2016

Arab Spring activists awarded Europe's Sakharov prize. Disponível em <<http://www.bbc.com/news/world-europe-15475750>>. Acesso em 10 jun 2016.

ARANDA, Germán. **O Batman do Leblon tira a máscara.** Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/revista/840/batman-tira-a-mascara-2007.html>>. Acesso em 9 fev. 2017.

ARAÚJO, Vera. **Entre os manifestantes, há até criminosos, diz sociólogo.** Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/entre-os-manifestantes-ha-ate-criminosos-affirma-sociologo-9093745#ixzz4WLt1BJ00>>. Acesso em 26 dez. 2016

ARTIGO 19. **Protestos no Brasil 2013.** Disponível em <http://protestos.artigo19.org/Protestos_no_Brasil_2013.pdf>. Acesso em mai 2016.

As dúvidas sobre o advogado dos denunciados por homicídio. Disponível em < <http://www.viomundo.com.br/denuncias/as-duvidas-sobre-o-advogado-dos-denunciados-por-homicidio.html> >. Acesso em 17 jun 2017.

Avenida Presidente Vargas é completamente ocupada no RJ. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646273/>>. Acesso em 10 out. 2014

Banco de Teses e Dissertações. Disponível em < [http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/>](http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#!/).

Band é condenada por enviar cinegrafista para cobertura de risco sem equipamento de segurança. Disponível em <<http://portal.comunique-se.com.br/jo-com/80160-band-e-condenada-por-enviar-cinegrafista-para-cobertura-de-risco-sem-equipamento-de-seguranca>>. Acessado em 10 set. 2016.

BARCELLOS, Caco. **Profissão Repórter -- Manifestações (18/06/2013) HDTV.** Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=iQoBOJUsNps> >. Acesso em 13 jun 2017.

BARATTO, Romulo. **Tarifa zero no transporte público já é realidade em 12 cidades brasileiras.** Disponível em < <https://farefreepublictransport.com/city/>>. Acesso em 28 jan. 2017.

BAREM, Manu. **7 erros da @PMERJ ou como falhar totalmente ao gerenciar uma crise nas redes sociais.** Disponível em < <http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/7-erros-da-pmerj/>>. Acesso em 17 jun 2017.

BARROS, Jorge Antonio. **Maré marca protesto: 'Estado que mata, nunca mais'.** Disponível em < <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/mare-marca-protesto-estado-que-mata-nunca-mais-501642.html> >. Acesso em 20 dez. 2016.

BARROS, Rafaella. **A atuação da advogada Eloisa Samy dentro e fora dos tribunais.** Disponível em <<http://extra.globo.com/casos-de-policia/a-atuacao-da-advogada-eloisa-samy-dentro-fora-dos-tribunais-19393767.html>>. Acesso em 10 nov. 2016

BATISTA, Ligia. **Rafael Braga e a seletividade do sistema de justiça criminal.** Disponível em < <https://anistia.org.br/sobre-rafael-braga-e-seletividade-sistema-de-justica-criminal/> >. Acesso em 17 mai. 2017.

BEDINELLI, Talita. MARTÍN, Maria. **Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências.** Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html>. Acesso em 9 fev. 2017.

BERGAMIN, Giba. **Caixa de rojões como o que matou cinegrafista é vendida em SP a R\$ 70.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/02/1410372-caixa-de-rojoes-como-o-que-matou-cinegrafista-e-vendida-em-sp-a-r-70.shtml>>. Acesso em 19 set. 2016.

BERTA, Ruben. **JACOB BARATA E A MALDIÇÃO DOS CASAMENTOS NO COPACABANA PALACE.** Disponível em < <https://theintercept.com/2017/07/03/jacob-barata-e-a-maldicao-dos-casamentos-no-copacabana-palace/> >. Acesso em 9 jul 2017.

BIANCHI, Paula. **Antigas rivais, favelas da Rocinha e Vidigal realizam protesto conjunto no Rio.** Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/06/25/antigas-rivais-favelas-da-rocinha-e-vidigal-realizam-protesto-conjunto-no-rio.htm>>. Acesso em 9 fev. 2017.

BOCCHINI, Lino. LOCATELLI, Piero. **Fora do eixo. Ex-integrantes da entidade controladora do Mídia Ninja falam com exclusividade para CartaCapital e condenam práticas da organização.** < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-6321.html> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

BODENMULLER, Luiza, FONSECA, Bruno, RODRIGUES, Camila, VIANA, Natalia. **A revoada dos passaralhos**. Disponível em <<http://apublica.org/2013/06/revoada-dos-passaralhos/>>, Acessado em 10 set. 2016.

Brasil aparece em primeiro lugar no ranking de ataques phishing. Disponível em <<http://itforum365.com.br/noticias/detalhe/117665/brasil-aparece-em-primeiro-lugar-no-ranking-de-ataques-phishing>>. Acesso em 7 set. 2016.

Brasil é um dos países mais desconectados do mundo: são 70 milhões offline. Disponível em <<https://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2017/03/01/brasil-e-um-dos-paises-mais-desconectados-do-mundo-sao-70-milhoes-offline.htm>>. Acessado em 30. mar. 2017

BREDA, Tadeu. **Junho de 2013, nossa memória diária**. Disponível em <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/16/opinion/1466112118_748909.html>. Acesso em 29 jan. 2017.

BREDA, Tadeu. **Sérgio Silva, culpado: a justiça em estado terminal**. Disponível em <<http://outraspalavras.net/brasil/sergio-silva-culpado-a-justica-em-estado-terminal/>>. Acesso em 11 fev. 2017.

Bruno, a P2 e a tentativa de alguns policiais em incriminá-lo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZNRvh_dYwCE>. Acesso em 15 mai 2017.

BRUNO, Fernanda; NASCIMENTO, Liliane; MAZOTTE, Natalia. **#PROTESTORJ: ATORES MENORES FAZEM A REDE**. Disponível em <<http://medialabufjrj.net/2013/08/protestorj-atores-menores-fazem-a-rede/>>. Acesso em 7 nov. 2016.

BRUNO TORTURRA. Jornalista e fotógrafo. Disponível em <<http://www.fluxo.net/bruno-torturra/>>.

BUARQUE, Daniel. **Mídia internacional vê protesto "mais velho, mais branco e mais rico" do que os de 2013**. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2015/03/16/imprensa-internacional-ve-protesto-mais-velho-mais-branco-e-mais-rico-de-que-os-de-2013.htm>>. Acesso em 9 fev. 2017

Cabral cede de novo e avisa que escola do Maracanã não será demolida. Disponível em <<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/05/cabral-cede-de-novo-e-avisa-que-escola-do-maracana-nao-sera-demolida.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016. Ver **Sem acordo, Odebrecht pede arbitragem para entregar Maracanã**. Disponível em <<http://www.valor.com.br/empresas/4745359/sem-acordo-odebrecht-pede-arbitragem-para-entregar-maracana>>. Acesso em 11 dez. 2016.

Cabral cancela demolição do Julio Delamare e pode manter Célio de Barros <<http://esporte.uol.com.br/rio-2016/ultimas-noticias/2013/07/29/governador-desiste-de-demolir-parque-aquatico-julio-delamare.htm>>. Acesso em 11 dez. 2016.

CABRAL, Otávio. LEITÃO, Leslie. **As viagens de Cabral com o helicóptero oficial**. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/politica/as-viagens-de-cabral-com-o-helicoptero-oficial/>>. Acesso em 17 jan. 2017.

Cadê o(s) Amarildo(s)?. Disponível em <<http://cemflores.blogspot.com.br/2013/09/cade-os-amarildos.html>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Cai aprovação a Cabral no Estado do Rio, e Paes recua entre cariocas. Disponível em <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/07/1304291-cai-aprovacao-a-cabral-no-estado-do-rio-e-paes-recua-entre-cariocas.shtml>> Acesso em 29 nov. 2016

CALA A BOCA PELÉ. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=EdgNgFDEft0>>. Acesso em 7 dez. 2016.

CALGARO, Fernanda. **PF vai investigar representante de caminhoneiros sobre bloqueio de rodovias**. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/03/pf-vai-investigar-representante-de-caminhoneiros-diz-ministro.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016.

Cannibal Corpse: Circo Voador é alvejado por bombas de gás. Disponível em <http://whiplash.net/materias/news_826/182200-cannibalcorpse.html>. Acesso em 26 dez. 2016

CARDOSO, Fabio. **A delação premiada na legislação brasileira**. Disponível em <<http://fabiofettuccia.jusbrasil.com.br/artigos/174959721/a-delacao-premiada-na-legislacao-brasileira>>. Acesso em

17 set. 2016

Carro do SBT é incendiado durante manifestações no Rio de Janeiro 20/06/2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=NS9h4aR-LPc> >. Acesso em 17 dez. 2016.

Carta aberta do Movimento Passe Livre São Paulo à presidenta. Disponível em < <http://www12.senado.leg.br/noticias/arquivos/2013/06/24/confira-na-integra-a-carta-aberta-do-movimento-1> >. Acesso em 28 jan. 2017.

Carta de Princípios - Fora do Eixo. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/historico/carta-de-principios/> >.

Caso Amarildo: juíza condena 12 dos 25 policiais militares acusados. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/02/caso-amarildo-juiza-condena-13-dos-25-policiais-militares-acusados.html> >. Acesso em 7 dez. 2016.

Caso Proconsult. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Proconsult >. Acesso em 28 mai. 2017.

CASTRO, Carolina. **Acusações de propina podem inviabilizar compra do Maracanã.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/esportes/acusacoes-de-propina-podem-inviabilizar-compra-do-maracana-21074808#ixzz4h0adc63x> >. Acesso em 7 nov. 2016.

CASTRO, Juliana. **MPF denuncia Sérgio Cabral por mais 184 crimes de lavagem de dinheiro.** Disponível em < <http://oglobo.globo.com/brasil/mpf-denuncia-sergio-cabral-por-mais-184-crimes-de-lavagem-de-dinheiro-20924070> >. Acesso em 29 jan. 2017.

Causa Brasil. Metodologia utilizada na plataforma. Disponível em < https://docs.google.com/document/d/1LNAycH0NUgC_smPfg7CkiuePUgsCAPisrQml7OSCZP4/edit > Acesso em 20 jan. 2017.

Cavalaria avança sobre manifestantes no Rio. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646281/> >. Acesso em 10 out. 2014

CHARLEAUX, João Paulo. **O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013. E no que elas deram.** Disponível em < <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram> >. Acesso em 21 jun 2017.

Chegou a hora do basta. Disponível em < <http://opinio.estado.com.br/noticias/geral,chegou-a-hora-do-basta-imp-,1041814> >. Acesso em 3 mar 2017.

Começa protesto no Centro do RJ contra o caos na Educação. Disponível em < <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2013/10/07/comeca-protesto-no-centro-do-rj-contra-o-caos-na-educacao/> >. Acesso em 28 jan. 2017.

Como ficou a 'agenda positiva'. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/como-ficou-agenda-positiva.html> >. Acesso em 17 set. 2016

Como Foi - Protestos marcam Dia dos Professores em capitais. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/celular/noticias/131014_protestos_sp_mdb.shtml >. Acesso em 28 jan. 2017.

Como o Facebook pretende lidar com notícias falsas. Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/11/como-o-facebook-pretende-lidar-com-noticias-falsas.html> >. Acesso em 21 dez. 2016.

Comunicado Oficial da Rede Fora do Eixo. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2013/08/12/comunicado-oficial-da-rede-fora-do-eixo/> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

Computação em nuvem. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Computa%C3%A7%C3%A3o_em_nuvem#cite_note-3 >. Acesso em 7 set. 2016.

Conheça o coletivo Fora do Eixo. Disponível em < <https://www.guiadasemana.com.br/turismo/noticia/conheca-o-coletivo-fora-do-eixo> >. Acesso em 15 abr 2017.

CONRADO, Hysabella. **30 dias por Rafael Braga: para ninguém esquecer que não foi por Pinho Sol, foi racismo.** Disponível em < <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/06/07/30-dias-por-rafael-braga-para-ninguem-esquecer-que-nao-foi-por-pinho-sol-foi-racismo/> >. Acesso em 25 jun 2017.

Consórcio de Eike deve ganhar concessão do Maracanã. Disponível em < <http://exame.abril.com.br/economia/consorcio-de-eike-deve-ganhar-concessao-do-maracana-2/> >. Acesso em 7 nov. 2016.

Consulado uruguaio impede entrada da polícia, e agentes esperam do lado de fora para prender ativistas. Disponível em < <http://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/consulado-uruguaio-impede-entrada-da-policia-e-agentes-esperam-do-lado-de-fora-para-prender-ativistas-21072014> > . Acesso em 26 dez. 2016

COSTA, Ana Claudia. MENDES, Tais. ARAÚJO, Vera. **Justiça concede liberdade provisória para dois estudantes presos em manifestação.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/rio/justica-concede-liberdade-provisoria-para-dois-estudantes-presos-em-manifestacao-8742247> >. Acesso em 2 jul 2016.

COSTA, Camilla. **Sob holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance.** Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc >. Acesso em 15 abr 2017.

COSTA, Larissa. ROCHA, Aline. **Cinema, democracia e conversa.** Disponível em < <http://cinemadefronteira.com.br/2014/cinema-democracia-e-conversa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

COSTA, Luciano. **Rebeldes sem causa.** Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-cidadania/rebeldes-sem-causa/>>. Acesso em 28 jan. 2017.

CRIAR NOTÍCIA FALSA é mais FÁCIL que parece - Extra Episódio #04 com Pirula e Maurício Cid. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=vMqQw0YH5Tk> >. Acesso em 21 fev. 2017.

Crivella usa fala sobre black bloc contra Marcelo Freixo. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/eleicoes-2016/2016/10/1824835-crivella-usa-fala-sobre-black-bloc-contra-marcelo-freixo.shtml> >. Acesso em 17 jun 2017.

DARNTON, Robert. **A verdadeira história das notícias falsas.** Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/28/cultura/1493389536_863123.html>. Acesso em 26 de mai 2017.

Datena surpreendido em pesquisa! Passe Livre 13/06/13. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=7cxOK7SOI2k> >. Acesso em 20 dez. 2016.

DE ARAÚJO, Thiago. MELLIS, Fernando. **Mercado por maior repressão e violência, quarto dia de protesto tem mais de 240 detidos.** Disponível em < <http://noticias.r7.com/sao-paulo/mercado-por-maior-repressao-e-violencia-quarto-dia-de-protesto-tem-mais-de-240-detidos-14062013> >. Acesso em 10 out. 2014

DE CARVALHO, Fabiana. **Fotógrafo diz que artistas de olho roxo representam 'soco de todo dia'.** Disponível em < <http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/06/fotografo-diz-que-artistas-de-olho-roxo-representam-soco-de-todo-dia.html>> Acesso em 20 de fev 2015.

De designer a expert em lutheria. Disponível em < <http://assessoria.vrc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=258&inford=32985> >. Acesso em 15 abr 2017.

De quem é a ordem? - Rio, 20/06/2013 (Who's order? - Brazil Protests). Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=A87MctF-f-M> >. Acesso em 26 dez. 2016.

DIEGUES, Consuelo. **Os Invisíveis.** Disponível em < <http://piaui.folha.uol.com.br/materia/os-invisiveis/> >. Acesso em 7 dez. 2016.

DIGITAL, Olhar. **Protestos geram cerca de 550 mil posts nas redes sociais, segundo pesquisa.** Disponível em < <https://olhardigital.com.br/noticia/protestos-geram-cerca-de-550-mil-posts-nas-redes-sociais,-segundo-pesquisa/35347>>. Acesso em 16 jul 2016.

Direito de Resposta Brizola x Globo. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ObW0kYAXh-8> >. Acesso em 28 mai. 2017.

Direitos autorais impedem digitalização de acervos. Disponível em <<http://www2.cultura.gov.br/consultadireitoautoral/tag/limitacoes/page/3/>>. Acesso em 7 set. 2016.

D'ONFRO, Jillian. **How Facebook decides which memories to show you in one of its most 'sensitive' features.** Disponível em < <http://www.businessinsider.com/facebook-on-this-day-feature-and-research-2016-3>>. Acesso em 11 fev. 2017

“É a economia, estúpido!”. Disponível em <<http://www.blogdacidadania.com.br/2010/08/e-a-economia-estupido/>>. Acesso em 29 nov. 2016.

Estagiário de advogado diz que ativista afirmou que homem que acendeu rojão era ligado ao deputado estadual Marcelo Freixo. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/02/estagiario-de-advogado-diz-que-ativista-afirmou-que-homem-que-acendeu-rojao-era-ligado-ao-deputado-estadual-marcelo-freixo.html>>. Acesso em 17 jun 2017.

Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/>>. Acesso em 15 abr 2017.

Evento "Amor Sim Russomanno Não" ganha as redes sociais. Disponível em <<http://www.vermelho.org.br/noticia/195298-8>>. Acesso em 15 abr 2017.

FABIO, André Cabette. **O que é ‘pós-verdade’, a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford**. Disponível em <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>>. Acesso em 18 jun 2017.

Fala, Pablo Capilé – por Giselle Beiguelman. Disponível em <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/23/fala-pablo-capile-por-giselle-beiguelman/>> Acesso em 13 de junho de 2017.

Festival 'Existe Amor em SP' reúne multidão na Praça Roosevelt. Disponível em <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2012/10/festival-existe-amor-em-sp-reune-multidao-na-praca-roosevelt.html>>. Acesso em 10 nov. 2016/

FIUZA, Bruno. **Black Blocs: A origem da tática que causa polêmica na esquerda**. Viomundo, São Paulo, 8 out. 2013. Disponível em: <<http://www.viomundo.com.br/politica/black-blocs-a-origem-da-tatica-que-causapolemica-na-esquerda.html>>. Acesso em 13 jun. 2015.

Editorial: Retomar a Paulista. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2013/06/1294185-editorial-retomar-a-paulista.shtml>>. Acesso em 3 mar 2017.

EKMAN, Paul. KELTNER, Dacher. **The Science of ‘Inside Out’**. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2015/07/05/opinion/sunday/the-science-of-inside-out.html?mcubz=0>>. Acesso em 10 jan. 2017

Eleições brasileiras foram as mais comentadas da história do Facebook. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/10/eleicoes-brasileiras-foram-mais-comentadas-da-historia-do-facebook.html>> Acesso em 15 ago. 2015

Entrevista com Rafael Vilela, do Mídia Ninja. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=N4t7XCbzgFY>>

Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/>>. Acesso em 15 abr 2017.

Estúdio Fluxo. Disponível em <<http://www.fluxo.net/>>. Acesso em 15 abr 2017.

Exclusão digital: Problemas conceituais, evidências empíricas e políticas públicas. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000200006>. Acesso em 30 set. 2016.

Facebook amplia liderança como fonte de acesso à informação, diz estudo. Disponível em <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/05/facebook-amplia-lideranca-como-fonte-de-acesso-informacao-diz-estudo.html>>. Acesso em 21 dez. 2016.

FACHIN, Patricia, SANTOS, João Vitor. **Protestos e discurso anticorrupção: ações para além “da direita”**. Disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5825&secao=461>. Acesso em 29 jan. 2017.

Falso Anonymous tenta interromper a manifestação do Policial Darney Diógenes. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=QeVR8s12tmo>>. Acesso em 2 jul 2016.

Fare Public Transport. Disponível em < <https://farefreepublictransport.com/city/>>. Acesso em 28 jan. 2017.

FELTRIN, Ricardo. **Em quatro anos, "Jornal Nacional" perde 28% de seu público.** Disponível em < <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/02/09/em-quatro-anos-jornal-nacional-perde-28-de-seu-publico.htm>>. Acesso em 10 out. 2014

FERNANDES, Leticia. **Com participação de Batman, manifestantes fazem protesto contra Dilma no Centro do Rio.** Disponível em < <https://oglobo.globo.com/brasil/com-participacao-de-batman-manifestantes-fazem-protesto-contradilma-no-centro-do-rio-15566843> >. Ver também ARANDA, Germán. O Batman do Leblon tira a máscara. Disponível em < <https://www.cartacapital.com.br/revista/840/batman-tira-a-mascara-2007.html>>. Acesso em 9 fev. 2017.

Festiva.rio - Festival de Ativismo. Disponível em < <https://www.facebook.com/events/1382103715242491/>>. Acesso em 29 jun 2017.

FILME 100 MIL RJ. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=1YDLRmGYfm8> >. Acesso em 22 set. 2016.

FLAGRANTE: Policiais infiltrados são confundidos com manifestantes pela PMERJ. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=BnlzpTvaWJ0> >. Acesso em 26 dez. 2016

FONSECA, Bruno. **Vigilância em números.** Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/vigilancia-em-numeros/>>. Acesso em 26 abr. 2017

Fora do Eixo. < <http://foradoeixo.org.br/historico/modos-de-organizacao-2/> >

Fórum Mundial de Mídia Livre elabora carta em seminário no RS. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/28/forum-mundial-de-midia-livre-elabora-carta-durante-seminario/> >. Acesso em 15 abr 2017.

França enfrenta a maior onda de protestos contra a reforma trabalhista. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/17/internacional/1463438068_797947.html >. Acesso em 17 jun 2017.

Francesa Lagardère desiste de comprar concessão do Maracanã. Disponível em < <http://istoe.com.br/francesa-lagardere-desiste-de-comprar-concessao-do-maracana/> >. Acesso em 7 nov. 2016.

FREEDOM HOUSE. Disponível em: <<https://freedomhouse.org/>>. Acesso em 20/07/2015

FREITAS, Ana. MOURA, Bernardo, MERGULHÃO, Alfredo. NALON, Tai. **Não é bem assim: Crivella e Freixo se atacam, mas derrapam em debate.** Disponível em <<https://eleicoes.uol.com.br/2016/noticias/2016/10/19/nao-e-bem-assis-crivella-e-freixo-se-atacam-e-derrapam-em-debate.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em 17 jun 2017.

FREITAS, Janio. **Sem resposta.** Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/janiodefreitas/2014/02/1411447-sem-resposta.shtml> >. Acesso em 17 jun 2017.

Gari morre após manifestação em Belém. Disponível em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2013/06/gari-morre-apos-manifestacao-em-belem.html>>. Acesso em 17 jun 2016.

GARDNER, Frank. **O homem que 'acendeu' a fagulha da Primavera Árabe.** Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/12/111217_bouazizi_primavera_arabe_bg.shtml >. Acesso em 10 jun 2016.

GASPARI, Elio. **A PM começou a batalha na Maria Antônia.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/a-pm-comecou-batalha-na-maria-antonia-8684284#ixzz4k5V91100>>. Acesso em 15 de jun. 2017.

GELANI, Felipe **Igreja, black blocs, direitos humanos, rejeição: o que está em jogo entre Freixo e Crivella.** Disponível em <<http://www.jb.com.br/eleicoes-2016-rio/noticias/2016/10/03/igreja-black-blocs-direitos-humanos-rejeicao-o-que-esta-em-jogo-entre-freixo-e-crivella/>>. Acesso em 17 jun 2017.

GERBASE, Fabíola. **Sociólogo é vítima de sequestro-relâmpago após dar entrevista sobre protestos.** Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/sociologo-vitima-de-sequestro-relampago-apos-dar-entrevista-sobre-protestos-9102060#ixzz4WLS2zUNk>>. Acesso em 26 dez. 2016

GOMES, Helton Simões. **Facebook ganha post de imagens que somem em 24 horas, câmera com novos efeitos e muda app; veja**. Disponível em < Facebook ganha post de imagens que somem em 24 horas, câmera com novos efeitos e muda app; veja >. Acesso em 11 jun. 2017.

Google's Clever Plan to Stop Aspiring ISIS Recruits". Disponível em <<https://www.wired.com/2016/09/google-clever-plan-stop-aspiring-isis-recruits/>>. Acesso em 7 set. 2016.

GORDILHO, Gaston. **Resonance and the Egyptian Revolution**. Space and Politics: Essays on the spatial pulse of politics. Publicado em 6 de Fevereiro de 2011a. Disponível em <<http://spaceandpolitics.blogspot.com.au/2011/02/resonance-and-egyptian-revolution.html>>. Acesso em 20 de fevereiro de 2015.

Governador do Rio diz que prisão de estudante durante protestos será investigada. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2716003/>>. Acesso em 7 out. 2016

Governo Lula democratizou demanda, mas não oferta, diz Mangabeira Unger. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/11/131114_mangabeira_unger_entrevista_dg>. Acesso em 10 out. 2015.

GRUNZ, Equipe. **3 milhões de pessoas confirmam participação em protestos via Facebook**. Disponível em <<http://www.grunz.com.br/mapa-dos-protestos-no-brasil-pelo-mundo/>>. Acesso em 10 abr 2017.

Grupo de manifestantes depreda centro histórico do Rio de Janeiro. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642197/>>. Acesso em 10 out. 2014

Grupo faz protesto pra lembrar fotógrafo que perdeu um olho. Disponível em < <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/grupo-faz-protesto-pra-relembrar-fotografo-que-perdeu-um-olho/>>. Acesso em 11 fev. 2017.

Grupo Globo explica aquisição de direitos de transmissão da Copa 2002 e descarta acusações de sonegação. Disponível em < <http://redeglobo.globo.com/boatos-alertas/noticia/2015/05/grupo-globo-explica-aquisicao-direitos-transmissao-copa-mundo-2002-descarta-acusacoes-sonegacao.html> >. Acesso em 28 mai 2017.

HARFORD, Tim. **Na era da pós-verdade, os fatos precisam de defensores**. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/03/1865256-na-era-da-pos-verdade-os-fatos-precisam-de-defensores.shtml> >. Acesso em 18 jun 2017.

Here's How Many Digital Photos Will Be Taken in 2017. Disponível em <<http://mylio.com/true-stories/tech-today/how-many-digital-photos-will-be-taken-2017-repost>>. Acesso em 16 jan. 2017

HESSEL, Camila. **No meio do redemoinho. O Mídia Ninja não tenta explicar ao espectador o que está acontecendo. Com seu material bruto, prefere levar o próprio público ao centro da ação**. Disponível em < <http://www.estadao.com.br/noticias/geral,no-meio-do-redemoinho,1050880> >. Acesso em 15 abr 2017.

História #25 - Vem pra rua - São Paulo | SP. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Oml1nT9Xk3s>>. Acesso em 29 jan. 2017.

Histórico de Comentários de Live Gravada #16118450 (2,992). Disponível em <<http://pt.twitch.tv/blackninja/moviestcomment/16118450-148>>. Acesso 16 jun 2017.

IBGE: pela 1ª vez, domicílios brasileiros têm mais TV e geladeira do que rádio. Disponível em < <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2012-04-27/ibge-pela-1-vez-domicilios-brasileiros-tem-mais-tv-e-geladeira-d.html> >. Acessado em 30. mar. 2017

IMPrensa, Portal. **Mídia Ninja ultrapassa grandes veículos em engajamento no Facebook**. Disponível em < <http://portalimprensa.com.br/noticias/brasil/78276/midia+ninja+ultrapassa+grandes+veiculos+em+engajamento+no+facebook>>. Acesso em 22 jun 2017.

Insatisfação com transporte público em SP é a maior em 26 anos de pesquisas. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2637345/programa/>>. Acesso em 17 jun 2017.

Investimentos em computação em nuvem crescem no Brasil. Disponível em <<http://www.vert.com.br/blog-vert/como-cloud-computing-ganha-espaco-no-dia-a-dia-das-pessoas/>> Acesso em 7 set. 2016

JABOR, Arnaldo. **Amigos, eu errei. É muito mais do que 20 centavos**

Disponível em < <http://cbn.globoradio.globo.com/comentaristas/arnaldo-jabor/2013/06/17/AMIGOS-EU-ERREI-E-MUITO-MAIS-DO-QUE-20-CENTAVOS.htm#ixzz3FycXWalle>>. Acesso em 10 out. 2014

_____, Arnaldo. **Arnaldo Jabor fala sobre novos protestos e ressalta força da juventude**

Disponível em < <http://globotv.globo.com/rede-globo/jornal-da-globo/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-novos-protestos-e-ressalta-forca-da-juventude/2640269/>>. Acesso em 10 out. 2014

_____. Arnaldo. **Arnaldo Jabor fala sobre onda de protestos contra aumento nas tarifas de ônibus.**

Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-da-globo/videos/t/edicoes/v/arnaldo-jabor-fala-sobre-onda-de-protestos-contr-aumento-nas-tarifas-de-onibus/2631566/>>. Acesso em 10 out. 2014

Jair Bolsonaro é ovacionado em manifestação contra o governo em Brasília. Disponível em <<http://www.tvcidadesbt.com.br/2016/03/jair-bolsonaro-e-ovacionado-em.html>>. Acesso em 9 fev. 2017

JN 45 anos - A notícia faz história. Disponível em < <http://memóriaglobo.globo.com/especial/jornal-nacional-45-anos.htm>>. Acesso em 20 jun. 2017

Jornal Nacional. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/>>. Acessado em 8 set. 2016.

Jornal Nacional. Disponível em < <http://memóriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional.htm>>. Acesso em 20 jun. 2017

Jornal Nacional - Terceiro bloco. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646499/>>. Acesso em 10 out. 2014

Jornal Nacional estreia em casa nova. Disponível em < <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/jornal-nacional-inaugura-estudio-no-centro-de-nova-redacao-integrada-da-globo.ghtml>>. Acesso em 20 jun. 2017

"Jornal Nacional" faz mea-culpa sobre edição de debate entre Lula e Collor. Disponível em <<http://www.portaliimprensa.com.br/noticias/brasil/71920/jornal+nacional+faz+mea+culpa+sobre+edicao+de+debate+entre+lula+e+collor>>. Acesso 5 mai. 2017.

KIRBY, Emma Jane. **A cidade europeia que enriquece inventando notícias – e influenciando eleições.** Disponível em < <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38206498>>. Acesso em 14 dez. 2016.

KONCHINSKI, Vinicius. **Prefeito tomba Célio de Barros, Julio Delamare e escola do Maracanã.** Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/08/12/prefeito-tomba-celio-de-barros-julio-delamare-e-escola-do-maracana.htm>>. Acesso em 7 dez. 2016.

LANDERS, Chris. **A Guerra na internet: Anonymous vs. Church of Scientology.** Disponível em < <https://cientonetica.wordpress.com/2008/04/10/a-guerra-na-internet-anonymous-vs-church-of-scientology/>>. Acesso em 8 dez. 2016

LAPA, Nadia. **Feminismo pra quê? Ex-integrantes do Fora do Eixo denunciam machismo.** < <https://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/ex-integrantes-do-fora-do-eixo-denunciam-machismo-4388.html>>. Acesso em 10 mai. 2016.

Las asambleas populares reinventan la participación política en Brasil. Disponível em < http://www.eldiario.es/internacional/asambleas-populares-reinventan-participacion-Brasil_0_184782265.html>. Acesso em 20 jan. 2016

LEMOS, Ronaldo. **O resgate da internet.** Disponível em < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/pagina22/article/viewFile/27587/26461>>. Acesso em 12 out. 2014

Let's Play Gephi : Understand Degree, Weighted Degree & Betweenness centrality. Disponível em < <http://matthieu-totet.fr/Koumin/2013/12/16/understand-degree-weighted-degree-betweenness-centrality/>>. Acesso em 22 jun 2017.

#LigaçãoComFreixo. Disponível em < <https://ligacaocomfreixo.tumblr.com/>>. Acesso em 17 jun 2017.

LIMA, José Carlos. **Sobre a Mídia Ninja**. Disponível em < <http://jornalggn.com.br/blog/iv-avatar-do-rio-oooooooo/sobre-a-midia-ninja> >. Acesso em 15 abr 2017.

LISBOA, Vinicius. **Sem reforma prometida, Museu do Índio segue abandonado ao lado do Maracanã**. Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2016-06/sem-reforma-prometida-museu-do-indio-segue-abandonado-ao-lado-do-maracana> >. Acesso em 7 dez. 2016.

Live Gravada #15363828 Disponível em <http://pt.twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15363828>. Acesso em 10 fev 2017.

Live Gravada #15467916. Disponível em <http://twitcasting.tv/midianinja_rj/movie/15467916>. Acesso em 10 jan 2017. Acesso em 16 mai 2016.

Live Gravada Manifestações no Rio #16120180. Disponível em <<http://twitcasting.tv/blackninja2rj/movie/16120180>>. Acesso em 10 jan 2017.

Live Gravada Manifestações no Rio #16118450. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja2rj/movie/16118450>>. Acesso em 15 abr 2017.

Live Gravada Manifestações no Rio #17041413. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/blackninja2rj/movie/17041413> >. Acesso em 15 abr 2017.

Live Gravada #OcupaRedeGlobo - PEC 171 em BsB #14981939. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/14981939>> Acesso em 28 mai 2017.

Live Gravada #PalacioAssombrado - RamoneNJ #19693161. Disponível em < <http://twitcasting.tv/ninja2rj/movie/19693161> >. Acesso em 16 mai 2016.

Live Gravada PEC 171 em BsB #14854921. Disponível em <<http://pt.twitcasting.tv/midianinja/movie/14854921>>. Acesso em 15 mai 2016.

Live Gravada PEC 171 em BsB #16115899. Disponível em <<http://twitcasting.tv/midianinja/movie/16115899>>. Acesso em 18 mai 2016.

Live Gravada #sandroresiste - Manifestações no Rio #16694205. Disponível em < <http://pt.twitcasting.tv/blackninja2rj/movie/16694205> >. Acesso em 18 mai 2016.

LOYOLA, Ana Laura Morais. **Vozes da crise: uma análise de discurso dos cartazes presentes nas manifestações de 2013 e 2015**. Disponível em <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/11511/1/2015_Ana%20Laura%20Morais%20Loyola_artigo.pdf>. Acesso em 13 mar. 2016

LOYOLA, Leandro. **O Governo Temer derrete**. Disponível em < <http://epoca.globo.com/politica/noticia/2017/05/o-governo-temer-derrete.html> >. Acesso em 18 mai 2017.

LUCCHESI, Bette. **Acusados pela morte de cinegrafista em manifestação estão soltos**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/09/acusados-pela-morte-de-cinegrafista-em-manifestacao-estao-soltos.html>>. Acessado em 8 set. 2016.

_____, Bete. **Manifestantes entram em confronto com a polícia no Rio de Janeiro**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2633640/programa/> >. Acesso em 10 out. 2014

_____, Bete. **Polícia retira manifestantes que ocupavam centro da maior cidade da Turquia**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2637375/programa/> >. Acesso em 15 de jun. 2017.

LUEDEMANN, Cecília. **Em São Paulo no 15.O manifestantes indignados tomam as praças mesmo debaixo de chuva**. Disponível em <http://redeemancipa.org.br/2011/10/em-sao-paulo-200-manifestantes-do-15-o-acampam-no-vale-do-anhangabau/> > Acesso em 10 out 2015.

MAGALHÃES, João Carlos. **Democracia e internet: precisamos falar sobre algoritmos**. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2016/09/25/Democracia-e-internet-precisamos-falar-sobre-algoritmos>>. Acesso em 30 set. 2016.

MALINI, Fabio. **As diferenças dos protestos nas mídias sociais**. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/>

Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

MALINI, _____. **Diferença dos protestos nas redes sociais: o #VemPraRua entre 2013 e 2015**. Disponível em <<http://www.slideshare.net/fabiomalini/diferenca-dos-protestos-nas-redes-sociais-o-venpraru-entre-2013-e-2015>>. Acesso em 9 fev. 2017.

Manifestação reúne 100 mil pessoas e se espalha pelo centro do Rio de Janeiro. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2640018/>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestações contra Dilma levam multidão às ruas do País. Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,manifestacoes-contradilma-levam-multidao-as-ruas-do-pais,1651418>>. Acesso em 9 fev. 2017

Manifestantes destroem porta de sede da Globo no Rio de Janeiro. Disponível em <<http://natelinha.uol.com.br/noticias/2013/07/18/manifestantes-destroem-porta-de-sede-da-globo-no-rio-de-janeiro-63763.php>>. Acesso em 28 mai. 2017

Manifestações Diárias. Disponível em <<http://coletivocarranca.cc/manifestacoes-diarias/>>. Acesso em 20 jan. 2017.

Manifestações de junho de 2013. Disponível em <<http://memóriaglobo.globo.com/mobile/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/jornal-nacional-manifestacoes-de-junho-de-2013.htm>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestações 20/06 de 2013 - Lapa. Disponível em <<https://vimeo.com/68863897>>. Acesso em 17 dez. 2016.

Manifestante Acusa A Polícia Do Rio De Atirar Com Balas De Borracha. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=tMH51pYEe64>>. Acesso em 17 dez. 2016.

Manifestantes cantam o hino nacional em avenida no Rio. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2646225/>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestantes destroem porta de sede da Globo no Rio de Janeiro. Disponível em <<http://natelinha.uol.com.br/noticias/2013/07/18/manifestantes-destroem-porta-de-sede-da-globo-no-rio-de-janeiro-63763.php>>. Acesso em 28 mai. 2017.

Manifestantes e polícia entram em conflito na prefeitura do Rio. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2646275/>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestantes entram em confronto com polícia de SP contra aumento da passagem de ônibus. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2620082/>>. Acesso em 7 out 2016.

Manifestantes estão refugiados em universidade; polícia faz cerco do lado de fora. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/manifestantes-estao-refugiados-em-universidade-policia-faz-cerco-do-lado-de-fora-8763896>>. Acesso em 17 dez. 2016.

Manifestantes fantasiados invadem o Palácio Guanabara. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/politica/manifestantes-fantasiados-invadem-o-palacio-guanabara/>>. Acesso em 8 dez. 2016

Manifestantes protestam contra aumento na passagem de ônibus no Rio de Janeiro. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2626835/>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestantes tomam as ruas do Centro do Rio. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2646180/>>. Acesso em 10 out. 2014

Manifestantes queimam mais de 300 carros em protestos na França. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/mundo/manifestantes-queimam-mais-de-300-carros-em-protestos-na-franca-3199986>>. Acesso em 17 jun 2017.

MANIFESTO DAS MULHERES DO FORA DO EIXO. <<http://foradoeixo.org.br/2014/08/30/manifesto-das-mulheres-do-fora-do-eixo/>>. Acesso em 13 de junho de 2017.

Mahatma Gandhi. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Mahatma_Gandhi>. Acesso em 17 dez. 2016

MALIN, Mauro. **Concorrência faz falta**. Disponível em < http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed769_concorrenca_faz_falta/ >. Acesso em 28 mai. 2017.

MALINI, Fabio. **LABIC libera todo acervo de posts, comentários e imagens da fanpage grupo Mídia Ninja**. Disponível em < <http://www.labic.net/blog/projetos/procad/labic-libera-todo-acervo-de-posts-comentarios-e-imagens-da-fanpage-grupo-midia-ninja/> >. Acesso em 7 set. 2016.

Manifestação no Rio mistura impeachment e golpe militar. Disponível em < <http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-03-15/manifestacao-no-rio-mistura-impeachment-e-golpe-militar.html> >. Acesso em 9 fev. 2017.

Marcelo Freixo é entrevistado no RJTV. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/eleicoes/2016/noticia/2016/10/marcelo-freixo-e-entrevistado-no-rjtv-2410.html> >

Marcelo Freixo fala sobre a aprovação da lei anti-máscaras e sobre o Black Bloc. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=foOETau5C5w> >. Acesso em 17 jun 2017.

MAZZI, Carolina. **Para gari escritor, protestos de 2013 inspiraram greve**. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2014/03/15/gari-escritor-de-3-livros-cre-que-greve-foi-inspirada-nos-protestos-de-2013.htm> >. Acesso em 28 jan. 2017.

MELO, Débora. **Câmara dos Deputados aprova arquivamento da 'cura gay'**. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/07/02/camara-aprova-requerimento-de-autor-da-cura-gay-e-retira-proposta-da-pauta.htm> >. Acesso em 26 jan. 2017.

MEMÓRIA GLOBO - QUEM SOMOS. Disponível em < <http://memoriaglobo.globo.com/quem-somos/> >. Acesso em 13 jun 2017.

MENEZES, Bruno. **Polícia esmaga protesto de 1 milhão de pessoas no Rio**. Disponível em < <http://www.epochtimes.com.br/policia-esmaga-protesto-de-1-milhao-de-pessoas-no-rio-videos/#.WEX9eKIrIUE> >. Acesso em 7 nov. 2016.

MENDES, Priscilla. COSTA, Fabiano. PASSARINHO, Nathalia. **Dilma propõe 5 pactos e plebiscito para constituinte da reforma política**. Disponível em < <http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/como-ficou-agenda-positiva.html> >. Acesso em 17 set. 2016

MENDONÇA, Renata. **Alckmin recua em fechamento de escolas em SP: para onde vai o movimento dos estudantes agora**. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151204_alckmin_estudantes_movimento_rm > Acesso em 17 set. 2016.

Mídia Livre Fora do Eixo realiza debate político e estético de narrativas. Disponível em < <http://foradoeixo.org.br/2014/01/13/midia-livre-fora-do-eixo-realiza-debate-politico-e-estetico-de-narrativas/> >.

Mídia Ninja. Disponível em < <https://creativemornings.com/talks/midia-ninja> >. Acesso em 15 abr 2017.

Mídia Ninja - Bruno pede vídeos que demonstrem sua inocência. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kHBWQ6PdtiE> >. Acesso em 22 mai 2017.

Mídia Ninja - Quem Somos. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

Mídia Ninja - Perguntas frequentes. Disponível em < <https://ninja.oximity.com/partner/ninja/about> >. Acesso em 15 abr 2017.

midianinja_rj » Live Gravada #15363828 » Histórico de Comentários de Live Gravada #15363828 (293). Disponível em < http://pt.twitcasting.tv/midianinja_rj/moviecomment/15363828-2 >. Acesso em 12 fev. 2017

Mohammed Bouazizi. A tunisian martyr. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=jHw_auqod6Y >. Acesso em 10 jun 2016.

MOREIRA, Fernando. **'Fazendas de likes' atendem clientes que querem bombar em redes sociais**. Disponível em < <http://blogs.oglobo.globo.com/pagenotfound/post/fazendas-de-likes-atendem-clientes-que-querem-bombar-em-redes-sociais.html> >. Acesso em 21 fev. 2017.

MORENO, Ana Carolina. **Brasil cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática.** Disponível em < <http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml> >. Acesso em 21 fev. 2017.

Morre em Belém gari que inalou gás lacrimogêneo em protesto. Disponível em <<http://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,morre-em-belem-gari-que-inalou-gas-lacrimogeneo-em-protesto,1045335>>. Acesso em 10 dez. 2016.

Movimento Vem pra Rua. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Movimento_Vem_pra_Rua>. Acesso em 29 jan. 2017.

Mulher tida como mártir de protestos no Irã relata pesadelo por troca de identidade. Disponível em < http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2012/11/121114_ira_foto_facebook_dg.shtml >. Acesso em 29 jan. 2017.

Muito além do papel de um leitor. Disponível em < <https://www.facebook.com/Muito-a%C3%A9m-do-papel-de-um-leitor-472276276223210/> >. Acesso em 28 mai. 2017.

Multidão no Rio começa a caminhar em direção à Prefeitura da cidade. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646198/> >. Acesso em 10 out. 2014

Na véspera de protesto, Anonymous invade site, critica veto a mascarados e cobra Dilma. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2013/09/06/na-vespera-de-protestos-anonymous-invade-site-do-pmdb-critica-veto-a-mascarados-e-cobra-dilma.htm> >. Acesso em 8 dez. 2016

“Moradores da favela do Muquifo fecham Avenida Brasil”. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/4431516/>>. Acesso em 15 dez. 2016.

Natan Donadon. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Natan_Donadon >. Acesso em 17 set. 2016

NASSIF, Luis. **Globo ignora esclarecimento e publica notícia falsa sobre Palácio do Planalto.** Disponível em < <http://jornalggn.com.br/noticia/globo-ignora-esclarecimento-e-publica-noticia-falsa-sobre-palacio-do-planalto> >. Acesso em 21 fev. 2017.

"Não é só por 20 centavos". Será por um Brasil melhor?. Disponível em <<http://contonocanto.blogspot.com.br/2017/06/maio-de-1968-junho-de-2013.html> >. Acesso em 15 dez. 2017. Não conseguimos identificar a origem, o fotógrafo ou o local em que a foto foi tirada.

Neda Agha Soltan, killed 20.06.2009, Presidential Election Protest, Tehran, IRAN. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=76W-0GVjNEc&bpctr=1497751738>>. Acesso em 29 jan. 2017.

NINJA, Mídia. **A onda virou nas ruas e nas redes! Mídia NINJA ultrapassa Veja, Folha, O Globo, UOL, Estadão e Época no Facebook.** Disponível em <<https://medium.com/@MidiaNINJA/a-onda-virou-nas-ruas-e-nas-redes-4690d0a874de>>. Acesso em 22 jun 2017.

NINJA RUAS. Disponível em < https://www.youtube.com/watch?v=pMu8vF5X4sI&index=1&list=PLmsK4TGRR2BHi_cejPO22qAm8GKJ22Foo >. Acesso em 22 set. 2016.

NINJA 2013. **Retrospectiva Multimídia.** Disponível em <<https://medium.com/@MidiaNINJA/ninja-2013-f6d5618375b2#.x86r0zdx7>> Acesso em 10 out 2015.

NITAHARA, Akemi. **Ocupação de escolas é amadurecimento das Jornadas de Junho de 2013.** Disponível em < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/ocupacao-de-escolas-e-amadurecimento-das-jornadas-de-junho-de-2013> >. Acesso em 28 jan. 2017.

Novo recurso nostálgico do Facebook está trazendo à tona lembranças dolorosas. Disponível em <<https://canaltech.com.br/noticia/facebook/Novo-recurso-nostalgico-do-Facebook-esta-trazendo-a-tona-lembrancas-dolorosas/>> Acesso em 11 fev. 2017.

Número de usuários de internet e de pessoas com celular cresceu mais de 100% no Brasil. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2013/05/número-de-usuarios-de-internet-e-de-pessoas-com-celular-cresceu-mais-de-100-no-brasil>. Acessado em 30. mar. 2016

O GLOBO, retrate-se da capa do 17/10 !!!!!!! Disponível em < https://www.facebook.com/events/343186182463285/?acontext=%7B%22source%22%3A%22source_newsfeed_story_type%22%3A%22regular%22%2C%22action_history%22%3A%22%5B%7B%5C%22surface%5C%22%3A%5C%22newsfeed%5C%22%2C%5C%22mechanism%5C%22%3A%5C%22feed_story%5C%22%2C%5C%22extra_data%5C%22%3A%5B%5D%7D%5D%22%2C%22has_source%22%3Atrue%7D&source=3&source_newsfeed_story_type=regular&action_history=%5B%7B%22surface%22%3A%22newsfeed%22%2C%22mechanism%22%3A%22feed_story%22%2C%22extra_data%22%3A%5B%5D%7D%5D&has_source=1&fref=fb >. Acesso em 28 mai. 2017.

O grito das ruas 2013 ("Cabral é ditador"). Disponível em < <https://kopusujus.bandcamp.com/track/o-grito-das-ruas-2013-cabral-ditador> >. Acesso em 7 dez. 2016.

O novo ativista digital. Disponível em < <http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2013/07/o-novo-bativista-digitalb.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

“O que a gente está propondo tira o chão de muita gente”. Disponível em < <https://wordpressdowes.wordpress.com/2015/03/11/entrevista-com-rafael-vilela-midia-ninja/> >

O que é pós-verdade?. Disponível em < <http://portaldacomunicacao.com.br/2017/02/rosana-hermann-fala-sobre-pos-verdade-na-campus-party/> >. Acesso em 18 jun 2017.

Objetivo da greve de caminhoneiros é desgastar governo, diz Edinho Silva. Disponível em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/11/greve-de-caminhoneiros-visa-apanas-desgastar-o-governo-diz-ministro.html>>. Acesso em 10 dez. 2016.

Ocupa Câmara Rio. Post de 26 de maio de 2014. Disponível em <https://www.facebook.com/pg/ocupacamarrario/posts/?ref+page_internal>. Acesso em 7 nov. 2016.

Olho da Rua, 2016 (papel e látex sobre asfalto; 83m x 35m). Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Pvq_tB8exMc>. Acesso em 11 fev. 2017.

OLIVEIRA, William. **Tudo Sobre o Snapchat: a Rede Social dos Millennials.** Disponível em < <http://www.agenciamestre.com/redes-sociais/tudo-sobre-o-snapchat-a-rede-social-dos-millennials/> >. Acesso em 11 fev. 2017.

Operação Lava Jato. Disponível em < https://pt.wikipedia.org/wiki/Opera%C3%A7%C3%A3o_Lava_Jato >. Acesso em 17 set. 2016

ORTELLADO, Pablo. **A negação de Junho, quatro anos depois.** Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pablo-ortellado/2017/06/1892297-a-negacao-de-junho-quatro-anos-depois.shtml> > Acesso em 18 jun. 2017.

Oximity. antigo link da plataforma. Disponível em <<http://www.oximity.com/>>. Acesso em 18 de jun. 2016

Organizações Globo adotam nova marca: Grupo Globo. Disponível em < <https://oglobo.globo.com/economia/organizacoes-globo-adotam-nova-marca-grupo-globo-13739502>>. Acesso em 20 mai 2016.

ORTELLADO, Pablo. **Os Black Blocs e a violência.** Disponível em < <http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1603> >. Acesso em 17 out. 2016

Outras Mídias. Disponível em < <https://atocriador2016.wordpress.com/2016/11/10/outras-midias/> >. Acesso em 15 abr 2017.

Palestra com o juiz João Batista Damasceno. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=eTEMF0NYKqg> >. Acesso em 7 nov. 2016.

Participação Popular - A construção da democracia participativa. Disponível em < http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2493:catid=28&Itemid= >. Acesso em 10 out. 2015.

PAPP, Anna Carolina. ROCHA, Camilo. **Na internet; atos mobilizam 136 milhões.** Disponível em < <http://link.estadao.com.br/noticias/geral,na-internet-atos-mobilizam-136-milhoes,10000033486>>. Acesso em 10 jun 2017.

Para entender as manifestações de 2013 no Brasil. Disponível em <<http://protestos.artigo19.org/pistas.php>> Acesso em 20 jan. 2016

Paralisação de caminhoneiros é comandada por empresários. Disponível em <<http://saraiva13.blogspot.com.br/2013/07/paralisacao-de-caminhoneiros-e.html>>. Acesso em 10 dez. 2016.

Pelo menos 13 pessoas morreram em um ano de protestos pelo país <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2014/06/pelo-menos-13-pessoas-morreram-em-um-ano-de-protestos-pelo-pais.html>>

PEREIRA, Milena. **Do disquete ao pendrive: veja a evolução do armazenamento móvel.** Disponível em <<http://www.techtudo.com.br/artigos/noticia/2013/04/do-disquete-ao-pendrive-veja-evolucao-do-armazenamento-movel.html>>. Acesso em 22 set. 2016.

PEREIRA, Tiago. **Mentiras e boatos: especialistas apontam os riscos do compartilhamento de notícias falsas.** Disponível em < <http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2017/02/mentiras-e-boatos-especialistas-apontam-os-riscos-do-compartilhamento-de-noticias-falsas>>. Acesso em 21 fev. 2017.

Pesquisa de Opinião Datafolha. Protestos sobre aumento na tarifa dos transportes II. PO813688 disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2016.

Pesquisa de Opinião Datafolha. Contagem da manifestação no Largo da Batata PO813689. Disponível em < <http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/contagem-manifestacao-lgo-da-batata.pdf>>. Acesso em 20 dez. 2016.

Pesquisa mostra que 46% nunca tinham participado de manifestações. Disponível em < <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/pesquisa-mostra-que-46-nunca-tinham-participado-de-manifestacoes.html>>. Acesso em 28 jan. 2017.

PINTO, Igor Moreira. **As diferenças básicas entre as manifestações de 2013 e os eventos de 2015, ou O que “eles” têm em comum.** Disponível em < <http://www.jubileusul.org.br/nota/2752>>. Acesso em 29 jan. 2017.

PM tenta implantar uma pedra num jovem na Cinelândia. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=qHs2YyU2QIA>>. Acesso em 26 dez. 2016

Polícia usa bomba contra manifestantes no RJ. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646324/>>. Acesso em 10 out. 2014

Policiais jogam bombas de efeito moral DENTRO DE UM BAR. Disponível em <<https://www.facebook.com/photo.php?v=121224234755540&set=vb.298280080217390&type=2&theater>>

Policial forja flagrante durante protesto no Centro do Rio. Disponível em < <http://oglobo.globo.com/videos/video/?idv=2862943>>. Acesso 25 dez. 2016

Policial lança sua arma no fogo em protesto no Rio. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=6FCllIqaXig>>. Acesso em 2 jul 2016.

Policial Quebra Vidro da Própria Viatura - São Paulo 13/6/2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kxPNQDFcR0U>>. Acesso em 26 dez. 2016

Policiais militares filmados forjando flagrante em manifestação no Rio são condenados. <<http://oglobo.globo.com/rio/policiais-militares-filmados-forjando-flagrante-em-manifestacao-no-rio-sao-condenados-16321405>> Acesso em 26 dez. 2016

Por que o Facebook quer que você passe a fazer vídeos ao vivo em vez de compartilhar fotos. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160411_facebook_fotos_videos_compartilhar_rb> Acesso em 7 set 2016

Princípio de tumulto é registrado no Centro do Rio. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646250/>>

>. Acesso em 10 out. 2014

Princípios Editoriais do Grupo Globo. Disponível em <http://grupoglobo.globo.com/principios_editoriais.php>.

Prisão Carioca Bruto. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=VSKAJVmVhSU>> Ver a partir de minuto 7'40.

PROCONSULT. Disponível em <<http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/proconsult.htm>>. Acesso em 28 mai. 2017.

Protesto de moradores da Rocinha ocupa faixa no túnel Zuzu Angel. Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/transito/noticia/2013/07/protesto-de-moradores-da-rocinha-ocupa-faixa-no-tunel-zuzu-angel.html>>. Acesso em 9 fev. 2017

Protestos de caminhoneiros resultam em 27 presos e cinco mortos no país. Disponível em <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/07/04/protestos-de-caminhoneiros-ja-deixam-18-presos-no-pais-manifestacao-segue-na-bahia.htm>>. Acesso em 10 dez. 2016.

Protesto perto do palácio do governo do Rio termina em confusão. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/2708976/programa/>>. Acesso em 15 abr 2017.

Protesto no Rio: Circo Voador é alvo de bombas de gás lançadas pela PM. Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/protesto-no-rio-circo-voador-alvo-de-bombas-de-gas-lancadas-pela-pm-8764016>>. Acesso em 17 dez. 2016.

Protesto reúne um milhão de pessoas no Rio de Janeiro. Disponível em <<http://vozesdascomunidades.org/protesto-reune-um-milhao-de-pessoas-no-rio-de-janeiro/>>. Acesso em 26 dez. 2016.

Protestos sobre o aumento da tarifa dos transportes II. PO813688 Datafolha. Disponível em <<http://media.folha.uol.com.br/datafolha/2013/06/19/protestos-aumento-tarifa-ii.pdf>>. Acesso em 7 dez. 2016.

PUGLIESI, Andre. **Modernização dos estádios eleva preços dos ingressos.** Disponível em <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/modernizacao-dos-estadios-eleva-precos-dos-ingressos-7hfbscynduehp0lf3zv92i83a>>. Acesso em 28 jan. 2017.

RABELLO, Ester. **"O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo"**. Disponível em <<https://blogdobriguilino.blogspot.com.br/2015/04/o-povo-nao-e-bobo-abaixo-rede-globo.html?m=1>>. Acesso em 28 mai. 2017.

Rafael Vilela, um dos criadores do Mídia Ninja. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Gf5LbTbi2mg>>. Acesso em 17 abr 2017.

RAMALHO, Sergio. **Jonas Tadeu: advogado ganha fama com caso de morteiro em protesto.** Disponível em <<https://oglobo.globo.com/rio/jonas-tadeu-advogado-ganha-fama-com-caso-de-morteiro-em-protesto-11589433>>. Acesso em 17 jun 2017.

_____, Sergio. **Perito não encontra provas de que policial usou coquetel molotov.** Disponível em <<http://oglobo.globo.com/rio/perito-nao-encontra-provas-de-que-policial-usou-coquetel-molotov-9171697#ixzz4WLDmQF9W>>. Acesso em 26 dez. 2016

RECUERO, Raquel. **ARS: A ESCALADA DOS PROTESTOS NO BRASIL.** Disponível em <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2013/06/ars-a-escalada-dos-protestos-no-brasil.html>>. Acesso em 17 out. 2016

Rede Globo e vaiada e repórter vai embora sem fazer a reportagem. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=KPqydQAHUJw>>. Acesso em 13 jun 2017.

Repórter da GloboNews é atingido por bala de borracha; veja relato. Disponível em <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/06/reporter-da-globonews-e-atingido-por-bala-de-borracha-veja-relato.html>>. Acesso em 17 dez. 2016.

Revolta do Vintém (Rio de Janeiro). Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki>>

Revolta_do_Vint%C3%A9m_(Rio_de_Janeiro)>. Acesso em 11 dez. 2016.

Roda Viva **Mídia Ninja - 05/08/2013**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=kmvGdn-lpNQ> >. Acesso em 10 set. 2016.

RODRIGUES, Matheus. **Acusados pela morte de cinegrafista vão a júri popular, decide STJ**. Disponível em < <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2016/09/suspeitos-pela-morte-de-cinegrafista-va-juri-popular-decide-stj.html> >. Acesso em 19 set. 2016.

RONCOLATO, Murilo. **Como fazer sua própria transmissão ao vivo de protesto**. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI340505-17770,00-COMO+FAZER+SUA+PROPRIA+TRANSMISSAO+AO+VIVO+DE+PROTESTO.html> >. Acesso em 10 jun 2017.

Rio de Janeiro 13 de junho de 2013. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=4dtO0TUd8Ps> >. Acesso em 17 out. 2016

Rio é a 3ª cidade mais congestionada do mundo, segundo estudo holandês. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2015/03/rio-e-3-cidade-mais-congestionada-do-mundo-segundo-estudo-holandes.html> >. Acesso em 28 jan. 2017.

ROSSI, Marina. **PEC 241: Com quase 1.000 escolas ocupadas no país, ato de estudantes chega a SP**. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html > Acesso em 26 out. 2016.

Sérgio Cabral diz que está aberto para ouvir manifestantes. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2642200/> >. Acesso em 10 out. 2014

SIMÕES, Mariana. VIANA, Natália. **Meu nome não é Sininho**. Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 15 abr. 2017

Site do PMDB é hackeado pela segunda vez na semana; "cadê o Amarildo?", diz mensagem. Disponível em < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/08/15/site-do-pmdb-e-hackeado-pela-segunda-vez-em-4-dias-cade-o-amarildo-diz-mensagem.htm> >. Acesso em 8 dez. 2016

SILVEIRA, Matilde. **Revolta das Barcas, em 1959, deixou mortos e mais de cem feridos em Niterói**. Disponível em < <http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/revolta-das-barcas-em-1959-deixou-mortos-mais-de-cem-feridos-em-niteroi-17765135> >. Acesso em 14 set. 2017.

Snapchat ultrapassa Twitter em número de usuários ativos por dia. Disponível em < <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/06/snapchat-ultrapassa-twitter-em-numero-de-usuarios-ativos-por-dia.html> >. Acesso em 11 fev. 2017.

SOARES, Luis. **"Eu sou uma das escravas do Fora do Eixo". Integrante do Fora do Eixo publica texto em resposta às críticas e denúncias da cineasta Beatriz Seigner**. Disponível em < <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/eu-sou-uma-das-escravas-do-fora-do-eixo.html> >. Acesso em 13 de junho de 2017.

SOARES, Paulo Renato. **Estudante preso durante manifestação no Rio não portava explosivos**. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2713906/programa/> >. Acesso em 15 abr 2017.

Sobre esse caso, ver **No caso Rafael Braga, depoimento da polícia basta**. Disponível em < http://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/14/politica/1452803872_078619.html > e **O drama de Rafael Braga**. Disponível em < <http://www.cartacapital.com.br/revista/830/o-bode-na-cela-5910.html> >. Acesso em Acesso em 17 dez. 2016.

SOUZA, Priscilla. **Manifestantes protestam contra 'cura gay' durante mais de 4 horas no Rio**. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/06/manifestantes-protestam-contracura-gay-durante-mais-de-4-horas-no-rio.html> >. Acesso em 17 set. 2016

STOCHERO, Tatiana. **MP, Defensoria e OAB suspeitam de prisões sem provas em protestos**. Disponível em < <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/07/mp-defensoria-e-oab-suspeitam-de-prisoas-sem-provas-em-protestos.html> >. Acesso em 27 out 2016.

SZANIECKI, Barbara **Amar é a Maré Amarelado: multidão e arte, RJ 2013**. Disponível em < <http://uninomade.net/tenda/amar-e-a-mare-amarildo-multidao-e-arte-rj-2013/> >. Acesso em 8 dez. 2016.

TALARICO, Bruna. **Sininho dá sua versão sobre a história de paixões e traições entre militantes**. Disponível em < <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2014-08-04/sininho-da-sua-versao-sobre-a-historia-de-paixoes-e-traicoes-entre-militantes.html> >. Acesso em 20 jan. 2017.

Tecnologia, inovação e a notícia no centro da nova redação da Globo. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/06/19.html> >. Acesso em 10 out. 2014

Televisão ainda é o meio de comunicação predominante entre os brasileiros. Disponível em <http://www.brasil.gov.br/governo/2014/12/televisao-ainda-e-o-meio-de-comunicacao-predominante-entre-os-brasileiros>. Acessado em 28. mar. 2016

TEIXEIRA, Sofia, **Uma filosofia política para a transformação**. Disponível em < <http://revistaestudospoliticos.com/uma-filosofia-politica-para-a-transformacao-por-carlos-savio-teixeira/> >. Acesso em 25 out. 2014

Tensão na porta da prefeitura do Rio de Janeiro. Disponível em < <https://globoplay.globo.com/v/2646264/> >. Acesso em 10 out. 2014

Thiago Dezan. Disponível em < <https://theintercept.com/staff/thiago-dezan-brasil/> >. Acesso em 15 abr 2017.

Transporte e política são principais razões de manifestações, diz pesquisa. Para 24% dos manifestantes ouvidos pelo Ibope, corrupção é maior motivação para ir às ruas. Disponível em < <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/06/transporte-e-politica-sao-principais-razoes-de-manifestacoes-diz-pesquisa.html> >. Acesso em 10 out. 2014

Tropa de choque joga bomba e atira em direção a hospital que atende manifestantes no Rio. Disponível em < <https://www.facebook.com/photo.php?v=121224234755540&set=vb.298280080217390&type=2&theater> >. Acesso em 26 dez. 2016

Tudo sobre TV. Disponível em <<http://www.tudosobretv.com.br/histortv/tv70.htm>> Acessado em 30. mar. 2016

Twitter. Disponível em <<https://twitter.com/>>. Acesso em 10 nov. 2016.

Ustream.tv. Disponível em <<http://www.ustream.tv/>>. Acesso em jun 2017.

VALLONE, Giuliana. **Nada será como antes**. Disponível em < <http://revistatrip.uol.com.br/tpm/nada-sera-como-antes> >. Acesso em 29 jan. 2016.

Vandalismo de Estado - Policiais Infiltrados Começam Violência nos Protestos do Rio #EagoraCabral?. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=xK9ZdV1Ao-4> >. Acesso em 10 out. 2014

Veja em quais cidades houve redução da tarifa do transporte em 2013. Disponível em <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/07/veja-em-quais-cidades-houve-reducao-da-tarifa-do-transporte-em-2013.html>>. Acesso em 7 dez. 2016.

Veja pesquisa completa do Ibope sobre os manifestantes. Disponível em < <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/veja-integra-da-pesquisa-do-ibope-sobre-os-manifestantes.html> >. Acesso em 29 jan. 2017.

Veja quanto custa 30 segundos de intervalos comerciais na Record NA GLOBO E NO SBT. Disponível em < <http://www.megatopico.com/veja-quanto-custa-30-segundos-de-intervalos-comerciais-na-record-na-globo-e-no-sbt-t25229.html> >. Acesso em 10 out. 2014

Vem Pra Rua - seção Sobre Nós. Disponível em <<http://www.vemprarua.net/sobre-nos/>>. Acesso em 29 jan. 2017.

VENCESLAU, Pedro. **Após protestos, aprovação a governadores cai junto com popularidade de Dilma**. Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-protestos-aprovacao-a-governadores-cai-junto-com-popularidade-de-dilma,1057353> >. Acesso em 7 dez. 2016.

_____, Pedro. **‘Black Mirror’ e o lado sombrio das redes.** Disponível em < <http://cultura.estadao.com.br/noticias/televisao,black-mirror-e-o-lado-sombrio-das-redes,1807124> >. Acesso em 11 fev. 2017.

VIANA, Natalia; SIMÕES, Mariana. **Meu nome não é Sininho.** Disponível em < <http://apublica.org/2017/04/meu-nome-nao-e-sininho/> >. Acesso em 26 mai. 2017

VIANA, Natalia. **Um flagrante (quase) perfeito.** Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/infiltrados/um-flagrante-quase-perfeito/> >. Acesso em 22 mai 2017.

VIANA, Natalia. **Um espião contra Eloísa Samy.** Disponível em < <http://apublica.org/vigilancia/infiltrados/um-espiao-contr-eloisa-samy/> >. Acesso em 26 dez. 2016

VICTOR, Fabio. **Como funciona a engrenagem das notícias falsas no Brasil.** Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml> >. Acesso em 21 fev. 2016.

Video of Clashes in Brazil Appears to Show Police Infiltrators Among Protesters. Disponível em < https://thelede.blogs.nytimes.com/2013/07/24/video-of-clashes-in-brazil-appears-to-show-police-infiltrators-among-the-protesters/?_r=0 >. Acesso em 17 dez. 2016.

Vídeos mostram ação violenta da PM do Rio durante e após manifestação de 20 de junho. Disponível em <<http://vozesdascomunidades.org/videos-mostram-acao-violenta-da-pm-do-rio-durante-e-apos-manifestacao-de-20-de-junho/>>. Acesso em 26 dez. 2016.

VILELA, Pedro Rafael. **Rede Globo é acusada de sonegar mais de R\$ 180 milhões.** Disponível em <<https://www.brasilefato.com.br/node/29353/>>. Acesso em 28 mai 2017.

VILLAS-BOAS, Marcos, **Por que ler a obra de Roberto Mangabeira Unger?, por Marcos Villas-Bôas.** Disponível em <<https://jornalggm.com.br/noticia/por-que-ler-a-obra-de-roberto-mangabeira-unger-por-marcos-villas-boas>>. Acesso em 10 out. 2014

VILLA, Bruno. **Manifestantes acusam homem de ser P2 infiltrado no protesto.** Disponível em <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/manifestantes-acusam-homem-de-ser-p2-infiltrado-no-protesto-9189458.html> > Acesso em 7 abril. 2017

Você tem um smartphone? Comece a divulgar notícias. Disponível em < https://www.ted.com/talks/bruno_torturra_got_a_smartphone_start_broadcasting?language=pt-br >.

WE ARE ANONYMOUS, WE ARE LEGION. Disponível em < <https://yalelawtech.org/2009/11/09/we-are-anonymous-we-are-legion/> >. Acesso em 8 dez. 2016

Violência Policial Durante Protesto Histórico Levanta Sérias Questões. Disponível em < <http://rioonwatch.org.br/?p=6658> > Acesso em 17 dez. 2016.

ZEITGEIST. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Zeitgeist>>. Acesso em 9 nov 2016.

FILMES E SÉRIES

A Revolta do Buzu. Direção: Carlos Ponzato. 2003

Divertida Mente. Direção: Pete Docter. Título original: Inside Out. Distribuidora: Walt Disney. 2015

JUNHO - O Mês que Abalou o Brasil. Direção: João Wainer. Distribuidora: O2 Play

RIO em Chamas. Direção: Ana Costa Ribeiro, André Sampaio, Cavi Borges, Clara Linhart, Daniel Caetano, Diego Felipe Souza, Eduardo Souza Lima, Luiz Claudio Lima, Luiz Giban, Ricardo Rodrigues, Vinicius Reis, Vítor Graccianox. 2014.

V de Vingança. Direção: James McTeigue. Título original: V for Vendetta. Distribuidora: Warner Bros. 2006

Toda a Sua História. Direção: Brian Welsh. Título original: The Entire History of You. 2011